



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
COORDENAÇÃO DO MESTRADO ACADÊMICO EM  
LETRAS**



**MILAYNNE CHRISTINA BARROS DO NASCIMENTO**

**DIÁSPORA AFRICANA E FEMINISMO NEGRO: O PROTAGONISMO  
FEMININO A CAMINHO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA NGOZI  
ADICHIE**

**TERESINA  
2020**

MILAYNNE CHRISTINA BARROS DO NASCIMENTO

**DIÁSPORA AFRICANA E FEMINISMO NEGRO: O PROTAGONISMO FEMININO A  
CAMINHO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico  
em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Área  
de Concentração: Literatura, Memória e Cultura.  
Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações  
de Gênero.

Orientador: Prof. Dr. Elio Ferreira de Souza

TERESINA  
2020

N244d Nascimento, Milayne Christina Barros do.

Diáspora africana e feminismo negro: o protagonismo feminino a caminho em *Americanah*, de Chimanda Ngozi Adichie / Milayne Christina Barros do Nascimento. – 2020.

224 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, Teresina - PI, 2020.

"Linha de pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero."

"Orientador: Prof. Dr. Elio Ferreira de Souza."

1. Americanah – Chimanda Ngozi Adichie. 2. Protagonista negra. 3. Diáspora africana. 4. Feminismo negro. I. Título.

CDD: 896



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**DIÁSPORA AFRICANA E FEMINISMO NEGRO: O PROTAGONISMO FEMININO A  
CAMINHO EM AMERICANAH, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE.**

**MILAYNNE CHRISTINA BARROS DO NASCIMENTO**

Esta dissertação foi defendida às 14h30, do dia 07 de maio de 2020, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado** (Aprovado, não aprovado).

Professor Dr. Feliciano José Bezerra Filho – UESPI  
Presidente da Banca Examinadora

Professora Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva – UFPI  
1ª Examinadora

Professora Dra. Margareth Torres de Alencar Costa – UESPI  
2ª Examinadora

Visto da Coordenação:

---

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes  
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI  
**Rua João Cabral, N° 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI**

Para todas as garotas e garotos com a pele cor de chocolate.

À Pérola, pelas histórias que leremos e contaremos juntas em nossa jornada pela vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a CAPES/FAPEPI, por financiarem boa parte do meu processo de escrita, estudo e dedicação a este trabalho.

Agradeço ao professor Elio Ferreira por me acolher, uma “estrangeira” vinda de outra experiência de graduação e atuação. Sou muito grata ao meu orientador por ter me ensinado nesses dois anos e por ter me apresentado a novos escritores e escritoras negras, nossa convivência me mostrou que os braços de um poeta podem ser asas, mas também podem ser laços que constroem abrigos cheios de hospitalidade.

Agradeço aos professores Margareth Torres, Sebastião Lopes e Feliciano Bezerra por terem disponibilizado seu tempo e seu conhecimento, contribuindo com reflexões importantes para esse trabalho.

Meus agradecimentos à professora Assunção Silva com quem aprendi tanto como mestranda. Espero que os livros e as autoras que gostamos e estudamos continuem nos aproximando. Obrigada por ser a mulher a caminho que leu essa dissertação.

Agradeço também aos colegas que conheci no Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro – NEPA. Em especial, gostaria de agradecer à professora Iraneide Soares por ter sido um dos melhores presentes que o NEPA e o África Brasil 2019 me deram. Agradeço também ao professor Cláudio Rodrigues pelo carinho e interesse com meu processo de trabalho no mestrado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI por ter investido e acreditado em mim, na minha capacidade de ir adiante. Nesses dois anos me senti acolhida, bem recebida e muito querida, principalmente quando a psicóloga e pesquisadora Valeska Zanello veio à Teresina. Por isso, agradeço especialmente ao professor Douglas Rodrigues.

Agradeço a Deus, por me presentear com as melhores e mais incríveis pessoas e experiências do mundo. É como escreveu um professor querido certa vez: “posso estar com Você, às vezes contra Você, mas nunca sem Você”. Em cada página deste trabalho e em todas anteriores a ele, Você estava comigo, por isso, obrigada pela companhia de sempre.

Agradeço à minha família que sempre me ensinou o valor da Educação. É

lindo saber que alcançar um mestrado é um sonho que minha avó, Honorinda, realizou através de mim. Agradeço à minha mãe, Cristina, que desde minha primeira infância preencheu minha vida com livros e inscrição em bibliotecas. Agradeço ao meu padrasto, Ricardo, por ter me presenteado com uma nova família que segue junto comigo nas minhas novas jornadas, torcendo e participando de tudo, contentes com minhas vitórias e sempre cuidadosos em meus tropeços. Agradeço ainda por ter acompanhado o processo de seleção do mestrado tão de perto e ter sido sempre o primeiro a procurar meu número de inscrição na lista de aprovados de cada etapa.

Agradeço ao Rafael, meu marido, namorado, melhor amigo, pai da minha filha e companheiro. O seu carinho, cuidado e amor durante meus processos de invenção e produção só me fizeram sentir mais amada e cuidada. Nunca é demais repetir nosso voto de casamento: Depois de construirmos pontes e voarmos sobre abismos, seguiremos desafiando a imensidão.

Como sempre, agradeço ao meu pai, mesmo ele não vivendo mais entre nós. Agradeço especialmente por desde criança ouvir de sua boca, como apelido carinhoso, e sinônimo de amor, a palavra “preto/preta”. Agradeço a ele também por ter me dado irmãos (junto com a mãe deles, Dona Valda) com quem eu posso dividir as minhas alegrias e percursos. Agradeço, em especial, à minha irmã Dayenne que sempre tem uma conversa divertida ou reflexiva para alegrar meus dias e aliviar as horas de cansaço.

Agradeço à minha sogra, Francisca, que cuidou da minha casa, do meu cachorro e de mim nesses semestres de idas e vindas entre Piripiri e Teresina. Sem o suporte dessa mulher meiga e forte muita coisa poderia ter se tornado um obstáculo mais difícil de transpor. Obrigada por me alimentar com boa comida e com seu cuidado, sogra!

Agradeço à minha psicóloga Joyce Rabello porque foi em *nosso setting* terapêutico que pude dizer em voz alta “Quero fazer mestrado em Letras” e desde esse dia até aqui minha jornada é mais rica por eu ter tido a oportunidade de me ouvir em voz alta.

Agradeço a Juliana Sampaio, Poliana Carvalho, Célio Chaves, Sâmia Nagle, Lucivando Martins, Pedro Victor Modesto, Lisy Magaly Ribeiro, Perpétua Fernandes e Renan Vieira pelo empenho e dedicação em me ajudar sempre, inclusive ouvindo meus áudios (e monólogos) extensos sobre as ideias para a dissertação. Minhas

lutas e minhas descobertas são mais lindas e divertidas com vocês ao meu lado.

Agradeço às colegas de mestrado, sem dúvida a experiência dessa pós-graduação valeu muito a pena porque pude conhecer um pouco mais de vocês e perceber o quanto vocês são lutadoras incríveis. Agradeço especialmente a Sayara, Vilani, Alody, Claudionor, Erika, Eliene, Lara Matos, Alicia Dandara e Amanda Gomes.

Antes de passar para o mestrado, algumas pessoas me incentivaram e me ajudaram bastante, dentre elas, agradeço especialmente a Nara Diogo, João Paulo Macedo, Sarah Diogo, Denis Carvalho, Michel Augusto e Fernanda Castro.

No período de conclusão do mestrado algumas pessoas da Prefeitura Municipal de Piri-piri me apoiaram e se esforçaram para que eu tivesse tempo e tranquilidade para encerrar esse ciclo de maneira saudável, sendo assim agradeço especialmente à Nayla Barbosa, Christiano Brito e Taís Castro.

Também quero agradecer às pessoas que não conheci pessoalmente, mas que foram fonte de inspiração (e de pesquisa) no período que estive no mestrado, dentre elas: Fernanda Miranda, Manu Siqueira, Stephanie Borges e Winnie Bueno. Além delas, existem outras pessoas do *Twitter* e do *Instagram* que sempre me acompanham e gostam que eu fale sobre minha pesquisa, por isso agradeço também a Rosane Costa, Mayara Fontenele, Sara Leite, Laís Leal, Nathalye Lima, Zé Carlos, Juliana Leurenroth, Juliana Gomes, Michelle Henriques, Lucas Sampaio e Matheus Barbosa.

Agradeço ao Jane por ser minha fonte de amor e alegria em forma de cachorro. Eu me senti mais leve e feliz com você ao meu lado nessas idas e vindas.

Agradeço à Pérola por ser a primeira protagonista a me confiar a importante missão de sua criação.

Até aqui andaram comigo e cuidaram de mim pessoas incríveis. A minha história é uma história que muitas mãos desenham e costuram e tantos pés que caminham comigo. O meu verbo é a vida e eu não conjugo só. OBRIGADA!



## EPÍGRAFE SONORA

1. *O Que Se Cala* - Elza Soares
2. *Young, Gifted and Black* - Aretha Franklin
3. *Um Corpo no Mundo* - Luedji Luna
4. *APESHIT* - The Carters
5. *Bluesman* - Baco Exu do Blues
6. *Pra Que Me Chamas?* - Xênia França
7. *My Girl* - The Temptations
8. *Menina Mulher Da Pele Preta* - Jorge Ben Jor
9. *I Say a Little Prayer* - Aretha Franklin
10. *Banho de Folhas* - Luedji Luna
11. *Feeling Good* - Nina Simone
12. *Minha História* - Xênia França
13. *Respect* - Aretha Franklin
14. *Menina Pretinha* - Mc Soffia
15. *Flawless (feat. Chimamanda Ngozi Adichie)* – Beyoncé/Chimamanda N. Adichie
16. *Miss Beleza Universal* – Doralyce/Leo Justi
17. *BLACK EFFECT* - The Carters
18. *A Mulher do Fim do Mundo* - Elza Soares
19. *Love On Top* - Beyoncé
20. *Acalanto* - Luedji Luna
21. *Zero* - Liniker e os Caramelows
22. *Queima Minha Pele* - Baco Exu do Blues, Tim Bernardes
23. *Formation* – Beyoncé
24. *Linda e Preta* - Nara Couto
25. *Dream A Little Dream Of Me* - Ella Fitzgerald/Louis Armstrong
26. *Ponto De Nanã* - Mariene De Castro
27. *SUMMER* - The Carters
28. *Survivor* - Destiny's Child
29. *Negro É Lindo* - Jorge Ben Jor
30. *Love On The Brain* - Rihanna
31. *Alegria* – Mahmudi
32. *Freedom (feat. Kendrick Lamar)* – Beyoncé/Kendrick Lamar
33. *Á Primeira Vista* - Chico César
34. *I Wanna Dance with Somebody (Who loves me)* – Whitney Houston
35. *Do Right Woman Do Right Man* - Aretha Franklin
36. *BROWN SKIN GIRL* – Beyoncé/Blue Ivy Carter/WizKid/SAINT JHN

*Chimamanda Adichie: Quando homens escrevem histórias de amor nós chamamos de grande literatura. Quando mulheres escrevem histórias de amor, nós chamamos de histórias de amor. Entrevistadora: Eu posso chamar seu livro de grande literatura (sobre amor).*

*Brown skin girl, your skin just like pearls. the best thing in the world  
I never trade you for anybody else.  
(Beyoncé/Blue Ivy Carter/WizKid/SAINT JHN, 2019)*

*In the whole world you know there are billion boys and girls who are young, gifted and black, and that's a fact!*

*(Nina Simone, 1970)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção do protagonismo da personagem Ifemelu, mulher negra em diáspora, no romance *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie. Ifemelu é a protagonista de *Americanah*, terceiro romance da escritora nigeriana, publicado em 2014 no Brasil pela editora Companhia das Letras. O desenvolvimento da história começa em Lagos na Nigéria estendendo-se pelos Estados Unidos e Inglaterra. No decorrer das 513 páginas do livro que está dividido em sete partes e 56 capítulos, o/a leitor/leitora acompanha o processo de descobertas e amadurecimento de Ifemelu na Nigéria e nos Estados Unidos. A criação do *blog* de Ifemelu inaugura uma fase importante em *Americanah* e o modo como Chimamanda Adichie constrói esse processo, bem como as interações entre personagens tendo como cenário o trânsito entre Estados Unidos e a Nigéria, propõe uma abordagem atenta da construção da personagem e do seu protagonismo (tanto como sujeito de ficção romanesca como representação da mulher negra em diáspora). As principais referências adotadas para fundamentação teórica deste trabalho foram: Gilroy (2012), Glissant (2005); Du Bois (1999), Almeida (2018), Mbembe (2013), Hall (2014; 2003) hooks (2018), Davis (2017; 2016), Collins (2019), Duarte (2011; 2009), Miranda (2017), Emecheta (2018), Butler (2017), França (1981), Gonçalves (2017), Fonseca (2017), Santiago (2012), Dalcastagné (2012), Côtés (2007), Arruda (2006), Cade (2005) Souza (2017), Evaristo (2005; 2018) e Adichie (2017; 2015). Identificamos e analisamos a construção do protagonismo de Ifemelu na narrativa de *Americanah* a partir de dois eixos: Ifemelu na Nigéria e Ifemelu nos Estados Unidos. No primeiro eixo as questões de gênero estão em primeiro plano na vida de Ifemelu e na narrativa. Desse modo, os conflitos que movimentam o enredo estão relacionados a essas problemáticas, além de questões referentes ao contexto político da Nigéria. Já no segundo eixo, as questões étnico-raciais estão mais destacadas. O processo de descobrir-se negra é um importante marcador da experiência de Ifemelu nos EUA e, portanto, no desenvolvimento da narrativa e a criação do *blog* de Ifemelu deflagra o impacto dessa experiência. Todo o percurso que Chimamanda Adichie empreende no aprofundamento das relações interpessoais da protagonista do seu romance demonstra a riqueza e a complexidade na construção dessa personagem. Tão complexo quanto criar uma personagem-protagonista estimulante, desafiadora em sua dimensão subjetiva, é desenhar uma rede de relações sociais, comunitárias e familiares que sustentem e movimentem o desenvolvimento dessa protagonista. *Americanah* comprova que Chimamanda Adichie, além de talentosa contadora de histórias, é uma hábil criadora de personagens, dinâmicas familiares e comunitárias. Em *Americanah*, Ifemelu não cabe em reducionismos maniqueístas, tampouco encarna a concepção do senso comum de uma protagonista “mocinha doce” envolta em uma aura de perfeição.

**Palavras-Chave:** *Americanah*. Chimamanda Ngozi Adichie. Protagonista Negra. Diáspora Africana. Feminismo Negro.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the construction of the main character Ifemelu, a black woman in diaspora, in the novel *Americanah* by Chimamanda Ngozi Adichie. Ifemelu is the protagonist of *Americanah*, third novel by the Nigerian writer, published in 2014 in Brazil, by Companhia das Letras. The story begins in Lagos, Nigeria, extending throughout the United States and England. Over the course of the 513 pages of the book, which is divided into seven parts and 56 chapters, the reader follows the process of discoveries and growth of Ifemelu in Nigeria and in the United States. The creation of Ifemelu's blog inaugurates an important phase in *Americanah* and the way Chimamanda Adichie constructs this process, as well as the interactions among characters having as scenario the journey between the United States and Nigeria, proposes an attentive approach to the construction of the main character (both as a fiction individual and a representation of the black woman in diaspora). The main references used as theoretical framework of this research were: Gilroy (2012), Glissant (2005); Du Bois (1999), Almeida (2018), Mbembe (2013), Hall (2014; 2003) hooks (2018), Davis (2017; 2016), Collins (2019), Duarte (2011; 2009), Miranda (2017), Emecheta (2018), Butler (2017), França (1981), Gonçalves (2017), Fonseca (2017), Santiago (2012), Dalcastagné (201 (2007), Côtés (2007), Arruda (2006), Cade (2005) Souza (2017), Evaristo (2005; 2018) and Adichie (2017; 2015). It was identified and analyzed the construction of Ifemelu's central role in *Americanah*'s narrative from two stages: Ifemelu in Nigeria and Ifemelu in the United States. In the first one, gender issues are in first place in Ifemelu's life and in the narrative. Thus, the conflicts that move the plot are related to those issues, as well as aspects related to the political context of Nigeria. In the second one, ethnic-racial issues are more prominent. The process of discovering herself as black is an important marker of Ifemelu's experience in the USA and, therefore, in the development of the narrative, and the creation of Ifemelu's blog impacts on this experience. The entire journey that Chimamanda Adichie undertakes in deepening the interpersonal relationships of the protagonist of her novel demonstrates the richness and complexity of the character's construction. As complex as creating an inspiring main character, challenging in its subjective dimension, it is to design a network of social, community and family relationships that sustain and move the development of this protagonist. *Americanah* proves that Chimamanda Adichie, besides being a talented storyteller, is a skilled creator of characters, family and community dynamics. In *Americanah*, Ifemelu does not fit in manichean reductionism, nor does she accept the conception of common sense of a "sweet young girl" protagonist smothered in an aura of perfection.

**Keywords:** *Americanah*. Chimamanda Ngozi Adichie. Black protagonist. African Diaspora. Black Feminism.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	13
<b>1 DIÁSPORA AFRICANA E FEMINISMO NEGRO: AS ROTAS QUE SE CRUZAM EM AMERICANAH .....</b>	<b>19</b>
1.1 “ <i>Nossos passos vêm de longe!</i> ”: Contextualizações preliminares a partir do continente africano .....	19
1.2 “ <i>Eu sou Atlântica</i> ”: Abordando a diáspora africana.....	29
1.3 “ <i>...Sou um oceano negro, vasto e irrequieto...</i> ”: Feminismo negro como resistência e epistemologia .....	49
<b>2 “GAROTAS COMO EU COM A PELE COR DE CHOCOLATE”: DIÁLOGOS SOBRE PERSONAGENS E PROTAGONISMOS NA LITERATURA AFRODESCENDENTE .....</b>	<b>72</b>
2.1 “ <i>É literatura da boa, o tipo de história que as pessoas ainda vão ler daqui a duzentos anos</i> ”: <i>Americanah</i> a partir de uma teoria crítica brasileira .....	73
2.2 “ <i>Who is the Black Woman?</i> ”: Personagens e protagonismos negros na literatura afrodescendente .....	91
2.3 “ <i>Minha maneira de estar no mundo é contando histórias</i> ”: Biografia e projeto literário de Chimamanda Ngozi Adichie.....	113
<b>3 “...PARA AFASTAR A IDEIA DE QUE HÁ UMA ÚNICA MANEIRA DE DEFINIR BELEZA”: IFEMELU, A PROTAGONISTA FEITA LINDAMENTE .....</b>	<b>123</b>
3.1 “ <i>O único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra</i> ”: A Nigéria de Ifemelu .....	125
3.1.1. <i>Americanah</i> em verde e branco.....	125
3.1.2. “ <i>Pais, amigos ou um lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era</i> ”: As relações afetivas de Ifemelu .....	145
3.2 “ <i>...Não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos</i> ”: Ifemelu, a protagonista que maneja e expõe conflitos .....	168
3.2.1. “ <i>O mundo estava envolto em gaze</i> ”: As relações afetivas e as descobertas de Ifemelu nos Estados Unidos.....	169
3.2.2. “ <i>...Ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias</i> ”: Escrivências de uma protagonista negra a caminho .....	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	210
REFERÊNCIAS .....	215

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho pretende desenvolver uma análise do romance *Americanah* (2014), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, tendo como eixo norteador a construção do protagonismo da personagem Ifemelu, mulher negra em diáspora. Para tanto, destacaremos esse processo de construção da protagonista articulado à diáspora africana e o feminismo negro, fundamentando a análise aqui proposta nas contribuições da crítica afrodescendente brasileira.

*Americanah* narra a história de Ifemelu, uma jovem mulher nascida na Nigéria que se muda para os Estados Unidos para estudar devido às greves que atingiram as universidades nigerianas. O romance destaca a perspectiva dessa personagem, mulher negra, nascida em um país no continente africano que se encontra com o modo de vida norte-americano e com as questões étnico-raciais de sua sociedade. A partir dessa vivência diaspórica, Ifemelu começa a escrever em um *blog* chamado “Observações diversas sobre negros americanos feitas por uma negra não americana” (ADICHIE, 2014, p.10).

Assim como a protagonista do romance, a escritora Chimamanda Ngozi Adichie não pensava sobre si mesma como pessoa negra até chegar aos EUA. O romance, portanto, traz muito da própria experiência da escritora, quando morou nos Estados Unidos. Em entrevistas e textos sobre a criação de *Americanah*, Adichie costuma ressaltar que sua vida não foi tão interessante e movimentada quanto a vida de Ifemelu.

Chimamanda Adichie nasceu em Enugu na Nigéria, em 1977, originária de uma família igbo que pode ser considerada de classe média. Seu primeiro romance foi publicado em outubro de 2003 e, desde então, sua obra já foi traduzida para mais de 30 idiomas e estudada em diversas partes do mundo. Adichie vem consolidando sua produção literária e seu lugar como escritora e intelectual no cenário literário mundial.

Ao falar sobre a Nigéria, denominar-se feminista e problematizar suas experiências em outros países, Adichie tenta fraturar a imagem estanque que outras partes do mundo conhecem a respeito da África, seus povos e países, sendo assim, a escritora questiona os estereótipos sobre o continente africano que se consolidaram no decorrer dos séculos.

A empreitada colonial encabeçada por nações europeias e que manteve, durante muito tempo, o tráfico transatlântico de escravos como fundamental organizador e motor econômico, foi a principal responsável pela dispersão dos povos africanos pelo mundo, a diáspora africana não diz respeito somente a um período da História da África, a diáspora africana é um dos pilares para compreensão da formação dos povos e sociedades nas Américas (ALMEIDA, 2018; MBEMBE, 2010).

Considerando as consequências do tráfico de escravos, da escravidão e do colonialismo como estruturantes das sociedades nas Américas, apontamos como fundamental a abordagem da diáspora africana na análise do romance *Americanah*, ainda mais para lembrar que os processos migratórios dos povos africanos continuam até hoje e que existem outras narrativas que atualizam e ressignificam a noção de diáspora africana.

Como explica Patricia Hill Collins, “o termo diáspora descreve as experiências de pessoas que, através da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da migração foram forçadas a deixar suas terras nativas” (COLLINS, 2000, p. 29). A personagem Ifemelu, por causa de uma crise política que a Nigéria enfrentava teve de estudar nos Estados Unidos. Obviamente, o contexto em que se deu sua migração, ocorrera de modo voluntário e diferente dos africanos sequestrados no período da escravidão. Ao chegar aos EUA, a protagonista teve que lidar com uma sociedade de passado escravagista; sendo assim, teve que aprender a conviver também com o peso da questão racial e dos estereótipos relacionados ao seu país e continente de origem.

Portanto, contextualizando as localizações históricas e políticas relacionadas à diáspora africana, entendemos que a narrativa de *Americanah* apresenta uma perspectiva de diáspora em que a História do povo negro não ficou paralisada na escravidão, pois existe África para além da história da escravidão, apesar do seu impacto inegável para os povos desse continente africano.

Em seu projeto literário, Adichie destaca temáticas que estão conectadas às experiências coloniais pelas quais passou a Nigéria, como a condição social e política da mulher negra. O Feminismo também ocupa lugar importante na escrita da autora e nas palestras e entrevistas que participa, sendo esta temática que ajudou a impulsionar a imagem de Chimamanda Adichie para além da Literatura.

O projeto literário de Adichie estabelece relação com o feminismo através de narrativas, que a própria escritora relata sobre sua vida e a partir da criação de histórias e personagens, que investem “a árdua tarefa de recuperar a alteridade do sujeito subalterno feminino a partir da conquista do poder de fala” (SILVA, 2016, p.167). Segundo Telega-Soares (2014), “a voz de Chimamanda Ngozi Adichie identifica-se com o feminismo e não se distancia do conceito do feminismo e dos valores e objetivos que ele representa” (TELEGA-SOARES, 2014, p.59).

Ao tratar da experiência diaspórica tendo como eixo central a vivência de uma mulher negra, *Americanah* também estabelece diálogo com o que propõe o feminismo negro, pois desloca a lógica consolidada de produção de conhecimento de narrativas, questionando a hierarquização dos saberes que elege o homem, euro-americano, branco como o modelo de universalidade.

Tanto no romance como nas postagens do *blog* da sua protagonista, o homem branco e a nação mais poderosa não estão falando sobre alguém, produzindo narrativas sobre alguém, pelo contrário, é uma mulher negra que vem de um país do continente africano que transforma “o modelo” em “objeto” sobre o qual vai falar na sua própria narrativa.

A criação do *blog* de Ifemelu inaugura uma fase importante em *Americanah* e o modo como Adichie constrói esse processo provoca uma abordagem atenta da construção da personagem e do seu protagonismo (tanto como sujeito de ficção romanesca como representação da mulher negra em diáspora).

Nesse sentido, acreditamos que a fundamentação teórica e crítica que o feminismo negro apresenta “serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos” (RIBEIRO, 2018, p.122). Uma das maiores contribuições do feminismo negro é questionar o pretense universalismo da experiência de ser mulher, como lembram as feministas negras Angela Davis, bell hooks e Patricia Hill Collins.

As personagens, principalmente femininas, do romance *Americanah* questionam esse pretense universalismo sobre ser mulher negra vivendo na Nigéria e vivendo uma diáspora africana nos Estados Unidos. *Americanah* contribui para reflexão sobre a Literatura e personagens criadas por mulheres negras e, dessa



maneira, é um texto literário importante no debate sobre a abordagem de processos diaspóricos, feminismo negro e autoria de mulheres negras na Literatura.

O que as mulheres negras escrevem nos importa porque acreditamos na riqueza criativa e estética dessas mulheres enquanto grupo e na força singular de suas histórias enquanto sujeitos, como cidadãos. A literatura criada por mulheres negras não diz respeito somente às temáticas em comum, se revela na maneira como essas escritoras constroem e inventam para si (e para as pessoas de seu grupo étnico-racial) o poder da escrita, como desenvolvem e decidem contar suas histórias (SOUZA, 2011; EVARISTO, 2005; MIRANDA, 2018).

Concordamos, portanto, com a ideia de Livia Maria Natália de Souza, quando fala sobre a escrita de mulheres negras. Para a poeta e professora baiana, o texto construído por escritoras negras “traz, no seu corpo, sinais de uma possível teorização sobre eles, uma vez que são muito intensas as reflexões sobre o percurso criativo e a formulação subjetiva” (SOUZA, 2011, p.112). *Americanah*, portanto despertou o interesse para pesquisa porque incitou reflexões sobre o processo criativo, não só pelas temáticas que aborda, mas pelo modo como Chimamanda Adichie desenvolve personagens e a própria narrativa.

O interesse em pesquisar Adichie também se deveu à fluência e à maneira acessível como a narrativa dos episódios romanescos é apresentada e também devido à relação de descobertas e questionamentos que a leitura de seus livros provocou: Quais escritoras negras eu leio? Quais as escritoras brasileiras e negras as mulheres brasileiras leem? Quem são essas personagens femininas apresentadas nos livros de Chimamanda Adichie e quais aproximações com as personagens femininas brasileiras podem ser destacadas? De que maneiras o contexto político da Nigéria atravessa a história dessas personagens (e da própria escritora)? Quais possibilidades de debates e discussões a leitura dos livros de Chimamanda Adichie pode suscitar para leitores e leitoras?

Além disso, o cotidiano de trabalho também incentivou o interesse em discutir feminismo negro e diáspora africana considerando a perspectiva de uma escritora negra. A experiência profissional, como psicóloga e professora, deflagra como os espaços de trabalho ainda são muito voltados para a discussão (ou a partir) do homem, branco e ocidental e na maioria das vezes se fala muito da mulher e não

com mulheres, reproduzindo e reafirmando os lugares de subalternidade e silenciamento.

Considerar a obra de uma mulher, nascida no continente africano, que escreve sobre seu país e que conquistou um lugar de destaque nas discussões literárias e no mercado editorial no mundo provoca uma descolonização na lógica dominante de produção e compartilhamento de conhecimento.

Portanto, é importante para incentivar outros modos de desenvolvimento e divulgação de conhecimentos, produções literárias e estudos não centrados exclusivamente em um modelo masculino, branco, eurocêntrico (ou norte-americano) de autoridade. O acesso às obras de escritoras negras, brasileiras ou estrangeiras, possibilita o investimento em um compromisso ético, estético e político com as mulheres que buscam fazer da Literatura um lugar de produção de vida.

Além disso, estudar Chimamanda Ngozi Adichie e *Americanah* contribui como registro de um contexto histórico, sinaliza o alcance e interesse em desenvolver estudos para além de um cânone estabelecido o que possibilita o fortalecimento, a criação e a (re)invenção de propostas epistemológicas e estéticas. Ao ler Adichie, os leitores e escritora enfraquecem o perigo de uma única história (parafraseando o título de uma palestra da escritora, *O perigo de uma única história*) a respeito da experiência de ser mulher negra em diáspora e da concepção de literatura de escritores e escritoras do continente africano.

Portanto, considerando o exposto anteriormente, essa pesquisa se apresenta em três capítulos que aprofundam as discussões e a análise a partir dos eixos temáticos já mencionados: diáspora africana e feminismo negro. No primeiro capítulo, discutimos sobre a diáspora africana e o feminismo negro e como essas duas categorias dialogam com o perigo de uma única história sobre o continente africano e sobre a experiência de mulheres negras que, por consequência, acaba influenciando o modo como as produções culturais e intelectuais desses países e desse grupo social podem ser (mal) recepcionadas. Além disso, o primeiro capítulo é uma proposta de contextualização histórico-cultural do cenário social e político que Ifemelu encontra nos Estados Unidos.

No segundo capítulo propomos uma discussão teórica que trate sobre os intercâmbios possíveis entre o romance *Americanah* e a crítica afrodescendente brasileira, ou seja, de que maneiras, no contexto brasileiro, o estudo e a leitura do

romance de Adichie podem contribuir com a literatura afro-brasileira e de que maneira o arcabouço teórico, crítico e metodológico dessa área podem contribuir para análise do romance aqui destacado.

No capítulo 3 desenvolvemos a análise do romance *Americanah*, destacando a construção do protagonismo da personagem principal, Ifemelu. Identificamos e, assim pretendemos analisar, a construção do protagonismo de Ifemelu a partir de dois eixos: *Ifemelu na Nigéria* e *Ifemelu nos Estados Unidos*. No primeiro eixo questões de gênero e classe estão em evidência, já no segundo as questões étnico-raciais destacam episódios e conflitos significativos para o desenvolvimento da protagonista.

*Americanah* apresenta uma discussão política atualizada sobre questões sobre gênero, identidade, imigração, trabalho, onde a personagem principal ao questionar seu lugar na sociedade cria um *blog* para poder escrever e refletir sobre sua experiência enquanto mulher nascida na Nigéria e morando nos Estados Unidos, assim, rompe com um instituído lugar de silenciamento e passa a ser ouvida e vista como referência por outras pessoas. Justamente por considerar a leitura e a escrita como articuladores de novas possibilidades para pensar a Literatura e o lugar protagonistas negras que se justifica a escolha do romance aqui destacado.

## CAPÍTULO 1

### DIÁSPORA AFRICANA E FEMINISMO NEGRO: AS ROTAS QUE SE CRUZAM EM AMERICANAH

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos [...] (ADICHIE, 2014, p.315).

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada (A formação de um intelectual diaspórico: Uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan-Hsing Chen, 2003, p.460).

#### 1.1 “*Meus passos vêm de longe!*”: Contextualizações preliminares a partir do continente africano

Nigerianos, ugandenses, quenianos, ganeses, sul-africanos, tanzanianos, zimbabuanos, um congolês e um guineano ficavam ali comendo, conversando, incentivando uns aos outros, e seus sotaques diferentes formavam redes de sons consoladores (ADICHIE, 2014, p.152).

Na palestra intitulada O perigo de uma história única (2009), Chimamanda Ngozi Adichie, de maneira irreverente e a partir de sua experiência de vida, aponta algumas narrativas sobre o continente africano com as quais teve contato em sua vida. Adichie apresenta e critica não só algumas das visões estereotipadas sobre a África, mas também revela o quanto essas narrativas são capazes de criar raízes na vida de pessoas do próprio continente e como nem sempre existe possibilidade de confronto quanto às informações repassadas na história única sobre a África e seus países.

Chimamanda Adichie já no começo do seu discurso se apresenta como *storyteller*, ou seja, contadora de história. A valorização do hábito de contar histórias é uma marca fundamental da criação literária de Adichie que ressalta o quanto a

relação do povo africano com histórias, seus contadores e sua propagação é uma dimensão estruturante das relações desse continente.

Contar histórias para os povos desse continente não é só entretenimento, significa valorização da memória, preservação da dignidade e um modo de definir a si mesmo e o povo ao qual pertence. Ocorre que no decorrer de vários séculos, a autonomia dos povos africanos foi sequestrada e o direito de ser participante e protagonista de suas próprias narrativas foi cassado.

Os episódios que Chimamanda Adichie relata em sua palestra elucidam o quanto histórias criadas sobre pessoas e povos podem se tornar, versões quase exclusivas sobre quem essas pessoas e povos são e serão por toda vida. Segundo a escritora nigeriana, “é assim que criamos uma única história: mostre um povo como uma coisa, somente uma coisa, repetidamente e será o que eles se tornarão” (ADICHIE, 2009, n.p<sup>1</sup>). Podemos afirmar que esse processo foi o que permitiu que muito de nós tivéssemos uma visão da África de maneira unidimensional, simplista e carregada, como diria Adichie, de várias versões da mesma única história.

Joseph Ki-Zerbo (2010), historiador nascido em Burkina-Fasso, ressaltou que a história da África precisa ser reescrita já que foi mutilada e violentada tanto por forças circunstanciais como pelo interesse deliberado no seu apagamento. Ki-Zerbo afirma que o continente foi abatido por séculos de opressão e presenciou “gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de pro cônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos” (KI-ZERBO, 2010, p.32).

Para Joseph Ki-Zerbo, o resgate dessa história não se trata de revanchismo, mas de mudança de discurso, reparação que não deve se basear em idealizações romantizadas, mas sim fundamentada em provas rigorosas e cuidadosamente examinadas (KI-ZERBO, 2010, p.30). A tentativa de transformar a África e sua gente em objetos *sobre* os quais falam e estudam existe e representa um esforço tremendo para confinar esse continente numa história única, escondendo muito do seu passado e dos grandes feitos dos povos que ali vivem e viveram.

Quantos de nós, durante muito tempo, assimilamos tanto um Egito branco que ainda temos dificuldades de localizá-lo na África? Para algumas pessoas é possível

---

<sup>1</sup>Mesma tradução da legenda no vídeo disponível no *Youtube*: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qIP7VqFpoSU>>

não creditar ao povo negro do Egito a astúcia e a inteligência capaz de criar impérios e monumentos grandiosos e sim atribuir à alienígenas a magnitude das realizações dos egípcios.

Citamos o Egito como exemplo porque esse é um país cuja história não foi apagada e invisibilizada completamente e também porque ao Egito pode ser atribuída a origem da civilização ocidental, teoria defendida por Cheik Anta Diop. Acontece que o Egito foi embranquecido e ocorreu um esforço científico, político e cultural para relacionar a magnitude da civilização egípcia a europeus brancos. Essa tentativa permanece até os dias atuais como o cinema e a televisão comprovam ao representar o Egito só com atores brancos, por exemplo.

O historiador senegalês Cheikh Anta Diop (1974) questionou a narrativa embranquecida sobre o Egito e desenvolveu um trabalho extremamente fundamentado para defender a tese de que: O antigo Egito foi uma civilização negra e que a cultura criada por essa civilização é a base da civilização ocidental. Segundo Anta Diop:

Os antigos egípcios eram Negros. O fruto moral da sua civilização deve ser contado entre os espólios do mundo Preto. Em vez de apresentar-se a história como um devedor falido, este mundo Preto é o próprio iniciador da civilização "ocidental" ostentada diante de nossos olhos hoje. Matemática de Pitágoras, a teoria dos quatro elementos de Tales de Mileto, o materialismo epicurista, o idealismo Platônico, o Judaísmo, o Islamismo, e a ciência moderna estão enraizados na cosmologia e ciência Egípcia. (DIOP, 1974, p.XV).

Em seu livro *A origem africana da Civilização: mito ou realidade* (1974), Anta Diop defende que três fatores contribuem para a formação do que ele chamou de personalidade de um povo. O primeiro fator citado por ele é o fator psíquico que pode ser estudado por uma abordagem literária e aqui cita os intelectuais do movimento da Negritude como exemplo. Os outros dois fatores são: o fator histórico e o linguístico, sobre os quais ele estudou para fundamentar suas teses sobre as civilizações africanas.

Para Anta Diop, o resgate e o estudo sério da História do continente africano, passando pelo Egito, deveria servir principalmente para o povo negro resgatar uma consciência sobre si mesmo, para o historiador era preciso ocorrer uma reconciliação com o passado para caminhar para um futuro. É válido ressaltar que esse resgate não era concebido de maneira nefelibata por Anta Diop ou por outros

eminentes estudiosos como Ivan Van Sertima, Théophile Obenga, ou o aqui já citado Joseph Ki-Zerbo, para citar alguns.

Os estudiosos que se dedicaram (e se dedicam) à reescrita da história da África estavam preocupados com a destruição cultural desses povos e os processos de alienação que contribuem e contribuíram com a manutenção de uma imagem depreciativa de seus povos. Dessa maneira, cobraram de si mesmos e dos outros um posicionamento científico rigoroso condizente com o desafio que a sua empreitada representava.

Como historiador Anta Diop investiu bastante esforço para comprovar a tese que o povo antigo egípcio era negro, para tanto se fundamentou em relatos de antigos pensadores e intelectuais, imagens, documentos, registros e descobertas arqueológicas. Até hoje os seus estudos e posicionamento político são ferramentas importantes para podermos enfrentar as narrativas hegemônicas com forte viés eurocêntrico e conhecer a História da África sob outra perspectiva.

Segundo Elisa Larkin Nascimento (2008), apesar de predominar no imaginário ocidental a imagem da África como um lugar obscuro, de tribos primitivas e cultura estática, onde não haveria conexão e troca de ideias entre os povos e etnias que compunham o continente e outras partes do mundo, a História da África não confirma essa versão marcada de estereótipos. A autora afirma baseada em documentos e descobertas recentes que:

Desde os seus primórdios a África tem sido palco de intensas movimentações, migrações, trocas comerciais e culturais. Trata-se de um fenômeno ocorrido não apenas no território continental como também exterior. Com efeito, o africano e sua cultura se fizeram presentes em todos os cantos do mundo antigo (NASCIMENTO, 2008, p.80).

Apesar do esforço de cientistas, como Cheikh Anta Diop, boa parte de nós ainda desconhece a história da humanidade pelas lentes da experiência das antigas civilizações africanas. Mas nos perguntamos ainda quem de nós pôde estudar o grande império Mali de Mansa Musa na escola? Quem de nós conhece a Rainha Nzinga de Angola (também chamada de Jinga, Ginga ou Njinga) e sua história como estrategista militar e guerreira, ou Makeda, mais conhecida como Rainha de Sabá, que governou um reino muito extenso, ambas governantes que exerceram o poder por direito próprio? (NASCIMENTO, 2008).

Em quais produções cinematográficas, televisivas e/ou literárias pudemos ver retratada a grandeza dos povos africanos e dessas personagens? Quais as histórias

que os países da África podem contar para o mundo que os mostrem antes da história única de subalternidade e subdesenvolvimento que as grandes potências do Ocidente criaram e difundiram à exaustão pelo mundo todo?

Apresentamos essas interrogações porque são os questionamentos que abalam estruturas, que provocam rupturas e buscam novas dinâmicas, dessa maneira, acreditamos que ao ler um escritor ou escritora do continente africano rompemos com os pontos finais que histórias únicas podem nos impor e assim temos possibilidade de nos questionar e questionar o mundo ao redor sobre o que ouvimos, vimos, cremos e lemos durante a vida, ou um período dela.

Para quem começa a estudar sobre a África a partir da História que está sendo resgatada e se envolve afetivamente com a temática não há como escapar de reflexões e questionamentos sobre como e por que fomos privados durante tanto tempo do contato com essa parte da história da humanidade.

Gerações inteiras, que mesmo tendo sido alfabetizadas e passaram pelo processo de escolarização, não enriqueceram seu repertório educacional e cultural com o reconhecimento das contribuições das civilizações africanas no mundo. Mas defendemos com este trabalho que essa situação pode ser revertida utilizando, dentre outras estratégias, a aproximação com a produção cultural, principalmente literária dos países africanos, bem como a aproximação com seus artistas, autores, intelectuais e escritores e escritoras.

Chimamanda Adichie, em *O perigo de uma única história*, alerta que o problema da única história é este: cria verdades sobre a vida das pessoas e dos povos, que transforma a existência das pessoas em estereótipos. Segundo Adichie (2017), constantemente “vemos como a África está morrendo, e não como ela vive, constantemente vemos o que africanos não conseguem fazer, e não vemos o que eles podem fazer<sup>2</sup>” (ADICHIE, 2017, n.p).

Os estereótipos são incompletos e a escritora lembra que apesar das catástrofes presentes na África, existem outras histórias que merecem atenção tanto quanto as histórias ruins. Argumentamos neste trabalho que o projeto literário<sup>3</sup> de Chimamanda Adichie, destacando o romance *Americanah*, enfraquece o perigo de

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: “[...] We see how Africa is dying and we don't see how Africa lives. We see what Africans cannot do and we don't see what Africans can do.”

<sup>3</sup> Entendemos por projeto literário: “Todo um conjunto de reflexões e posturas assumido pela autora ao escrever seus textos de ficção e também às ideias declaradas por ela em entrevistas.” (NUNES, 2016, p. 129).



uma história única sobre a África e as pessoas que vêm do continente.

Em *Americanah*, os diálogos entre personagens vindos da África são uma das estratégias que Chimamanda Adichie, a partir de uma ótica afro-centrada, utiliza para questionar, ou expor, esses estereótipos sobre o continente africano. As citações a seguir mostram como Adichie aborda o quanto visões estereotipadas sobre a África, seus países e povos estão presentes e materializadas no cotidiano das pessoas negras em diáspora:

“Onde ela mora?” “Na África.” “Onde? No Senegal?” “No Benim.” “Por que você diz que ela mora na África em vez de dizer o país?”, perguntou Ifemelu. Aisha deu uma risadinha. “Você não conhece os Estados Unidos. Você fala em Senegal para os americanos e eles dizem ‘Onde fica isso?’. Minha amiga de Burkina Fasso, eles perguntam para ela ‘Seu país é na América Latina?’” (ADICHIE, 2014, p.22).

“Eu falo inglês”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala *bem*.” Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando nos olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Como uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora a capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia surgindo, começou a treinar um sotaque americano. (ADICHIE, 2014, p.147).

[...]Eles contavam, brincando, o que os americanos lhes falavam: *Você fala inglês tão bem. Tem muita aids no seu país? É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África.* E eles próprios caçoavam da África, trocando histórias de absurdos, de tolice, e sentiam-se seguros para caçoar, porque era algo que nascia de uma saudade, de um desejo desesperado de ver aquele lugar de novo (ADICHIE, 2014, p.152).

Esses estereótipos, esses conceitos limitantes, são reforçados e criados baseados na exaltação de determinados modelos. No que se refere à África e aos povos, países que compõem esse continente, o modelo do qual parte a classificação que sempre tenta subordinar o continente africano a Europa e os Estados Unidos. São esses países desenvolvidos que representam o parâmetro a ser almejado e perseguido (a questão do sotaque de Ifemelu ilustra bem essa noção), apesar do histórico de barbárie, desrespeito e fascismo sobre o qual sustentam suas fortunas e *status* de desenvolvimento.

Uma das maneiras de fazer manutenção do lugar de subalternização em que a África se encontra e da qual dispõem esses países poderosos é o controle da narrativa sobre o continente e seus povos. Novamente recorreremos à explicação precisa e contextualizada de Chimamanda Adichie:

Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma

coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e é isso que eles se tornarão. É impossível falar de história única sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra igbo, que eu lembro quando eu penso sobre estruturas de poder do mundo, essa palavra é “*nkal*”. É um substantivo que livremente se traduz como: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “*nkal*”. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. **Poder é a habilidade de não só contar a história de uma pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa** (ADICHIE, 2009, n.p, grifos nossos).

Sendo assim, a explanação de Adichie nos permite questionar e discorrer sobre os processos que contribuíram para que as histórias dos povos africanos fossem deturpadas, silenciadas, esquecidas ou escondidas com o endosso de uma historiografia colonialista e retrógrada que sustentou durante muito tempo uma imagem da África como lugar primitivo, miserável e atrasado sem problematizar de fato a origem e a complexidade dos problemas que atingem o continente e seus povos.

A chegada dos europeus à África, tendo em vista o tráfico de pessoas escravizadas, alterou sobremaneira o desenvolvimento do continente. Desse encontro resultaram o sequestro de gerações de jovens pertencentes ao lugar e a instauração de um estado constante de conflitos e guerras e desestabilização política que estende e atualiza suas consequências nos territórios africanos até hoje.

Segundo Michael Hamenoo (2008), os europeus quase dizimaram a populações nativas das Américas e em seguida, para continuar explorando o Novo Mundo, transformaram os negros africanos em mercadorias para exportação em um processo violento e destrutivo. Hamenoo (2008) descreve da seguinte maneira esse encontro:

A violência e a destruição perpetradas pelos europeus com seu comércio nefasto faziam que as comunidades africanas se confrontassem em guerras que minaram valores essenciais das sociedades africanas. Grupos estáveis fugiam das suas cidades, deixando para trás suas atividades agrícolas e comerciais, para procurar abrigo seguro onde pudessem encontrá-lo. Tornaram-se assim refugiados em seu próprio país. O comércio escravocrata desestruturava a agricultura e outras atividades econômicas produtivas, como as indústrias de ferro e cobre, que para florescer precisavam de paz e ambiente político estável (HAMENOO, 2008, p.)

O tráfico de pessoas massacrou a África porque roubou seus recursos, sequestrou seus jovens e instaurou, com a chegada de uma força bélica (armas e pólvora) expressiva, um estado constante de conflito entre os povos. O africanista

brasileiro, Roquinaldo Ferreira (2018), explica como o poder europeu se entranhou no continente africano:

Na África, o tráfico atlântico produziu efeitos múltiplos e deletérios. No curto prazo, gerou centralização política, sobretudo em reinos africanos que dominaram o fornecimento de cativos para mercadores europeus na costa africana, assim como inevitável fragmentação política. À medida que poderes locais se fortaleciam, novos grupos insurgiam contra as lideranças centrais. Ao estimular guerras e a expansão territorial entre reinos rivais, o tráfico gerou um quadro de instabilidade sistêmica nas sociedades africanas. Ao expor os africanos a redes de comércio responsáveis pela introdução de armas, têxteis e álcool, alimentou a escravização por débito. Através de guerras, sequestros ou métodos judiciais, produziu escravização crônica e difusa (FERREIRA, 2018, p.53).

Através do tráfico negreiro e da invasão europeia, como já ressaltamos, se tornou possível desestabilizar os povos africanos, atrasar o desenvolvimento da África e dominá-la para explorar as Américas, e foi assim que as grandes potências mundiais puderam exercer “o princípio do *nkali*” ao qual Chimamanda Adichie se referiu em sua palestra.

J.E. Inikori (2010), historiador nigeriano, também ajuda a compreender o impacto dessa atividade criminosa sobre a história dos povos que tiveram suas vidas dilaceradas pela sanha de poder da Europa. J.E. Inikori afirma que a partir da abertura do Novo Mundo à exploração dos europeus, depois da descoberta de Cristóvão Colombo em 1492, o tráfico transatlântico se desenvolveu em grandes proporções do século XVI até meados do século XIX.

O sequestro de pessoas escravizadas capturou principalmente homens adultos e esse foi um padrão da maioria das migrações internacionais do tráfico negreiro (KLEIN, 2018). Dessa maneira, como os povos e comunidades africanas podiam se reerguer se os seus jovens, homens e mulheres, foram sequestrados e as estruturas organizacionais políticas e sociais foram enfraquecidas? Para onde iria o futuro da África e as possibilidades de se reconstruir para além do que a exploração tentou determinar? J.E. Inikori explica o que aconteceu com as possibilidades de desenvolvimento das sociedades africanas:

A população requerida para garantir as condições internas de uma transformação completa em suas estruturas econômicas e sociais foi transferida, de forma maciça, para as Américas, e empregada, em larga escala, para desenvolver as produções mercantes. As condições criadas por essa fortíssima transferência populacional impediram, durante três séculos, o impulso na produção de bens africanos, tanto ao nível do comércio interno quanto no tocante às exportações, dando assim origem às estruturas de dependência (INIKORI, 2010, p.122-123).

Começamos esse tópico ressaltando a África antes da chegada dos europeus e problematizando o que sabemos sobre a África, e como sabemos sobre ela, porque queremos afirmar que antes do processo violento da escravização existiam pessoas, comunidades, sociedades e povos no continente africano que não tinham sua existência reduzida apenas à condição de escravos e sua humanidade atacada e negada em larga escala, sustentando todo um sistema político, econômico e financeiro.

Iniciamos essa discussão falando do perigo de uma única história sobre a África, porque concordamos com o seguinte ponto de vista de Chimamanda Adichie: “Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso” (ADICHIE, 2009, n.p). Não se trata de tentar construir uma imagem mítica e idealizada do continente africano e sim de chamar atenção para o modo como, enquanto estudiosos e pesquisadores, abordamos a produção histórica, cultural e intelectual do continente.

O pequeno resgate de uma parte da história africana não exclui de forma alguma a importância de abordar a escravidão na biografia do povo negro (o que será tratado no próximo tópico) ou esconder as dificuldades de desenvolvimento econômico e social que o continente apresenta, mas o que está em jogo ao abordar essa perspectiva histórica é a oferta de um repertório de informações e questionamentos que problematizem a naturalização dos problemas que as nações africanas enfrentam.

Não há como termos uma visão romântica da África, pois o bombardeio de informações negativas e discursos depreciativos sobre o continente, e seus países, são muito maiores do que o alcance das narrativas que os contestem. Mas, como pesquisadores, o que questionamos, ao começar a discussão teórica por uma abordagem da história africana por outra perspectiva, é o universalismo de que a História da Europa (e pela sua perspectiva) é a história do mundo todo, as temporalidades europeias são temporalidades universais.

Por isso, fica aqui o questionamento e o incômodo: sempre, ao falarmos sobre África, começaremos a tratar o continente pelas catástrofes, pelas histórias de decadência e de desumanização? Por que insistir em tratar da história das pessoas negras *a partir* da degradante experiência da escravidão e sempre apresentar a

figura da pessoa negra atrelada à imagem do escravizado, imagem essa inventada e imposta pelo branco europeu?

A frase que compõe o título deste tópico é conhecida por causa do texto da ativista brasileira Jurema Werneck<sup>4</sup> e foi escolhida para nomear este tópico por refletir as distâncias, geográficas e simbólicas, que homens e mulheres negras tiveram que percorrer, e ainda percorrem, na História da humanidade.

A eleição dessa frase para inaugurar as reflexões teóricas desse trabalho dissertativo também se justifica para lembrar que estamos sempre a caminho, a dinâmica e o movimento fazem parte da sabedoria ancestral que nos inspira a escrever e pesquisar sobre as temáticas e a produção literária de uma escritora negra e nigeriana.

Os passos dos africanos negros construíram caminhos anteriores cheios de histórias e riquezas que a invasões e a explorações euro-americanas não conseguiram apagar do terreno da História, os passos que vêm de longe permanecem, como diz o poema mais conhecido da escritora Maya Angelou, *Still I rise (Ainda assim eu me levanto)*: “Você pode me inscrever da história/ Com as mentiras amargas que contar/ Você pode me arrastar no pó,/ Ainda assim, como pó, vou me levantar.” (ANGELOU, 2018, p.27).

Ao abordar o romance *Americanah* e a experiência diaspórica da protagonista iniciando um percurso analítico desde a África, lembrando um pouco da sua história que foi ocultada, também queremos questionar e problematizar a ideia, precisamente identificada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, de que a África é o aparente não-lugar, “cuja característica é ser não um nome comum, e muito menos um nome próprio, **mas o indício de uma ausência de obra**” (MBEMBE, 2013, p. 30, grifos nossos).

Nesse primeiro tópico, buscamos ressaltar a importância de entender o que representa esse perigo de única história sobre um continente, pois argumentamos que a maneira como enxergamos e concebemos a história do continente africano influencia o modo como recebemos, apreciamos e criticamos as obras literárias dos escritores e escritoras originários de países desse continente.

Portanto, também optamos pela estruturação desse tópico introdutório tendo

---

<sup>4</sup> Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Artigo presente na Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 1, n. 1, p. 07-17, jun. 2010.

como ideia central o perigo de uma única história sobre a África porque *Americanah* traz como personagens homens e mulheres nigerianas. Os personagens simplesmente não “brotam” nos Estados Unidos e na Inglaterra, seus passos vêm de longe.

Parte da narrativa se passa na Nigéria, um país com universidades, com famílias adotando o cristianismo como religião, com mulheres ocupando cargos de professora, chefe de repartição e médica e com homens empresários ricos e bem sucedidos. Ou seja, ideias que não correspondem ao senso comum com o qual estamos habituados em nossas representações sociais sobre países da África.

Chimamanda Adichie também falou sobre o impacto de contar histórias começando sempre a partir de um ponto de vista que replica visões subalternizadas ou estereotipadas:

O poeta palestino Mourid Barghout escreve que se você quer destituir uma pessoa o jeito mais simples é contar sua história e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente (ADICHIE, 2009, n.p).

Em *Americanah*, ao criar uma narrativa que destaca a experiência de uma mulher e homem nigerianos, Chimamanda Adichie traz para a ficção o que as reflexões de sua palestra aqui supracitada propõem: o rompimento com a noção de uma história única sobre a África e seus países. Os personagens do romance, protagonistas e coadjuvantes, dão voz a um modo de viver e existir silenciados, assim representam uma parte da polifonia de experiências do continente africano.

## 1.2 “*Eu sou Atlântica*”: Abordando a diáspora africana

Querido Americano Não Negro, caso um Americano Negro estiver te falando sobre a experiência de ser negro, por favor, não se anime e dê exemplos de sua própria vida. Não diga: “É igualzinho a quando eu...”. Você já sofreu. Todos no mundo já sofreram. Mas você não sofreu especificamente por ser um Negro Americano. Não se apresse em encontrar explicações alternativas para o que aconteceu. [...] Não diga: “Estamos cansados de falar sobre raça” ou “A única raça é a raça humana”. Os Negros Americanos também estão cansados de falar sobre raça. Eles prefeririam não ter de fazer isso. Mas merdas continuam acontecendo. [...] Não diga: “Ah, o racismo

acabou, a escravidão aconteceu há tanto tempo”. Nós estamos falando de problemas dos anos 1960, não de 1860. Se você conhecer um negro idoso do Alabama, ele provavelmente se lembra da época em que tinha de sair da calçada porque um branco estava passando (ADICHIE, 2014, p.353).

[...].Se alguém mencionar que “a escravidão aconteceu há tanto tempo”, peça para seu amigo branco dizer que muitos brancos ainda estão herdando o dinheiro que suas famílias ganharam há cem anos. Portanto, se esse legado continua, por que não o legado da escravidão? E peça para seu amigo branco dizer como é engraçado quando as pessoas dos institutos de pesquisa americanos perguntam aos brancos e negros se o racismo acabou. Os brancos em geral dizem que sim e os negros em geral dizem que não (ADICHIE, 2014, p.390-391).

O título deste tópico traz uma frase presente em um poema<sup>5</sup> da historiadora brasileira Beatriz Nascimento<sup>6</sup> e que também é o título do livro de Alex Ratts organizado em homenagem à pesquisadora. Ao usar a frase para nomear o tópico que trata sobre a diáspora africana buscamos ressaltar a ligação entre o processo de dispersão dos povos africanos com o oceano Atlântico e estabelecer assim uma referência mais imediata com o lugar de importância do Atlântico no processo histórico que até hoje marca as existências e os corpos negros, especificamente de mulheres negras (temática que será abordada no tópico a seguir).

Além disso, a discussão histórica presente nos dois primeiros tópicos é resultado da influência de uma entrevista em vídeo de Beatriz Nascimento em que ela falava que a história do Brasil havia sido escrita por brancos, por pessoas de grupos dominantes que acabaram deformando a experiência do negro a restringindo apenas a escravidão. Nesse sentido, suas palavras influenciaram o processo de estudo e construção desse tópico.

Argumentamos que a dispersão do povo africano pelo mundo, provocada pelo

---

<sup>5</sup> Poema retirado do livro de Alex Ratts “Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento” (2006). O trecho do poema de Beatriz Nascimento (1989): A terra é o meu quilombo,/ o meu espaço é o meu quilombo./ Onde eu estou,/eu estou,/ quando estou eu sou/[...]/Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada. África e América e novamente Europa e África. Angola. Jagas. E os povos do Benin de onde veio minha mãe./ Eu sou atlântica.

<sup>6</sup> Maria Beatriz do Nascimento foi uma historiadora, ativista, poeta que nasceu em 12 de julho de 1942 em Sergipe. Em sua trajetória acadêmica se dedicou aos estudos de temáticas como territorialidade, corporeidade, racismo e formação dos quilombos. Foi assassinada em 28 de janeiro de 1995. O poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres” de Conceição Evaristo é uma homenagem à Beatriz Nascimento.

sequestro e escravização de africanos, além das explorações colonialistas, são processos que ajudam a vislumbrar e compreender como as narrativas que tentam confinar a África e as pessoas negras em uma história única da ausência de obra, ganharam impulso e força ao longo de séculos.

A história da África antes e depois da diáspora africana forjada pelo tráfico negreiro nos interessa porque o projeto literário da autora nigeriana que estudamos nesse trabalho, bem como as marcas de sua escrita, dialoga constantemente com as heranças e consequências da diáspora africana tanto para pessoas no país que pertence ao continente africano, quanto para as pessoas negras que vivem em outros lugares do mundo. As citações que iniciam esse tópico ressaltam justamente o modo como essas consequências podem se expressar na vida de pessoas negras.

Consideramos, portanto, o entendimento sobre a diáspora africana como basilar para uma leitura analítica sobre *Americanah*. De maneira mais abrangente, o presente trabalho parte de um entendimento de diáspora resumido por Avtar Brah, professora de Sociologia da Universidade de Londres, ugandense de origem indiana. Segundo Avtar Brah (2011):

As diásporas, como experiências históricas distintas, são muitas vezes formações compostas de muitas viagens a diferentes partes do globo, cada uma com sua própria história, suas próprias particularidades. Cada diáspora é uma encruzilhada de múltiplas viagens; um texto de narrações exclusivas e, talvez, até mesmo discrepantes. Isso acontece, entre outros com as diásporas africanas, chinesas, irlandesas, judias, palestinas e asiáticas. (BRAH, 2011, p.214).

Para Avtar Brah (2011) a palavra diáspora evoca imagens de múltiplas viagens, obviamente as diásporas diferem de viagens ocasionais, as distâncias percorridas não são curtas e sendo assim, as questões que as diásporas propõem não dizem respeito só a “quem viaja?”, mas se refere também a questões como: “Quando, como e em quais circunstâncias os povos se dispersam?”.

Avtar Brah (2011) afirma que é preciso analisar o que torna uma formação diaspórica diferente ou similar a outra, ou seja, é preciso considerar, por exemplo, se a diáspora é resultado de um processo que objetivava a colonização ou a conquista ou se foi desenvolvida a partir do tráfico ou escravização. Brah também faz questão de lembrar que as condições de chegada e o contexto de estabelecimento das pessoas em diáspora no seu destino são tão importantes quanto o contexto de saída do lugar de origem.



Nesse sentido, a professora de sociologia apresenta um questionamento importante, que devemos considerar quando abordamos a questão da diáspora africana. No que diz respeito ao romance *Americanah* é muito importante levarmos em consideração o seguinte posicionamento de Avtar Brah, porque os personagens, protagonistas e coadjuvantes, vivendo em diáspora, e os relatos de suas experiências tencionam essa questão no desenvolver de suas tramas. A autora questiona:

Como e de que maneira um grupo é introduzido nas relações sociais de classe, gênero, racismo ou outro eixo de diferenciação do país para o qual migra? A maneira pela qual um grupo está "situado" em uma ampla gama de discursos, processos econômicos, políticas estatais e práticas institucionais é crucial para seu futuro (BRAH, 2011, p.214).

A colocação de Avtar Brah a partir das particularidades da diáspora africana provocada pelo tráfico de africanos negros reverbera até hoje no modo como se estruturam sociedades e opressões nas Américas e Europa. Quando os personagens Ifemelu e Obinze chegam aos Estados Unidos e Inglaterra, respectivamente, encontram uma série de discursos e processos econômicos e políticos que estavam ainda intimamente ligados às consequências e atualizações da diáspora africana dos seus ascendentes.

A diáspora africana, como apontam autores como Stuart Hall (2003) e Patricia Hill Collins (2000), ocorreu a partir do tráfico de pessoas escravizadas, exploração colonialista e também foi (e ainda é) provocada fugas de guerras ou perseguições políticas, desastres naturais, assim como pode se tratar de um processo espontâneo de migração tendo em vista melhores condições de vida e trabalho.

Além disso, Stuart Hall (2003) afirma ainda que é importante considerar nas discussões sobre diáspora os processos de globalização e migração (livre ou forçada) que caracterizam o mundo pós-colonial. A globalização a que Hall se refere ainda está arraigada em disparidades estruturais e de poder e também está relacionada ao surgimento de novos mercados financeiros, às formas de produção, consumo e exploração transnacionais e o largo investimento em tecnologia da informação, é nesse contexto global que se passa *Americanah*.

Especificamente, denominamos a dispersão das pessoas oriundas do continente africano de diáspora africana. Como resumiu Nei Lopes (2004), a palavra diáspora se refere também “à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes” (LOPES,

2004, p.236). Essa diáspora africana que trata desse contexto histórico é a que pretendemos abordar mais particularmente neste tópico.

Sendo assim, concordando com o professor e advogado Silvio de Almeida (2018), esse trabalho dissertativo analisa o romance *Americanah* sustentado na ideia de que “a compreensão do mundo contemporâneo está ligada à diáspora africana, ou seja, *ao modo com que a África se espalhou pelo mundo*” (ALMEIDA, 2018, p.80, itálico do autor). Tanto quanto entender e reconhecer essa diáspora, é necessário compreender como aconteceu, ou seja, em quais condições socioeconômicas, políticas, e culturais se desenvolveu esse processo que impactou na condição da pessoa negra no mundo.

Oyèrónké Oyěwùmí, filósofa nigeriana, na citação abaixo, contextualiza e explica como se desenvolveu e quais as implicações da diáspora africana e do período denominado modernidade para o mundo:

**Os últimos cinco séculos, descritos como era da modernidade, foram definidos por uma série de processos históricos, incluindo o tráfico atlântico de escravos e instituições que acompanharam a escravidão, e a colonização europeia de África, Ásia e América Latina.** A ideia de modernidade evoca o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização, bem como o estabelecimento de estados-nação e o crescimento das disparidades regionais no sistema-mundo. O período tem assistido a uma série de transformações sociais e culturais. **Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas,** e sociedades, estratificadas (OYĚWÙMÍ, 2004, p.1, grifos nossos).

Segundo Oyěwùmí, outra característica da modernidade é o avanço da Europa e da hegemonia cultural euro-americana. O estabelecimento desse cenário se sustentou em um sistema econômico que tinha na escravidão e o tráfico de pessoas negras o seu principal motor de desenvolvimento. Por sua vez, esse sistema de exploração teve que ser embasado por discursos que justificassem a eleição do negro como grupo a ser explorado e desumanizado. A seguir tentaremos mostrar um fio condutor de como as concepções que promoveram esse discurso se estabeleceram.

Os africanos negros foram sequestrados para trabalhar nas Américas e assim a exploração de sua mão de obra fez parte do processo de acumulação de riqueza que tornou a Europa, e mais tarde os Estados Unidos, centros de poder no mundo. Para entender, portanto, a diáspora africana, é preciso que destaquemos o lugar do Oceano Atlântico no comércio de mercadorias, na escravidão e suas instituições, ou

seja, esse sistema atlântico, como parte constituinte do processo de formação do capitalismo sobre o qual se desenvolveram Estados Unidos e Europa. Segundo David Eltis (2007):

A partir do final do século XV, o oceano Atlântico, anteriormente uma enorme barreira que impedia a interação regular entre os povos que habitavam os quatro continentes banhados por ele, tornou-se uma via comercial que integrou as histórias da África, Europa e Américas pela primeira vez (ELTIS, 2007, n.p).

As Américas precisavam ser exploradas e precisavam de população e mão de obra para fazê-lo, como já explicamos no tópico anterior. Nesse contexto, então, “as pessoas de origem africana estão no centro das novas dinâmicas que implicaram incessantes idas e vindas de uma à outra margem do mesmo oceano” (MBEMBE, 2013, p.34).

Mas o que justifica a seleção do povo negro como mão de obra escravizada? O antropólogo Kabengele Munanga (1988) elucida que quando os primeiros europeus chegaram à costa africana em meados do século XV, os Estados africanos possuíam uma organização política aperfeiçoada, monarquias existentes contavam com conselho popular representando o povo, no entanto, não havia um desenvolvimento considerável no que diz respeito à tecnologia para guerra.

Segundo o antropólogo, apesar do encontro entre ocidentais brancos e negros africanos ter acontecido por essa época, a África do Norte representada pela Tunísia, Líbia, Etiópia e Egito, por exemplo, já era conhecida pelos greco-romanos, como apontam os registros do historiador Heródoto.

Munanga (1988) explana que Heródoto formulou e divulgou uma teoria dos climas, essa teoria postulava como ideia central que o desenvolvimento, ou não, dos povos estaria determinado pelo clima da região onde se encontravam, dessa maneira, as temperaturas extremamente baixas ou altas originavam povos bárbaros e as zonas temperadas eram propícias para o desenvolvimento de povos civilizados.

Essa teoria ajudou a criar descrições sobre os africanos como selvagens, animais. No período da Idade Média e no Renascimento essa visão ganha novamente visibilidade, fortalecendo a África como um lugar cheio de criaturas monstruosas. Quando os portugueses chegaram à costa africana, seguidos por franceses, belgas, alemães, ingleses, conheceram os povos descritos pelos antigos, mas apesar da possibilidade de novos relatos, os exploradores confirmaram os

mitos criados pelos seus antepassados e durante três séculos (XV, XVI e XVII), os escritos ocidentais sobre a África apresentavam os africanos negros como seres monstruosos e temíveis (MUNANGA, 1988).

No processo de depreciação e desumanização da pessoa negra, a Igreja Católica também exerceu papel fundamental, como já havia exercido na exploração dos povos originários das Américas. Demonizando aqueles cuja cultura não estava sob o jugo do cristianismo, a Igreja Católica também criou narrativas que serviram como justificativa para a escravização de pessoas negras.

Como lembra Munanga (1988), o mito de Cam serviu de explicação religiosa para justificar uma inferioridade da pessoa negra. De acordo com esse mito, os negros seriam descendentes de Cam, filho de Noé e amaldiçoado pelo próprio pai. Considerando o lugar de poder que a Igreja Católica ocupou no desenvolvimento do mundo Ocidental, a narrativa da necessidade de escravização do povo negro foi sendo justificada, fortalecida e desenvolvida da seguinte maneira:

Alguns missionários, decepcionados na sua missão de evangelização, pensaram que a recusa dos negros em se converterem ao cristianismo refletia, de fato, a profunda corrupção e sua natureza pecaminosa. A única possibilidade de “salvar” esse povo tão corrupto era a escravidão. Muitos utilizaram-se de tal argumento para defender e justificar essa instituição. Desse modo não haverá nenhum problema moral entre europeus dos séculos XVI e XVII, porque na doutrina cristã o homem não deve temer a escravidão do homem pelo homem, e sim sua submissão às forças do mal (MUNANGA, 1988, p.15).

Aimé Césaire, em seu livro *Discurso sobre o colonialismo*, atribuiu ao “pedantismo cristão” a elaboração de “equações desonestas: “cristianismo = civilização; paganismo = selvagerismo, das quais só poderiam resultar consequências colonialistas abomináveis, cujas vítimas deveriam ser os índios, amarelos, os negros” (CÉSAIRE, 2010, p.18).

Achille Mbembe também lembra que a pessoa negra foi vista e tratada como coisa, criatura sem linguagem e sem consciência, tendo uma existência animal, como defendeu o filósofo Hegel. A pessoa negra também foi considerada, por intelectuais mais “bondosos”, como estando passos atrás na evolução da humanidade, a quem a civilização deveria chegar e, portanto, precisaria de proteção e instrução e foi assim que se justificou “a empresa colonial como obra fundamentalmente civilizadora e humanitária, cuja violência, seu corolário, era apenas moral” (MBEMBE, 2010, p.29).

A partir dessa localização histórica é possível compreender o contexto de mobilização que incentivou a expansão europeia e a busca por mão de obra no continente africano. Segundo Mbembe (2010), o comércio negreiro, as colônias de plantação e exploração podem ser consideradas as fontes da nossa modernidade e, o filósofo argumenta: o princípio da “raça” foi instaurado sob o signo do capital e “este é o ponto que distingue o tráfico negreiro e as suas instituições das formas autóctones de servidão” (p.31).

Portanto, explanado como se criou o racismo e passou a ser justificada a escravização dos povos africanos, entendemos que “o racismo é uma forma sistemática de poder que tem a raça como fundamento, não é um dado acidental, mas um elemento constitutivo do Estado Moderno” (ALMEIDA, 2018, p.25).

Logo, a concepção de diáspora africana que abordamos aqui está profundamente marcada pela compreensão do que significa o impacto do discurso racista sobre a pessoa negra, que foi fabricado a partir do tráfico transatlântico e para justificá-lo. Elio Ferreira (2017) descreve precisamente o que caracteriza a memória da diáspora africana e o destino escravizado:

Na ultrapassagem do limiar da ‘Porta do não retorno’, milhões de africanos pereceram na guerra fratricida da captura, na travessia marítima, de maus tratos, *Banzo*, nas guerras libertárias dos quilombos ou *marronage* no Novo Mundo. Nesse espaço fronteiro, os africanos lembraram o passado livre, as pessoas amadas, a terra perdida. Isso significou para muitos uma ferida incurável, aberta pelo martírio e o vazio da viagem que nunca mais os devolveria de regresso à África. Para outros, a travessia foi o começo de uma vida marcada por diversas formas de resistência cultural, armada ou estratégias de convivência no seio da sociedade escravista (SOUZA, 2017, p.56).

A travessia marítima, portanto, está presente na memória e no modo como se constituiu a experiência do povo negro nas Américas. Concordando com Carla Akotirene, estudiosa negra brasileira, entendemos que “a diáspora africana traz memória e água do Atlântico às Américas e à Europa” (AKOTIRENE, 2018, p. 73). A escravidão foi um período violento que sequestrou o direito à humanidade de muitas pessoas que passaram a ser tratadas como simples mercadoria e meio para acumulação de riquezas.

Mas como afirma Elio Ferreira (2017), a travessia atlântica também significou o começo de uma resistência que deu forma e criou manifestações culturais, sociais e políticas fundamentais que também estruturaram o desenvolvimento das

sociedades no mundo, ocorre então que “a transnacionalização da condição da condição negra é, portanto, um momento constitutivo da modernidade, sendo o Atlântico o seu lugar de incubação” (MBEMBE, 2010, p.34). E quem desenvolve profundamente essa ideia é o sociólogo Paul Gilroy em seu livro *O Atlântico Negro: modernidade de dupla consciência*.

Paul Gilroy (2012), problematizando a noção de modernidade, propõe uma reflexão sobre diáspora como processos de mutação cultural relacionado aos movimentos marítimos, à passagem dos navios entre Europa, África, América e Caribe. Assim, Gilroy denomina a formação cultural e transnacional de estrutura rizomórfica surgida a partir desse trânsito/travessia de Atlântico Negro.

Para compreender melhor a proposta da teoria do Atlântico Negro de Paul Gilroy, partimos da explicação do professor José Antônio dos Santos:

Paul Gilroy insere-se no debate, trazendo à tona a noção de diáspora como um processo dinâmico, multifacetado, o qual rompe com aquelas ideias cristalizadas que tomam a diáspora africana como um fenômeno preso ao passado. Ao contrário, ele cria a metáfora do *Atlântico Negro* para entender a estrutura transnacional criada na modernidade e que deu origem ao sistema de comunicações globais definido pelo ir e vir de pessoas, informações e mercadorias que redefiniram novos padrões e trocas culturais. O Atlântico e a vida marítima, presentes no título e ao longo do livro, nos sugerem deslocamentos, movimentos no meio líquido e misturas que extrapolam a noção de raça, desterritorializam a cultura e nos indicam um circuito comunicativo que modifica e transcende as fronteiras étnicas e nacionais. (SANTOS, 2008, p.185).

Apresentamos a seguir três explicações de Gilroy sobre o que ele chama de Atlântico Negro, essas três concepções nos servem como eixos norteadores para analisar como se desenvolve a dinâmica da narrativa em *Americanah*. Na primeira delas, Paul Gilroy trata o Atlântico Negro como:

as formas culturais estereofônicas ou bifocais originadas pelos – mas não mais propriedade exclusiva dos – negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente mundo atlântico negro (GILROY, 2012, p.35).

Gilroy propõe a noção de Atlântico Negro em “oposição às abordagens nacionalistas ou etnicamente absolutas”, dessa maneira sugere que os historiadores culturais trabalhem o “Atlântico como uma unidade de análise única e complexa em suas discussões do mundo moderno” e a utilizem para “produzir uma perspectiva explicitamente transnacional e intercultural” (GILROY, 2012, p.57). Ou seja, já a

partir da diáspora africana não há como defender e reforçar essa noção de pertencimento fixada na localização geográfica.

Já que se opõe veementemente a noções absolutas de nacionalismo e etnicidade, Paul Gilroy propõe ainda o Atlântico Negro como “formação política e cultural moderna que pode ser definida, em um nível por este desejo de transcender tanto as estruturas do estado-nação como os limites de etnia e da particularidade nacional” (GILROY, 2012, p.65).

Se no primeiro capítulo questionamos a constante relação da figura do povo negro a uma imagem subalterna e escravizada, é a noção de Atlântico Negro que nos fornece argumentos para continuar questionando essa concepção e assim recuperar ou forjar um lugar de agente, de invenção para o próprio povo negro. Não se trata de encolher o impacto nocivo da escravidão, pois como explica Gilroy (2012):

a escravidão da *plantation* era mais do que apenas um sistema de mão de obra e um modo distinto de dominação racial. Quer ela concentrasse a essência interna do capitalismo ou fosse um elemento residual essencialmente pré-capitalista em uma relação subordinada ao capitalismo propriamente dito, ela fornecia as fundações para uma rede distinta de relações econômicas, sociais e políticas [...], e tem ocupado um lugar central nas lembranças históricas do Atlântico negro (p.125).

Gilroy (2012) argumenta então que “tendo reconhecido a força cultural do termo ‘modernidade’, também devemos estar preparados para mergulhar nas tradições especiais da expressão artística que emergem da cultura do escravo” (GILROY, 2012, p.128). Ao destacar a produção artística das pessoas escravizadas, Gilroy chama atenção para a forma como o negro conseguiu criar estratégias de enfrentamento para a condição de cativo.

Resistir através da criação artística é uma estratégia que prevalece até os dias atuais no povo negro, e essa vivência artística não se trata apenas de elaboração e reflexão sobre um objeto, diz de uma reconstrução da subjetividade<sup>7</sup> em meio a lutas em um contexto hostil, como é a escravidão. Segundo Paul Gilroy:

a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e da história cultural. Ela continua a ser o meio pelo qual os militantes culturais ainda hoje se engajam em “resgatar críticas” do presente tanto pela mobilização de recordações do passado como pela invenção de um estado

<sup>7</sup> Trabalhamos aqui com a seguinte noção de subjetividade: O sujeito está em constante processo de vir a ser, de tornar-se sujeito. Logo, a subjetividade não pode ser totalizada ou centralizada no indivíduo, ela é sempre produzida nos registros coletivos da sociedade e da cultura, pois “a subjetividade está sempre tomada em rizomas, em fluxos, em máquinas ela é sempre altamente diferencial, ela é sempre processual” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.275).

passado imaginário que possa alimentar suas esperanças utópicas (GILROY, 2012, p.129-130).

Com a formulação da ideia de Atlântico Negro, Gilroy contribui para pensar a produção artística e cultural do povo negro das Américas inserido em um movimento político que opera em uma lógica que ultrapassa as delimitações nacionais, dessa maneira Gilroy rotula o Atlântico Negro como uma “rede de identidades e interesses da diáspora” (p.406).

Pensamos *Americanah*, a partir da teoria do Atlântico Negro porque as formulações de Paul Gilroy nos permitem abordar aspectos fundamentais do contexto histórico, da história contada e da própria constituição e organização da narrativa. Exemplificando: Chimamanda Adichie ao desenvolver a trama do relacionamento amoroso Ifemelu-Obinze, dispõe os dois personagens em lados diferentes do triângulo atlântico, ambos partem do mesmo lugar, África, mas vão para continentes diferentes.

Argumentamos que essa disposição não se trata simplesmente de uma localização geográfica, mas pode ser considerada uma maneira estética que reforça o caráter diáspórico do romance e da experiência dos personagens para além da temática, ou seja, a diáspora africana não está em *Americanah* somente como mera localização dos personagens, como cenário histórico, cultural e político ou interpretação para esses cenários, ela faz parte da dinâmica (usamos essa palavra para reforçar uma noção de movimento) e do desenvolvimento estético da narrativa.

Além disso, o romance se desenvolve, principalmente, em três temporalidades que se inter cruzam: o tempo presente de Ifemelu, o tempo presente de Obinze que correspondem ao começo da narrativa (quando Ifemelu decide voltar para a Nigéria) e o tempo passado lembrado por eles. Essas temporalidades produzem e apresentam ao leitor a formação de uma rede rizomórfica de acontecimentos e pensamentos que nos permitem afirmar que *Americanah* não se organiza e se transforma em uma estrutura, *Americanah* se desenvolve através dessas dinâmicas temporais onde África, Europa e América do Norte continuam estabelecendo relações.

Outro ponto, com o qual estabelecemos diálogos entre *Americanah* e a teoria do Atlântico Negro, diz respeito à produção intelectual de Ifemelu. Em certo momento de sua convivência nos Estados Unidos, Ifemelu cria um *blog* para relatar



como é ser uma mulher negra não americana<sup>8</sup>, vivendo em um país que ainda lida de maneira problemática com as suas questões étnico-raciais.

Nesse encontro entre Ifemelu e os Estados Unidos, a escrita se torna uma possibilidade de resistência e de elaboração da sua condição social e política, pois quando Ifemelu chega aos EUA se descobre negra e o que isso significa, a primeira citação deste capítulo mostra a personagem relatando essa constatação:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos [...] (ADICHIE, 2014, p.315).

Então, Ifemelu cria outras formas de nomear a experiência de ser ela mesma e, nesse processo, a escrita desempenha um papel necessário e potente, assim como a música e a literatura têm sido para os negros americanos, sobretudo nos dois últimos séculos.

No processo de resgate e afirmação da subjetividade para além do lugar de subalternização no qual tentaram confinar as pessoas negras, as produções artísticas e intelectuais possibilitam elaborar lutos, ressignificar o papel da memória e da condição em que se vive.

Paul Gilroy (2012) propõe, por exemplo, que “a análise da história da música do Atlântico Negro pode desempenhar um papel útil para a elaboração de argumentos antiessencialistas” (GILROY, 2012, p.28). Partindo dessa proposição, acreditamos que os textos do *blog* de Ifemelu e o próprio romance *Americanah*, bem como a literatura afrodescendente, também contribuem para o questionamento dos essencialismos nos quais tentam encerrar a experiência do povo negro.

A criação do *blog* é um divisor de águas da vida da personagem e da própria narrativa, é quando o exílio da terra natal, as questões de gênero, classe e raça são aprofundadas através das palavras na vida da personagem e é quando percebemos o impacto da transnacionalização da condição negra e o alcance multicentrado do legado da diáspora africana.

A narrativa de *Americanah* é toda marcada pelas idas e vindas, pelos fluxos das temporalidades dos personagens principais, o que lembra também movimentos

---

<sup>8</sup> Na organização do *blog*, Ifemelu não revela de qual país ela veio e os leitores dos textos dela tentam adivinhar, a partir dos próprios textos de Ifemelu, de qual país veio a mulher que faz essas observações sobre as questões étnico-raciais.

marítimos. Nesse sentido, a reflexão de caráter sociológico proposta por Paul Gilroy que destaca o Atlântico Negro como contexto de criações significativas nos sensibiliza a prestar atenção em nuances do texto literário de Chimamanda Adichie.

A teoria do Atlântico Negro também contribuiu para a discussão sobre a tessitura de identidades afrodescendentes e de gênero que o romance de Chimamanda Adichie apresenta. Ao tratar da teoria da dupla consciência de W.E. Du Bois, concordamos com Paul Gilroy quando ele utiliza a ideia de dupla consciência para problematizar como "a cultura política do Atlântico Negro foi partindo de uma necessidade de fugir da escravidão para uma tentativa de conquistar uma cidadania significativa" (GILROY, 2012, p.29).

Quando Paul Gilroy (2012) aborda a teoria da dupla consciência e a biografia de W.E.B. Du Bois, o sociólogo o faz para pensar as contribuições de Du Bois no cenário político, destacar a importância das organizações políticas que lutaram pela situação da pessoa negra e também para refletir sobre as noções de pertencimento e a necessidade de estabelecer raízes como uma forma de "reconfigurar a cartografia da dispersão e do exílio" (GILROY, 2012, p.224).

Essas são contribuições importantes para entender os processos identitários que se desenvolvem nos cenários de ruptura, exílio, deslocamento. Estudando as experiências negras do Ocidente moderno (tendo a obra de W.E.B Du Bois como eixo norteador), Gilroy (2012) explica que:

a validade do conceito de diáspora está em sua tentativa de especificar a diferenciação e a identidade de um modo que possibilite pensar a questão da comunidade racial fora de referenciais binários restritivos – particularmente aqueles que contrapõem essencialismos e pluralismos. (GILROY, 2012, p.239).

Portanto, tendo como base a proposta conceitual de Paul Gilroy, os processos de produção de subjetividade e identidade são compreendidos aqui não sendo restritos a nacionalidades, buscando hegemonias e identificados por simples oposições binárias. Para sustentar sua teoria do Atlântico Negro, Paul Gilroy dialoga constantemente com obras literárias e musicais, analisa projetos literários de autores negros e assim, mantém uma conversa com os modos pelos quais se constroem os processos de trocas e ressignificações que caracterizam a experiência da diáspora africana.

Segundo Achille Mbembe, entre os séculos XIV e XIX, quando a Europa alargou seu horizonte espacial e assim o Atlântico se tornou o centro da reunião de

mundos, as pessoas africanas estavam no centro das dinâmicas e dos movimentos que estruturaram um intrincado modelo econômico, a partir dessa estrutura de circulação “um processo inédito de criouliização é posto em marcha e resulta num intenso tráfego de religiões, tecnologias e culturas” (MBEMBE, 2010, p.33).

Édouard Glissant (2005) contribui para a discussão sobre diáspora africana apresentando e formulando o conceito de criouliização para falar do desenvolvimento das Américas. Glissant aborda o Caribe como “prefácio do continente americano”, lugar do primeiro desembarque das pessoas vítimas do tráfico de escravos, onde durante três séculos aconteceu “um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo” (GLISSANT, 2005, p.18-19).

Para analisar a experiência de povoamento e ocupação das Américas, define três tipos de povoadores: o *migrante armado* que chega com armas e barcos e se apresenta como o “migrante fundador”, o *migrante familiar* que é o civil que traz elementos e recordações familiares e o *migrante nu* que foi levado à força para o continente americano. Além disso, também apresenta uma divisão das Américas: *Meso-América*, a América dos povos originários; a *Euro-America* dos europeus que trouxeram seus costumes preservados e; a *Neo-America* é América da criouliização. Glissant (2005) afirma que:

[A *Neo-America*] vive a experiência real da criouliização através da escravidão, da opressão, do desapossamento, perpetrados pelos diversos sistemas escravocratas, cuja abolição se estende por um longo período (mais ou menos de 1830 a 1868), e através desses desapossamentos, dessas opressões e desses crimes realiza uma verdadeira conversão do “ser” (GLISSANT, 2005, p.18).

Glissant (2005) defende que o tipo de povoamento que o tráfico de africanos representa foi o que determinou maior sofrimento nas Américas, se não considerar o extermínio dos povos indígenas. Édouard Glissant ressalta que os africanos tiveram suas referências originais arrancadas no sequestro e no ventre do navio negreiro, foram despojados de suas línguas, de seus instrumentos de trabalho, dos elementos de sua vida cotidiana e de sua religiosidade, de suas possibilidades de ser.

No entanto, esse povo migrante reconstruiu sua existência através do que Glissant chama de *rastros/resíduos*. Glissant exemplifica:

O que aconteceu com esse migrante? Ele recompõe, através de *rastros/resíduos*, uma língua e manifestações artísticas, que podemos dizer

válidas para todos. Por exemplo, uma comunidade étnica do continente americano preservou a memória dos cantos entoados nos funerais, casamentos, batismos, que expressam a dor, a alegria, vindos do antigo país de origem, e que são cantados há cem anos ou mais em diversas ocasiões da vida familiar. Ora, o africano deportado não teve a possibilidade de manter, de conservar essa espécie de heranças pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, isto é, somente a partir dos pensamentos do rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de arte válidas para todos (GLISSANT, 2005, p.19-20).

A partir da conceituação e problematização do termo crioulização, Glissant defende a ideia de que a crioulização que ocorre na *Neo-America* se irradia para as outras Américas e para o mundo inteiro, dessa maneira “o mundo se criouliza”, ou seja, o modo como as culturas entram em contato nos dias atuais faz com que transformem-se, trocando entre si através de conflitos, mas também através de avanço de consciência e esperança.

Esse processo de crioulização do mundo, segundo Glissant (2005), está permitindo que as humanidades de hoje abandonem, através de uma dolorosa mutação do pensamento, a “crença que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente de todos os outros seres possíveis” (GLISSANT, 2005, p.18).

As reflexões de Édouard Glissant sobre como os fenômenos de crioulização influenciam o mundo atual, abordando a experiência da escravidão não fixada ao passado, são fundamentais para a análise literária do romance *Americanah* porque questionam a noção de identidade única, dispensam o entendimento hierárquico que sobrepõe elementos culturais e nos permite refletir sobre as experiências diaspóricas presente nos romance através de relações que se intervalizam.

Mais uma vez, assim como na formação do Atlântico Negro, a imagem do rizoma aparece nas reflexões de Glissant sobre Identidade e crioulização para ressaltar que a noção de identidade que o autor propõe se realiza em torno das tramas de relação que questionam por que o outro não pode ser participante desses processos de constituição.

A experiência de Ifemelu nos Estados Unidos não exclui o que ela trouxe da Nigéria, mas tampouco é suficiente para quem ela quer ser e os planos para o futuro. Descobrir seu lugar étnico-racial e o que isso significa em uma terra que não é sua, convivendo com pessoas que, por exemplo, não alcançam o impacto dessa

descoberta, coloca Ifemelu em posições que não podem ser analisadas através de binarismos (Nigéria é o lugar bom X EUA é o lugar mau, por exemplo).

Ao ler *Americanah*, entendemos que ser nigeriana não deve excluir a experiência de Ifemelu se descobrir negra nos Estados Unidos, pois esses posicionamentos vão conviver em relação e não por oposição ou exclusão, não há um modo universal de viver essas experiências e posicionamentos, afinal, como lembra Glissant (2005), até mesmo nos livros épicos fundadores da humanidade que asseguram a noção de pertencimento trazem a marca da errância também.

Em *Americanah*, Ifemelu experimenta esse sentimento de errância, de descentralização das referências, e vive o que Stuart Hall descreve na segunda epígrafe desse capítulo: “esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL, 2003, p.460).

Quando Ifemelu retorna para Lagos, o estranhamento é evidente em vários aspectos, principalmente nas tarefas cotidianas, como a citação a seguir descreve:

Ela crescera conhecendo todos os pontos de ônibus e ruas laterais, compreendendo o código secreto dos motoristas e a linguagem corporal dos ambulantes de rua. Agora, lutava para entender o que não era dito. Quando os donos de loja tinham ficado tão grosseiros? Os prédios de Lagos sempre tiveram aquela camada de podridão em cima? E quando aquela se tornara uma cidade de pessoas que pediam por tudo e se apaixonavam pelo que era de graça? “Americanah!”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma americanah de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!” [...]. De uma mistura de sentimentos, o único que [Ifemelu] reconheceu foi confusão (ADICHIE, 2014, p.415-416).

Stuart Hall (2003) constrói uma reflexão sobre diáspora nas Américas a partir da importância das trocas culturais entre diáspora negras, sendo importante ressaltar que a experiência da diáspora resultou em entrelaçamento e fusões na cultura das Américas, portanto Hall afirma que:

Nossos povos têm suas raízes – ou mais precisamente, podem traçar suas rotas a partir dos – nos quatro cantos do globo, desde a Europa, África, Ásia; foram forçados a se juntar no quarto canto, na cena primária do Novo Mundo. Suas ‘rotas’ são tudo menos ‘puras’. A grande maioria deles é de descendência (ascendência) ‘africana’” (HALL, 2003, p. 31).

Stuart Hall (2014) também defende uma noção de identidade não com um conceito essencialista, mas sim como conceito estratégico e posicional. Para o intelectual jamaicano, trata-se de afirmar uma concepção de identidade que não

esteja restrita a uma ideia de núcleo estável, idêntico a si mesmo ao longo da vida, mas sim que se entenda que as identidades como em constantes processos de mudança e transformação. Segundo o autor:

as identidades têm a ver nem tanto com as questões 'quem somos nós' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e 'como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos'(HALL, 2014, p.109).

Sendo assim, a proposta conceitual de Stuart Hall amplia os argumentos que embasam a análise que exploramos a partir das tessituras de identidades em *Americanah*.

Dentre os questionamentos que fundamentaram a construção deste trabalho, destacamos a seguinte questão proposta por Stuart Hall (2003, p.30): "Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora?". Esse questionamento também norteia nossa análise sobre *Americanah* e ao mesmo tempo destaca o quanto a diáspora africana é um conceito-chave para entender a experiência da pessoa negra nas Américas, sendo o sujeito estrangeiro ou não, mas obviamente considerando que existem peculiaridades e pontos de partida diferentes nessas experiências.

As consequências da diáspora africana e as heranças advindas do tráfico de pessoas negras pelo Atlântico perduram até os dias atuais, por isso, a diáspora africana é um fenômeno importante para entender a história da pessoa negra, mais especificamente, nos Estados Unidos e, portanto, para entender a vivência da protagonista de *Americanah*.

W.E.B. Du Bois questiona, no final do seu livro *As Almas da gente negra* (1999): "A América seria a América sem o povo negro?". Em seu questionamento o estudioso negro traz à tona a força da contribuição desse povo para a história dos Estados Unidos, mas também torna evidente que o questionamento será sempre atual. Por refletir sobre a experiência de ser uma pessoa negra nos EUA, W.E.B. Du Bois é fundamental na discussão teórica desse trabalho.

Logo no início do primeiro capítulo desse livro W.E.B Du Bois apresenta outra pergunta que, para ele, marca, ou mais precisamente, divide sua relação com um outro mundo: "Como é a sensação de ser um problema?". O poeta explica que as pessoas não podendo fazer essa pergunta diretamente recorrem a afirmações carregadas de eufemismos.

O mais importante do começo desse texto de Du Bois é que já no primeiro parágrafo o escritor deixa explícito qual o tom da experiência da pessoa negra: uma experiência que é sempre mediada pelo olhar do outro que interfere diretamente no processo da pessoa negra dizer quem é. O trabalho de W.E.B Du Bois é composto de questionamentos que lançam luz sobre a situação da pessoa negra e que longe de precisar de respostas prontas tensionam no leitor o exercício de refletir sobre o modo com as relações raciais estão estabelecidas.

Du Bois (1999) narra um episódio de sua infância em que uma garota branca, colega de sala de aula, recusou sua lembrança, um presente que ele lhe ofertou. Desde então, começou a perceber que havia uma diferença nele que o mantinha isolado do mundo das outras pessoas por um “imenso véu”. O escritor, analisando o lugar da pessoa negra no processo histórico dos Estados Unidos, declara que:

o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e aquinhado com uma visão de segundo grau neste mundo americano -, um mundo que não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que lhe permite apenas ver-se por meio da revelação do outro mundo. É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade (DU BOIS, 1999, p.54).

Em *Americanah*, Ifemelu descreve, em alguns momentos da narrativa, sentimentos a respeito dos quais W.E.B. Du Bois já havia falado no começo do século XX. Mas a problemática da dupla consciência não é abordada em *Americanah* somente através da trama de Ifemelu, a tia da protagonista, Uju, e o primo de Ifemelu, Dike, que também moram nos EUA, são personagens que traduzem a noção de dupla consciência para a narrativa.

Dike é um adolescente que ainda criança foi morar nos Estados Unidos por que a sua mãe, Uju, estava fugindo de um golpe de estado. Dike tem dificuldades de construir pertencimento para além do modelo “*american way life*” que a mãe tanto persegue, logo aparecem reclamações sobre o comportamento de Dike e as cobranças de Uju, além dos problemas advindos de uma cidadania fragilizada. A tentativa de suicídio de Dike diz muito de como a sua experiência de ser negro nos Estados Unidos desde cedo não foi elaborada e há um constante sufocamento nas relações sociais. A citação a seguir, parte de um diálogo entre Ifemelu e tia Uju, é uma breve ilustração dessa ideia:

Você sabe que, se Dike não se vestir direito **vão ter um motivo para falar da gente**. Se eles estão esfarrapados não tem problema, mas se nós estamos já é outra coisa. É por isso também que eu tenho dito a Dike para ser mais calmo na escola. **Outro dia, disseram que ele estava conversando na aula, e Dike disse que estava conversando porque já tinha acabado a lição**. Ele tem que ser mais calmo, porque gente como nós sempre **vai ser vista** como diferente, mas esse menino não entende. Por favor, converse com seu primo!” (ADICHIE, 2014, p.234, grifos nossos).

Assim como Ifemelu, Uju precisa constantemente negociar sua experiência de ser nigeriana e posteriormente ser uma mulher negra nos Estados Unidos. A maneira que Uju tenta lidar com os significados desse lugar social é buscando se encaixar no modo de vida americano, procurando um marido que seja um pai para seu filho, trabalhando bastante e estudando para se aperfeiçoar enquanto médica.

A constatação de Uju sobre quem ela está sendo na sociedade estadunidense a torna uma pessoa cada vez mais preocupada e atenta às interpretações e posicionamentos de terceiros. A citação a seguir apresenta uma situação que exemplifica uma das mudanças pelas quais passou Uju nos EUA:

Mais tarde, disse: “Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado”. “Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?”, perguntou Ifemelu. **“Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido.”** Lá estava ela de novo, aquela estranha ingenuidade com a qual tia Uju se cobrira, como se fosse um cobertor. Às vezes, quando estavam conversando, ocorria a Ifemelu que tia Uju deliberadamente deixara parte de si para trás, uma parte essencial, num lugar distante e esquecido. Obinze dizia que era a gratidão exagerada que vinha com a insegurança do Imigrante (ADICHIE, 2014, p.130-131, grifos nossos).

Chimamanda Adichie aborda, portanto, em *Americanah* temas urgentes sobre a experiência da pessoa negra nos EUA, como a saúde mental e as masculinidades, acrescidas do contexto diaspórico. Até aqui abordamos de maneira mais social e histórica como se construiu os discursos sobre o povo negro e sobre a África e os africanos, mas consideramos necessário abordar essas vivências de um ponto de vista mais psicológico, por isso também se justifica a escolha pela discussão conceitual sobre a dupla consciência proposta por W.E.B. Du Bois.

Em *Americanah*, a negociação que os personagens negros em diáspora fazem entre os modos como se percebem e modo como são vistos provoca um impacto significativo tanto no próprio desenvolvimento da narrativa quanto nos processos de produção de subjetividade e identidade desses personagens. Os



personagens lidam constantemente com o exercício que é viver entre “paredes implacavelmente estreitas, altas e incomensuráveis para os filhos da noite, que deveriam labutar sempre e mais no escuro, resignados” (DU BOIS, 1999, p.53).

O incentivo para a criação do *blog* de Ifemelu veio também do interesse por essas vivências duplas nos Estados Unidos, ela se questionava “quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze?” (ADICHIE, 2014, p.320). W.E.B. Du Bois nos ajuda, portanto, a ler a dinâmica psicológica dos personagens que é bastante explorada por Adichie em *Americanah*.

Para Du Bois (1999), a história do Negro americano é uma história de embate e é sempre “sentir a duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroce” (DU BOIS, 1999, p.54). Du Bois, portanto, relata a sensação (seguida muitas vezes da constatação) de ser estrangeiro na terra onde nasceu, enquanto Chimamanda Adichie traz em seu romance a experiência de uma pessoa negra de outro país e de um país que carrega as marcas e estereótipos do continente no qual está localizado.

Mas a problemática da dupla consciência contribui não somente para a leitura da vivência psicológica dos personagens, esse conceito nos permite formular outra ideia sobre como o romance é construído. O questionamento e o relato das vivências da pessoa negra são amplamente destacados em *Americanah* de maneira dupla: a partir do lugar de escritora de Chimamanda Adichie e de Ifemelu, dessa maneira argumentamos que a escritora nigeriana ressignifica a noção da dupla consciência ao criar uma personagem que transforma a experiência de ser vista e julgada em matéria prima para observar e criticar a problemática étnico-racial nos Estados Unidos a partir de um ponto de vista estrangeiro.

A primeira citação que inicia este capítulo representa em um parágrafo uma das experiências da pessoa negra nos Estados Unidos: “[...] Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos” (ADICHIE, 2014, p.315).

A personagem Ifemelu localiza a partir da questão racial na sociedade estadunidense a sua própria experiência, mulher negra vinda de um país da África e sem estabilidade financeira. A questão que esse diálogo mais evidencia é como as

travessias desestabilizadoras continuam acontecendo mesmo séculos após as primeiras chegadas de africanos escravizados nas Américas.

Ainda persiste, como diria Achille Mbembe (2013), o signo sobre a pessoa negra que limita o exercício de sua humanidade a padrões racializados, sendo que o problema não é se descobrir negro é descobrir que associada a essa característica pesa toda uma narrativa de negação da condição de humanidade. Como explica Ifemelu no texto intitulado *Dicas amigáveis para o Não Negro Americano: como reagir a um Negro Americano falando sobre negritude*:

Querido Americano Não Negro, caso um Americano Negro estiver te falando sobre a experiência de ser negro, por favor, não se anime e dê exemplos de sua própria vida. Não diga: “É igualzinho a quando eu...”. Você já sofreu. Todos no mundo já sofreram. Mas você não sofreu especificamente por ser um Negro Americano. Não se apresse em encontrar explicações alternativas para o que aconteceu. [...] Não diga: “Estamos cansados de falar sobre raça” ou “A única raça é a raça humana”. Os Negros Americanos também estão cansados de falar sobre raça. Eles prefeririam não ter de fazer isso. Mas merdas continuam acontecendo. [...] Não diga: “Ah, o racismo acabou, a escravidão aconteceu há tanto tempo”. Nós estamos falando de problemas dos anos 1960, não de 1860. Se você conhecer um negro idoso do Alabama, ele provavelmente se lembra da época em que tinha de sair da calçada porque um branco estava passando (ADICHIE, 2014, p.353-354).

Entender a modernidade como contexto histórico, definido pelo tráfico atlântico de africanos negros, no qual gênero e categorias raciais surgiram como eixos fundamentais para justificar a exploração de pessoas e a hierarquização nas sociedades da América ajuda a explicar as realidades sociais e políticas com as quais os personagens de *Americanah*, vivendo em diáspora, se encontram. No decorrer da narrativa, o leitor é apresentado a vários personagens negros que estão vivendo uma experiência diaspórica que não é somente a sua, mas que ainda traz reflexos da diáspora africana dos antepassados que foram sequestrados.

### **1.3 “...Sou um oceano negro, vasto e irrequieto...”: Feminismo negro como resistência e epistemologia**

[...] Eles se encontravam em bares e apartamentos, discutindo os detalhes da campanha e caçoando de quão bobas eram as notícias. Será que os hispânicos vão votar em um negro? Será que Obama sabe jogar boliche? Será que ele é patriótico? “Não é engraçado como dizem que ‘os negros querem Obama’ e ‘as mulheres querem Hillary’, mas não falam das mulheres

negras?”, disse Paula. “Quando eles falam em ‘mulheres’, automaticamente querem dizer ‘mulheres brancas’, claro”, disse Grace (ADICHIE, 2014, p.384-385).

[...]. Na cultura pop americana, as mulheres bonitas de pele escura são invisíveis. (Outro grupo que é tão invisível quanto é o de homens asiáticos. Mas, pelo menos, eles são considerados superinteligentes.) Nos filmes, as mulheres de pele escura fazem o papel da empregada gorda e maternal, ou da amiga da protagonista, que é forte, desbocada e às vezes assustadora, e que está sempre ali para dar um apoio. Elas falam coisas sábias e têm atitude, enquanto a mulher branca encontra um grande amor. Mas elas nunca podem fazer o papel da mulher gostosa, linda e desejada por todos (ADICHIE, 2014, p.233).

[...].E é por isso que as mulheres de pele escura amam Barack Obama. Ele quebrou o padrão! Casou-se com uma delas. Ele sabe o que o mundo parece não saber: negras de pele escura são o máximo (ADICHIE, 2014, p.233).

[...] As pessoas diziam ‘Como ele pôde dar um tapa numa viúva?’, e isso a deixou ainda mais irritada. Disse que não devia ter levado um tapa por ser um ser humano completo, não por não ter um marido para defendê-la. Então algumas das alunas dela fizeram camisetas com os dizeres ‘ser humano completo’. Ela ficou meio famosa. Em geral é discreta e não tem muitos amigos. (ADICHIE, 2014, p.67-68).

Chimamanda Adichie, em sua palestra *Sejamos Todos Feministas*, convida sua audiência a refletir sobre o feminismo e como é o processo de se reconhecer e se denominar feminista. No início da palestra, Adichie resgata uma lembrança muito importante, o dia em que um querido amigo a chamou de feminista, em meio a uma acalorada discussão, e como ela não sabia o significado da palavra. Esse foi o primeiro contato significativo de Chimamanda Adichie com o feminismo como algo que poderia ajudar a identificar e caracterizar uma mulher.

Segundo a escritora ser chamada de feminista não pareceu um elogio nesse dia, pareceu muito mais uma constatação acusatória. Então, a partir dessa história de sua adolescência Adichie apresenta várias representações sociais acerca do feminismo que apareceram em sua trajetória ao longo de sua vida tanto na dimensão pessoal como nas questões relativas à sua carreira profissional. Desde o

mito da mulher raivosa que detesta homens e maquiagem até a noção equivocada que atualmente as mulheres não sofrem tanta opressão.

No livro *Sejamos Todos Feministas* (adaptação da palestra), Adichie destaca a necessidade de pensarmos as relações de gênero como preocupação coletiva, pois “a questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo” (ADICHIE, 21015, p.28). Consideramos, a partir das reflexões de Adichie, que o feminismo é um movimento social e político, uma maneira de se posicionar que pretende fortalecer a busca por um mundo mais justo.

Em seus livros, Adichie expõe padrões opressores e patriarcais, questiona a condição feminina e os lugares de silenciamento, cobrança, culpa, opressão em que mulheres se encontram. Mas ao mesmo tempo também apresenta mulheres negras e nigerianas para além de estereótipos e caricaturas, assim também mostra que não existe uma única experiência de ser mulher e principalmente, não existe uma única maneira de ser mulher no continente africano.

Para corroborar com essa visão trazida pelo projeto literário de Chimamanda Adichie e ampliar o conceito de feminismos do qual parte este trabalho, a discussão teórica que baseia a pesquisa aqui proposta se fundamenta, principalmente, nas contribuições trazidas pelas pensadoras, feministas negras como bell hooks, Patricia Hill Collins e Angela Davis, além dos livros de Chimamanda Adichie voltados primordialmente para a temática.

A presente proposta de pesquisa parte do entendimento de feminismo resumido por Xavier e Zanello (2016). Segundo as pesquisadoras:

Os Feminismos são um movimento social, filosófico e político que têm como meta a equidade nos direitos sociais e nos diferentes espaços (público e privado). O objetivo é o empoderamento das mulheres como sujeitos de direito, liberadas de padrões opressores e patriarcais, baseados em um modelo de sexualidade gendrado que define papéis e formas pré-determinadas de ser (XAVIER; ZANELLO, 2016, p.126).

Nos tópicos anteriores discutimos como o modo de organização política e econômica que surge e se fortalece com o tráfico transatlântico de pessoas negras contribuiu para que gênero e categorias raciais surgissem como eixos de exploração de pessoas e estratificação de sociedades (Oyewumi, 2001). Considerando justamente esse contexto e a discussão apresentada anteriormente sobre diáspora

africana ampliamos a concepção de feminismo apresentada acima adotando o feminismo negro como eixo estrutural desse trabalho.

Sendo assim, reforçando a importância histórica dos processos de exploração das pessoas negras nas Américas, neste tópico, destacaremos e apresentaremos o feminismo negro como uma contra-narrativa às concepções que tentam ainda justificar opressões e subalternizar a população negra, principalmente as mulheres negras.

Trataremos sobre o feminismo negro aqui também porque o ponto de partida de nossas reflexões é uma personagem negra em diáspora de um romance escrito por uma escritora negra e que traz a questão étnico-racial e de gênero como temáticas centrais. Sendo assim, concordamos com Carla Akotirene:

o projeto feminista negro desde sua fundação trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe, cisheteronormatividades articuladas em nível global. Indistintamente, seus movimentos vão desde onde estejam as populações de cor acidentadas pela modernidade colonialista até a encruzilhada buscar alimento analítico para a fome histórica de justiça. (AKOTIRENE, 2018, p.18).

Séculos de expropriação e exploração de corpos negros marcaram a trajetória das mulheres negras e das suas descendentes nas Américas e tornaram suas experiências diferentes das experiências das mulheres brancas. As mulheres negras que vieram para as Américas sequestradas para servir de mão de obra ou que nasceram já vítimas do cativeiro nos apresentam histórias diferentes, vivências de opressões agravadas pela questão étnico-racial e pelo trabalho compulsório.

Durante muitos séculos, portanto, o trabalho escravo na vida das mulheres negras foi o principal eixo em torno do qual se desenvolveram suas histórias. Mesmo sendo minoria no tráfico atlântico e nas grandes fazendas, as mulheres negras também foram exploradas maciçamente pelo sistema escravagista, trabalhando nas lavouras e nos serviços domésticos para servir aos senhores e para garantir a acumulação de riquezas dos exploradores.

Para Angela Davis (2016) a abordagem de estudos sobre escravidão e condição das mulheres negras não é suficiente para abarcar o papel multidimensional dessas mulheres no que diz respeito à família e à comunidade escrava. Segundo Angela Davis (2016), e já mencionamos aqui, o sistema escravagista concebia o povo negro como coisa e propriedade, dessa maneira as pessoas negras escravizadas, homens e mulheres, eram tratadas como unidades de

trabalho e “para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero” (DAVIS, 2016, p.17). Percebemos desde já que a experiência de construção do lugar do gênero na vida de mulheres negras aconteceu de maneira distinta ao modo como esse lugar afetou mulheres brancas.

Os séculos XVIII e XIX trouxeram importantes transformações sociais que foram fundamentadas pela consolidação do capitalismo e da revolução industrial e nesse contexto se fortaleceu a noção de feminilidade ligada diretamente ao lar e à família, como explica Zanello (2018). No entanto, Angela Davis aponta que a “crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos” não foi estendida às mulheres escravizadas (DAVIS, 2016, p.18-19).

As mulheres negras foram consideradas pelo sistema escravista tanto como mão de obra como reprodutoras que poderiam aumentar a força de trabalho (os filhos herdavam da mãe sua condição de escravo), mas apesar dessa construção de gênero que envolva maternidade e feminilidade frágil não ser estendida às mulheres escravizadas, as formas de punição e subjugação que existiam se baseavam no gênero, como explica Angela Davis:

As mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus tratos bárbaros que só poderiam ser infligido a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p.19).

Muitas mulheres foram separadas de seus filhos e maridos, a condição da família escravizada era constantemente fragilizada por causa das estratégias econômicas e de manutenção da ordem de exploração impostas pelos senhores de escravos. A ideia de família nuclear concebida para pessoas brancas também não foram pensadas para famílias negras, o sistema escravagista, lembra Angela Davis, retirava de homens e mulheres negras possibilidades de comando o poder para não interromper as cadeias de comando em que feitores e senhores eram os protagonistas.

No entanto, Angela Davis (2016) declara que escravos e escravas, lutando por seus laços comunitários e familiares, conseguiram humanizar aquele contexto que tentava a todo custo sequestrar sua humanidade. Portanto, mesmo passando por todas essas privações, violências e coerções de toda ordem, mulheres negras

resistiram de muitas maneiras também: fugindo, planejando e ajudando em fugas, lutando ao lado de seus companheiros, construindo famílias e laços comunitários.

Mulheres como Harriet Tubman que ajudou nas fugas pela rota denominada *Underground Railroad* e ficou conhecida também por durante a Guerra Civil dos Estados Unidos ter liderado tropas em batalhas ou Ann Wood, provavelmente uma adolescente, que liderou a fuga de meninas e meninos escravizados são alguns exemplos, apontados por Angela Davis inclusive, de resistência promovida por mulheres nesse período. E existiram outras que a História oficial escondeu e permaneceram no anonimato.

A partir desse contexto de resistência, destacamos a importância de Sojourner Truth, considerada uma das precursoras do feminismo negro, e a contribuição de seus posicionamentos sobre sua experiência de ser mulher negra. Truth foi uma abolicionista, escritora e ativista dos direitos da mulher, nasceu nos Estados Unidos, na condição de escravizada.

Em 1851 durante a Convenção dos direitos da mulher na cidade de Akron, Sojourner Truth apresentou o seu discurso mais conhecido até hoje: *Ain't I a woman* (*E eu não sou uma mulher?*) que aborda algumas das especificidades da vida de uma mulher negra. A filósofa Djamila Ribeiro ressalta que “esse discurso de Truth, ainda no século XIX, já evidencia um grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher” (RIBEIRO, 2017, p.21).

O discurso de Sojourner foi uma resposta aos homens presentes na Convenção, segundo Angela Davis, “o líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem ajuda de um homem” (DAVIS, 2016, p.71-72). Truth então responde, trazendo para o centro do debate público a sua experiência como mulher e pessoa negra:

Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem—desde que eu tivesse oportunidade para isso—e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? [...] Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher!

De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! (TRUTH, 1851, n.p<sup>9</sup>).

A resposta de Truth elucidou opressões de gênero e raciais e destacou e evidenciou as diferenças existentes entre as experiências de mulheres que estavam participando dos movimentos abolicionistas e pelos direitos das mulheres que não poderiam ser ignoradas. Para Angela Davis, ao questionar “Não sou eu uma mulher?”, Sojourner Truth também expôs “o viés de classe e o racismo do novo movimento de mulheres. Nem todas as mulheres eram brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia” (DAVIS, 2016, p.73).

Sojourner Truth, segundo Angela Davis, lembrava constantemente que apesar de sua raça e sua situação econômica diferirem das condições das mulheres brancas, sua condição de mulher não seria anulada e ao participar de várias conferências e encontros que discutiam essas questões, mesmo tendo que lidar com hostilidades, Truth discursava representando suas irmãs negras (libertas ou escravizadas), lembrando às mulheres brancas que mulheres negras não eram menos mulheres do que elas.

Considerando esse contexto histórico e político, lembramos que mulheres negras tiveram que lidar com o dilema entre defesa dos direitos das mulheres e os direitos das pessoas negras. Segundo bell hooks (2018), mulheres brancas que lutaram pela questão abolicionista e que exigiram o voto para todos ao serem confrontadas pela “possibilidade de que homens negros pudessem alcançar o direito ao voto quando isso lhes era negado com base no gênero, escolheram se aliar aos homens, reunindo-se dentro dos conceitos de supremacia branca” (HOOKS, 2018, p.90). Nessa equação, onde estão as mulheres negras?

Nos Estados Unidos, portanto, o movimento sufragista feminino, adotando posições de conveniência, não lutou contra as leis de segregação que eram criadas e se consolidavam nos estados norte-americanos no final do século XIX e começo do século XX. Sendo assim, é preciso considerar que a luta pelos direitos de mulheres desde os seus primórdios não priorizaram uma postura antirracista o que significou perda significativa para todas as mulheres, principalmente as negras e

---

<sup>9</sup> Discurso original disponível em <https://www.feminist.com/resources/artsspeech/genwom/sojour.htm>. Tradução de Osmundo Pinho disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 20 de abril de 2019.



trabalhadoras pobres, mas também para o avanço do desenvolvimento social do país.

Como as autoras citadas anteriormente apontam, a questão do sufrágio é importante historicamente para o movimento de mulheres e pessoas negras. Chimamanda Adichie retoma e aborda um pouco dessa discussão sobre a importância do voto na história da nação apresentando aos leitores personagens (Blaine, Ifemelu e seus colegas) que se envolvem na campanha do ex-presidente estadunidense e que discutem o impacto da possibilidade da eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

Em diálogos e reflexões dos personagens contemporâneos, Chimamanda Adichie elucida uma problemática que reflete a questão étnico-racial e de gênero no país, a citação a seguir exemplifica essa ideia:

[...] Eles se encontravam em bares e apartamentos, discutindo os detalhes da campanha e caçoando de quão bobas eram as notícias. Será que os hispânicos vão votar em um negro? Será que Obama sabe jogar boliche? Será que ele é patriótico? “Não é engraçado como dizem que ‘os negros querem Obama’ e ‘as mulheres querem Hillary’, mas não falam das mulheres negras?”, disse Paula. “Quando eles falam em ‘mulheres’, automaticamente querem dizer ‘mulheres brancas’, claro”, disse Grace (ADICHIE, 2014, p.384-385)

Angela Davis (2016) afirma que “com a chegada do século XX, um casamento ideológico sólido uniu racismo e sexismo de uma nova maneira [...] Durante os primeiros anos do novo século, as ideias racistas ganharam influencia como nunca” (DAVIS, 2016, p.127). Lembrando os tópicos anteriores, podemos afirmar que a união entre a supremacia branca e a supremacia masculina já acontecia desde a época do povoamento das Américas, o que ocorria nos Estados Unidos era uma atualização desse relacionamento que marcava novamente a existência das pessoas negras.

Nesse sentido, o discurso do racismo também ganhava força inclusive nos círculos intelectuais e científicos e a “crescente promoção da propaganda racista era acompanhada por uma promoção igualmente acelerada das ideias que denotavam a inferioridade feminina” (DAVIS, 2016, p.127). No entanto, vale lembrar que as mulheres negras apoiaram durante muito tempo as sufragistas brancas, inclusive com apoio de homens negros de grande importância política como W.E.B. Du Bois e Frederick Douglass.

É interessante perceber o quanto e como o processo eleitoral que levou Barack Obama à presidência dos Estados Unidos é abordado em *Americanah*, por isso, a breve contextualização histórica que apresentamos nesse tópico é baseada em textos de autoras que destacam a luta pelo sufrágio em suas proposições sobre o feminismo negro.

A formação da luta pelos direitos das mulheres negras nos Estados Unidos ensina muito sobre as dificuldades e obstáculos que as mulheres negras tiveram que superar para construir e exercer sua cidadania. Desde o começo de suas lutas na arena pública as mulheres negras tiveram que lidar com a falta de entendimento (e empatia) dos movimentos de mulheres brancas sobre a condição racial, bem como lidar com as constantes tentativas de subtrair a experiência de ser mulher a certa noção de feminilidade que sempre estava relacionada à branquitude.

Apesar dos ensinamentos que a origem dos movimentos pelo direito das mulheres nos EUA mostrou, durante muito tempo a militância de mulheres brancas ignorou o impacto preponderante das questões étnico-raciais na vida de mulheres. Sendo assim, durante muito tempo, feministas brancas lutaram pela igualdade para si mesmas tendo em vista alcançar o homem branco e não promover direitos para mulheres e homens em outros grupos subalternizados (DAVIS, 2016).

bell hooks (2014) lembra ainda que mesmo homens negros e mulheres negras tenham lutado juntos durante a escravidão e na Reconstrução, líderes políticos assumiram posturas e valores patriarcais que cercearam o desenvolvimento de lideranças políticas femininas negras. Quando homens e mulheres negras se uniram no movimento pelos Direitos Civis na década de 60, as mulheres negras tiveram dificuldades de se estabelecerem como líderes e ativistas, tendo suas participações limitadas, muitas vezes, a tarefas que transcreviam a vida doméstica.

A conclusão a que bell hooks (2014) chega tendo em vista o constante manejo que mulheres negras tiveram que fazer para viver em sociedade, exercer sua cidadania, estar em lutas antirracistas e antissexistas é que:

Nenhum outro grupo na América tinha a sua identidade tão socializada fora da existência como tinham as mulheres negras. Éramos raramente reconhecidas como um grupo separado e distinto dos homens negros, ou como uma parte presente de um grupo maior de “mulheres” desta cultura[..]. Quando o povo negro é mencionado a tendência é focar nos *homens* negros; e quando se fala sobre as mulheres a tendência recai sobre as mulheres *brancas* (HOOKS, 2014, p.8).

A análise de hooks elucida a situação social e política que mulheres enfrentam até hoje. Quando mulheres negras são mencionadas precisam ultrapassar mitos sobre elas mesmas tanto no que diz respeito a gênero quanto à etnia, como por exemplo, mulheres negras são mais fortes fisicamente ou mulheres negras são briguentas e raivosas e ainda mulheres negras mais desinibidas sexualmente.

Esses estereótipos nos quais as estruturas sexistas e racistas ainda insistem em confinar a experiência das mulheres negras se fortalecem desde a chegada da mulher africana sequestrada nas Américas. Em *Americanah*, Adichie mostra que o aprisionamento em estereótipos também relegam mulheres negras a invisibilidade. Isso se reflete, por exemplo, na cultura *pop* americana. Em um dos textos de seu *blog*, Ifemelu analisa que “as mulheres bonitas de pele escura são invisíveis [...] Nos filmes, as mulheres de pele escura fazem o papel da empregada gorda e maternal, ou da amiga da protagonista, que é forte e desbocada” (ADICHIE, 2014, p.232).

As peculiaridades dos processos de socialização de mulheres negras são apresentadas de várias maneiras em *Americanah*, mas a questão estética é uma das estratégias mais utilizadas para mostrar o quanto as vivências de mulheres negras, nos EUA, estão marcadas pelas questões étnico-raciais e nesse quesito, o cabelo é uma temática abordada de maneira estratégica no romance de Adichie. Em outro texto do *blog* de Ifemelu, ela escreve:

Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? Algumas mulheres negras, tanto americanas como não americanas, preferem sair peladas na rua a aparecer em público com seu cabelo natural. Porque veja bem, não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal (ADICHIE, 2014, p.322).

O branco como padrão de beleza e comportamento é disseminado ao redor do mundo desde o começo do desenvolvimento do capitalismo, como abordamos nos tópicos anteriores. Sendo assim, como fazer parte de uma sociedade que a todo o momento cria explicações e narrativas para afirmar que determinadas características físicas estão erradas? E como pensar o impacto dessas afirmações na vida de mulheres que vivem processos de subjetivação que constantemente são submetidos a noções de aparência?

O texto de Ifemelu aponta que a noção da aparência correta está relacionada a características brancas (o cabelo liso) e se opondo a esse modelo existe uma aparência que não é normal, e nem adequada “para o trabalho”, representada por características físicas de pessoas negras. Obviamente as mulheres de vários grupos sociais sofrem com a imposição de padrões de beleza, mas ressaltamos mais uma vez que essa experiência não é vivida do mesmo modo e com a mesma intensidade em todos esses grupos, ou seja, não existe uma maneira universal de ser cobrada quando mulher.

Nesse sentido, concordamos com o que bell hooks (2005) escreve em “Alisando o nosso cabelo” quando a feminista afirma que a preocupação das mulheres negras com o cabelo e alisamentos diz respeito também à insistência “em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos com respeito a nosso valor na sociedade de supremacia branca!” (p.1). bell hooks afirma ainda, baseada nas lembranças de sua juventude, que o ritual para alisar o cabelo não dizia respeito a um desejo de se tornar branca, mas era “um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres” (p.2).

A partir das reflexões de Adichie (de Ifemelu) e bell hooks podemos compreender o exercício constante (e cansativo) que mulheres negras desenvolvem para lidar com o seu pertencimento na sociedade como mulheres e como pessoas negras. Estar invisibilizada na História, nas produções culturais e até na luta política como mulheres e como representantes do povo negro são obstáculos que mulheres negras enfrentam e é necessário questionar essas concepções.

Grada Kilomba, artista plástica portuguesa, analisa que as mulheres negras ocupam uma posição problemática na sociedade supracista branca e assim representam uma dupla carência, dupla alteridade, pois são a antítese da masculinidade e da branquitude e assim mulheres negras não sendo nem brancas e nem homens “exercem a função de outro do outro” (KILOMBA, 2019). Para a autora não se trata de hierarquizar estruturas de opressões ao ponto de mulheres negras terem que escolher entre solidariedade com homens negros ou mulheres brancas, mas sim tornar visível suas experiências.

Carla Akotirene (2018) debatendo sobre o feminismo negro e o conceito de interseccionalidade<sup>10</sup> alerta para que não haja estabelecimento de hierarquias de opressões, pois mulheres negras apoiaram mulheres brancas e homens negros em suas empreitadas políticas e sociais e mesmo “na condição de Outro, propuseram ação, pensamento e sensibilidade interpretativa contra a ordem patriarcal racista, capitalista” (AKOTIRENE, 2018, p.25).

Sendo assim, o feminismo negro, da forma como concebemos aqui, considera o histórico de luta das mulheres negras pelo reconhecimento de sua dignidade e cidadania e comunica ao mundo que, superando as situações de opressões às quais as mulheres negras estão submetidas (e contra as quais também lutam), as sociedades se tornarão mais justas socialmente.

Portanto, destacamos nesse tópico, como Djamila Ribeiro ressalta constantemente em suas discussões sobre feminismo negro, que o adjetivo ‘negro’ que acompanha o termo feminismo não quer dizer somente que estamos falando sobre a experiência das mulheres negras, mas que estamos pensando a condição da mulher negra a partir de intelectuais e militantes negras.

Sendo assim, “o pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p.101). A contextualização histórica que apresentamos aqui relembra que mulheres negras, desde muito tempo, estão produzindo conhecimento e sustentando resistências para pensar em formas de enfrentar as opressões de gênero e também construir uma sociedade antirracista.

A partir desse entendimento também argumentamos que Chimamanda Adichie e Ifemelu sendo mulheres negras escrevendo sobre suas experiências étnico-raciais nos EUA também podem ser consideradas como intelectuais negras que problematizam e produzem conhecimento sobre as condições sociais e políticas da população negra, considerando as suas próprias descobertas como mulheres

---

<sup>10</sup> Baseada em Kimberlé Crenshaw e em outras pensadoras negras, Carla Akotirene define interseccionalidade como “sensibilidade analítica, pensada por feministas negras, cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas pelo feminismo branco quanto pelos movimentos antirracistas [...] A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe” (AKOTIRENE, 2018, p.13-14).

negras em um país estrangeiro. Justificamos também por esse ponto de vista por que elegemos o feminismo negro como categoria analítica para esse trabalho.

Assim exposto, entendemos que para propiciar o estudo da obra literária de autoria de uma mulher negra em diáspora, é necessário partir também de uma noção de feminismo negro enquanto marco civilizatório, como propõe a reflexão de Djamila Ribeiro (2017):

Pensar feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências (RIBEIRO, 2017, p. 14).

A breve evolução histórica que apresentamos anteriormente nesse tópico elucida que mulheres na sociedade estadunidense partem de experiências sociais e políticas diferentes, e aqui é oportuno lembrar que tratamos principalmente com intelectuais negras que pensaram a realidade estadunidense porque a personagem do romance analisado se descobre mulher negra nos Estados Unidos, tendo que lidar com uma série de repertórios culturais e sociais diferentes dos processos que fizeram parte da sua socialização na Nigéria.

Adotamos a reflexão dessas intelectuais também por seus trabalhos e escritos criticarem a noção universal sobre ser mulher e isso vale inclusive para as representações sociais sobre mulheres negras que tentam homogeneizar todas as mulheres negras entre si, ou seja, noções como: todas as mulheres negras devem ter a mesma relação com o cabelo, todas as mulheres negras pertencem à mesma classe social, todas as mulheres negras apresentam o mesmo nível de escolaridade, entre outras características.

Nesse sentido, concordamos com a pesquisadora Eliane Borges da Silva (2000) quando ela afirma que é preciso “entender que as mulheres negras têm umbigos diferentes também e que seus cordões foram cortados em contextos diferentes. Desta forma, o posicionamento que vão assumir em suas relações na esfera social é múltiplo” (SILVA, 2000, n.p).

Para ler e analisar o romance *Americanah* é preciso considerar a ideia que Eliane Borges nos apresenta para não tentar encerrar os personagens em essencialismos e maniqueísmos empobrecedores. Portanto, tratar com o feminismo

negro na leitura desse romance ajuda no desenvolvimento de uma sensibilidade crítica para abordar a narrativa e seus personagens.

bell hooks também destaca em seus textos o quanto a luta de mulheres negras questiona um pretensão universalismo da experiência de ser mulher e o quanto essa homogeneização da abordagem sobre a luta das mulheres desconsidera a pluralidade dos percursos e obstáculos enfrentados por grupos de mulheres que não fazem parte do padrão branco e heterossexual.

A feminista afirma que homens e mulheres são criados para acreditar e aceitar concepções sexistas e considerando que todos estão sujeitos a capturas sexistas, apresenta a seguinte definição de feminismo:

Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão. Essa foi uma definição para feminismo que apresentei há mais de dez anos no livro *Feminist Theory: From Margin to Center*. Naquele momento, minha esperança era de que essa se tornaria uma definição comum que todo mundo usaria. Eu gostava dessa definição porque não deixava implícito que homens eram inimigos. Ao indicar sexismo como o problema, ela foi bem no xis da questão. Na verdade, essa definição deixa implícito que todos os pensamentos e todas as ações sexistas são problemas, independentemente de quem os perpetua ser mulher ou homem, criança ou adulto (hooks, 2018, p.17).

Trabalhamos com essa definição de feminismo proposta por bell hooks porque ela dialoga de maneira mais direta com a experiência de Ifemelu como menina e mulher negra na Nigéria. Quando Ifemelu ainda está em sua terra natal as questões de gênero e classe são mais evidentes e as preocupações com o sexismo fazem parte da sua realidade e de outras pessoas ao seu redor.

Essas questões se evidenciam no romance tanto nas falas de personagens que naturalizam os papéis de gênero e tentam justificar um lugar de dependência e submissão de mulheres quanto de personagens que vão contra essas concepções. A agressão no ambiente de trabalho sofrida pela mãe de Obinze e a forma como é abordada no romance exemplifica essa ideia e ajuda a entender o conceito de feminismo proposto por bell hooks:

Não, ela não brigou. Fazia parte de um comitê e eles descobriram que esse professor havia usado os fundos de forma indevida. **Minha mãe acusou o homem publicamente e ele ficou furioso e deu-lhe um tapa, dizendo que não ia aceitar que uma mulher falasse com ele daquele jeito.** Então minha mãe se levantou, trancou a porta da sala de conferências e pôs a chave no sutiã. Ela disse a ele que não podia retribuir o tapa, pois ele era mais forte, mas que ele teria de pedir desculpas publicamente, na frente de todo mundo que o vira dando o tapa nela. Ele pediu. Mas minha mãe sabia que era da boca para fora. **Contou que ele se desculpou dizendo algo como 'Tudo bem, desculpe, já que é isso que você quer ouvir, agora**

**me dê essa chave**'. Naquele dia, chegou em casa com muita raiva e ficou falando sobre como as coisas haviam mudado e o que significava alguém poder chegar e esbofetear outra pessoa sem mais nem menos. Escreveu circulares e artigos sobre isso e a união estudantil se envolveu. **As pessoas diziam 'Como ele pôde dar um tapa numa viúva?', e isso a deixou ainda mais irritada. Disse que não devia ter levado um tapa por ser um ser humano completo, não por não ter um marido para defendê-la.** Então algumas das alunas dela fizeram camisetas com os dizeres 'ser humano completo'. Ela ficou meio famosa. Em geral é discreta e não tem muitos amigos. (ADICHIE, 2014, p.67-68, grifos nossos).

Refletindo a partir do que escreve bell hooks e Adichie em seu romance, a concepção de feminismo elaborada pela própria Chimamanda Adichie também é necessária na discussão teórica aqui apresentada. O destaque ao feminismo se materializa nos seus livros *Sejamos todos feministas* (2015) e *Para educar uma criança feminista: um manifesto* (2017).

Nos dois livros a temática feminismo é protagonista e em ambos a escritora se comunica diretamente com a pessoa que está lendo. *Sejamos todos feministas* é a versão modificada de uma palestra que Chimamanda proferiu e *Para educar uma criança feminista: um manifesto* é uma carta para uma amiga.

Adichie, nesses livros, não fala apenas sobre algo, ela envolve a leitora ou leitor com sua capacidade de contar histórias e assim constrói um diálogo marcado por reflexões sobre a questão de gênero, mas que permite uma comunicação mais horizontal, sem uma linguagem muito acadêmica e palavras que não estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas, e assim os livros ajudam no esclarecimento das políticas do feminismo.

Adichie, assim como hooks (2018), afirma que a palavra feminista ainda tem um peso negativo e para muitas pessoas pressupõe muito mais um discurso de ódio (ódio aos homens, ódio aos sutiãs, ao casamento) e apesar da questão de gênero ser importante no mundo inteiro para pensar na construção de uma sociedade mais justa, o debate sobre as relações de gênero incomoda e tem sido evitado por homens e mulheres.

A perspectiva de feminismo de Chimamanda Adichie propõe que as pessoas pensem a questão de gênero de maneira colaborativa e não por oposições binárias restritivas e destaca experiências da sua vida cotidiana que ajudaram a construir sua concepção de feminismo, como por exemplo: a relação com um amigo de infância, a tradição *igbo* que não permite que mulheres assumam a liderança para conservar a cultura da etnia, as renúncias que mulheres foram obrigadas a fazer para se



encaixarem em um modelo dócil de feminilidade, a educação de homens em nossa sociedade, dentre outras questões.

Adichie defende uma perspectiva de feminismo que questione a imposição de papéis de gênero que reduzam as experiências de homens e mulheres a tarefas e posicionamentos estereotipados. Para Chimamanda Adichie, educar meninas para serem agradáveis e sempre preocupadas em serem aceitas e queridas assim como criar garotos acreditando que atividades relacionadas ao cuidado de casa e outros seres vivos são atribuições exclusivas de mulheres torna a convivência em sociedade problemática.

Quando Adichie aborda essas questões apresenta exemplos que acontecem principalmente em Lagos na Nigéria. Mas, é preciso cautela para não emitir julgamentos apressados e achar que esses problemas são exclusivos de países do continente africano simplesmente. Como a própria autora já explicou, obviamente, Estados africanos apresentam dificuldades em estabelecer e sustentar princípios democráticos devido a uma série de questões que envolvem o histórico que já relatamos anteriormente aqui. Dessa maneira, não há como esperar, considerando o colonialismo, as ditaduras e toda história política da Nigéria, que o país “floresça em uma democracia maravilhosa” (ADICHIE, 2018, n.p).

Os relatos de Chimamanda nos ajudam a perceber que mais uma vez não existe uma experiência única para mulheres. Além disso, evidenciam que as questões de gênero são problemas no mundo todo, mas que existem problemas também específicos de cada região que não podem ser considerados levando em conta somente a leitura atual de onde partem nossos conceitos sobre feminismo, mas que também estão relacionados ao desenvolvimento histórico e políticos das sociedades.

Em resumo, Chimamanda Adichie apresenta a seguinte perspectiva para feminismo: “A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: ‘Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE, 2015, p.50). Precisamos todos melhorar e considerar que nessa empreitada feminista nem todos estão no mesmo ritmo e temporalidades e sendo assim precisamos criar e fortalecer formas de comunicar que possam ser mais abrangentes, horizontais e acessíveis.

A concepção de feminismo enquanto esforço coletivo também está presente no pensamento de Angela Davis (2017). Tanto como intelectual como ativista Angela Davis trabalha com temáticas que se referem de maneira mais prática e direta ao contexto de mulheres trabalhadoras e em contextos de vulnerabilidade diversos e destaca a importância do enfrentamento coletivo dessas questões, nesse sentido a concepção de empoderamento e movimento de mulheres negras que Davis apresenta também dizem respeito a um processo coletivo:

O conceito de empoderamento não é novo para as mulheres afro-americanas. por quase um século, temos nos organizado em grupos voltados a desenvolver coletivamente estratégias que iluminem o caminho rumo ao poder econômico e político para nós mesmas e nossa comunidade” (p.15).

Segundo Angela Davis, mulheres negras estão preocupadas com salários, habitação, educação, violência policial e melhoria da qualidade de vida. A abordagem de problemas de ordem cotidiana no feminismo desenvolvido por Angela Davis ajuda na leitura e análise literária de *Americanah* à medida que propõe a problematização de uma realidade que é comum para população negra dos EUA e com a qual Ifemelu terá que lidar através das suas experiências assim como através das experiências de seus amigos e familiares.

Patricia Hill Collins (2019), em seu livro *Pensamento Feminista Negro* publicado nos Estados Unidos em 1990 apresenta duas ideias que contribuem para a análise literária que propomos neste trabalho. A primeira ideia diz respeito ao conceito de *outsider within* que ajuda a refletir sobre a experiência de Ifemelu e o seu trânsito por diversos espaços da sociedade estadunidense, dentre eles: a família de pessoas brancas (quando ela trabalha como babá na casa da prima de Curt), a universidade e o núcleo de pessoas negras politicamente engajadas (o grupo de convivência de Blaine).

Para entender o conceito de *outsider within* Patricia Hill Collins (2016), é preciso considerar que o pensamento feminista negro proposto por Collins “contém observações e interpretações sobre a condição feminina afro-americana que descreve e explica diferentes expressões de temas comuns” (COLLINS, 2016, p.101). Nesse sentido, o ponto de vista de mulheres negras, enquanto grupo, é fundamental para entender como se desenvolvem as opressões em sociedade.

Esse *status* de *outsider within* tem proporcionado às mulheres afro-americanas um ponto de vista especial quanto ao *self*, à família e à sociedade. Uma revisão cuidadosa da emergente literatura feminista negra

revela que muitas intelectuais negras, especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero (COLLINS, 2016, p.100).

O conceito de *outsider within* permite também criar diálogos com a atividade de Ifemelu como blogueira. Observar e escrever suas observações a partir de lugar de negra não americana é o principal objetivo de Ifemelu quando escreve os textos de seu *blog*, inclusive ela reforça a necessidade de só observar em um diálogo com Blaine e até atribui a sua experiência como pessoa nascida em um país de “terceiro mundo” para lidar com algumas questões:

Ifemelu tinha lhe dito que não entendia as honestidades rígidas e inequívocas que os americanos exigiam em seus relacionamentos. “Como assim?”, perguntara ele, com um tom que mostrava que estava pronto para discordar; Blaine acreditava em honestidades rígidas e inequívocas. É diferente para mim, e eu acho que é porque sou do Terceiro Mundo, dissera Ifemelu. **Ser uma filha do Terceiro Mundo é ter consciência de diversas instâncias e de como a honestidade e a verdade sempre vão depender do contexto** (ADICHIE, 2014, p.346, grifos nossos).

Como afirma Collins (2016), a subjetividade do homem branco sempre está no centro das análises, sendo assim, o ponto de vista da mulher negra como cidadã, intelectual, escritora sempre é colocado à margem. Collins (2000) propõe, portanto, que ser uma *outsider within* promove uma distância e um ângulo que também permitem encontrar uma voz e construir conhecimento.

Como explica Djamilia Ribeiro (2017), Collins mostra que é importante aprender a tirar vantagem do lugar de *outsider*, “pois este espaço proporciona às mulheres negras um ponto de vista especial por conseguirem enxergar a sociedade através de um espectro mais amplo” (RIBEIRO, 2017, p.46). Ao trazer para a arena pública observações sobre o conflito das relações étnico-raciais na sociedade estadunidense pelo seu ponto de vista como nigeriana e mulher negra, Ifemelu mostra como essa não é uma questão bem resolvida no projeto de sociedade estadunidense.

Dessa maneira, o romance de Adichie também propõe uma desestabilização importante e necessária: a mulher negra em diáspora protagonizando discussões e processos de produção de conhecimento sobre os Estados Unidos. Chimamanda Adichie cria, portanto, uma personagem que mesmo ocupando um lugar de estrangeira, vinda da África (e todos os estereótipos que estão ligados a esse lugar),

não está limitada ao perfil em que sempre tentam encerrar as representações das mulheres negras.

A segunda ideia de Collins (2000) que contribui para a análise literária de *Americanah* trata da representação de mulheres negras. Segundo a estudiosa, na busca pela manutenção do *status quo* de opressão, imagens negativas de mulheres negras tem sido reforçadas. Constantemente mulheres negras são representadas majoritariamente como cuidadoras, matriarcas, beneficiárias da Assistência Social ou como mulheres sedutoras. Segundo a autora:

A ideologia dominante na era da escravidão estimulou a criação de várias imagens de controle inter-relacionadas e socialmente construídas da condição da mulher negra que refletiam o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras. Além disso, como negras e brancas eram importantes para que a escravidão continuasse, as imagens de controle da condição de mulher negra também funcionava para mascarar as relações sociais que afetavam todas as mulheres (COLLINS, 2019, p.140).

Patricia Hill Collins afirma que “de acordo com o culto da verdadeira condição de mulher, associado ao ideal tradicional de família, as mulheres de ‘verdade’ tinham quatro virtudes fundamentais: piedade, pureza, submissão e domesticidade” (COLLINS, 2019, p.140). A feminista negra explica que para as mulheres negras, no entanto, as imagens de controle são outras e identifica, como exemplo, cinco principais imagens de controle pelas quais mulheres negras são especificamente representadas e retratadas: a *mammy*, a matriarca, a mãe dependente do Estado, a rainha da assistência social e a *jezebel*.

Não há problema em ser cuidadora, matriarca, beneficiária de programas assistenciais, a questão é que mulheres negras mesmo nos discursos ficcionais são representadas de maneira restrita o que acaba fortalecendo estereótipos, há uma mensagem nesse tipo de representação que transmite a ideia de que mulheres negras não podem ir além desses lugares. Segundo Collins:

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam idéias sobre a condição da mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos. [...]. Eles fazem isso explorando símbolos já existentes ou criando novos. **Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana** (COLLINS, 2019, p.135-136, grifo nosso).

Portanto, para pensar o desenvolvimento de Ifemelu como personagem, utilizamos também o conceito de imagens de controle sobre a mulher negra, proposto por Patricia Hill Collins (2019). Segundo a pesquisadora Winnie Bueno:

As imagens de controle são definidas por Patricia Hill Collins como uma representação específica de gênero para pessoas negras que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica. As imagens de controle se diferenciam das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade. Patricia Hill Collins explica como que as imagens de controle são articuladas a partir de alguns exemplos específicos, mas são inúmeras as possibilidades de articulação de imagens de controle que apresentam-se enquanto a dimensão ideológica do racismo e do sexismo e que são historicamente manipuladas como uma forma de controlar o comportamento e os corpos de mulheres negras, obstaculizando os processos de subjetivação dessas mulheres, sua autonomia e também o exercício da cidadania (BUENO, 2019, p.1).

Entender em quais imagens estereotipadas as concepções eurocênticas tentam confinar a experiência das mulheres negras é importante para abordar a complexidade da criação de personagens que ultrapassem essas imagens de controle. Ifemelu universitária, bem sucedida na carreira como blogueira (um nicho de mercado muito em evidência atualmente no mundo ultra conectado), com relacionamentos amorosos e familiares complexos foge dessas imagens de controle.

A perspectiva de Patricia Hill Collins (2000) contribui com esse trabalho também por chamar a atenção para uma ideia de feminismo que contemple o ponto de vista da mulher negra e o reconhecimento das diferenças étnicas e de classe entre mulheres, segundo ela:

embora as intelectuais negras há muito expressem uma sensibilidade feminista distinta, de influência africana, sobre a intersecção de raça e classe na estruturação do gênero, historicamente não temos sido participantes plenas das organizações feministas criadas por brancas” (COLLINS, 2019, p.36).

Patricia Hill Collins esclarece que os homens brancos de elite controlam as estruturas de validação do conhecimento no Ocidente e, dessa forma, são os interesses desse grupo que estão presentes nos temas, paradigmas, teorias da produção de conhecimento. Considerando esse contexto, o que acontece com a experiência das mulheres negras? Collins explica: “Conseqüentemente, as experiências das mulheres negras estadunidenses, e de todas as afrodescendentes, foram sistematicamente distorcidas ou excluídas do que conta como conhecimento” (COLLINS, 2019, p.401).

Como bem ressalta Chimamanda Adichie (2015): “Lógico que sou um ser humano, mas há questões particulares que acontecem comigo no mundo porque sou mulher” (ADICHIE, 2015, p.46) e como Patricia Hill Collins explica, o pensamento do feminista negro traz os temas presentes na experiência, na biografia das mulheres negras, no entanto, “expressar esses temas e paradigmas não é fácil, porque mulheres negras têm de fazer frente ao modo como os homens brancos interpretam o mundo” (COLLINS, 2019, p.402).

Gayatri Spivak (2012) apresenta dois questionamentos fundamentais que contribuem para a discussão apontada pelo feminismo negro. A professora indiana se pergunta: “Pode o subalterno falar?” e “O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno?” (SPIVAK, 2012, p.110). A explicação de Collins no parágrafo anterior permite vislumbrar respostas para os questionamentos de Spivak.

Para Spivak, a questão da mulher é a mais complexa nesse contexto e sendo mulher, negra e pobre está envolvida de três maneiras. No entanto, apesar dos avanços e esforços para resgatar informações em áreas silenciadas e participar da luta antissexista nos países ditos de primeiro e terceiro mundo, para Spivak “a mulher subalterna continuará tão muda como sempre esteve” (SPIVAK, 2012, p.112) e conclui o seu ensaio dizendo que “o subalterno não pode falar. Não há valor atribuído à ‘mulher’ como item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu” (SPIVAK, 2012, p.146).

Djamila Ribeiro (2017) problematiza a colocação da intelectual indiana caso seja tomada como absoluta: “será que o subalterno nunca rompe o silêncio?”. Segundo Djamila Ribeiro:

mulheres negras vêm historicamente produzindo saberes e insurgências. Colocá-las num lugar de quem nunca rompe silêncio, mesmo como todos os limites impostos estruturalmente, seria confiná-las na mesma lógica que vem se combatendo? Seria confiná-las num beco sem saída, sem qualquer possibilidade de transcendência. Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias (RIBEIRO, 2017, p.75).

Lívia Natália de Souza Santos contribui também com sua leitura sobre a ideia de Spivak. Segundo Santos (2011), “Gayatri Spivak, em seu texto dedica-se a, apontando uma limitação na posição de Gilles Deleuze e Michel Foucault acerca da representação do Outro enquanto Sujeito descentrado, denunciar que o subalterno

não consegue falar por que ele é sistematicamente não silenciado, mas falado pelo outro” (SANTOS, 2011, p.111).

A explanação de Livia Natália esclarece o quanto o saber das mulheres e as suas experiências são colocados no lugar de objeto de estudo, onde outro grupo (dominante) vai estudá-los e explicá-los ao invés de tratar essas formas de conhecer o mundo, como necessárias para sustentar e de produzir conhecimento, por exemplo, conhecimento científico.

Por considerar que o saber produzido por mulheres negras é um importante lugar de potência, de voz ativa e entendendo que “os feminismos constituem um saber de ponta, desconstruindo narrativas mestras, fundadoras do poder patriarcal” (NAVARRO-SWAIN, 2013, n.p), a discussão aqui proposta acredita que o “tornar-se mulher” acontece em meio a lutas e nesse processo, o encontro entre literatura e feminismo negro é capaz de questionar os lugares de silenciamento impostos às mulheres.

Logo, destacamos neste trabalho dissertativo a construção do protagonismo de Ifemelu e a criação do *blog* como eixos importantes para a análise da narrativa por acreditar que a mulher negra pode sim falar por si mesma, romper silêncios, inclusive já vem falando e expondo sua perspectiva há muito tempo, mas as barreiras impostas pelos padrões centralizados na subjetividade de homens brancos euro-americanos dificulta que sejam ouvidas.

O feminismo negro possibilita amplificar as vozes de mulheres negras quando apresenta um extenso arcabouço teórico que concebe essas mulheres não só como participantes da História, mas como escritoras dessa História, como sujeitos agentes e não objetos expectadores.

Portanto, argumentamos que o feminismo negro, enquanto resistência e epistemologia, contribui para essa discussão teórica ao oferecer bases e conceitos para pensar a experiência de mulheres negras na e a partir da Literatura. Além disso, a concepção de feminismo negro que apresentamos aqui dialoga com a abordagem que fizemos da diáspora africana no tópico anterior, principalmente no que diz respeito à superação de essencialismos e universalismos.

Buscar a superação desses essencialismos é uma concepção que defendemos a todo instante neste trabalho, por isso iniciamos a discussão teórica alertando para os perigos das únicas histórias. No primeiro tópico do capítulo

tratamos do perigo da história única sobre a África que pode enviesar nossa abordagem das produções artísticas culturais do continente. Ao abordar o Atlântico negro com Paul Gilroy, Dupla Consciência de W.E.B Du Bois, Crioulização de Édouard Glissant e o Feminismo Negro oferecemos argumentos para justificar que o estudo da literatura da diáspora africana, de obras de autores e autoras negras, podem ser estratégias para enfrentarmos os essencialismos nos estudos literários e nas ciências humanas.

O título deste tópico traz um verso do poema “Ainda assim eu me levanto” de Maya Angelou já citado anteriormente. A escolha por um trecho desse poema para dar nome ao tópico sobre feminismo negro se justifica porque há uma estrofe que é capaz de traduzir o que significa estudar e pesquisar a literatura criada por uma escritora nigeriana negra a partir do feminismo negro (e da diáspora africana também): “[...] De um passado que se ancora doloroso/Eu me levanto/Sou um oceano negro, vasto e irrequieto/ Indo e vindo contra as marés me elevo” (ANGELOU, 2018, p.27).

Apesar dos oceanos de adversidades que enfrentam e enfrentaram, mulheres negras se elevaram e seus saberes e posicionamentos construíram caminhos que podemos percorrer hoje desafiando a noção de fixidez em qualquer lugar. O legado dessas mulheres não cabe em ondas, pois é oceano.



## CAPÍTULO 2

### **“GAROTAS COMO EU COM A PELE COR DE CHOCOLATE”: DIÁLOGOS SOBRE PERSONAGENS E PROTAGONISMOS NA LITERATURA AFRODESCENDENTE**

“We do not usually associate wisdom with beginners, but here is a new writer endowed with the gift of ancient storytellers. Adichie knows what is at stake, and what to do about it.”<sup>11</sup> (Chinua Achebe sobre Chimamanda Adichie)

“A coisa que mais amo, que dá sentido à minha vida, é escrever. Essa é minha maior alegria, e acredito profundamente que nasci com essa dádiva de contar histórias. As outras coisas, sabe, ser ícone feminista, da moda surgiram por causa da escrita [...] Quero ser reconhecida como romancista. Como contadora de histórias que por acaso é feminista” (ADICHIE, 2019, p.77).

“As pessoas sempre ficavam lisonjeadas quando Ifemelu perguntava sobre a vida delas e, se ela não dissesse nada depois que começassem a responder, isso só fazia com que falassem mais. Eram condicionadas a preencher silêncios. Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente “Tenho um blog sobre comportamento”, porque dizer ‘Tenho um blog anônimo chamado Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana’ os deixava constrangidos.” (ADICHIE, 2014, p.10).

Anteriormente discutimos concepções teóricas que contextualizam a maneira como abordamos o romance *Americanah* e como a leitura sociológica e histórica sensibiliza nosso olhar para a pesquisa e análise literária. Neste capítulo trataremos dos conceitos e concepções no campo dos estudos literários que fundamentaram a análise de *Americanah*. Os próximos tópicos apresentam como construímos nossa leitura sobre Literatura Afrodescendente, Personagem e Protagonismos, destacando também o projeto literário e biografia de Chimamanda Ngozi Adichie.

---

<sup>11</sup> Tradução nossa: “Geralmente não associamos sabedoria a principiantes, mas aqui está uma nova escritora dotada do dom de antigos contadores de histórias. Adichie sabe o que está em jogo e o que fazer a respeito”.

### **2.1. “É literatura da boa, o tipo de história que as pessoas ainda vão ler daqui a duzentos anos”: *Americanah* a partir de uma teoria crítica brasileira**

“É literatura da boa, o tipo de história que as pessoas ainda vão ler daqui a duzentos anos”, disse ela. “Você fala igual à minha mãe.” (ADICHIE, 2014, p.472).

Quando publicou um post escrito [...] sobre o fato de o governo estar demolindo as barracas dos vendedores ambulantes, alguém deixou um comentário anônimo dizendo *Isso parece poesia*. (ADICHIE, 2014, p.509).

Em entrevistas, palestras e textos Chimamanda Adichie sempre se refere a si mesma como contadora de histórias. Boa parte de suas conversas destacam essa sua característica e as duas primeiras epígrafes desse capítulo são um exemplo disso. Adichie conta histórias em seus romances, contos e também em suas palestras. Inclusive é comum que suas palestras sejam recheadas de histórias do seu cotidiano, sobre Lagos, sobre sua família ou diálogos com pessoas conhecidas ou desconhecidas.

Podemos perceber isso claramente em *Sejamos Todos Feministas* e *Perigo de uma única história* quando a escritora relata sobre o amigo que morreu em um acidente de avião e que foi a primeira pessoa a lhe chamar de feminista ou como ensaiou seus primeiros passos como escritora ainda na infância. Chimamanda Adichie está sempre criando novas histórias ao contar histórias e essa é a principal forma que ela comunica ao mundo o que pensa e como pensa.

Para fundamentar nossa abordagem sobre o projeto literário de Adichie reunimos palestras e entrevistas em vídeo disponíveis, principalmente, na plataforma de vídeo *Youtube* e consultamos, obviamente, o site da professora Daria Tunca da Universidade de Liège que reúne e atualiza um vasto material a respeito da obra de Chimamanda Adichie, como entrevistas, críticas sobre seus livros e trabalhos acadêmicos que analisam o projeto literário da escritora.

Considerando as peculiaridades de trabalhar com esse material (vídeos e relatos autobiográficos orais e escritos) é sempre importante lembrar que para a tradição afrodescendente o relato de experiência, a memória, a autobiografia e a oralidade são dimensões fundamentais.

Através do seu testemunho, Adichie conta ao mundo histórias que tratam da experiência de ser mulher e ser negra nos países onde vive e assim, perpetua a

memória de seu tempo o que remete a definição de oralidade apresentado por J.Vansina (2010): “a tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra” (VANSINA, 2010, p.140).

Destacamos essas manifestações orais no projeto literário de Adichie para ressaltar que durante muito tempo os estudos sobre a história e as manifestações artísticas e culturais do continente africano foram menosprezados por causa do não reconhecimento da importância da tradição oral, ou seja, não se reconhecia que muitas civilizações africanas eram povos da palavra falada e como J. Vansina esclarece “seria um erro reduzir a civilização da palavra falada a uma negativa, ‘ausência do escrever’ [...] a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (VANSINA, 2010, p.139-140).

Contando suas histórias Chimamanda Adichie mostra ao mundo uma parte da Nigéria e da história e política do país (os romances *Meio Sol Amarelo* e *Hibisco Roxo* são exemplos), apresenta a etnia *igbo*, indica escritores e escritoras nigerianas, ou seja, dessa maneira ela ajuda a preservar a memória de seu país e de seus povos através de seus testemunhos em suas palestras, entrevistas e na sua própria ficção.

Quando Chinua Achebe, eminente poeta e romancista nigeriano, ao comentar o romance *Meio Sol Amarelo* disse que Chimamanda Adichie era uma escritora dotada “com o dom dos antigos contadores de história”, ele ressaltou o quanto saber contar histórias como os seus ancestrais é algo digno de reconhecimento, é uma maneira de elogiar não só a pessoa individualmente, mas demarcar a importância do grupo, do povo.

Dessa maneira, por essa declaração de Achebe e pelo modo como Adichie se apresenta oralmente e desenvolve sua escrita, é impossível não conectarmos essa escritora à figura do *griot*. Os *dielis*, como também são chamados os *griots* no grupo étnico *bambara*<sup>12</sup>, podem ser considerados cronistas, narradores da História dos povos africanos. Amadou Hampâté Bâ (2010) define os *griots* “como espécie de trovadores ou menestréis que percorrem o país ou estão ligados a uma família” que

---

<sup>12</sup> Segundo Souza (2011, p.13): “Grupo étnico tradicional da África Subsaariana, mais precisamente da savana africana que se estende de leste a oeste ao sul do Saara, território que antigamente era chamado de Bafur (isto é, a antiga África ocidental francesa, com exceção das zonas de florestas e da parte oriental da Nigéria), onde, atualmente, se situam países como Mali, Senegal e Gana”.

animam recreações populares e foram agentes ativos no comércio e cultura humana (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.195).

Em *bambara* a palavra *dieli* quer dizer sangue, uma clara referência à função vital dos *griots* para as comunidades africanas. Segundo Hampâté Bâ explica, “tal como o sangue, eles circulam pelo corpo da sociedade, que podem curar ou deixar doente, conforme atenuem ou avivem os conflitos através das palavras e das canções” (HAMPÂTÉ BÂ, p.195). Lima e Hernandez (2010) também ressaltam a função vital dos *griots* ao afirmarem que o sangue faz circular vida e assim também um “*diéli* faz circular a história dentro da sociedade. É ele que não deixa morrer a história de uma pessoa, de uma família, de um clã, de um país. É isso que significa ser um *diéli*<sup>13</sup>” (LIMA; HERNANDEZ, 2010, p.15).

Amadou Hampâté Bâ apresenta ainda classificações que distinguem os *griots* a partir de tarefas, habilidades e competências específicas: *griots* músicos, *griots* embaixadores e *griots* genealogistas, este último grupo diz respeito aos “historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), que em geral são igualmente contadores de história e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.193).

A figura do *griot* é preponderante para a História do continente africano porque destaca a importância das transmissões orais e populares entre povos, comunidades e pessoas e como fizemos questão de tratar no capítulo passado as histórias são importantes estratégias para humanizar povos que tiveram sua dignidade aviltada, para criar ou romper vínculos, resgatar memórias e apresentar novas perspectivas.

As definições e caracterizações propostas por Hampâté Bâ (2010) e por Lima e Hernandez (2010) a respeito dos *griots* dialogam com características do projeto literário de Chimamanda Adichie e da própria escritora que mencionamos anteriormente. Quando Adichie escreveu o romance *Meio Sol Amarelo*, por exemplo, que tem como contexto político e social a Guerra de Biafra ela o fez motivada pela necessidade de resgatar uma parte da história da sua família, mas também do seu país, já que muitas vezes as pessoas demonstravam resistência em trazer esse assunto à tona.

---

<sup>13</sup> As autoras usam a grafia “*diéli*”, enquanto no texto de Amadou Hampâté Bâ é escrito “*dieli*”. Optamos por usar a forma de escrita de Hampâté Bâ.

Chimamanda Adichie viaja pelo mundo todo contando histórias do seu país e essas viagens não são somente através do seu próprio deslocamento físico, mas suas histórias em seus romances, contos, palestras e entrevistas levam para o mundo a História e os modos de ser da Nigéria, além das experiências da própria autora em seu contato com outros mundos.

Saber narrar modos de existência, trazer para o tempo presente a memória, as lembranças passadas, esquecidas ou pouco valorizadas, além de envolver público e narrador é o que revela a arte do contador de histórias, essas habilidades são relacionadas constantemente aos *griots*, como lembra Hampâté Bâ (2010), e podem ser encontradas na obra de Chimamanda Adichie e sendo assim, não há por que estranhar o comentário que Chinua Achebe fez a respeito de Adichie e seu livro.

Ressaltamos ainda que em *Americanah*, Chimamanda Adichie também cria uma personagem que se revela como uma cronista de seu tempo. Ifemelu em seus textos se utiliza de histórias do cotidiano para explicar de que maneiras o racismo e o sexismo se infiltram ou se manifestam na vida das pessoas negras, relata suas próprias vivências ou de amigos e familiares para que pessoas (de variadas etnias e grupos sociais) possam refletir sobre questões de gênero e étnico-raciais, ou seja, sobre temáticas que marcam a existência e a história das pessoas no mundo.

Os contadores de história são importantes em todos os povos da humanidade obviamente, mas aqui ressaltamos os contadores de história do continente africano por considerar o contexto de exploração, violência e sequestro em que as comunidades e sociedades da África tiveram que viver e que ajudou a fabricar diversas narrativas sobre esse continente que perduram até hoje.

Para todos os povos contar histórias é necessário, mas tratando de grupos, países e povos que passaram (e ainda passam) por processos de subalternização, a preservação e transmissão da memória são importantes tanto por uma questão de sobrevivência quanto para afirmação de pontos de vistas e perspectivas que foram ignoradas e silenciadas durante séculos.

Graças aos contadores de histórias e a tradição oral dos povos africanos muitas de suas histórias puderam ser salvas e passadas adiante, apesar, por exemplo, das investidas da empresa colonialista no continente e das próprias disputas de poder internas. Ainda assim, muito da cultura também foi se perdendo porque a transmissão para as próximas gerações foi comprometida por causa das

migrações, guerras e valorização acrítica e excessiva de valores ocidentais.

Dessa maneira, também consideramos que “certamente, a forma de narrar/cantar do *griot* migrou com os milhões africanos transplantados para as Américas” (SOUZA, 2017, p.118). Logo, acreditamos que as produções artísticas dos afrodescendentes da diáspora, como a Literatura, também trazem a marca desses contadores de histórias ancestrais.

Abordando a Literatura como um sistema vivo que oferece possibilidades outras de pensar/refletir sobre a experiência humana e não esquecendo que esse sistema é marcado pelas relações de poder vigente em nossa sociedade, adotamos neste trabalho uma concepção de Literatura que assume a perspectiva identitária de um sujeito diaspórico. Sendo assim, também nos fundamentamos na definição de literatura afrodescendente proposta por Elio Ferreira de Souza (2017):

A literatura afrodescendente nasceu na encruzilhada cultural da Diáspora do Novo Mundo, no lugar da negralização da memória identitária por meio do processo de reterritorialização da cultura africana nas Américas. Lugar de trânsito dos cantos, das canções, das narrativas da tradição popular, da fala e do deslocamento da escrita ocidental. Dizemos que a escrita negra é feita de “vestígios”, de fragmentos da cultura dos povos negros que transplantaram a África para o Novo Mundo e das relações destes e seus descendentes com a cultura de outros povos (SOUZA, 2017, p.58).

Partimos da conceituação de literatura afrodescendente para analisar o romance de Chimamanda Ngozi Adichie porque nos interessa reforçar o caráter diaspórico da experiência da protagonista do romance e seu encontro com os modos de vivência da sociedade estadunidense que continua profundamente marcada pelas questões étnico-raciais forjadas pelo tráfico transatlântico, pela escravidão e políticas segregacionistas. Como explicado anteriormente, a escravidão, o racismo, os mecanismos jurídicos, sociais e políticos de segregação da pessoa negra nos Estados Unidos influenciaram sobremaneira a condição desse grupo no país.

Quando os negros africanos foram sequestrados de sua terra de origem conheceram, de maneira violenta, o que significava a marcação racista por causa da cor da pele e da origem africana e assim, o tornar-se negro nas Américas representa um divisor de águas importante na história e na condição da pessoa negra no mundo e na História. Essa descoberta de como é ser visto, e subjugado, por ser negro marca o modo como pessoas negras se pensam no mundo, como W.E.B. Du Bois já explicou.

Tornar-se negra nos Estados Unidos, portanto, também marcou a experiência de Ifemelu (e de Chimamanda Adichie) no mundo, a compreensão do que isso significa provocou uma série de desterritorializações que impuseram conflitos específicos em seus processos de produção de subjetividade e essa experiência está completamente relacionada com a diáspora africana. Dessa maneira, argumentamos que o romance *Americanah* evidencia “a alteridade, a diferença do discurso literário negro, estratégia de contar e visão de mundo peculiar à obra dos afrodescendentes em Diáspora” (SOUZA, 2017, p.106).

Séculos após o primeiro desembarque de pessoas negras escravizadas nos EUA, Ifemelu, uma mulher negra vinda da Nigéria, também é apresentada ao significado de ser negro nos EUA, ou seja, vai descobrir como é ser posicionada em um lugar de identificação que até então não precisou usar em sua vida pregressa, em seu país de origem. Sobre esse processo de nomeação, Ifemelu escreve em um texto de seu *blog*: “Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga” (ADICHIE, 2014, p.239).

Como Cuti (2010) afirma, a literatura apresenta a história emocionada, é mais que uma informação fria do historiador e permite ao leitor experimentar emoções, dilemas e questionamentos que personagens representam nas narrativas, dessa maneira, “a literatura, além de técnica exige energia vivencial” (CUTI, 2010, p.94). Sendo assim, neste trabalho, especificamente neste tópico, buscamos desenvolver uma análise que lance luz sobre a técnica e a energia vivencial presentes no romance *Americanah* de Chimamanda Adichie.

Para propor uma análise literária do romance *Americanah* a partir de uma perspectiva teórica brasileira, tomaremos emprestados os cinco quesitos, apresentados por Eduardo de Assis Duarte (2011), que devem ser observados nos estudos sobre narrativas negras. Esses identificadores conceituais propostos pelo autor são: *temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público-leitor*. Utilizamos esses identificadores conceituais citados como categorias norteadoras para pensar e desenvolver a leitura analítica do romance aqui abordado por entender que eles sinalizam campos de preocupação que contribuem tanto para o trabalho da crítica literária quanto no trabalho pedagógico para a formação de leitores.

Eduardo de Assis Duarte (2011) propõe esses identificadores para pensar o pertencimento de textos à literatura afro-brasileira. Ainda assim, acreditamos ser possível abordar um romance originalmente escrito na língua inglesa, de autora nigeriana, como *Americanah*, a partir desse olhar teórico brasileiro porque, como já mostramos no decorrer desse texto, a experiência diaspórica é tema que sempre buscamos destacar e, além disso, identificamos no romance de Adichie “um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo” (DUARTE, 2011, p.384).

Chimamanda Adichie relata que escreveu *Americanah* pensando em abordar a temática das negritudes tendo em vista que é necessário e fundamental destacar e contar a história dos negros afro-americanos para outras pessoas, inclusive grupos de pessoas negras que não são afro-americanos, nesse sentido a intenção da autora dialoga com o identificador conceitual denominado *temática*.

Adichie, em *Americanah*, trata de dilemas contemporâneos presentes no cotidiano das pessoas negras, a experiência da mulher negra em diáspora é a temática central no romance. Como Ianni (2011) e Duarte (2011) defendem, a temática trata de abordar não só o sujeito afrodescendente em sua dimensão individual, mas todo o quadro de referência humana, cultural e artística que alimenta a literatura de autoria afrodescendente.

Quando Chimamanda Adichie decidiu escrever *Americanah*, a escritora relata que gostaria de escrever sobre o que significa se tornar negra, sobre como ela mesma rejeitou essa identificação e a complexidade desse processo, percebemos aqui, o encontro entre a energia vivencial, o ponto de vista, o lugar de enunciação e a temática. Sobre o processo de criação de *Americanah*, Chimamanda Adichie explica que:

Uma das coisas sobre as quais gostaria de escrever era sobre negritude e a enorme variedade de negritude que há, se isso fizesse sentido. Eu não pensei em mim como negra até chegar aos EUA e então descobrir a negritude, me tornar negra na América era uma das coisas sobre a qual eu queria escrever, sobre o que eu queria dizer que significava, sobre como eu comecei a afastar isso, rejeitando isso, dizendo para as pessoas na graduação “não, eu não sou negra eu sou nigeriana”. E percebo agora que isso é um indício do racismo na América. Por que eu estava rejeitando a negritude? Quero dizer, se a negritude é completamente livre de valor, por que eu estava rejeitando? Mas eu estava rejeitando porque eu sabia que neste país isso não é algo livre de valor, é algo que é automaticamente ligado a todos os tipos de estereótipos negativos. [...] **Mas eu queria escrever sobre como é importante para nós, pessoas negras que não somos afro-americanos, nos envolvermos com a história dos afro-**



**americanos e para entendermos como muito do que podemos fazer hoje é realmente uma consequência direta de sacrifícios que foram feitos por afro-americanos<sup>14</sup> (ADICHIE, 2018, n.p, grifos nossos).**

Sem dúvida, essa intenção, a preocupação em falar sobre negritudes, no plural, valorizando a experiência diversa que significa ser negro, e a forma como Chimamanda Adichie desenvolve a dinâmica da narrativa e cria personagens em *Americanah* evidencia também, para usar as palavras de Elio Ferreira de Souza (2017), “a encruzilhada cultural da diáspora no Novo Mundo” (SOUZA, 2017, p.58).

Vale ainda destacar que a fala de Adichie enfatiza a noção de negritude, destacando a importância coletiva das conquistas do povo negro nos EUA, ou seja, ela traz para a temática do seu romance não só sua vivência individual, mas “o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre” a história, a literatura do povo negro (DUARTE, 2011, p.385).

Sendo assim, não podemos deixar de ressaltar que a palavra negritude, sua importância e origem histórica se relacionam justamente com o desenvolvimento de movimentos literários e culturais de intelectuais negros, como Nei Lopes explica:

*Négritude*: Neologismo surgido na língua francesa, na década de 1930, para significar: a circunstância de se pertencer à grande coletividade dos africanos e afrodescendentes; a consciência da pertença a essa coletividade e a atitude de reivindicar-se como tal; a estética projetada pelos artistas e intelectuais negros baseados nessa consciência; o conjunto de valores civilizatórios africanos no continente de origem e na Diáspora. O termo aparece impresso pela primeira vez no poema “Cahier d’un retour au pays natal”, de Aimé Césaire, publicado em 1939. [...] O ideário da *négritude* assentava-se na afirmação da identidade africana, pregando o entendimento de que os negros do continente africano e da Diáspora deveriam lutar por seus direitos fundamentais e de que os negros do mundo inteiro teriam um compromisso ideológico uns com os outros. (LOPES, 2010, p.622).

Podemos afirmar ainda que o *Harlem Renaissance* que influenciou o movimento da *Négritude* também é uma das contribuições do povo afro-americano

---

<sup>14</sup> Tradução Nossa: “One of the things that I wanted to write about is blackness and the wide range of blackness, if that make sense. I didn’t think of myself as black until I came to the US and so discovering blackness, becoming black in America was one of the things I wanted to write about and what I meant and how I started off pushing it away, rejecting it, saying to people in undergrad they would say black students, I’d be like no I’m not black I’m Nigerian. And I realize now backing back that its even that I did that is an indictment of racism in America. Why was I rejecting blackness? I mean if blackness is completely value free, why was I rejecting? But I was rejecting it because I knew that in this country it’s not value free that is automatically something to which all kinds of negative stereotypes. But I wanted write about how important it is for us as people who are black, but not African-american, to engage with the history of African-americans and to understand how there’s a lot that we’re able to do today that is really a direct consequence of sacrifices that were made by African-americans”

que se encaixa perfeitamente na citação de Adichie quando a autora chama a atenção para o legado de luta dos negros dos Estados Unidos e suas consequências para outros grupos de pessoas negras. Sobre esse movimento de artistas e intelectuais negros que objetivava a conscientização do povo negro sobre sua potência e sua condição, Maria Nazareth Fonseca (2011) afirma:

Nas primeiras décadas do século XX, surgem, nos Estados Unidos, diversas manifestações literárias que, num sentido geral, ficaram conhecidas como Renascimento Negro Norte-Americano. Esse movimento, através de suas vertentes – o Black Renaissance, o New Negro e o Harlem Renaissance – se pautou pela assunção dos vínculos que o ligavam ao continente africano e pela rejeição dos valores defendidos pela chamada “white middle-class” norte-americana. Várias publicações lançadas na década de 1920 constituem contribuições importantes do movimento e de suas vertentes por tocarem em questões relacionadas com a segregação vivida pelo negro norte-americano e na luta pela conscientização dos seus direitos como cidadão. [...]. O Renascimento Negro Norte-Americano, em suas diferentes vertentes, assume, como se percebe, tanto a variada produção artístico literária inspirada pela exclusão dos afrodescendentes, nos Estados Unidos, quanto às questões ligadas à exclusão sofrida pelos negros numa sociedade que apresentava barreiras sólidas para a separação dos indivíduos de pele negra (FONSECA, 2011, p.245-246).

O *Harlem Renaissance* enquanto movimento artístico marcado pelo compromisso com a luta pelos direitos dos afrodescendentes e contra o racismo contribuiu nesse esforço através de uma produção literária de escritores e escritoras entres os anos 1920 e 1930 que é “responsável pela afirmação de uma *blackness*, uma consciência de ser negro, que fortaleceu a luta pelos direitos civis dos afro-americanos” (FONSECA, 2011, p.246). A influência desse movimento se espalhou mais tarde pelo mundo e assim a noção do que seja negritude foi sendo ampliada e reconhecida por diversos intelectuais em vários países.

Tanto os movimentos literários que surgiram do Renascimento Negro Norte-Americano quanto o Movimento da Negritude destacaram a importância de abordar a condição de vida social e política das pessoas negras ao redor do mundo e essa preocupação se refletia na preocupação técnica e estética de escritoras e escritores em suas obras. Apresentamos uma breve definição e contextualização histórica desses movimentos para realçar a importância do encontro entre essa experiência da negritude e a Literatura e o quanto as contribuições desse encontro fornecem reflexões para pensar a autoria de Chimamanda Adichie em *Americanah*.

Eduardo de Assis Duarte (2011) ressalta que só o fato de um autor ser negro não torna o texto literário representante da literatura afrodescendente, pois é preciso que se compreenda a questão da autoria não somente como “um dado exterior’,

mas como uma *constante discursiva* integrada à materialidade da construção literária” (DUARTE, 2011, p.388). O modo como Adichie se apropria dos dilemas dos negros vivendo nos EUA e na Europa demonstra o quanto essa constante discursiva se manifesta na construção literária criada pela escritora nigeriana.

No romance, o principal confronto que a experiência da diáspora apresenta aos personagens que vieram da África é o impacto de ser nomeado como pessoa negra e os estereótipos que cercam essa definição. Não diz respeito somente a ser descrito como negro, mas o que esse vocábulo representa para a sociedade estadunidense e como manejar a visão de si mesmo construída na terra natal com essa experiência.

Ao apresentar, através de seus personagens e tramas, diversas maneiras de ser uma pessoa negra nos EUA ou na Europa, *Americanah* questiona a estereotipia na qual as personagens negras muitas vezes estiveram limitadas. Argumentamos que essa capacidade de *Americanah* questionar essas estereotipias de representação se deve à “interação entre *escritura e experiência*” que Duarte (2011) considera relevante para pensar a *autoria* nas narrativas negras.

O romance de Adichie, podemos afirmar, é marcado por traços autobiográficos que entrelaçam a ficção e a prosa com o testemunho (DUARTE, 2011). Vale ressaltar ainda que os traços autobiográficos da autoria presentes em *Americanah* não se restringem somente à protagonista Ifemelu, episódios e posicionamentos presentes nas tramas de outros personagens estão relacionados à experiência de Adichie nos EUA.

Além disso, as marcas autobiográficas também aparecem através da apresentação da Nigéria (e suas problemáticas) no romance, não há uma imposição de uma Nigéria idealizada, mas tão pouco uma representação de um país africano de maneira estereotipada, quando Adichie fala da Nigéria (antes e depois da ida de Ifemelu aos Estados Unidos) a autora retrata muito do que foi sua experiência quando retornou da graduação nos EUA.

Nesse quesito, o contraponto entre ser uma pessoa negra nos Estados Unidos e voltar para a Nigéria também pode ser considerado uma marca autobiográfica de Adichie que Ifemelu compartilha. Sobre a experiência de (não) ser negra na Nigéria, o diálogo a seguir entre Ifemelu e Curt demonstra as diferenças que Adichie também ressalta em suas entrevistas e palestras.

“Era você que mandava aquelas somas enormes que eu recebia pelo blog?”, perguntou ela. “Não”, disse Curt, e Ifemelu não teve certeza se acreditava ou não. “Ainda está escrevendo um blog?” “Estou.” “Sobre questões raciais?” “Não, só sobre a vida. Falar sobre questões raciais não funciona bem aqui. **Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra.**” (ADICHIE, 2014, p.511, grifos nossos).

Outra marca autobiográfica que se mistura à ficção do romance é o lugar da escrita no desenvolvimento de Ifemelu. Como relatado anteriormente, Adichie quis escrever *Americanah* para falar sobre sua descoberta como pessoa negra a partir da sua experiência diaspórica, assim como acontece com Ifemelu quando a personagem decide levar adiante o projeto de escrever textos para um *blog* seu: “ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze?” (ADICHIE, 2014, p.320).

Os textos de Ifemelu para seu *blog*, constantemente interpelam ou falam sobre as experiências de pessoas negras vindas de outros países da África e os círculos de convivência de tia Uju e Ifemelu, por exemplo, também são representantes dos vários percursos diaspóricos que estão presentes nos Estados Unidos e que ampliam concepções a respeito de ser uma pessoa negra. A seguir um exemplo dessa noção:

“Você é da Nigéria?”, perguntou Mariama. “Sou”, disse Ifemelu. “Você é de onde?” “Eu e minha irmã Halima somos de Mali. Aisha é do Senegal”, respondeu Mariama. Aisha não ergueu os olhos, mas Halima sorriu para Ifemelu, um sorriso que, com sua calorosa cumplicidade, dava boas-vindas a outra africana; ela não teria sorrido para uma americana da mesma maneira [...] Ifemelu se abanou com uma revista. “Está tão quente”, disse ela. Pelo menos, aquelas mulheres não iam responder “Está com calor? Mas você é da África!”. (ADICHIE, 2014, p.17-18).

“Oi. Sou Wambui. Sou do Quênia. Você é nigeriana, não é?” Ela tinha um aspecto impressionante; uma pessoa que passava a vida corrigindo tudo e todos no mundo. “Sou. Meu nome é Ifemelu.” Apertaram as mãos. Nas semanas seguintes, surgiria entre as duas uma amizade fácil e duradoura. Wambui era a presidente da Associação de Estudantes Africanos. “Você não conhece a Associação? Precisa vir na próxima reunião, na quinta”, disse ela. As reuniões aconteciam no porão do Wharton Hall [...]. Nigerianos, ugandenses, quenianos, ganeses, sul-africanos, tanzanianos, zimbabuanos, um congolês e um guineano ficavam ali comendo, conversando, incentivando uns aos outros, e seus sotaques diferentes formavam redes de sons consoladores (ADICHIE, 2014, p.152).

O primeiro diálogo acontece no início da narrativa, no salão de beleza (*Mariama African Hair Braiding*) onde Ifemelu vai trançar o cabelo antes de voltar

para a Nigéria. Nesse lugar, mulheres de outros países da África (as atendentes e Ifemelu) conversam sobre como é viver nos Estados Unidos, mostram o que sabem sobre o país uma das outras, falam de si mesmas. A segunda citação trata dos tempos de faculdade de Ifemelu, já nos Estados Unidos, e apresenta outras pessoas (ganenses, ugandenses, quenianos, tanzanianos, etc.) vindas também de países da África trocando relatos sobre suas experiências na Universidade e nos EUA.

Apesar dos pontos de partidas, histórias e cotidianos diferentes entre os universitários e as cabelereiras, existem vivências que aproximam esses grupos distintos na diáspora que vivem. Ao trazer perspectivas diferentes Adichie rasura essa noção da África como bloco monolítico, engessado, questiona mais uma vez o perigo de uma única história e de uma única representação na Literatura.

Dessa maneira, o próprio romance se revela constantemente como um lugar de trânsito, trânsito de experiências, pessoas, perspectivas e relatos, das narrativas que provocam questionamentos sobre da escrita ocidental canônica, e ao mesmo tempo, afirma uma perspectiva afrodescendente.

Sobre o Salão de beleza é preciso ainda destacar mais uma questão que dialoga muito da perspectiva de literatura afrodescendente aqui adotada. No salão, enquanto as mulheres discutem suas vidas pessoais, relatam suas histórias, elas trançam cabelos e tempos.

Quando começam o procedimento no cabelo de Ifemelu, o tempo da narrativa também começa a ser entrelaçado, os pensamentos de Ifemelu no presente se misturam com a memória, as lembranças passadas de Ifemelu na Nigéria ou em outros momentos já nos Estados Unidos e com linha temporal de Obinze no presente.

Além disso, o cabelo também marca noção de tempo de acontecimentos significativos na vida Ifemelu. A relação entre Ifemelu e a mãe na infância da protagonista é um exemplo. A passagem a seguir ilustra como os tempos se entrelaçam na narrativa e como o cabelo marca eventos significativos:

[no salão de beleza]: “Você fala igbo com Chijioke. Ele ouve você”, disse Aisha. “Você fala igbo?” “É claro que falo igbo”, disse Ifemelu na defensiva, enquanto se perguntava se Aisha mais uma vez estava sugerindo que os Estados Unidos a tinham mudado. “Cuidado!”, acrescentou, porque Aisha tinha passado um pente de dentes minúsculos por uma madeixa. “Seu cabelo é duro”, disse Aisha. “Não é duro”, retrucou Ifemelu. “Você está usando o pente errado.” Ela tirou o pente das mãos de Aisha e colocou-o sobre a mesa.

[no passado de Ifemelu na Nigéria]: Ifemelu tinha crescido à sombra do cabelo de sua mãe. Era preto retinto, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão, tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosa, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração. Um dia, no ano em que Ifemelu comemorou seu décimo aniversário, sua mãe chegou do trabalho com um ar diferente. Suas roupas eram as mesmas, um vestido marrom cingido por um cinto, mas ela estava corada e com os olhos desfocados. “Onde está a tesoura grande?”, perguntou, e, quando Ifemelu a trouxe, ela ergueu-a e, mecha por mecha, cortou o cabelo todo. Ifemelu ficou observando de olhos arregalados, atônita. [...] Quando sua mãe entrou, Ifemelu deu um passo para trás, mas ela abraçou a filha com força. “Eu fui salva”, disse. “A sra. Ojo pregou para mim esta tarde durante o recreio das crianças e eu recebi Cristo. As coisas velhas passaram e tudo se tornou novo. Deus seja louvado. No domingo, vamos começar a ir à Igreja dos Santos Renascidos. [...] Naquela tarde, Ifemelu viu a essência da mãe se esvaír (ADICHIE, 2014, p.49-50).

O entrelaçamento de temporalidades, sobre o qual já apresentamos breve consideração no segundo tópico do capítulo anterior, é utilizado por Adichie em todo o romance, caracterizando assim a própria dinâmica, ritmo, da narrativa. Argumentamos assim que essa maneira como a autora relaciona o tempo com as tranças do cabelo de Ifemelu é um elemento que marca o *ponto de vista*, o lugar de enunciação afrodescendente como Eduardo de Assis Duarte colocou, ou seja:

O ponto de vista adotado indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação. Diante disso, a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes. É necessária ainda a assunção de uma perspectiva identificada à história, à cultura, logo, à toda problemática inerente à vida e às condições de existência desse importante segmento da população (DUARTE, 2011, p.391).

A relação da mulher negra com o seu cabelo, por exemplo, é uma problemática bastante presente na rotina e nas narrativas literárias e cinematográficas negras, essa parte do corpo mantém relação profunda com o modo como mulheres enxergam a si mesma em sociedade no que diz respeito à feminilidade, adequação e normalidade, como já explicamos no terceiro tópico do capítulo anterior.

Chimamanda Adichie ao falar sobre as temáticas que gostaria de tratar em *Americanah* também falou sobre a importância de abordar a relação entre mulheres negras e cabelo:

Eu acho que as pessoas fazem julgamentos sobre cabelo, acho que particularmente para as mulheres e particularmente para as mulheres negras. Eu penso, sabe, porque o mundo é esse lugar incrivelmente globalizado e o que definimos como beleza se tornou tão homogêneo e se tornou uma única coisa que para muitas mulheres negras ser bonita se

tornou parecer com Beyoncé e quando você não escolhe isso você se torna estranha [...] mas eu acho que uma das coisas sobre as quais eu queria escrever neste livro é sobre começar a rejeitar a ideia de que há uma maneira única de definir a beleza (ADICHIE, 2013, n.p)<sup>15</sup>.

Por isso, quando Adichie apresenta ao leitor uma protagonista que já no começo do romance aparece afirmando o lugar de importância do cabelo não há como não enxergar esse destaque ao cabelo como exemplo do quanto “a escritura negra é feita de “vestígios”, de fragmentos da cultura dos povos negros que transplantaram a África para o Novo Mundo e das relações destes e seus descendentes com a cultura de outros povos” (SOUZA, 2017, p. 58).

Sendo assim, ressaltamos que em *Americanah* o cabelo não é somente uma temática abordada que dialoga com as questões referentes à identidade e gênero. Concebemos, portanto, “o trançar do cabelo” como um recurso estilístico que pode ser usado para pensar sobre a questão do tempo no desenvolvimento da própria narrativa.

Em outros momentos que marcaram fases da vida de Ifemelu a relação com o cabelo esteve presente, como por exemplo, a conversão da mãe ao evangelho neopentecostal descrita anteriormente, quando Ifemelu passou pelo aconselhamento profissional na universidade dos EUA e a consultora de carreira sugeriu que ela tirasse as tranças e alisasse o cabelo e a fase em que deixou de usar a química e conheceu *blogs* com dicas de cuidado para cabelos crespos. Para entender a construção de Ifemelu como personagem protagonista de *Americanah* esses momentos são fundamentais.

Adichie amplia a noção de beleza não só como padrão estético para aparência das pessoas, mas como forma de desenvolver a narrativa de um romance, o modo como a escritora aborda o signo cabelo na narrativa, ora como recurso estilístico ora como conteúdo do universo das mulheres negras revela um domínio de uma *linguagem* literária capaz de falar sobre assuntos já recorrentes no campo de discussão e militância negra explorando suas nuances.

---

<sup>15</sup> Tradução Nossa: I think people do make judgments about hair, I think particularly for women and particularly for black women. I think, you know, because the world is this incredibly globalized place and what we define as beauty has become so homogenized has become one thing [...] but I think one of the things I wanted to write about in this book is just start to push back the idea of a single way of define beauty.

Duarte (2011) explica que o identificador conceitual *linguagem* destaca a importância da presença ou abordagem no texto literário do “vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África” ou da “discursividade que ressalta ritmos, entonações e mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes em um trabalho de resignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua” (DUARTE, 20011, p.394).

O próprio questionamento de Ifemelu sobre o sotaque que tia Uju adquire depois que passa a morar nos EUA ou como a tia proíbe Ifemelu de falar com o primo no idioma *igbo* e ainda quando Ifemelu para de tentar disfarçar o seu sotaque de nigeriana exemplificam o identificador conceitual *linguagem*. As citações a seguir descrevem melhor essas situações:

“Dike, ponha isso lá de volta”, disse tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se. Ela foi solícita em excesso com a caixa (ADICHIE, 2014, p.120).

“Dike, *I mechago?*”, perguntou Ifemelu. “Por favor, não fale *igbo* com ele”, disse tia Uju. “Falar duas línguas vai confundir-lo.” “Como assim, tia? Nós falávamos duas línguas quando éramos crianças.” “Aqui é a América. É diferente.” Ifemelu ficou quieta (ADICHIE, 2014, p.120).

“É mesmo? Há quanto tempo você está nos Estados Unidos?” “Três anos.” “Uau. Legal. Você parece uma americana falando.” “Obrigada.” Só depois de desligar Ifemelu começou a sentir a mácula de uma vergonha crescente se espalhando sobre ela, por ter agradecido ao rapaz, por ter transformado a palavras dele, “Você parece uma americana falando”, numa guirlanda que pôs em volta do próprio pescoço. Por que era um elogio, uma realização, soar como um americano? Sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço oco, porque ela assumira, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus. Assim, ela acabou de comer os ovos e decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano (ADICHIE, 2014, p.191).

A questão da linguagem é necessária para entender a produção literária de escritores e escritoras negras obviamente pelo impacto específico que a aquisição dessa função superior do ser humano tem na vida de uma pessoa negra. Como explica Franz Fanon (2008) em *Peles Negras Máscaras Brancas*, ao problematizar o fenômeno da linguagem e da condição da pessoa negra, existem duas dimensões na existência das pessoas negras: uma com seu semelhante e outra com o branco que surgem justamente da relação colonial.

Nesse contexto, ainda segundo Fanon (2008), falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura, e considerando relações coloniais todo povo colonizado toma



posição diante da linguagem da nação civilizadora, ou seja, Fanon problematiza que “o fato de o negro recém-chegado [da Metrópole] adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem” (FANON, 2008, p.39).

As citações anteriormente mencionadas, principalmente as que tratam de tia Uju, ilustram a explicação de Franz Fanon que apesar de ser elaborada a partir das observações que o autor faz da relação entre as Antilhas Francesas e a França também nos ajudam a pensar a linguagem e a experiência da pessoa negra em outros povos e contextos.

Quando Fanon (2008) afirma que o negro antilhano quer falar o francês porque assim pode abrir portas, porque o idioma pode aproximá-lo do padrão da sociedade que é branco, podemos compreender o processo de tia Uju e Ifemelu que acreditaram que o sotaque americanizado, em algum momento, poderia ajudar a viver melhor nos Estados Unidos.

A citação a seguir exemplifica como a questão do sotaque é usada como discriminação e racismo, sendo Tia Uju, muitas vezes, a personagem que tem que lidar com esse processo de subalternização de maneira mais direta:

Outro dia, a farmacêutica disse que meu sotaque era incompreensível. Imagine, eu fui pedir um remédio e ela teve a coragem de dizer que meu sotaque era incompreensível. E naquele mesmo dia, como se alguém tivesse mandado os dois de propósito, um paciente, um vagabundo inútil cheio de tatuagens pelo corpo, me disse para voltar para o lugar de onde vim (ADICHIE, 2014, p.237).

Não há como esperar que tanto tia Uju quanto Ifemelu escapem completamente ilesas do processo que contribuiu para o fortalecimento de “um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural” (FANON, 2008, p.34). É importante lembrar que, em seu território, a Nigéria possui mais de 250 grupos étnicos e convive com os idiomas hauçá, fulani, iorubá e o igbo e, ainda assim, o inglês é idioma oficial do povo nigeriano, o que nos remete, obviamente, à exploração colonial da Inglaterra sobre a Nigéria.

No decorrer do romance existem outras situações em que o sotaque aparece como problemática. Ifemelu e Uju falam inglês desde a infância, mas mesmo assim isso não é sinônimo de conforto porque o inglês delas não seria “suficientemente bom”, à altura da sociedade estadunidense, o que só ilustra o quanto o padrão euro-americano tenta se colocar inacessível para continuar subalternizando.

No entanto, quando Ifemelu começa a refletir sobre sua relação com o sotaque e a sensação de vitória que ser igualada a esse padrão americano traz, ocorre uma subversão desse lugar da linguagem, evidenciada pelo fato de Ifemelu ter pensado naquele dia que parou de fingir um sotaque como “o dia que devolveu sua própria voz a si mesma” (ADICHIE, 2014, p.196).

Eduardo de Assis Duarte (2011) concebe o identificador conceitual *linguagem* como uma categoria de análise que deve dialogar com o texto questionando os “contratos de fala dominantes”. Portanto, pontuar essas questões sobre linguagem em uma produção literária como *Americanah*, a partir da autoria de uma escritora negra e nigeriana, possibilita a apresentação de conflitos que complexificam a criação e desenvolvimento da narrativa e dessa forma diminui as possibilidades de estereotipar personagens.

*Americanah* é um romance que aposta constantemente na exposição de conflitos em diversas dimensões, a biografia das personagens, a dinâmica da narrativa, a descoberta como pessoa negra em um país estrangeiro, os posicionamentos da protagonista são exemplos desse manejo do conflito. Sendo assim, podemos afirmar que existe sim a criação de um novo lugar simbólico para as pessoas negras em *Americanah*. Os personagens, como tia Uju e Dike, (e suas biografias) não são vitimizados ou vilanizados, são humanizados através da afirmação de uma perspectiva afro-identificada.

Nesse sentido, *Americanah* contribui com a disputa de poder, de criação de novas possibilidades para o imaginário social dos leitores e colabora também com “a formação de um horizonte recepcional afrodescendente” (DUARTE, 2011, p.397). Considerando esse intuito, ler *Americanah* no Brasil, em diversos espaços de leitura, é importante porque o romance aborda temáticas muito presentes na sociedade brasileira.

Como Eduardo de Assis Duarte (2011) esclarece, tanto as ações afirmativas em universidades quanto “a ampliação da chamada classe média negra, com um número crescente de profissionais com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo de consumo” contribuem para a propagação de produções artísticas das pessoas negras (DUARTE, 2011, p.376).

O papel da internet nos últimos anos com o avanço de perfis de pessoas em redes sociais como *Instagram* e *Youtube* dedicados a discutir sobre livros e

experiências literárias também ampliaram o alcance das produções de escritores e escritoras negras no Brasil, tanto brasileiras como estrangeiras, nesse contexto a obra literária de Chimamanda Adichie sempre está presente. Em 2018, até outubro, entre as escritoras mais lidas pelos clubes de leitura do *Leia Mulheres* estavam Conceição Evaristo e Chimamanda Adichie.

Os clubes de leitura como o *Leia Mulheres*, *Lendo Mulheres Negras* e *Mulheres Negras na Biblioteca* se consolidam cada vez mais como iniciativa que busca incentivar a leitura de escritoras negras e ao mesmo tempo propagar a obra dessas mulheres que não estão presentes no repertório de leitura de muitos brasileiros e nem em nosso cânone literário. Propostas assim que crescem fortalecidas pela conexão na internet remetem também ao próprio contexto da protagonista Ifemelu.

Sendo assim, enquanto professores, pesquisadores, críticos literários, precisamos compreender que atualmente, não só a escola e a família podem ser veículos de influência na formação dos leitores. *Americanah* também pode contribuir com a formação de um horizonte recepcional para a literatura afrodescendente nos espaços de educação formal.

*Americanah* pode contribuir para a formação de leitores de literatura afrodescendente no Brasil, mesmo sendo um texto literário em outro idioma, de uma autora estrangeira. Eduardo de Assis Duarte explica que o encontro entre os identificadores conceituais *autoria*, *temática*, *ponto de vista* e *linguagem*, “todos eles fundados no ser e no existir do negro, visa atingir um quinto elemento dessa construção cultural, que é a formação de um público receptor afrodescendente” (DUARTE, 2013, n.p).

Afirmamos, portanto, que em *Americanah* existe uma “interação dinâmica” entre os cinco operadores conceituais propostos por Duarte (2011) e ressaltamos que para analisar o texto literário esses operadores não devem ser entendidos de maneira separada, pois “isoladamente, tanto o tema como a linguagem e mesmo a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes” (DUARTE, 2011, p.399).

Utilizar os identificadores conceituais de Duarte como categorias norteadoras para análise de *Americanah* evidenciou o quanto o trabalho de escrita e o contar histórias é fundamental para Chimamanda Adichie elaborar a sua própria

experiência diaspórica e o quanto desse processo de compreensão de si a partir da sua descoberta como pessoa negra aparece na criação da personagem protagonista Ifemelu, uma personagem que também vai refletir sobre sua condição de pessoa negra nos Estados Unidos a partir da escrita.

## **2.2 “Who is the Black Woman?”: Personagens e protagonismos negros na literatura afrodescendente**

O pai disse: ‘Você deve se abster de sua propensão natural à provocação, Ifemelu. Já é conhecida por insubordinação na escola, o que maculou seu singular currículo acadêmico. Não há necessidade de criar um padrão similar na igreja’ (ADICHIE, 2014, p.61).

Obinze riu e Ifemelu, sem interesse em continuar a falar de poesia, perguntou: ‘Então, o que foi que Kayode disse sobre mim?’ [...] ‘Ele disse: ‘Ifemelu é linda, mas dá trabalho demais. Sabe discutir. Sabe falar. Nunca concorda com ninguém.[...]. [Ifemelu] Gostava dessa imagem de si mesma como sendo alguém que dava trabalho, que era diferente, e às vezes encarava aquilo como uma carapaça que a mantinha segura (ADICHIE, 2014, p.69).

Blaine: É uma opinião bem forte.  
Ifemelu: Não sei como ter opiniões de outro tipo  
(ADICHIE, 2014, p.195).

As três citações que iniciam esse tópico apresentam um pouco de quem é Ifemelu, a protagonista do romance *Americanah*. Contestar, discutir, argumentar são verbos que estão sempre presentes para descrever as ações e comportamentos da personagem. Porém, essas passagens apresentam as características mais evidentes de Ifemelu, mas que não são as únicas exploradas pela narrativa, no decorrer da história os processos de produção de subjetividade de Ifemelu se desenvolvem de maneira mais complexa, revelando outras camadas e dimensões da personagem.

Neste tópico discutimos a questão da personagem protagonista, apresentamos quais concepções de personagem partimos, discutiremos sobre o lugar que personagens negras geralmente ocupam no cânone ocidental, além de refletir sobre a importância de Ifemelu como personagem protagonista no contexto

brasileiro. Como leitora e pesquisadora, sempre existiu interesse e curiosidade pelo modo como Chimamanda Adichie, e outras escritoras da literatura afrodescendente, cria as personagens femininas, principalmente como a escritora sustenta o protagonismo delas.

Além disso, o interesse em pesquisar sobre o desenvolvimento do protagonismo de uma personagem de texto literário está diretamente conectado ao hábito e histórico da pesquisadora como telespectadora de novelas e séries. Se ainda é difícil para boa parte do público leitor brasileiro encontrar em suas leituras protagonistas negras bem escritas, representadas para além de estereótipos e concepções racistas, essa realidade não é diferente quando o assunto são as produções televisivas brasileiras, principalmente as telenovelas.

Campos e Júnior (2016) apontam, a partir da análise de 156 novelas exibidas no período de 1985 a 2014 pela Rede Globo, que 91,2% das personagens centrais das tramas são representadas por atores e atrizes brancas e mesmo as novelas que tiveram a presença relativa de negros maior que a média foram protagonizadas por brancos. Os autores constataam, portanto, que nas telenovelas da emissora os “brancos estão no poder, real, na figura de escritores e diretores, e simbólico, na sua forte dominância em papéis de protagonismo. [...] Aos não brancos são relegadas posições subalternas, marginais e estereotipadas” (CAMPOS; JÚNIOR, 2016, p.51).

Ressaltamos aqui o contexto da televisão porque durante muito tempo as telenovelas ocuparam lugar central na programação dos canais de televisão do país, bem como na rotina de brasileiros e brasileiras, e dessa maneira influenciam as percepções de telespectadores sobre o contexto social e das pessoas que o compõem. As telenovelas no Brasil são um tipo de produção de narrativas de largo alcance que também podem exemplificar como a ausência de personagens e protagonistas negras é consolidada no imaginário do brasileiro leitor e telespectador em contextos diferentes.

Nos últimos anos, como Eduardo de Assis Duarte (2011) afirmou e citamos anteriormente, a ampliação da classe média negra, acesso de mais pessoas negras ao ensino superior e às universidades, além do alcance da internet e mecanismos jurídicos como a lei 10.639/03, também contribuíram para a criação e fortalecimento de um contexto e de leitores que questionasse o mercado editorial e as produções

literárias e provocasse discussões a respeito do modo como as personagens negras são representadas na televisão e literatura brasileira.

As palavras “protagonista” e “negra” estarem na mesma frase indica algo raro também para o público leitor brasileiro já que os romances brasileiros publicados por editoras de grande circulação no mercado editorial do país sub-representam a pessoa negra, reforçando visões estereotipadas desse grupo social, como ressalta o estudo “Personagens do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, coordenado por Regina Dalcastagné, professora da Universidade de Brasília.

Essa pesquisa se debruça sobre os romances brasileiros publicados de 1990 a 2004 pelas três editoras de maior destaque no mercado editorial brasileiro: Rocco, Record e Companhia das Letras, sendo esta última a editora que publica os livros de Chimamanda Adichie no Brasil. Uma das principais constatações da pesquisa é que existe uma ausência da pessoa negra nos romances brasileiros canônicos, tanto de escritores e escritoras quanto de personagens.

Na maioria dos livros sob a investigação do estudo ocorre a predominância de personagens do sexo masculino: homens brancos adultos, heterossexuais, escritores. As personagens negras aparecem poucas vezes nos romances estudados e são majoritariamente representadas como bandidos/contraventores, empregada doméstica, profissional do sexo ou dona de casa, só em 5,8% do corpus pesquisado os negros são protagonistas e em 2,7% narradores (DALCASTAGNÉ, 2011).

Apresentamos esses dados para ressaltar que “[...] a ausência de personagens negras na literatura não é apenas um problema político, mas também um problema estético, uma vez que implica a redução da gama de possibilidades de representação.” (DALCASTAGNÉ, 2011, p.322). Por isso, faz-se necessário também para o contexto brasileiro o maior contato com narrativas que desconstruam esse lugar de “mais do mesmo” destinado às minorias étnicas e para formar leitores literários que possam constituir o seu imaginário com outras imagens a respeito das pessoas negras.

Além disso, é importante valorizar o trabalho da crítica literária brasileira que se debruça sobre as produções da literatura afro-brasileira e mostra que, apesar de boa parte dos romances publicados por grandes casas editoriais ainda revelarem pobreza estética no que diz respeito ao desenvolvimento das personagens negras,

existem romances, contos, poemas de autores negro-brasileiros que superam essa deficiência, mas ainda não são tão acessíveis ao público leitor como são os romances publicados pelas grandes editoras brasileiras.

Logo, o trabalho da crítica afrodescendente brasileira, os resultados da pesquisa de Regina Dalcastagné e o lugar de destaque que Chimamanda Adichie ocupa no cenário literário atualmente ajudam a justificar a importância de pesquisar e falar sobre *Americanah* na realidade brasileira. O romance de Chimamanda Adichie apresenta personagens que são afetadas pelas opressões sustentadas pelo racismo e machismo, portanto, essas personagens compartilham de experiências que personagens literárias brasileiras também vivenciam e essas aproximações enriquecem o debate e os estudos a respeito da construção estética do protagonismo de personagens femininas na literatura.

*Americanah* foi publicado no Brasil em 2014, muito do panorama socioeconômico citado anteriormente (apontado por Duarte, 2011) continuava se ampliando e se desenvolvendo, as universidades e institutos federais viviam seus processos de expansão, o programa de intercâmbio *Ciência sem fronteiras* enviava estudantes brasileiros pelo mundo, assim como as universidades brasileiras recebiam estudantes de vários países, inclusive do continente africano.

Nesse ano, a realidade de sucateamento das universidades presentes em *Americanah* podia lembrar um passado recente brasileiro ou ser considerada uma realidade distante de um país africano, mas de qualquer maneira as representações que o romance de Adichie traz dialogavam com aquele momento brasileiro. Assim como continua dialogando com a atual conjuntura política brasileira, já que o governo federal começou a atacar as universidades brasileiras cortando seu orçamento e estudantes começam a conviver com a incerteza e instabilidade que não estiveram tão evidentes em outros momentos de paralisações e protestos pela educação nos últimos anos.

Considerando esse contexto, o romance de Chimamanda Adichie apresenta temáticas e atores sociais que podem ser conectados à atual realidade brasileira, por mais que fale de países distantes do Brasil. Essa é uma característica importante da protagonista Ifemelu, ela é uma personagem do presente, uma protagonista que enquanto sujeito tem uma experiência singular profundamente ligada às vivências de seu grupo social.

Ifemelu é uma protagonista que dialoga não só com as projeções conscientes e inconscientes de quem lê *Americanah* ou que confronta as expectativas de quem está habituada (o) com outros tipos de personagens protagonistas, Ifemelu é uma personagem que consegue dialogar com o contexto atual, onde a internet e seus influenciadores digitais ocupam boa parte do tempo e do cenário da vida de todos. Se observarmos a realidade brasileira já podemos identificar mulheres negras jovens<sup>16</sup> que, assim como Ifemelu, estão construindo e fortalecendo espaços de debate sobre a questão étnico-racial brasileira e a internet como é usada como instrumento nessa empreitada.

Utilizando uma denominação que Moraes (2018) atribuiu a personagens de Conceição Evaristo, podemos sentenciar que Ifemelu é um sujeito contemporâneo. Nas palavras da pesquisadora, isso quer dizer que: “o sujeito contemporâneo, esse que está no presente, percorre caminhos de consciência diaspórica, vendo as obscuridades que pertencem ao seu tempo, mas também enxergando suas potencialidades, ainda que longínquas” (MORAIS, 2018, p.69).

A literatura afrodescendente, assim como a obra literária de Adichie, apresenta protagonistas que são construídas para além dos estereótipos. Interessa para esse trabalho, portanto, questionar sobre quem é a mulher negra protagonista literária e lançar luz sobre sua existência. Tomando emprestadas as palavras da poeta Toni Cade Bambara, na primeira edição do livro *The Black Woman: An Anthology*, começamos a refletir sobre esse questionamento:

Quem é a mulher Negra? Ela é uma graduada na faculdade. [...]. Uma estudante. Uma esposa. É mãe. É amante. É uma criança do gueto. Um produto da burguesia. Uma escritora profissional. Uma pessoa que nunca sonhou com publicação. Uma individualidade solitária. Membro do movimento. Humanista gentil. Violenta revolucionariamente. Ela é raivosa e amável, amorosa e furiosa. Ela é tudo disso – e mais<sup>17</sup> (CADE, 2005, paginação irregular).

A partir dessa definição e lembrando a discussão teórica no tópico sobre feminismo negro do primeiro capítulo, afirmamos que Ifemelu faz parte de um grupo de personagens, protagonistas ou não, que não se encaixa nas imagens de controle, que tão bem Patricia Hill Collins identificou, da representação de mulheres negras.

---

<sup>16</sup> Para citar duas mulheres negras que trabalham construindo conteúdo sobre questões como feminismo, enfrentamento ao racismo, cotidiano da mulher negra, entre outras questões: Gabi DePretas (Gabi Oliveira) e Nátaly Néri.

<sup>17</sup> Tradução de Anne Caroline Quiangala. Disponível em sua dissertação “A fantasia deles sobre nós: A representação das heroínas negras nos quadrinhos *mainstream* da Marvel” publicada em 2017, sob orientação da professora Doutora Cíntia Schwantes.



Argumentamos, portanto, que apesar das lacunas estéticas no que concerne à criação de personagens negras, as pesquisas sobre essa categoria nos estudos literários devem ser feitas também a partir de afirmações e não ficar restritas a comparações e sempre ressaltando o caráter ausente ou sub-representado das personagens negras.

Em resumo, enquanto professores, estudiosos, pesquisadores e leitores, temos que começar também a apresentar e falar sobre personagens que exemplifiquem a definição que apresentamos anteriormente nas palavras de Toni Cade Bambara, ou seja, dizendo *quem é* a mulher negra representada na narrativa literária além de estereótipos.

Sendo assim, a seguir, apresentamos algumas protagonistas de romances de escritoras negras que, assim como Ifemelu, **afirmam a existência** e a representação de mulheres negras na Literatura para além de exaustivas imagens de controle, contribuindo assim para a discussão sobre a construção estética de personagens negras protagonistas.

Como já apresentamos, Ifemelu é uma estudante universitária nigeriana que se mudou para os Estados Unidos para cursar a graduação e anos depois se torna uma blogueira que discute sobre questões étnico-raciais, sendo através desse trabalho que conseguiu sua estabilidade financeira. Um dos contrapontos mais importantes que a representação dessa personagem apresenta para o leitor é o quanto seu trabalho e empenho intelectual são valorizados, sem deixar de lado a abordagem sobre padrões de beleza e estética.

As três citações que iniciam este tópico falam sobre o bom currículo de Ifemelu na escola, ressaltam sua capacidade de discutir e sobre suas opiniões fortes que ficam mais evidentes a partir de seus escritos no *blog*.

Sendo assim, para pensar o protagonismo de uma personagem com essas características, recorreremos a algumas personagens de outros romances escritos por mulheres negras. Por que recorrer a personagens de outros romances para apresentar nosso entendimento sobre personagem negra protagonista?

Desde o primeiro capítulo ressaltamos a importância de fugir dos essencialismos e estereótipos que confinam a abordagem das vivências do povo negro. Tanto a diáspora africana quanto o feminismo negro são categorias

importantes que através da valorização da ideia de comunidade, coletividade contribuem para o questionamento e superação de reducionismos.

A vida de Ifemelu, o desenvolvimento dos episódios que compõem a narrativa e os diálogos entre personagens em *Americanah* destacam o caráter coletivo/comunitário da construção do protagonismo de Ifemelu e forjam uma análise que traga essas mesmas dimensões. Então, quando nos embasamos, por exemplo, na ideia do feminismo negro de que não existe uma única maneira de ser mulher negra e que as mulheres negras “têm umbigos diferentes e que seus cordões foram cortados em contextos diferentes”, essa noção também deve se materializar no modo como decidimos fundamentar a discussão sobre protagonismo de personagens literárias negras.

Sendo assim, fundamentar a análise sobre a construção do protagonismo de Ifemelu não pode ser um empreendimento que apresente conceitos classificatórios, por isso propomos o diálogo com outras personagens e escritoras negras. Nesse trabalho dissertativo, a maneira que consideramos mais profícua para fundamentar nosso entendimento sobre protagonistas negras era primeiramente partir de outros textos literários para poder desenvolver um olhar e um texto teórico-analítico. Adah, Dana, Maria Vitória, Maria Nova e Kehinde foram as protagonistas que conduziram o caminho de desenvolvimento da análise do protagonismo de Ifemelu.

A primeira personagem que destacamos aqui é a (também) nigeriana Adah, protagonista do romance *Cidadã de Segunda Classe* (1974) da nigeriana Buchi Emecheta. Florence Onyebuchi “Buchi” Emecheta foi uma escritora nascida em 1944 em Lagos. A escritora ficou conhecida no Brasil recentemente por causa do seu romance *As alegrias da Maternidade* (1979), publicado em 2017 como parte do clube de assinatura *TAG: Experiências Literárias*, sendo indicado por Chimamanda Adichie. O romance *Cidadã de Segunda Classe* chegou ao Brasil em 2018 e a sua continuação, *No fundo do poço* (1972) foi recentemente anunciado para venda. Todos os livros de Buchi Emecheta são publicados no Brasil pela editora Dublinense.

Adah também é uma mulher nigeriana que lutou bastante para estudar e ter uma profissão na Nigéria. Adah em um esforço contra normas sociais que restringiam a possibilidade de acesso de mulheres e meninas à educação formal consegue se tornar bibliotecária e levar a família para o Reino Unido, inclusive com o marido dependendo financeiramente de seu trabalho.

A história de Adah traz muito da história de Buchi Emecheta que também foi para o Reino Unido, também teve cinco filhos e viveu um casamento infeliz. Mas Adah, assim como Emecheta, também conseguiu driblar as limitações impostas sempre com um olhar atento e crítico e viveu, não sem dificuldades, os planos e projetos de futuro que traçou para si mesma. Adah é uma personagem que diversas vezes se viu ou se sentiu sozinha, mas pensava em melhorar de vida, por meio de estudos e queria tentar ir ao Reino Unido, como a passagem a seguir mostra:

Diziam que Adah deveria ter ido em frente com seus estudos até virar doutora, já que conseguira concluir a escola secundária. Mas ninguém se preocupava em saber quem ia sustentá-la, em casa de quem ela ia viver. De modo que, uma vez mais, Adah se viu sozinha, forçada a enfrentar uma situação ditada pela sociedade na qual, enquanto indivíduo, dispunha de poucas opções. Adah achava que o melhor seria ela e o marido, a quem começava a amar, se mudasse para outro lugar, para um país novo, fossem viver entre gente nova (EMECHETA, 2018, p.40).

No entanto, quando conseguiu ir para Inglaterra, Adah, assim como Ifemelu, descobriu que “sua cor era uma coisa da qual supostamente deveria se envergonhar. Na Nigéria nunca se dera conta disso, mesmo estando entre brancos” (EMECHETA, 2018, p.104). Além das opressões sexistas que sofria no casamento, na Inglaterra a protagonista também teve que lidar como o racismo, mas encontrou na escrita uma possibilidade de superar as dificuldades pelas quais passava e existir além das opressões que sofria. Escrever era o canal de expressão dessa personagem, como a citação a seguir mostra:

Quanto mais escrevia, mais se convencida de que sabia escrever e mais gostava de escrever. Estava sentindo um impulso assim: Escreva; vá em frente, você sabe escrever [...] Ao escrever se desligava de tudo o mais, exceto das crianças. Para ela, escrever era como escutar boa música sentimental. Não estava interessada em saber se o livro seria ou não publicado; só lhe importava o fato de ter escrito um livro (EMECHETA, 2018, p.239).

Assim como Ifemelu, o lugar da escrita na vida de Adah representa um marcador importante na biografia da personagem, na construção de seu protagonismo no texto literário e na própria narrativa. Adah é uma mãe, mulher casada, trabalha como bibliotecária, depois tenta trabalhar no ramo das costuras e ainda busca escrever. Uma personagem, diversos modos de ser, como descreve Toni Cade Bambara em seu texto mencionado antes.

A protagonista do romance de ficção científica *Kindred: Laços de Sangue* (1979) de Octavia Butler é uma escritora e, por isso, além da temática que o

romance apresenta chamou atenção para a discussão que aqui propomos. Octavia Butler nasceu na Califórnia em 1947, filha de um engraxate e uma empregada doméstica. Butler é considerada a Grande Dama da Ficção Científica, recebeu prêmios como o *Nebula Award* e Hugo (considerados os mais relevantes do gênero), e foi a primeira mulher norte-americana a se consagrar em um ramo da Literatura (a ficção científica) dominado por homens.

A protagonista de *Kindred*, Dana, é uma escritora negra que vive na Califórnia dos anos 70 e junto com o marido branco, Kevin, está se mudando para seu novo apartamento. De repente, e sem ter controle, Dana começa a viajar no tempo. O paradeiro dela em seu deslocamento temporal acaba sendo o estado de Maryland do século XIX, num período anterior à Guerra Civil, ou seja, lugar e tempo perigosos para uma mulher negra. Dana salva um menino branco, filho de um senhor de escravos, e mais tarde ela descobre que esse garoto é seu antepassado.

*Kindred* provoca o leitor a pensar sobre a relação do povo negro com o tempo e o espaço e ao colocar uma mulher negra como viajante no tempo, Octavia Butler deflagra mais ainda o horror que a escravidão foi para o povo negro. No capítulo anterior, resgatamos parte da condição da mulher negra escravizada nos Estados Unidos, Dana encontrou aquele contexto histórico, onde existiram mulheres que enfrentaram a escravidão como sistema de opressão e dominação.

Nesse sentido, o romance de Butler também chama a atenção para a importância de mulheres “à frente de seu tempo” que não se conformaram com o regime escravocrata e lutaram pela sua própria libertação sem esquecer os seus iguais. Ao colocar uma protagonista escritora para viajar no tempo, Octavia Butler realça que escritores, principalmente escritores negros que tratam da escravidão, manejam o passado e o presente constantemente.

A protagonista Dana demarca a importância dos relatos de escravizados para conhecer e saber mais sobre a escravidão e, principalmente, para entender sobre resistência. A citação a seguir é um diálogo entre uma mulher escravizada, Sarah, e Dana, em uma das viagens ao passado:

[...]. Ela passou a falar bem baixo. - Ocê tem que vê uns preto que eles pega para trazê de volta – disse ela [Sarah]. – Precisa vê...morrendo de fome, quase pelado, açotado, arrastado, com mordida de cachorro...Precisa vê. –Prefiro ver outros. – Que outro? – Os que conseguem. Os que estão vivendo livres agora. – Se tive algum. – Tem.- Alguns diz que tem. Mas é como morre e í pro céu. Ninguém volta pra conta. – Voltar para ser escravizado de novo? – É. Mas mesmo assim...essa conversa é perigosa!

Não tem propósito. – Sarah, eu vi livros escritos por escravos que fugiram e moraram no norte! – Livro! – Ela tentou parecer desdenhosa, mas acabou parecendo duvidosa [...] –Bobagem! – disse ela. –Preto escrevendo livro! – Mas é verdade. Eu vi... (BUTLER, 2017, p.233).

Fernanda Miranda (2017), autora que pesquisa sobre romances escritos por escritoras negras, relata que:

Octavia Butler contou em entrevistas que a inspiração para construção do enredo surgiu depois de ouvir de um colega de faculdade envolvido com o *Black Power movement* críticas severas às gerações passadas de negros americanos submissos à realidade da escravidão. Esse olhar do jovem sobre a experiência histórica dos negros incomodou-a deveras, e em resposta compôs uma narrativa que tangenciasse as diferentes formas de coragem, agência e resistência que pessoas negras engendraram no passado, quando a condição de escravo as transformava em objeto, mercadoria, moeda, como disse o filósofo Achille Mbembe (MIRANDA, 2017, p.4).

Dana, uma escritora, casada, uma mulher do século XX, conhece de perto os horrores da escravidão em uma viagem no tempo, resgatando a memória e o conhecimento sobre determinado contexto no qual seu povo viveu, sendo que os seus desdobramentos repercutem no presente e continuam deixando marcas nos corpos da gente negra.

Sobre corpos marcados é importante observar como Butler representa essa marcação dolorosa, principalmente para os corpos das mulheres negras, ao escrever o momento em que Dana perde seu braço esquerdo em uma das viagens no tempo que fez. A mensagem que permanece é que ninguém escapou ileso dessa experiência monstruosa, mesmo aqueles que vivem em tempos distintos.

Outra obra que contribuiu durante o processo de pesquisa para refletir sobre protagonistas negras foi *A Mulher de Aleduma*, romance considerado afrofuturista<sup>18</sup> publicado em 1981, de autoria da baiana Aline França. Filha do ferreiro e contador de histórias Bento Ramos França, a escritora nasceu em Teodoro Sampaio na Bahia em 1948. Durante os anos 70 passou em concurso público e tornou-se servidora da Universidade Federal da Bahia.

---

<sup>18</sup> Segundo o escritor brasileiro Fábio Kabral, autor do livro *O caçador cibernético da rua 13*, afrofuturismo seria “o movimento de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da nossa própria ótica” e, mais precisamente, também é “a mescla entre mitologias e tradições africanas com narrativas de fantasia e ficção científica, com o necessário **protagonismo de personagens e autores negros e negros**” (grifo do autor). Kabral apresenta essas definições em seu texto “Africanfuturism: ensaios sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo” de 2018, disponível em <[https://medium.com/@ka\\_bral/africanfuturism-ensaios-sobre-narrativas-defini%C3%A7%C3%B5es-mitologia-e-hero%C3%ADsmo-1c28967c2485/](https://medium.com/@ka_bral/africanfuturism-ensaios-sobre-narrativas-defini%C3%A7%C3%B5es-mitologia-e-hero%C3%ADsmo-1c28967c2485/)>.

A Ilha de Aleduma, local onde se desenvolve a história do romance, é um lugar de refúgio para o povo negro que, ajudado pelo deus Aleduma, conseguiu fugir da escravidão. Depois de um período de paz e desenvolvimento a Ilha de Aleduma é ameaçada por investidores, que tentam se apropriar do lugar como se a terra fosse sua. Os empresários desrespeitam o povo que ali vive e tentam a todo custo implantar o seu negócio na Ilha. Segundo Aline Arruda:

Ao final da narrativa, Aleduma é invadida pelos turistas e transformada em ilha de nudismo. O velho Aleduma destrói a ilha e salva os habitantes. [...] O último parágrafo do romance, em letras maiúsculas, diz: “A ILHA DE ALEDUMA SE FOI, MAS A RAÇA NEGRA ESTÁ REPRESENTADA...” (1985, p. 95). Essas palavras finais nos fazem crer que apesar de a ilha utópica ter sido destruída, a etnia negra está representada, tanto por personagens da ficção de Aline França, como por autores que, como ela, devem ser conhecidos e respeitados por imprimirem em nossa literatura sua marca afrodescendente (ARRUDA, 2006, p.2-3).

Atualmente o livro que aqui destacamos está esgotado. Sobre o projeto literário de Aline França e o romance *A mulher de Aleduma*, Ana Rita Santiago (2012) explica:

A novidade de suas obras reside em um protagonismo feminino negro baiano da novelista em lidar com questões sociais e culturais de negros/as com a mitologia e o fantástico, criando narrativas que evidenciam uma transformação mítica da realidade. Além disso, os conflitos e problemas, advindos da escravização do povo negro, são explicados de modo transcendental, e não apenas pela racionalidade. Em *A mulher de Aleduma* (1985), por exemplo, Aleduma, protagonista da narrativa, é um deus negro, que faz surgir *Ignum*, uma população negra e bela. Embora deus, Aleduma tem origem (proveniente do espaço longínquo; vindo do planeta *Ignum*, governado pela deusa Salópia) e traços humanos (seu porte altivo, pele reluzente, ligeiramente corcunda, com os pés voltados para trás, barba trançada, caída até o chão) que subvertem o perfil de um herói ocidental (SANTIAGO, 2012, p.87-88).

As personagens femininas de *A mulher de Aleduma* são exemplos de como o protagonismo feminino a que Ana Rita Santiago se refere aparecem na obra de Aline França. Maria Vitória é uma líder-deusa para seu povo que recebeu do velho Aleduma o direito de registrar fatos a grande distância e ser a intermediária na comunicação com a deusa Salópia, além disso, “quando Maria Vitória visitou a deusa Salópia sofreu transformações mentais a ponto de suas mentes se igualarem” (FRANÇA, 1981, p.19). Arruda explica:

Salópia, a deusa que governa IGNUM, o planeta onde a raça negra se originou no romance, representa a superioridade feminina que se confirmará ao longo da obra com outras personagens: Maria Vitória e Irisan são as mulheres escolhidas como intercessoras entre IGNUM e a ilha de Aleduma. A elas, os habitantes respeitam e obedecem (ARRUDA, 2006, n.p).

Segundo Fernanda Miranda (2017), em *A mulher de Aleduma*, o feminino ocupa uma posição central e “são os corpos femininos que concentram o fantástico, Maria Vitória é [...] o canal aquático de comunicação com o sagrado, com Salópia – uma deusa negra que é a fonte de energia da ilha e da saúde mental de seu povo” (MIRANDA, 2017, p.6). As mulheres desempenham funções importantes politicamente e espiritualmente, sendo assim:

Na ilha de Aleduma as mulheres tomam decisões – Maria Vitória as reúne em roda quando adventos urgentes exigem deliberação. A escrita ocupa um lugar especial, pois existem documentos antigos que guardam registros do futuro e são abertos quando há mudança de cor nas águas da ilha (MIRANDA, 2017, p.6).

Mucujaí, idoso salvo por Maria Vitória, gritou em comemoração e reverência à mulher: “Viva Maria Vitória, Maria Vitória nossa mulher de verdade! A Mulher de Aleduma” (FRANÇA, 1981, p.25). A personagem Maria Vitória é amada e respeitada pelos seus conterrâneos, vive uma história de amor e se torna mãe, essas são vivências importantes para mulheres negras, a afirmação da afetividade em um relacionamento e pela maternidade.

Em *A mulher de Aleduma* o leitor acessa uma história em que mulheres negras são protagonistas, lutam por questões coletivas e valorizam tanto o respeito à ancestralidade quanto afirmam a importância da dimensão da espiritualidade para uma comunidade.

Maria-Nova, protagonista-narradora-escritora do romance *Becos da Memória* de Conceição Evaristo (2006), também é uma guardadora de registros e também viu o lugar onde viveu ser ameaçado por empreitadas higienistas. Maria Nova é uma personagem que personifica a memória de um povo: as pessoas que moram e convivem na favela. Segundo Schmidt (2017):

Para a construção de seu romance, a autora tomará como mote a estrutura sinuosa e múltipla dos becos da favela, que, percorridos pela narradora, mostram-se, a um só tempo, iguais e diversos, múltiplos, tortuosos, promissores, cheios de histórias de vida. A narrativa que a partir de então se desdobra é feita de pequenos relatos, breves histórias de muitos personagens, homens, mulheres e crianças da favela (SCHMIDT, 2017, p.186-187).

Maria-Nova no início da narrativa explica por que conta e rememora os dias de infância: “escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita [...], aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória” (EVARISTO, 2017, p.17). A narradora lembra que desde a infância colhia

histórias das pessoas que viviam na favela sendo registrado durante a narrativa o intenso desejo de aprender a ler e escrever, a necessidade de manejar palavras para nomear a vida dentro de si e ao seu redor.

Sobre *Becos da Memória*, Nazareth Fonseca (2017) afirma que se trata de um romance que resgata a experiência de pessoas que vivem a pobreza, mas que não desistem do desejo de viver e esse desejo de viver se converte em desejo de narrar e Maria-Nova representa essa ideia ao descobrir a escrita como sua ferramenta, sendo assim:

Escrever é a ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de lembranças calçadas na experiência da pobreza, vivida por quem soube observar, como olhos atentos e condoídos, os becos de uma coletividade: bêbados, putas, malandros, muitas crianças vadias e mulheres sofridas. A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor sua experiência. Os fatos recordados são acolhidos com a generosidade de quem pôde observar a vida de excluídos, mas com cuidado de registrar os acontecimentos de um lugar que também preserva os sonhadores e os contadores de história (FONSECA, 2017, p.193).

Maria-Nova é uma personagem que convive com a ruptura do lugar. Assim como Maria Vitória, o lugar em que a protagonista mora, e que é o território das histórias que enriquecem e emocionam sua vida, está ameaçado pela ganância capitalista e terá que ser destruído, o que lembra novamente a empreitada de exploração colonial que atingiu drasticamente a vida dos negros desde a era do capitalismo mercantil. Os caminhões e tratores que passaram por cima das construções da favela e obrigaram tantas pessoas a migrarem daquele lugar bagunçam o cotidiano e as possibilidades das pessoas viverem e resistirem:

As pessoas estavam em desespero tal, que queriam de qualquer forma abreviar o sofrimento. Havia famílias que, quando o caminhão de mudanças aparecia, elas mesmas se ofereciam para ir. Ficar ali tinha se tornado um inferno. O bicho pesadão campeava durante todo o dia e, nas noites de estrelas iluminando a terra, a fera campeava pelo tempo adentro e tudo era poeira e desespero. Havia ainda escassez, a falta d'água (EVARISTO, 2017, p.156).

Nesse contexto, com essas experiências, Maria-Nova não se conformou e desconstruiu o lugar de limitação e silenciamento, ou seja, foi além da apreensão imediata da realidade e se questionou sobre como lidar com o que está posto e quem gostaria de ser nesse contexto. Para Maria-Nova, “a vida não podia gastar-se em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer [...]. O



pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever” (EVARISTO, 2017, p.147).

Novamente, outra personagem que impulsionada pela realidade que vive pretende escrever, escrever para resgatar e para lembrar e para questionar a univocidade sobre a própria história. A primeira vez que o pensamento de escrever atravessou Maria-Nova foi por causa de uma aula de História sobre a “Libertação dos Escravos” quando a menina questiona sobre essa libertação e a condição de moradores de uma senzala atual:

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2017, p. 150-151).

Maria-Nova não escreve só para si ou por si, a personagem quer contar histórias do seu grupo social, essa característica da personagem remete aos *griots* sobre os quais falamos no tópico anterior, e é assim que essa personagem ressalta o caráter polifônico da experiência do povo negro. Como bem resume Alexandre (2018):

As personagens femininas de Conceição Evaristo, além de rememorarem atos simbólicos de resistência, elas fazem dialogar as memórias de nossos ancestrais com as subjetividades negras da contemporaneidade. Quais os lugares que os sujeitos negros ocupam em nossa sociedade? Quais identidades forjadas por um discurso opressor são ressignificadas e trazidas por meio da obra literária de Evaristo? A resposta a esse questionamento aparece diluída em sua obra poética como um todo, bem como em seus textos ensaísticos e narrativos por meio de personagens marcantes (ALEXANDRE, 2018, p.44).

Kehinde ou Luísa, protagonista do romance épico *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves, pode ser considerada uma das melhores representantes da diáspora africana, da *mulher a caminho* na Literatura, pois, como Côrtes bem define: “Kehinde, ao ser retirada de sua terra para ser escravizada, passa a se estranhar, a viver em busca de, a ver na travessia o verdadeiro motivo do viver” (CÔRTEZ, 2007, p.2).

Kehinde nasceu em Savalu, reino de Daomé (Benin) em 1810. Seu processo de travessia começa logo cedo marcado pela maneira violenta como sua mãe e irmão morreram, logo após a esse acontecimento, junto com a avó e sua irmã gêmea, Taiwo, Kehinde se muda para a cidade de Uidá.

Aos oito anos de idade Kehinde, a avó e a irmã são capturadas para serem escravizadas, no entanto, a protagonista chegou sozinha ao Brasil, pois suas familiares morreram durante a viagem. Quando a irmã e a avó de Kehinde morrem no tumbeiro que as transportavam uma parte da história de Kehinde fica no oceano, mas a memória do seu povo e de sua origem também se manteve viva e apesar de chegar ao novo destino sem o suporte físico da sua família, as instruções e recomendações de sua avó antes de morrer não a deixaram nunca mais:

Durante dois dias ela me falou sobre os voduns, os nomes que podia dizer, as histórias, a importância de cultuar e respeitar os antepassados. [...]. Então, mesmo que não fosse através dos voduns, ela disse para eu nunca me esquecer da nossa África, da nossa mãe de Nanã, de Xangô, dos Ibêjis, de Oxum, do poder dos pássaros e das plantas, da obediência e respeito aos mais velhos, dos cultos e agradecimentos. A minha avó morreu poucas horas depois de terminar de dizer o que podia ser dito, virando comida de peixe junto com a Taiwo (GONÇALVES, 2017, p. 61).

As travessias, viagens de Kehinde continuam em território brasileiro onde, além da Bahia, ela também caminhou pelo Maranhão, São Paulo e Rio de Janeiro. Muitos anos depois de sua chegada ao Brasil, Kehinde, já com o nome de Luísa, retorna ao continente africano. Quando enfim tem notícias sobre o possível paradeiro de seu filho separado dela ainda na Bahia, Kehinde embarca novamente em mais uma viagem para o Brasil.

Todos os deslocamentos geográficos de Kehinde representam transformações marcadas por acontecimentos, rupturas, descobertas e comprometimentos que marcam a biografia da personagem em termos de enredo e que também constroem o desenvolvimento da personagem e de seu protagonismo.

O sequestro de um dos seus filhos pelo próprio pai e a morte de outro filho, o envolvimento na Revolta dos Malês que aconteceu em Salvador e o período que viveu retiro espiritual na roça da Sinhá Romana e no Maranhão, são alguns dos momentos cruciais na vida da personagem que permitem a leitora e ao leitor conhecer as várias mulheres que Kehinde foi no decorrer dos 80 anos em que a saga de *Um defeito de cor* acontece. Segundo Cristiane Côrtes:

Kehinde é um exemplo de resistência contra o sistema social repressivo a que estava inserida. De uma menina raptada na costa africana para ser escravizada no Brasil, sua trajetória composta de situações dolorosas como a morte da irmã gêmea e a avó na viagem do navio negreiro, o estupro e a perda do filho, cujo próprio pai foi o algoz, deixam isso evidente. A personagem cria mecanismos para libertar-se psicologicamente das adversidades apresentadas (CÔRTEZ, 2017, p.13).

Kehinde vive de diferentes maneiras a maternidade, vive amores em diferentes contextos e condições, assim como seus ofícios para ganhar a vida também variam no decorrer do tempo, mas ela sempre os conduz de maneira autônoma, inteligente e visando fortalecer seu grupo social, os negros.

Os *cookies* ingleses que vendia como escrava de ganho, a padaria e venda de charutos até se tornar empresária, construtora, na África são alguns dos negócios que Kehinde conduziu com astúcia e organização, sendo uma protagonista negra que tem o intelecto destacado, como as passagens a seguir ilustram:

[...] De início tentaram me enxotar enquanto eu dava uma olhada nas prateleiras, dizendo que os produtos que estavam ali não eram para o meu paladar e muito menos para o meu bolso. Mas eu disse que tinha ido a mando da minha sinhá e perguntei se eles vendiam *English cookies*, caprichando na pronúncia [...] Eu então falei que nós, e salientei o “nós”, para que ele pensasse que havia mesmo alguém sinhá por trás daquela minha atitude [...] Completei dizendo que pertencia a uma senhora que, *if you do not mind*, preferia ficar anônima (GONÇALVES, 2017, p.273).

[...] Ficaram muito felizes com o sucesso dos meus cookies e acharam muito engraçada a história da falsa sinhá que preferia permanecer no anonimato. O Fatumbi disse que eu era uma mulher muito inteligente, e que tinha percebido isso quando dava aulas para a sinhazinha Maria Clara na fazenda. Aproveitei a oportunidade para agradecer o interesse dele em me ensinar a ler e a escrever, o que estava ajudando muito em tudo que eu fazia (GONÇALVES, 2017, p.276).

Kehinde é uma personagem que também representa liderança em diversos âmbitos da vida social durante toda a narrativa. Mas é importante destacar que a liderança e a autonomia da protagonista se constituíram completamente conectadas ao apoio social que ela teve nas várias fases de sua vida, e que foi fundamental para sobreviver, erguer-se e tornar-se a mulher que foi.

Principalmente as mulheres fortaleceram os passos de Kehinde ao longo de sua caminhada, atravessando com ela os seus lutos e alegrias, desde a ilha de Itaparica até seu retorno, já idosa, ao Brasil para tentar, finalmente, encontrar o filho. Em sua trajetória a protagonista constrói laços de amizades fundamentais com mulheres: Esméria que trabalhou junto com Kehinde, Maria Clara, a sinhazinha com quem conviveu durante anos, Claudina, amiga importante para conseguir a alforria do filho de Kehinde, Nega Florinda, a contadora de histórias, a própria avó, a irmã e Geninha, moça que acompanhou Kehinde de Lagos ao Brasil para encontrar o filho, para citar algumas.

Todas essas relações eram permeadas de muito cuidado, Kehinde cuidava das pessoas e também era cuidada por seus amigos, nesse sentido, *Um defeito de*

*cor* pode ser considerado um romance sobre amizade e o poder de conjugar a vida na primeira pessoa do plural. Sobre a importância das experiências coletivas aliadas às vivências particulares da protagonista de *Um defeito de cor*, podemos afirmar que:

Kehinde, ao narrar sua história de vida desde sua saída de Daomé, concebe à narrativa um caráter individual e também coletivo, que nos permite conhecer muitas outras histórias, principalmente, de mulheres. A protagonista também vai tecendo uma narrativa que permite uma reconstrução e afirmação de uma (ou várias) identidade afro-brasileira, tantas vezes aniquilada (SILVA, 2018, p.117).

*Um defeito de cor* é uma longa carta ditada por Kehinde a Geninha com o intuito que seja entregue para o filho, segundo a própria protagonista narradora, o relato que fazia a sua companheira e cuidadora de viagem era um pedido de desculpas ao filho. Sobre esse testemunho autobiográfico, Kehinde explica:

Tive a ideia de fazer este relato três dias antes da partida, quando pedi a ajuda da Geninha e mandei comprar papel. O que eu imaginava ser uma carta de dez, doze páginas, porque sabia que não viveria até te encontrar, já se transformou em tantas que nem temos coragem ou tempo para contar, colocadas em uma pilha enorme aqui ao lado da minha cama. [...] Passando os dias dentro desta cabine, ditando o que ela vai escrevendo, somente agora, no final da viagem, é que começo a pensar no que significa voltar ao Brasil, embora eu nada vá ver dos lugares dos quais ainda me lembro. A Geninha verá por mim, e também fica encarregada de fazer com que tudo isto chegue às suas mãos, e sei que ela o fará, mesmo tendo pistas que, de tão velhas, podem não ser de grande ajuda (GONÇALVES, 2017, p.912).

Mais uma vez a escrita ocupa um lugar estratégico na história da protagonista. Kehinde como contadora de histórias quer deixar inscritos no tempo seus passos e suas travessias. Ao entregar a sua história nas mãos de uma mulher jovem negra que recebe a incumbência de relatar sua trajetória para o seu descendente, Kehinde representa justamente o trabalho das próprias escritoras negras que através de seus escritos rompem com o lugar de controle que muitas vezes estão confinadas as histórias que afirmam a existência de mulheres negras para além dos estereótipos e do racismo.

Kehinde é uma personagem que desde o útero divide sua existência com outra mulher, sua irmã gêmea Taiwo, as duas dividiram sua primeira morada e eram partes diferentes de um mesmo processo de gestação, mas eram vidas que se completavam e se misturavam e que irão sempre existir uma na outra, assim também percebemos a relação dessas personagens, protagonistas, com as escritoras que lhe deram vida na dinâmica da ficção.

As personagens que foram escolhidas para compor a discussão sobre protagonistas negras que aqui propomos são mulheres que viveram experiências diaspóricas, são viajantes em seus tempos e entre tempos que fraturam as imagens de controle sobre a representação da mulher negra na literatura canônica ocidental. Apresentamos personagens femininas criadas por escritoras negras de diferentes nacionalidades, em anos diferentes, mas que compõem uma rede de *caminhos-histórias* que se cruzam, se misturam e se completam mostrando o quanto pode ser plural a existência de mulheres negras.

Escritoras negras deram vida a personagens complexas que representam outra forma de representar mulheres negras em narrativas. Nesse aspecto, concordamos como as palavras de Figueiredo (2009): “Tecendo suas narrativas, as escritoras tecem o destino das personagens protagonistas, quase sempre mulheres, que se movimentam no texto, transformando em espetáculo performático o que parecia ser estático no papel” (FIGUEIREDO, 2009, p.104).

Sendo assim, as representações dessas mulheres no discurso literário afrodescendente estão afinadas com o que o feminismo negro preconiza sobre os modos de existir da mulher negra que não cabem em universalismos rasos. Sobre por que escolhemos **personagens de romance** para pensar a questão da personagem negra protagonista, a explicação de Fernanda Miranda nos ajuda a elucidar essa escolha:

Dana, Ponciá, Sethe [protagonista de *Amada* de Toni Morrison], Maria Vitória e tantas outras protagonistas de romances de autoras negras da diáspora, desamarram as cordas que sustentam a máscara na boca de Anastácia todas a vezes que uma leitora ou leitor as incorpora hoje em seus arquivos de imaginação e conhecimento sobre o passado. Não por acaso, pensou eu, são todas personagens de romances. A *forma* já é um índice de sentido. Toni Morrison, em entrevista dada a Paul Gilroy para seu livro *O Atlântico Negro* (2001), diz que o romance é uma forma necessária para o povo negro. [...]. O romance é um gênero necessário para aqueles que por muito tempo não puderam falar, talvez porque dentre todos os gêneros, é o que apresenta condições mais favoráveis para elaborar a pluralidade dos atos de fala, as tramas do cotidiano, as nuances das existências e convenções sociais, pensamentos íntimos, das configurações de cidade. (MIRANDA, 2017, p.6).

Todas as personagens que apresentamos anteriormente, assim como Ifemelu, são protagonistas que enfatizam os processos sociais na produção de suas subjetividades. Por exemplo: mesmo sofrendo violências e tendo suas existências ameaçadas pelo machismo, racismo, capitalismo encararam as situações de

maneira ativa e criaram modos de ser além das opressões, nesse sentido há um reforço à dimensão subjetiva dessas personagens.

Por mais que as personagens vivenciem lugares de subalternidade o modo como são construídas mostram como elas vivem, sentem e interpretam e até questionam, desconstruem os lugares de opressão de raça, gênero e classe. Essas mulheres resistem e sua resistência cria algo novo. Dessa maneira, tornam-se evidentes as nuances psicológicas das personagens e de seus desenvolvimentos na trama que nos permitem questionar os estereótipos presentes na Literatura e ampliar as concepções estéticas tanto de leitores como escritores.

Ainda tratando dessa valorização da dimensão subjetiva, criar protagonistas conectadas com atividade da escrita é uma estratégia, um recurso que destaca o modo como a personagem vivencia, se relaciona, interage ou tenta transformar a realidade com a qual convive, o meio na qual está inserida. Ifemelu se empenha na atividade de escrita impulsionada pela necessidade de falar sobre o que a aflige e também pelo interesse em criar meios de comunicar-se com quem conhece as aflições com as quais ela lida.

Adah escreve para conseguir enxergar a si mesma para além do casamento infeliz e das dificuldades que cerceiam suas possibilidades de continuar investindo em suas capacidades, competências e inteligência. Kehinde escreve para o filho para pedir desculpas, para lembrá-lo de uma dimensão de sua biografia e para, quem sabe, salvar a si mesma do total esquecimento pelo filho.

Ressaltamos o lugar da escrita na vida das personagens sobre as quais falamos aqui porque elas personificam o conceito de Escrevivência, proposto por Conceição Evaristo, com o qual trabalhamos no decorrer dos estudos para essa pesquisa e que contribuiu para pensarmos o protagonismo das personagens do texto literário afrodescendente. A escrita deflagra a capacidade intelectual, de apreensão crítica da realidade e de agenciamento dessas personagens (que nos ajudaram a criar um entendimento de protagonismo) e por isso merece destaque em nossa discussão teórica.

Além disso, utilizar o conceito de escrevivência para pensar o protagonismo dessas personagens é uma maneira de conectar a discussão que propomos nesse tópico com a explanação teórica do primeiro capítulo. Anteriormente ressaltamos a importância de questionar os perigos das histórias únicas sobre a África e seu povo

e o quanto poder contar histórias pode vulnerabilizar ou fortalecer povos e pessoas, sendo assim, também por isso decidimos destacar personagens que contam histórias. sobre a ideia de escrevivência, Conceição Evaristo explica:

Bom, a Escrevivência, a primeira coisa que eu poderia dizer, sem retomar o processo histórico que me faz pensar nesse termo escrevivência [...], é uma literatura que é profundamente, que tem por inspiração, tem como motivo de escrita a própria vivência. E quando eu digo a própria vivência é não somente a minha vivência particular. Eu tenho dito que as personagens que eu crio não têm condições de eu ser cada uma daquelas personagens [...], então cada personagem criada não traz necessariamente, e muitas nem trazem, a minha experiência pessoal, mas todas elas trazem uma experiência do grupo, da coletividade. Por que? Porque tudo que eu escrevo desde os textos literários, como os textos ensaísticos, as minhas escolhas de pesquisa tanto no mestrado quanto no doutorado são textos profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. A minha condição de mulher negra na sociedade brasileira, ela influi inclusive nas temáticas que eu vou escolher. Por exemplo: essa minha condição, essa minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira me faz ou me permite ou me seduz para que eu escreva colocando as mulheres negras no centro da cena [...] E uma coisa que eu tenho insistido muito e eu vou produzir um ensaio sobre isso é que essa escrevivência está profundamente comprometida com o coletivo, mesmo quando o discurso está em primeira pessoa (EVARISTO, 2018a, n.p).

Dessa maneira, utilizamos um conceito proposto por Evaristo porque, assim como todo seu projeto literário, o conceito de escrevivência dialoga com a constituição do protagonismo das personagens apresentadas nesse tópico, bem como com as discussões dos tópicos anteriores. Sobre o projeto literário de Conceição Evaristo, Alexandre (2018) ressalta que:

A obra literária de Conceição Evaristo é voltada para a resignificação das identidades e enunciações negras. Em seus textos, os afrodescendentes são o centro da sua letra contestatória, palavras reminiscências de memórias que nos permitem repensar os lugares de representação aos quais os sujeitos negros são e estão relegados em nossas sociedades (ALEXANDRE, 2018, p.36).

Também destacamos esse conceito pela própria relação que ele estabelece entre as autoras negras e as personagens de suas obras. Sobre a vivência de Conceição Evaristo e sua contribuição para a formulação do conceito de escrevivência destacamos que: “o discurso de Evaristo se funda por meio das experiências vividas e a partir da observação das histórias de mulheres fortes que, de alguma maneira, cruzaram e cruzam seu caminho de formas e enunciações distintas” (ALEXANDRE, 2018, p.37).

Em *Perigo de uma única história* Chimamanda Adichie destaca a importância

das formas e enunciações distintas na Literatura e o impacto de encontrar pessoas negras “no centro da letra contestatória” de histórias escritas por autores e autoras negras. A escritora relata na palestra que aos sete anos quando começou a escrever suas primeiras histórias escrevia exatamente o que estava lendo, como lia majoritariamente livros ingleses e estadunidenses, suas personagens eram brancas de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e ficavam contentes quando o sol aparecia.

Sabemos que essas características não são próprias da Nigéria e das pessoas que vivem lá. Segundo Adichie, esse episódio de sua história demonstra o quanto podemos ser vulneráveis e influenciados por histórias ainda mais quando crianças e explica:

Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, deveriam ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar como os livros estrangeiros (ADICHIE, 2009, n.p).

Quando Chimamanda Adichie entrou em contato com a obra de escritores nigerianos, como Chinua Achebe, ela mudou sua percepção sobre Literatura e passou a ter outras experiências literárias que enfraqueciam histórias únicas, inclusive sobre si mesma. Adichie conta: **“eu percebi que garotas como eu, com a pele cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura”** (ADICHIE, 2009, n.p., grifo nosso).

Para a escritora, uma das principais consequências que descobrir autores africanos em sua jornada de leitora trouxe foi mostrar que há possibilidades para que pessoas como ela estejam nos protagonismos da Literatura, e arremata: “o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de uma história única sobre o que os livros são” (ADICHIE, 2009, n.p).

Como afirma Schmidt (2017), “a quem se representa e como se representa são, assim, questões cruciais para o discurso literário” (SCHIMIDT, 2017, p.187), também por essa razão acreditamos ser importante destacar o lugar da personagem protagonista no desenvolvimento de uma narrativa romanesca.

Além disso, são os personagens que, através de suas ações, pensamentos, posicionamentos colocam em movimento o enredo das narrativas, ou seja: “A personagem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor,



pelos mecanismos de identificação, projeção, transferência etc”. (CANDIDO, 2014, p.54).

Sendo assim, identificamos Ifemelu (e as outras protagonistas anteriormente discutidas) como uma personagem que rompe com o *perigo de uma personagem única*, para usar novamente uma referência à palestra de Adichie e lembrar a discussão teórica do primeiro capítulo. Como bem resume Cavalcante (2017):

Ifemelu é uma personagem que acima de tudo demonstra agenciamento e autonomia. A sociedade ocidental enxerga os emigrantes e refugiados desprovidos dessas características, são vistos como pessoas em constante estado de dependência, cerceados por discursos de preconceito e estereótipo, são humilhados nas fronteiras, impedidos de trabalhar, de ser produtivos. Uma personagem como Ifemelu desautoriza essas interpretações e demonstra a capacidade de agência do sujeito diaspórico (CAVALCANTE, 2017, p.82).

A personagem Ifemelu interessa a esse trabalho por ser uma protagonista “forte e questionadora da realidade normativa” (CAVALCANTE, 2017, p.87). E por realidade normativa entendemos o modo como, muitas vezes, o continente africano é representado somente como depositário de misérias e as personagens negras como objetos e não sujeitos. Adichie, ao criar Ifemelu, contribui com outros modos de olhar para a pessoa negra e com outros modos de abordar a criação e o desenvolvimento de uma protagonista de uma narrativa literária.

O modo como essa personagem é construída na trama ajuda a romper com uma ideia universal e ideal de mulher (branca e dócil) e de protagonista negra. Ifemelu é uma mulher negra, universitária que alcança sucesso profissional através do seu trabalho com mídias digitais, como blogueira.

Considerando esse contexto, o modo como a narrativa e a construção das personagens se desenvolvem em *Americanah* contribuem para a ampliação das referências estéticas no cenário brasileiro, assim como para seus leitores. Na maioria das vezes, enquanto professores, por exemplo, esquecemos (ou não percebemos) que nosso trabalho também pode contribuir com um aluno ou aluna que queira se tornar escritor/escritora. O quão importante não seria para um aluno/aluna que busca escrever (livros, roteiros, novelas) ter contato com obras que apresentem personagens que escapam dos estereótipos racistas?

A mulher negra em nossa sociedade, através de vários discursos e narrativas, inclusive da literatura, do cinema, da televisão, na publicidade sempre foi tratada e retratada como mão de obra, seu corpo associado à lascívia e pecado, além da

associação da experiência da maternidade com a mulher negra ser pouco significativa (EVARISTO, 2005, DUARTE, 2009), sobre o lugar da mulher negra na literatura canônica, Conceição Evaristo (2005) afirma que:

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação linguística, a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral (EVARISTO, 2005, p.202).

Em sala de aula, visando o processo educacional, ou na leitura para entretenimento, lazer o importante é oferecer contrapontos a imagem que já vem exaustivamente sendo associada à mulher negra. Existe essa lacuna estética no que concerne a personagem negra feminina no cânone e o exercício de crítica a esse aspecto não significa banir ou desconsiderar outras obras, mas trata de incentivar o acesso a outras formas de escrever sobre mulheres negras, trata-se de criar novos lugares para as personagens negras.

Conceição Evaristo (2018b) declara: “Eu não quero trabalhar com os estereótipos ou trabalhar com um imaginário que a sociedade já tem a respeito. Quero criar um outro lugar” (p.7). Argumentamos, portanto, que o projeto literário de Chimamanda Adichie apresenta contribuição significativa para o fortalecimento desse outro lugar da mulher negra como personagem literária. *Americanah* é, portanto, um romance que honra a definição de Ifemelu: “literatura da boa, o tipo de história que as pessoas ainda vão ler daqui a duzentos anos” (ADICHIE, 2014, p.472).

### **2.3. “Minha maneira de estar no mundo é contando histórias”: Biografia e projeto literário de Chimamanda Ngozi Adichie**

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana nascida no dia 15 de setembro de 1977 em Enugu. Pertencente a uma família de etnia igbo, Chimamanda cresceu na cidade universitária de Nsukka (morou na mesma casa em que anteriormente viveu o escritor Chinua Achebe) e é a quinta filha de Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie, ambos trabalharam na Universidade da Nigéria, James como professor de Estatística e Grace Ifeoma como escritora. Atualmente, a escritora vive

entre os Estados Unidos e Nigéria, é casada com um médico nigeriano, Ivora Esege, e tem uma filha.

Chimamanda Adichie foi criada praticando a fé católica, em uma família que pode ser considerada mais progressista, e também sempre se interessou pela cultura da etnia de sua família, sendo que algumas das primeiras lembranças sobre problematizações de caráter feminista na vida de Adichie estão relacionadas ao papel da mulher na cultura igbo.

Aos 19 anos, Chimamanda Adichie ganhou uma bolsa de estudos para estudar nos Estados Unidos e morou no país por sete anos. Considerada uma das principais representantes da nova geração de escritores do seu país, a escritora tem formação em Comunicação e Ciência Política pela Universidade Estadual de Connecticut, mestrado em Escrita Criativa (Universidade John Hopinks) e em Estudos Africanos (Universidade de Yale).

A jornalista e escritora Larissa Macfarquhar, em maio de 2018, escreveu um perfil sobre Chimamanda Adichie para a revista *The New Yorker* intitulado “*Chimamanda Ngozi Adichie comes to terms with global fame*<sup>19</sup>”. Na reportagem, Macfarquhar contextualiza o princípio da trajetória acadêmica de Chimamanda na Nigéria:

Nas décadas de 80 e 90, as escolas nigerianas passaram a dar ênfase às ciências; assim, embora já tivesse publicado um livro de poemas, Chimamanda entrou para a universidade, em Nsukka, no curso de medicina. Pensou que talvez pudesse se tornar psiquiatra e usar as histórias dos pacientes para sua ficção, mas ainda estudante não conseguiu suportar os cadáveres. Em 1995, decidiu tentar a admissão em faculdades norte-americanas. Àquela época era o que muitos faziam. Formar-se na Nigéria podia demandar anos adicionais, porque os professores universitários estavam sempre em greve e não parecia haver emprego para os formados (MACFARQUHAR, 2019, p.50).

Chimamanda Adichie também é uma escritora que pode facilmente ser encontrada nas redes sociais. A autora possui um perfil no *Instagram*, a conta é administrada por suas sobrinhas e nela são postadas, principalmente, fotos de Chimamanda Adichie usando roupas que são assinadas por estilistas nigerianos, o perfil serve como vitrine para o projeto “*Wear Nigeria*”.

---

<sup>19</sup> No Brasil esse perfil foi publicado pela Revista Piauí nº 149 (fevereiro de 2019) com o título “A hora e a vez de Chimamanda: a escritora nigeriana que alcançou fama mundial” e tradução de Sergio Tellaroli (essa é a tradução que usaremos neste tópico).

Sua página no *Facebook* é constantemente atualizada com seus compromissos profissionais e em uma rápida busca por seu nome no *Youtube* aparecem diversos resultados, tendo destaque as duas palestras que ajudaram a disseminar suas palavras pelo mundo: O perigo de uma história única (*The danger of a single story*) e Sejam todos feministas (*We should all be feminists*).

Além dessas plataformas, Chimamanda Adichie também possui um site oficial e a professora Daria Tunca<sup>20</sup> da Universidade de Liège, desde outubro de 2004, também administra outro site<sup>21</sup> onde compila informações principalmente sobre a obra da escritora e que também é atualizado com outros textos de Chimamanda e estudos sobre a obra dela. Nos dois sites sobre Chimamanda Adichie existe um tópico que direciona o visitante para o “*Ifemelu’s blog*” (desatualizado há algum tempo).

No site organizado pela professora Tunca existe uma lista com entrevistas de Chimamanda Adichie para revistas, jornais, emissoras de rádio e televisão, além de textos da própria autora também em revistas e jornais. Na sessão denominada “*Essays Published in Newspapers, Journals and Magazines*” estão listados mais de 90 textos que Chimamanda Adichie escreveu no período 2003 a 2019. Os textos abordam questões sobre o trabalho como escritora e a obra literária de Adichie, assim como política (da Nigéria e dos EUA) e reflexões sobre episódios pessoais também.

Ainda segundo informações disponibilizadas no site, Chimamanda Adichie escreveu uma peça de teatro chamada *For Love of Biafra* (1998), tem ainda uma coleção de poemas: *Decisions* (1997), além de uma quantidade significativa de contos publicados em antologias e periódicos.

A ampla gama de informações sobre a autora no compilado do site da professora Daria Tunca mostra o quanto Chimamanda Adichie é uma escritora que constantemente cria e reflete sobre o mundo e os contextos pelos quais transita. Nesse sentido, vale ressaltar ainda que Adichie junto com seu editor na Nigéria (Murthar Bakare) criaram a ONG *Farafina Trust* e desenvolvem um trabalho de

---

<sup>20</sup> Professora que trabalha no Departamento de Inglês da Universidade de Liège, na Bélgica. Faz parte do grupo de Pesquisa Pós-colonial CEREP (Centre for Teaching and Research in Postcolonial Studies) e ensina sobre Literatura Pós-colonial com destaque para a ficção nigeriana. Além de Adichie, também estuda a obra de Ben Okri, Chris Abani e Chika Unigwe.

<sup>21</sup> <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnaaboutsitesite.html>>

oficinas literárias com escritores e assim ajudam a divulgar a produção literária africana.

Segundo a pesquisadora Alyxandra Nunes (2016), Chimamanda Adichie pertence ao grupo de escritores nascidos entre os anos 60 e 70, que estudaram nos Estados Unidos ou na Europa e desenvolvem sua criação literária a partir do que chama de diáspora nigeriana. Daria Tunca e Pius Adesanmi são pesquisadores que desenvolveram a noção de gerações para abordar a literatura nigeriana.

Segundo essa classificação, autores como Adichie, Mohamed Umar, Uzodima Ewala, Ben Okri e Chris Abani fazem parte da terceira geração de escritores nigerianos que abordando questões históricas, urgentes e emergentes da Nigéria mostram ao mundo um novo modo de olhar para esse país através da literatura.

Nunes (2016) explica que Chimamanda Adichie faz parte dessa terceira geração “por herdar o caminho de autores seminais, como Chinua Achebe e Wole Soyinka, por ser de um grupo de escritores que comungam de características comuns em suas temáticas narrativas” (NUNES, 2016, p.129). Sobre o projeto literário de Adichie, a professora Daria Tunca declara:

Desde os primeiros estágios de sua carreira, Adichie tem celebrado o vigor intelectual e a riqueza cultural da Nigéria, ao mesmo tempo em que demonstrou uma aguda consciência dos problemas que assolaram seu país ao longo das décadas. Ela também tem explorado com frequência os desafios enfrentados por seus compatriotas fora da Nigéria, já que outro grande tema em execução em seu trabalho tem sido a imigração nigeriana para os Estados Unidos, que ela abordou com frequência da perspectiva de mulheres protagonistas<sup>22</sup> (TUNCA, 2017, n.p.).

Ainda sobre a trajetória intelectual de Chimamanda Adichie, Nunes (2016) situa que “Adichie possui uma trajetória intelectual e literária que deve ser contextualizada na história da literatura nigeriana ‘anglófona’, na medida em que seu projeto literário faz parte de uma outra geração de escritores nigerianos envolvidos em fazer vir à tona temas que ainda são tabus na sociedade nigeriana, pois, segundo eles, se não forem solucionados, acessados, o projeto de nação Nigéria não será mais viável no futuro próximo.” (NUNES, 2016, p.134).

---

<sup>22</sup> Tradução: “Since the early stages of her career, Adichie has celebrated Nigeria's intellectual vigour and cultural wealth, while also displaying a keen awareness of the problems that have plagued her country over the decades. She has also often explored the challenges faced by her compatriots outside Nigeria, as another major theme running through her work has been Nigerian immigration to the United States, which she has often tackled from the perspective of female protagonists”. Trecho retirado do texto de Introdução do site sobre Chimamanda Adichie mantido pela professora Daria Tunca.

Sobre o percurso intelectual de Chimamanda Adichie, Ramos (2018) afirma:

A trajetória intelectual de Adichie é marcada por trânsitos geográficos ao ponto que localizamos o seu trabalho num espaço fronteiriço que dialoga questões nigerianas com demais questões globais. Dessa maneira, identificamos alguns temas recorrentes que sua escrita literária questiona a exemplo dos estereótipos da África e de africanas, os papéis de gêneros como basilares para subjugação feminina e a raça e o racismo que exclui e estigmatiza corpos negros. Adichie aborda esses temas através de suas personagens que circulam entre Nigéria, Estados Unidos, Inglaterra para citar alguns (RAMOS, 2018, p.10).

Os livros da autora publicados no Brasil são: *Sejamos todos feministas* (*We should all be feminists*, 2015) e *Para educar uma criança feminista: um manifesto* (*Dear Ijeawele or A feminist manifesto in fifteen suggestions*, 2017) com tradução, respectivamente de Christina Baum e Denise Bottman, *No seu pescoço* (*The Thing around your neck*, 2017), *Americanah* (2014) e *Hibisco Roxo* (*Purple Hibiscus*, 2011) tradução de Julia Romeu e *Meio Sol Amarelo* (*Half Yellow Sun*, 2008) traduzido por Beth Vieira. Adichie também recebeu alguns prêmios como o *Orange Prize* e o *National Book Critics Circle Award*.

*Sejamos todos feministas* e *Para educar uma criança feminista: um manifesto* e *Sejamos todos feministas*, categorizados por Tunca (no site sobre a autora) como “ensaios publicados em formato de livros”, abordam a temática do feminismo, como já mencionado no primeiro capítulo. Adichie defende o feminismo como um movimento que busca promover justiça social e defende uma abordagem feminista que inclua homens nesse processo de luta por equidade entre gêneros por acreditar que as estruturas machistas também são gaiolas que aprisionam a saúde emocional de garotos e homens.

Na Nigéria, o posicionamento feminista de Chimamanda Adichie não é consenso. Muitas pautas feministas ainda não são vistas como direitos humanos, pelo contrário, são assuntos considerados temas polêmicos, tabus na sociedade nigeriana. A escritora relata que:

Uma vez, um jornalista me disse: ‘Os nigerianos adoram quando você escreve ficção, mas não gostam quando fala sobre feminismo. Querem que cale a boca e escreva’. *Hibisco Roxo* fez muito sucesso, porque as pessoas não tinham um livro que refletisse nossa experiência contemporânea. *Meio Sol Amarelo* foi um pouco polêmico. Então, comecei a falar sobre feminismo e, de repente, as estações de rádio diziam: ‘Ela é uma feminista louca e quer destruir casamentos’. Já me contaram que, quando mulheres mais jovens saem com um rapaz, e demonstram sua opinião sobre algum assunto, mas o cara é babaca, ele diz: ‘Ah, você deve ser filha da Chimamanda’. (ADICHIE, 2019, p.78).

No entanto, apesar de se denominar como feminista e acreditar na importância do feminismo para o mundo, Adichie sempre ressalta que quer ser reconhecida “como romancista. Como contadora de histórias que por acaso é feminista” (ADICHIE, 2019, p.77). Na Nigéria, Chimamanda Adichie realmente é reconhecida e famosa por causa do seu trabalho como escritora, segundo o texto de Larissa Macfarquhar:

Em Lagos ela é tão reconhecida quanto o presidente da República. Seu rosto pode ser visto em outdoors, as pessoas a cercam no aeroporto. Quando entra num restaurante, uma onda de reconhecimento vai se espalhando mais e mais. Às vezes, ao pedir a conta, descobre que seu almoço ou jantar já foram pagos. Seus livros são pirateados – seu editor lhe disse que os livros mais pirateados na Nigéria são os romances dela, os livros de T.D. Jakes [...] e a Bíblia (MACFARQUHAR, 2019, p.51).

Adichie relatou em sua palestra *O perigo de uma única história* que é muito comum ouvir falar que na Nigéria as pessoas não gostam de ler, o relato anterior questiona essa assertiva e a própria reação das pessoas sobre o primeiro romance da escritora também. Chimamanda Adichie conta:

Logo após publicar meu primeiro romance, eu fui a uma estação de TV em Lagos para uma entrevista e uma mulher que trabalhava lá como mensageira veio até mim e disse: “Eu realmente gostei do seu romance, mas não gostei do final. Agora você tem que escrever uma sequência e é isso que vai acontecer...” E continuou a me dizer o que escrever na sequência. [...]. Ali estava uma mulher, parte das massas comuns de nigerianos, que não se supunham ser leitores. Ela não tinha só lido o livro, mas havia se apossado dele e sentia-se no direito de me dizer o que escrever na sequência (ADICHIE, 2009, n.p).

Em seu primeiro romance, *Hibisco Roxo*, lançado em outubro de 2003, Adichie narra a história de Kambili Achicke, uma adolescente nigeriana que vive com os pais e o irmão mais velho uma vida rica e confortável na cidade de Abba. O pai da protagonista, Eugene, era um poderoso empresário dono de indústrias e de um jornal. Apesar de ser um homem muito generoso publicamente, em casa, com a família usava da violência para impor a sua maneira de pensar e ver o mundo.

Eugene impunha para a família horários restritos para o desenvolvimento de atividades, fiscalização constante para obediência aos dogmas cristãos e até proibição de convivência com o avô dos filhos, seu pai, por ele ser uma pessoa que cultuava os deuses ancestrais. Os castigos físicos também aconteciam na família, inclusive a mãe de Kambili, Beatrice, apresentou sérios problemas de saúde por causa desse tratamento violento.

Essa dinâmica familiar começa a ser questionada quando Kambili e Jaja, seu irmão mais velho, começam a conviver com a tia Ifeoma e sua família. Ifeoma é uma professora universitária, mãe de três filhos que passa por dificuldades financeiras devido ao processo de desestabilização financeira e política na qual a Nigéria vive e afeta diretamente as universidades.

Ifeoma é irmã de Eugene e também adotou a fé cristã, mas não menosprezava de maneira nenhuma os deuses do pai. Nesse romance dentre as principais temáticas abordadas estão: família, religião, opressão e o tensionamento entre tradição e modernidade. Segundo Freitas (2014):

A autora inverte a ordem cronológica natural, colocando o evento mais importante logo no início [...]. Só mesmo depois é que são apresentados os momentos anteriores e posteriores àquele instante, para que, em seguida, a situação presente seja exposta. Esse procedimento tem a função de estabelecer, logo de imediato, a moldura por meio da qual a modernidade parece ser encarada no romance: a aproximação entre a nova crença, que deveria ser uma religião de amor, e a violência contra qualquer tipo de questionamento ou rebeldia (FREITAS, 2014, p.31).

O segundo romance de Chimamanda, adaptado para o cinema em 2013 sob a direção de Bandele Biyi, chama-se *Meio Sol Amarelo* e trata de um assunto muito importante para a autora: a Guerra de Biafra. Contando a história de duas irmãs gêmeas, Adichie fala sobre um assunto muito delicado para o povo nigeriano e em especial para sua família já que pessoas importantes da família de Chimamanda Adichie morreram no conflito. Nessa obra:

a autora situa suas personagens no contexto da Nigéria pós-independência, ao longo de toda a década de 1960. As figuras ficcionais são, assim, posicionadas em duas esferas: as aldeias, com seus modos de vida tradicionais, e as cidades maiores nigerianas, já bastante alteradas pelos processos de ocidentalização (FREITAS, 2014, p.13).

Em *Meio Sol Amarelo*, segundo Larissa Macfarquhar, Chimamanda Adichie construiu “uma narrativa de complexidade sinfônica com personagens saídas de toda a Nigéria e de diversos níveis sociais, entrelaçadas pela via do amor e dos encontros fortuitos de refugiados” (MACFARQUHAR, 2019, p.46). Já a professora Daria Tunca (2017) caracteriza o segundo romance de Adichie da seguinte maneira:

*Meio Sol Amarelo* que é ambientado antes e durante a guerra de Biafra, é contado a partir das perspectivas de três personagens diferentes [Ugwu, Olanna, e Richard] [...] O romance levanta questões políticas, bem como muitas questões desafiadoras relacionadas a gênero, raça e classe, mas também fornece um retrato sensível das aspirações individuais e dos vínculos emocionais dos personagens uns aos outros. Enquanto Adichie não se esquivava de descrever os efeitos devastadores do conflito de Biafra, ela também mostra a seu leitor que as pessoas não apenas morrem, mas



também vivem, amam e sonham, em tempos de guerra (TUNCA, 2017<sup>23</sup>, n.p).

As palestras e livros de Chimamanda impulsionam debates e apresentam narrativas a partir das experiências e memórias da própria autora e de seu país. Em *Americanah*, essa característica também está bastante presente, o romance apresenta diversas histórias paralelas que aparecem como lembranças, como uma explicação da narradora ou como *flashback*, sendo importante ressaltar que muitos dos episódios contados no romance também estão relacionados com a vida escritora, mas também dizem respeito a experiências que a escritora conheceu por meio de outras pessoas.

Sucesso de vendas, de crítica e entre leitores, *Americanah* narra a história de Ifemelu, uma jovem mulher nascida na Nigéria que se muda para os Estados Unidos para estudar devido às greves que atingiram as universidades nigerianas. O romance atualiza discussões sobre gênero, etnia, identidade, imigração e trabalho ao destacar a perspectiva de uma personagem, mulher negra, nascida em um país no continente africano que se encontra com o modo de vida norte-americano e a partir dessa vivência diaspórica começa a escrever em um *blog* chamado “Observações diversas sobre negros americanos feitas por uma negra não americana” (ADICHIE, 2014, p.10).

Em 2017, a cidade de Nova York escolheu o romance *Americanah* para o projeto “*One book, one New York*”, uma espécie de clube do livro da cidade em que os residentes são incentivados a ler o mesmo livro escolhido por votação. Então, escolas, pessoas, livrarias e grupos culturais trabalharam a leitura do terceiro romance da escritora nigeriana. Recentemente foi confirmado que *Americanah* será adaptado como série estrelada por Lupita Nyong’o (*Pantera Negra; 12 anos de escravidão*) com roteiro adaptado de Danai Gurira (*Pantera Negra*).

Daria Tunca considera *Americanah* um romance híbrido, “em algum lugar entre a história de amor e romance sociopolítico” (TUNCA, 2017, n.p.). Para a professora, Chimamanda Adichie cria um romance que trata das consequências afetivas decorrentes de separações geográficas e ao mesmo tempo retrata habilmente, e com bom humor, os Estados Unidos e a Nigéria.

Chimamanda Adichie explica qual seu intuito ao escrever *Americanah*:

---

<sup>23</sup> Ver nota 28.

Eu acho que uma das coisas que eu queria fazer com ***Americanah* era escrever sobre sair de casa, escrever sobre imigração, mas não da maneira que eu acho que é familiar em geral para o continente africano**. Eu acho que a imigração da África é frequentemente vista como pessoas fugindo de todos os tipos de perigos e guerras, pobreza, mas essa não é a imigração que eu conheço. Eu estou familiarizada com o tipo de imigração que é realmente sobre a busca de mais opções, sobre aqueles que não estejam passando fome, sobre aqueles que conhecem bem-estar, é sobre aqueles que têm empregos, mas querem mais (ADICHIE, 2016, n.p., grifos nossos).

Narrado em terceira pessoa, *Americanah* se constrói no entrelaçamento da história de vida de Ifemelu e de Obinze, seu namorado de adolescência. O eixo temporal de referência a partir do qual a narrativa começa e se desenvolve é a volta de Ifemelu para a Nigéria e mais especificamente Ifemelu em um salão de beleza, o “Salão Especializado em Tranças Africanas Mariama”, trançando o cabelo.

Durante o atendimento emergem as lembranças, episódios da vida de Ifemelu desde a época em que estava na Nigéria e a estadia nos Estados Unidos. Através desse fluxo da memória e dos pensamentos da personagem descritos pela narradora o leitor conhece a pessoa que Ifemelu foi sendo e se tornando em algumas fases de sua vida e desde o começo da narrativa acontece o trançar dos tempos e das histórias.

Segundo Araújo (2017), “*Americanah* é um livro anti-verdade-única. Trata-se de uma obra sobre pertencer e não pertencer, sobre ser e não ser, sobre subverter papéis e expectativas de gênero, sobre refazer-se através da escrita e seguir buscando um lugar” (ARAÚJO, 2017, p.96). Já Cavalcante (2017) afirma que em *Americanah*, Chimamanda Adichie “reconfigura o modo como é representada a africanidade, desmistificando estereótipos e inaugurando novos modos de perceber a realidade do emigrante”, sendo Ifemelu “uma personagem que acima de tudo demonstra agenciamento e autonomia” (CAVALCANTE, 2017, p.82).

Uma das características mais evidentes de Chimamanda Adichie enquanto escritora é a sua competência para criar personagens. Em 2017, Adichie concedeu uma entrevista à escritora Claudia Salazar Jiménez, nessa oportunidade a escritora respondeu ao seguinte questionamento: “Como você descreveria as mulheres dos seus romances?” Sobre as suas personagens, Chimamanda Adichie explica:

Minhas personagens normalmente me surpreendem, não as planejo demais. Muitas escritoras reclamam que suas figuras femininas precisam ser simpáticas para leitores e críticos. Quando o personagem é masculino, a crítica não vai por esse lado, é se é completo ou não, mas, com as mulheres, muitas vezes se reduz a se eu gosto ou não. E não acho que elas

deveriam agir para agradar. Não me interessam os protagonistas simples, mas os que façam qualquer tipo de coisas. E eu faço isso deliberadamente (ADICHIE, 2017, n.p).

No projeto literário de Chimamanda Adichie, a participação das mulheres não aparece só como temática, se consolida como construção estética, o desenvolvimento de suas personagens fortalece toda a dinâmica das narrativas. Em *Hibisco Roxo*, por exemplo, a aproximação entre protagonista, Kambili, e a tia (e a prima Amaka) é um divisor de águas na vida da personagem e no desenvolvimento da narrativa. A história das irmãs gêmeas, Olana e Kanene, de *Meio Sol Amarelo* mostram perspectivas diferentes da experiência de viver na Guerra de Biafra.

Já em *Americanah*, o protagonismo da personagem principal se constrói através das relações familiares, comunitárias e de amizade com mulheres e a criação do *blog* (NASCIMENTO; SOUZA, 2018). Durante toda a narrativa a presença de mulheres é majoritária, um exemplo disso é que muitos capítulos são iniciados por cenas narrativas em que personagens femininas aparecem e também existem diálogos significativos entre mulheres no romance.

Chimamanda Adichie afirma que o modo como escolheu existir no mundo é escrevendo, principalmente, ficção. E em sua ficção a criação de personagens e a construção dos seus protagonistas possibilita uma ampla discussão para os estudos literários e nesse aspecto, o projeto literário de Adichie só enriquece o debate e a pesquisa em Literatura.

### CAPÍTULO 3

#### **“...PARA AFASTAR A IDEIA DE QUE HÁ UMA ÚNICA MANEIRA DE DEFINIR BELEZA”: IFEMELU, A PROTAGONISTA FEITA LINDAMENTE**

“Que nome bonito você tem, Ifemelunamma”, disse. [...] Obinze te contou que faço algumas traduções? Do francês. Sou professora de literatura, não de literatura inglesa, veja bem, mas literatura de língua inglesa, e faço traduções como hobby. **Seu nome em igbo poderia significar ‘feita em bons tempos’ ou ‘feita lindamente’, o que você acha?”** (ADICHIE, 2014, p.78-79, grifo nosso).

Identificamos e, assim pretendemos analisar, a construção do protagonismo de Ifemelu a partir de dois eixos: **Ifemelu na Nigéria** e **Ifemelu nos Estados Unidos**. No primeiro eixo as questões de gênero e classe estão em primeiro plano na vida de Ifemelu e na narrativa, desse modo os conflitos que movimentam o enredo estão relacionados a essas problemáticas, além de questões referentes ao contexto político da Nigéria. Já no segundo eixo, as questões étnico-raciais estão mais destacadas, o processo de descobrir-se negra é um importante marcador da experiência de Ifemelu nos EUA e, portanto, no desenvolvimento da narrativa e a criação do *blog* deflagra o impacto dessa experiência.

Dentro desses dois eixos existem categorias que ajudam a compreender o desenvolvimento de Ifemelu. Questionando sobre como a protagonista se desenvolve na Nigéria, podemos perceber que o desenvolvimento do protagonismo de Ifemelu está muito ligado às suas **relações sociais, comunitárias e familiares** (Ifemelu na Escola, Igreja, Família e Universidade), destacando nesses contextos, **o relacionamento de Ifemelu com mulheres com quem convive**: Tia Uju, sua mãe, mãe de Obinze, além do **seu relacionamento amoroso com Obinze**.

Essas dimensões dentro do eixo primeiro ajudam a identificar como se constrói o protagonismo de Ifemelu na narrativa quando as vivências da personagem estão concentradas no período que ela vive na Nigéria. Quanto às categorias que pertencem ao eixo **Ifemelu nos Estados Unidos**, podemos afirmar que continua a dimensão **relações com mulheres com quem convive**: Ginika, Wambui, Tia Uju, Kimberley; a dimensão **relacionamento amoroso com Curt e Blaine** (tensionada pelas diferenças raciais e de nacionalidade) e a dimensão nova que esse eixo traz e

que resume a descoberta de Ifemelu de sua negritude nos Estados Unidos: o **trabalho como escritora do blog**.

Sendo assim, considerando o desenvolvimento da narrativa em *Americanah*, a noção de imagens de controle sobre a mulher negra proposta pelo feminismo negro de Patricia Hill Collins, o conceito de escrevivência e a discussão teórica sobre personagens literárias da literatura afrodescendente apresentada no capítulo anterior, elaboramos alguns **tópicos questionadores** que nos ajudaram a organizar nossa concepção de protagonista do texto literário e desenvolver a análise de Ifemelu como protagonista.

Esses tópicos são questionamentos que buscam destacar a importância da noção de trajetória da personagem feminina dentro da narrativa. Os tópicos questionadores são: A) De que maneiras essa personagem questiona ou desconstrói ou desestabiliza as imagens de controle que estereotipam mulheres negras? B) Existe, na narrativa, ênfase nas relações amorosas, sociais, comunitárias e familiares da personagem? (Qual o principal grupo social dessa personagem? Por quais grupos sociais transita? Com quem ela mantém suas relações mais íntimas e pessoais ou suas relações de confronto/desafiadoras?); C) Os pensamentos e posicionamentos da personagem são destacados na narrativa? (De que maneiras a narrativa mostra os posicionamentos, sentimentos, pensamentos da personagem, através de diálogos, textos, correspondências, narração em primeira pessoa?); D) Como se desenvolve a participação da personagem nos diálogos da narrativa e quais os assuntos das conversas que ela participa?

Esses quatro tópicos fundamentaram a construção dos tópicos que serão apresentados a seguir e que desdobram a ideia central dessa análise literária proposta por este trabalho dissertativo. No decorrer das 516 páginas do livro que está dividido em sete partes e 56 capítulos, o leitor também conhece a família, os namorados, os amigos de Ifemelu e acompanha o processo de descobertas e amadurecimento dela nos Estados Unidos e a criação do seu blog. A partir desses percursos de Ifemelu, o exercício de reflexão aqui desenvolvido parte do questionamento: Como se desenvolve o protagonismo de Ifemelu no romance *Americanah*?

### 3.1 “O único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra”: A Nigéria de Ifemelu

#### 3.1.1. *Americanah* em verde e branco

O título deste tópico, *Americanah em verde e branco*, faz referência à bandeira da Nigéria. Escolhemos esse título para afirmar que, assim como a ida de Ifemelu aos Estados Unidos, merece destaque na análise que fazemos do protagonismo da personagem, sua nacionalidade nigeriana e o seu desejo de voltar ao país de origem. Esse tópico defende que Ifemelu, muitas vezes no decorrer da narrativa, divide o seu protagonismo com a Nigéria.

Além disso, destacamos as cores da bandeira nigeriana no título para contrastar com as cores que “pintam” a capa da edição brasileira do livro, cores que remetem à bandeira estadunidense. O título também é uma referência-homenagem aos títulos “coloridos” dos dois outros romances de Chimamanda Adichie: *Meio Sol Amarelo* e *Hibisco Roxo* que tratam principalmente de aspectos históricos e culturais da Nigéria.

A Nigéria é um país localizado no oeste do continente africano, no Golfo da Guiné, cuja capital é Abuja e faz fronteira com os países Benin, Níger, Camarões e Chade, sendo o seu litoral banhado pelo oceano Atlântico. De acordo com as divisões territoriais do continente africano a Nigéria está localizada na África Subsaariana e/ou na África Ocidental.

Possui uma população de mais de 190<sup>24</sup> milhões de habitantes. Além de ser o país mais populoso do continente africano, apresenta a maior população negra do mundo. O idioma oficial do país é o inglês e 59% da população é alfabetizada (LYRA, 2016). Em termos populacionais, na Nigéria existem aproximadamente 250 grupos étnicos, e segundo Visentini (2011):

a maior parte destes [grupos étnicos] pertence a quatro grandes grupos: os Hausa e os Fulani, que predominam no norte, são majoritariamente muçulmanos, e compõem aproximadamente 29% da população do país; os Yorubas, no sudoeste, que seguem a religião tradicional Yoruba, mas também tem populações cristãs e muçulmanas, e compõem 21% da população do país; e os Igbos, no sudeste, predominantemente cristãos, representando 18% da população da Nigéria (VISENTINI, 2011, p.5).

---

<sup>24</sup> Dado disponível em <<https://paises.ibge.gov.br/#/dados/nigeria>>.

Ifemelu é uma jovem mulher nigeriana que vem de Lagos, uma megacidade, majoritariamente ioruba, que é considerada o centro comercial e industrial da Nigéria, a família da protagonista pertence à etnia igbo. Uma parte da narrativa de *Americanah* se passa nessa cidade e segundo Chimamanda Adichie (2015), “Lagos é uma metrópole com quase vinte milhões de habitantes, com mais energia do que Londres, com um espírito mais empreendedor que Nova York e, portanto, as pessoas estão sempre inventando maneiras de ganhar a vida” (ADICHIE, 2015, p.18).

Nos diálogos iniciais de Ifemelu no salão de beleza em que está trançando o cabelo para voltar para casa, conversando com a moça que a atende, a jovem nigeriana fala a qual etnia pertence: “[...] “Você é ioruba na Nigéria”, disse Aisha. “Não, eu sou igbo.” “Você é igbo?” Pela primeira vez, um sorriso surgiu no rosto de Aisha, um sorriso que mostrava dentes pequenos e gengivas escuras” (ADICHIE, 2014, p.22).

Na noite que Ifemelu e Obinze se beijam pela primeira vez, durante o diálogo entre eles, a questão étnica também é mencionada, assim como no período de escolha de qual universidade Ifemelu irá estudar:

[...] As semelhanças na vida deles se tornaram bons presságios: ambos eram filhos únicos, comemoravam aniversário com apenas dois dias de diferença, e as aldeias de suas famílias ficavam no estado de Anambra. Ele era de Abba e ela de Umunnachi, a minutos de carro uma da outra. “Hum! Um dos meus tios vai à sua aldeia o tempo todo!”, ele contou. “Já fui com ele algumas vezes. As estradas de vocês são horríveis.” “Eu conheço Abba. As estradas de lá são piores.” “De quanto em quanto tempo você visita sua aldeia?” “Todo Natal.” “Só uma vez por ano! Eu vou sempre com a minha mãe, pelo menos cinco vezes por ano.” “Mas aposto que falo igbo melhor que você.” “Impossível”, afirmou Obinze, passando a falar igbo. “*Ama m atu inu*. Eu sei até os provérbios.” (ADICHIE, 2014, p.70).

[...] “Você é bobo”, disse ela. “*Biko*, eu também vou mudar minha escolha para Nsukka.” A mudança agradou ao pai de Ifemelu. Era encorajador, disse ele, que fosse fazer faculdade dentro da região de maioria igbo, já que passara a vida toda no oeste. Já a mãe de Ifemelu ficou chateada. Ibadan era a apenas uma hora de distância, enquanto para chegar a Nsukka era preciso viajar um dia inteiro de ônibus. “Não é um dia inteiro, mamãe, só sete horas”, disse Ifemelu. “E qual a diferença entre isso e um dia?”, perguntou ela. Ifemelu estava ansiosa por morar longe de casa, pela independência de ser dona de seu próprio tempo, e era confortável pensar que Ranyinudo e Tochi iam para Nsukka também. (ADICHIE, 2014, p.99).

A Nigéria começou a ser estruturada como país a partir da ocupação e exploração colonial britânica. Em 1914, a Inglaterra unificou territórios e grupos

étnicos distintos e denominou o território geográfico unificado de Nigéria, mas “antes da chegada dos ingleses e da colonização europeia, do que viria a se tornar a Nigéria, os vários povos, que viviam de maneira separada, possuíam seus próprios sistemas políticos” (OLIVEIRA, 2018, p.31).

Em primeiro de outubro de 1960, a Nigéria conquistou sua independência e em 1963 assinou sua própria Constituição republicana, deixando de vez a influência britânica, apesar de ainda participar *Commonwealth*, a Comunidade Britânica de Nações, grupo de 54 países do qual fazem parte a maioria das ex-colônias britânicas.

A independência nigeriana não foi conquistada por meio de lutas pela libertação. Para Oliveira (2018), o fato de não ter passado por esse tipo de conflito em seu processo de independência influenciou a maneira como a identidade nacional nigeriana (não) foi forjada, pois, segundo o autor, geralmente em lutas pela libertação existe a criação de uma noção “nós contra eles”, uma ideia de pertencimento nacional. Como a independência nigeriana não passou por essa experiência de enfrentamento, isso influenciou “o quadro da divisão étnica da Nigéria e das demandas por maior divisão do território, já que a desconfiança grassava no país” (OLIVEIRA, 2018, p.38).

Após a declaração de independência da Nigéria, golpes de estado e o agravamento de conflitos internos traumatizaram e marcaram a vida do povo nigeriano, a Guerra de Biafra foi um conflito deflagrado nesse contexto de insegurança. O povo igbo protestando pelo reconhecimento de seu direito de governança, impedido por um contragolpe de estado em 1966, investiu em uma tentativa de secessão no ano de 1967 e buscou fundar a República de Biafra. A guerra durou de 6 de julho de 1967 até janeiro de 1970 com a derrota de Biafra.

Os governos que sucedem a independência são classificados da seguinte maneira: o período de 1960 a 1966 foi denominado de Primeira República e o período que compreende os anos de 1979 a 1983 foi chamado de Segunda República. A Terceira República durou apenas 83 dias sob o comando de Ernest Shonekan e atualmente a Nigéria vive a Quarta República que teve início em 1999.

De 1983 a 1999, o país foi governado por ditaduras militares, dentre os governantes deste período estão: Major-General Muhammadu Buhari que foi presidente da Nigéria de 1983 a 1985, Major-General Olusegun Obasanjo, governou



durante os anos 70 (também governou na Quarta República, de 1999 a 2007), General Ibrahim Babangida (1985-1993) e General Sani Abacha (1993-1998).

O contexto histórico e político da Nigéria, bem como esses governantes, são mencionados no decorrer da narrativa de *Americanah*. Quando os militares são citados pelas personagens é possível precisar em qual ano, ou pelo menos qual o contexto político, o episódio que a narrativa mostra aconteceu.

Além disso, abordamos o regime militar nessa contextualização porque, se os governos militares foram marcantes no contexto histórico da Nigéria, a entrada de um general na vida de uma das pessoas que Ifemelu mais ama, a tia Uju, pode ser considerada um divisor de águas na vida da própria protagonista.

General Oga e Tia Uju começam um relacionamento e o militar sustenta a tia de Ifemelu. Por causa do general, Ifemelu conhece as nuances do comportamento dos pais, principalmente da mãe, e de Tia Uju. A partir dessa relação novas experiências e questões ganham significado na vida de Ifemelu, e o que era familiar começa a adquirir novas camadas, como a citação mostra: “[...] Mas a fé da mãe a confortava; em sua mente, era uma nuvem branca que ficava acima de sua cabeça e ia aonde quer que ela fosse. Até o General surgir na vida deles” (ADICHIE, 2014, p.53).

As passagens que apresentamos a seguir fazem referência ao período de governos militares em um cenário mais amplo. Chimamanda Adichie não especifica o ano, mas contextualiza a vida das personagens ao estabelecer diálogos com marcos políticos e históricos do país, e essa é uma característica muito forte em sua obra, a autora, com frequência, mostra como os eventos históricos impactam a vida de personagens de diferentes gêneros, classes sociais e religiões.

As citações mostram de que maneiras os governos militares atravessavam as vidas de uma professora universitária (mãe de Obinze) e de uma jovem médica ex-amante de um militar (Tia Uju):

Certa vez, durante seu último ano de faculdade, o ano em que as pessoas saíram dançando nas ruas porque o general Abacha morrera, sua mãe [mãe de Obinze] dissera: “Um dia, vou erguer o rosto e todas as pessoas que conheço estarão mortas ou fora do país”. Ela falara em tom de cansaço num momento em que estavam ambos na sala, comendo milho cozido e ube.” [Sani Abacha morreu em junho de 1998, após sofrer um ataque cardíaco, seu sucessor foi o general Abdulalami Abubakar que governou até maio de 1999]. (ADICHIE, 2014, p.252-253)

Ele disse a tia Uju: “É claro que você vai ter o bebê no exterior”, perguntou o que ela preferia, Estados Unidos ou Inglaterra. O General queria que fosse

na Inglaterra, para poder ir junto; os americanos haviam barrado a entrada dos membros mais importantes do governo militar. Mas tia Uju escolheu os Estados Unidos porque, lá, o bebê poderia obter automaticamente a cidadania americana. (ADICHIE, 2014, p.93)

Tia Uju se afastou da janela e se sentou à mesa da cozinha. “Eu nem sei por que vim para este lugar. Outro dia, a farmacêutica disse que meu sotaque era incompreensível. Imagine, eu fui pedir um remédio e ela teve a coragem de dizer que meu sotaque era incompreensível.[...]. Por que tenho que aceitar essa droga? Eu culpo Buhari, Babangida e Abacha, porque eles destruíram a Nigéria. (ADICHIE, 2014, p.237)

Chief, um empresário poderoso e corrupto, foi o homem que impulsionou e apadrinhou a carreira empresarial de Obinze depois que ele retornou deportado da Inglaterra para a Nigéria. No diálogo da citação a seguir o homem rico explica que depois de ter passado pelos governos militares sendo amigo dos generais, no governo civil mantinha as relações amigáveis com o presidente civil Olusegun Obasanjo. Os personagens estavam vivendo, portanto, o contexto político e econômico do governo civil da Quarta República:

Todo mundo tem fome neste país, até os ricos têm fome, mas ninguém é honesto.” Obinze assentiu e Chief deu outra olhada demorada nele, antes de se voltar em silêncio para seu conhaque. Quando Obinze o visitou de novo, Chief voltara a ser o tagarela de sempre. “Eu era amigo de Babangida. Era amigo de Abacha. Agora que os militares não estão mais no poder, Obasanjo é meu amigo”, disse ele. (ADICHIE, 2014, p.34).

As melhorias que o pai de Ifemelu e a mãe de Obinze atribuem ao governo Obasanjo na Quarta República, e que são elencadas nas próximas citações, estão relacionadas ao período de desenvolvimento da Nigéria no fim dos anos 90 e 2000. O governo Obasanjo “em termos econômicos, angariou relativo sucesso ao diminuir o declínio econômico do país, mas não de uma forma a melhorar as condições de vida e a diminuir a desigualdade” (LYRA, 2016, p. 33).

[...]. Seu pai havia, finalmente, arrumado um emprego, como vice-diretor de recursos humanos de um dos novos bancos. Ele comprou um telefone celular. Comprou pneus novos para o carro da mãe de Ifemelu. Devagar, estava voltando a fazer seus monólogos sobre a Nigéria. “Não se poderia descrever Obasanjo como um bom homem, mas precisamos admitir que ele fez algumas coisas boas neste país; há um espírito de empreendedorismo desabrochando”, dizia. [Pai de Ifemelu durante o governo de Obasanjo na Quarta República] (ADICHIE, 2014, p.218).

Ele [Obinze] se irritava com a alegria tranquila dela [mãe de Obinze], com o quanto se esforçava para ser positiva, dizendo-lhe que agora que o presidente Obasanjo estava no poder, as coisas estavam mudando, as empresas de telefonia celular e os bancos estavam crescendo e contratando, e até dando empréstimos para os jovens comprarem carros (ADICHIE, 2014, p.254).

Olusegun Obasanjo, antes de disputar e ganhar a presidência da Nigéria estava preso, foi solto durante o governo de Abdulsalami Abubakar (sucessor de Sani Abacha), como militar reformado ganhou o pleito de 1999 e foi reeleito em 2003. Lyra (2016) acredita que a era dos governos civis da Nigéria iniciada pelo mandato de Obasanjo ajudou a melhorar a imagem do país na comunidade internacional. No entanto, em relação à política interna, os oito anos de governo Obasanjo foram controversos, pois “apesar de ter sido o maior período de governo civil e de estabilidade política, muitas críticas surgiram sobre o modo como Obasanjo manteve essa aparente estabilidade, através da suposta manipulação do sistema político” (LYRA, 2016, p.33).

Economicamente a Nigéria se destacou no cenário mundial nas últimas décadas por estar entre os maiores produtores e exportadores de petróleo do mundo (o maior da África) e gás natural, por ser o primeiro país africano a quitar sua dívida com o Clube de Paris e possuir o maior PIB do continente africano. A agricultura também representa uma parcela significativa das atividades econômicas do país, mas o setor petrolífero domina.

A questão do petróleo também aparece no desenvolvimento da narrativa de *Americanah*, principalmente nos diálogos do núcleo de relações de Obinze, que se tornou um rico empresário depois de voltar deportado do Reino Unido e receber apoio de Chief. As citações a seguir ilustram de que maneira a importância do petróleo para economia nigeriana e para manutenção/alcance de um *status* social de prestígio é mencionada em *Americanah*:

“Como foi no trabalho?”, perguntou Kosi, daquela maneira vaga e agradável de sempre. Obinze lhe contou que estava pensando no novo prédio que acabara de construir em Parkview. Estava torcendo para que a Shell o alugasse, pois as empresas de petróleo eram sempre as melhores inquilinas, nunca reclamando das altas abruptas de preço e pagando despreocupadamente em dólares americanos para que ninguém tivesse que se preocupar com as flutuações da naira. (ADICHIE, 2014, p.30)

[...] *No one knows tomorrow!* Ele serviu-se de mais uma dose generosa de conhaque. “Esse é o único princípio no qual este país se baseia. O principal princípio. Ninguém conhece o amanhã. Lembra aqueles banqueiros poderosos que existiam durante o governo de Abacha? Eles pensavam que eram donos do país, e de repente estavam na prisão. Vejam aquele miserável que não conseguia pagar o aluguel antigamente, mas então recebeu um poço de petróleo de Babangida e agora tem um jatinho particular!” (ADICHIE, 2014, p.32)

“Você também trabalha com petróleo?”, perguntou Dapo. “Não”, disse Obinze secamente. Ele tinha ouvido trechos da conversa de Dapo mais cedo, sobre seu trabalho de consultoria no ramo de petróleo, sobre seus filhos que moravam em Londres. Dapo devia ser um daqueles homens que deixavam a esposa e os filhos instalados na Inglaterra e voltavam para a Nigéria para correr atrás de dinheiro. “Eu estava dizendo agora que os nigerianos que não param de reclamar das petroleiras não entendem que esta economia vai entrar em colapso sem elas”, disse Dapo. “Você deve estar muito confuso se pensa que as petroleiras estão nos fazendo um favor”, disse Obinze. Okwudiba olhou-o, atônito; a frieza de seu tom não era normal. “O governo nigeriano basicamente financia a indústria de petróleo de tanto que investe nela, e as grandes petroleiras estão planejando se retirar das operações em terra de qualquer maneira. É como uma economia paralela; eles ficam só com as operações no mar, só investem em equipamentos de alta tecnologia, extraem petróleo que fica a milhares de quilômetros de profundidade. Não contratam pessoas locais. Os funcionários são trazidos de Houston e da Escócia. Não, elas não estão nos fazendo nenhum favor.” (ADICHIE, 2014, p.505-506)

Além do setor do petróleo, é importante mencionar que a Nigéria possui a segunda maior indústria cinematográfica do mundo, a Nollywood. Quando Ifemelu está no salão de Mariama trançando o cabelo, os filmes exibidos na TV do estabelecimento são produções de Nollywood e Ifemelu se sente esperançosa em relação ao retorno ao seu país quando elogiam a Nigéria por causa de Nollywood:

“Você conhece a moça?”, perguntou Aisha, olhando para a televisão. “O quê?” Aisha repetiu a pergunta e apontou para a atriz na tela. “Não”, disse Ifemelu. “Mas você é nigeriana.” “Sou, mas não a conheço.” Aisha indicou a pilha de DVDs sobre a mesa. “Antes, tinha vodu demais. Muito ruim. Agora, filme da Nigéria é muito bom. Casa grande!” Ifemelu não tinha grande apreço pela indústria cinematográfica da Nigéria, a chamada Nollywood, com seu histrionismo e seus enredos improváveis, mas ela assentiu, porque ouvir “Nigéria” e “bom” na mesma frase era um luxo, mesmo vindo dessa estranha mulher senegalesa. Ifemelu escolheu ver naquilo um augúrio de sua volta para casa (ADICHIE, 2014, p.20).

Em outro momento, já na Nigéria, Ifemelu participa de outra conversa em que Nollywood é o assunto. Durante a reunião do Clube Nigerpolita, um grupo do qual faziam parte nigerianos e nigerianas que moraram fora do país, Ifemelu mesmo não gostando muito das produções nollywoodianas decide não falar mal de algo nigeriano:

[...] Fred estava falando sobre Nollywood, com a voz um pouco alta demais. “Nollywood na verdade é um teatro público e, se você vir a coisa dessa maneira, ela se torna mais tolerável. É para consumo público, até para participação de massa, não para uma experiência individual.” Ele estava olhando para Ifemelu, pedindo sua concordância com os olhos: pessoas como eles supostamente não deveriam assistir aos filmes de Nollywood e, se assistissem, seria apenas como uma experiência antropológica divertida. “Eu gosto de Nollywood”, disse Ifemelu, embora também achasse que se tratava mais de teatro do que de cinema. Sua vontade de contrariar os

outros ali era forte. Se ela se diferenciasse, talvez não fosse tanto a pessoa que temia ter se tornado. “Nollywood pode ser melodramática, mas a vida na Nigéria é muito melodramática.” “Jura?”, disse a mulher de New Haven, amassando seu copo de papel, como se achasse muito estranho que alguém ali gostasse de Nollywood. “É tão ofensivo à minha inteligência. Os produtos são simplesmente ruins. O que isso diz de nós?” “Mas Hollywood faz filmes que são tão ruins quanto. É só a iluminação que é melhor”, disse Ifemelu. Fred riu com entusiasmo demais, para que ela soubesse que estava do seu lado. “Não é só o lado técnico”, disse a mulher de New Haven. “A indústria é regressiva. E a maneira como eles retratam as mulheres? Os filmes são mais misóginos que a sociedade.” (ADICHIE, 2014, p.439-440)

Os números de Nollywood são impressionantes. Segundo Gonzaga (2016), a indústria cinematográfica nigeriana em pouco mais de 20 anos de existência já é a segunda maior empregadora da Nigéria, são aproximadamente um milhão de pessoas trabalhando diretamente com a criação e produção de filmes e segundo estimativas, Nollywood chega a movimentar 3,3 bilhões de dólares na Nigéria.

Apesar de ser difícil afirmar com precisão, calcula-se que Nollywood faça de 1500 a 1800 filmes por ano, segundo Gonzaga (2016):

Os filmes estrangeiros têm pouquíssima penetração no país. A Nigéria se tornou o primeiro país na África, e um dos primeiros entre os países em desenvolvimento, a produzir grande parte das imagens que consome. A influência do cinema no dia a dia é enorme. Os nigerianos assistem vários filmes por semana e o mercado acompanha esse ritmo, lançando novos títulos sem parar. Seu poder dentro do país é tão grande que há relatos que mesmo as zonas dominadas pelos grupos extremistas islâmicos (o Boko Haram é muito forte na Nigéria) abrem exceções para algumas filmagens (GONZAGA, 2016, p.10).

O fato é que Nollywood, a despeito da qualidade técnica, alcançou sucesso na Nigéria, na África e nos países da diáspora africana. Em *Americanah* o anúncio desse êxito é materializado em Aisha, a personagem que é uma mulher senegalesa assistindo aos filmes de Nollywood nos Estados Unidos. Chimamanda Adichie traz para a narrativa a importância dessa indústria ao abordá-la através de um encontro entre Ifemelu e outras mulheres vindas do continente africano.

Nollywood apresenta ao mundo, através de histórias (assim como os escritores e escritoras nigerianos), uma Nigéria para além da importância econômica do petróleo. Existe uma indústria na nigeriana que alcança outras partes do mundo e que mostra a potência do povo nigeriano e sua capacidade de ultrapassar as fronteiras físicas e simbólicas de seu país.

O destaque da Nigéria no cenário econômico, cultural e diplomático internacional não é algo presente somente nas últimas décadas, Lyra (2016) lembra que:

A partir dos anos de 1970, a Nigéria experimentou período de crescimento de sua economia e de sua influência diplomática na região, graças ao amadurecimento dos investimentos em exploração de petróleo no Delta do Níger, ainda nos anos de 1950, capitaneada pela Shell-BP, e da chamada “diplomacia do petróleo”. Já nos anos de 1970, por a Nigéria possuir o maior exército africano e a economia mais próspera do continente, sua diplomacia utilizou essas credenciais para a luta contra o colonialismo português, além de reivindicações econômicas em fóruns multilaterais e a intenção de exercer liderança regional. Nesse sentido, mesmo a Guerra de Biafra não foi suficiente para frear o crescimento econômico do país (LYRA, 2016, p.14).

Na década de 80, no entanto, após a queda do preço do petróleo, a Nigéria entrou em uma de suas mais problemáticas crises. Como tentativa de solução, o governo recorreu a empréstimos e adotou medidas de austeridade sugeridas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Em 1983, a crise econômica e social ajudou a fomentar um golpe de estado que levou Muhammadu Buhari ao poder, esse foi um período de enorme repressão civil na Nigéria (VISENTINI, 2011; COSTA, 2013).

Porém, em 1985, aconteceu novo golpe de estado e Babangida depôs Buhari argumentando que o então presidente não teve competência para solucionar a crise que o país enfrentava. Como presidente, Babangida também fez empréstimos ao FMI e seguiu suas sugestões para enfrentamento da crise econômica, dentre essas sugestões estava a redução de gastos e investimentos sociais, o que atingiu drasticamente os setores da educação e da saúde.

Segundo Oliveira e Filippi (2013), o Programa de Ajuste Estrutural sugerido pelo FMI e acatado por Babangida contribuiu para o aumento dos índices de desemprego, a desvalorização da moeda provocou a alta da inflação, o preço dos combustíveis aumentou drasticamente porque o governo retirou os subsídios desse setor, ocorreu também significativa diminuição dos serviços públicos e um plano de privatizações agressivo de mais de 100 estatais.

A população se manifestou contra adoção dessas medidas e o general Babangida renunciou em 1993. No entanto, ocorreu novo golpe e Sani Abacha ascendeu ao poder, permanecendo presidente de 1993 a 1998. Segundo Costa (2013), Abacha enriqueceu às custas do dinheiro público gerado pelo petróleo em seu governo e “observou-se à época o declínio dos sistemas educacionais e de

saúde da administração pública, que mais uma vez colaboraram para a deterioração da qualidade de vida da população” (COSTA, 2013, p. 32).

E por que estamos destacando todas essas informações econômicas nesta análise? Qual a relevância desse tipo de informação para a abordagem do romance *Americanah*? Situar economicamente e politicamente os governos nigerianos na narrativa do romance de Chimamanda Adichie também ajuda a caracterizar a família da protagonista e, assim, aprofundar a sua biografia e o aprofundamento da biografia de Ifemelu é uma maneira de construí-la como protagonista.

A família de Ifemelu não pertence à elite, à burguesia nigeriana, é uma família simples, da classe trabalhadora. O pai, um homem culto e atento à política do país, era funcionário público de uma agência federal antes de ser demitido e ficar desempregado por um bom tempo, já a mãe de Ifemelu trabalhava em uma escola e Tia Uju um pouco antes de conhecer o general era uma médica recém-formada à procura de um emprego.

Ifemelu e a família também não tinham telefone em casa e nem possuíam moradia própria, moravam no mesmo minúsculo apartamento alugado desde antes do nascimento da protagonista. A moradia tinha as paredes enegrecidas pelo uso de querosene, o serviço de abastecimento de energia elétrica era precário e depois da demissão do pai de Ifemelu, o aluguel chegou a atrasar por três meses.

Para ir à escola, quando adolescente, Ifemelu precisava de dois ônibus e nessa época, na escola, ela se sentia envolta em “um halo translúcido de diferença” (ADICHIE, 2014, p.76), que era a sua condição financeira diferente dos colegas de sua escola. Essa diferença se tornou bem evidente com a chegada de Obinze, pois para Ifemelu Obinze compartilhava e dominava um repertório de comportamentos em comum com os colegas mais abastados. Para Ifemelu, era natural Obinze estar no meio de pessoas que viajavam para o exterior, pois “Obinze era fluente em seu conhecimento das coisas de fora” (ADICHIE, 2014, p.76).

As citações a seguir caracterizam a realidade socioeconômica da família no regime militar e mostram como a experiência de Ifemelu na Nigéria quando criança, adolescente e jovem adulta foi atravessada pela questão de classe social:

[...] Semanas antes ela era uma recém-formada e todos os seus colegas estavam falando em sair do país e fazer a prova para obter a licença médica nos Estados Unidos ou no Reino Unido, porque a opção era desabar sobre um deserto de desemprego. O país estava sedento de esperança, com carros parados durante dias em longas e suarentas filas para comprar

gasolina, aposentados carregando placas esmaecidas em que exigiam receber sua pensão, professores se reunindo para anunciar mais uma greve. Mas tia Uju não queria sair do país; Ifemelu sabia que ela sempre desejara ser dona de uma clínica privada e agarrava-se firmemente a esse sonho (ADICHIE, 2014, p.54).

Os pais de Ginika já havia algum tempo falavam em pedir demissão da universidade e recomeçar nos Estados Unidos. Certa vez, quando Ifemelu a visitava, ouvira o pai de Ginika dizer: “Não somos gado. Esse regime está nos tratando como gado e estamos começando a nos comportar como gado. Não consigo pesquisar direito há anos, porque passo todos os dias organizando greves, falando dos salários que não são pagos e do fato de que não há giz nas salas de aula” [...]. **Quando Ifemelu disse a seus pais que a família de Ginika finalmente ia deixar o país, seu pai suspirou e disse: “Pelo menos eles têm a sorte de ter essa opção”. E sua mãe disse: “Eles são abençoados”** (ADICHIE, 2014, p.73-74, grifo nosso).

Conforme caminhavam, ela sentiu vontade de dizer a Obinze que não sabia como se podia viajar com o passaporte da mãe e que sua mãe nem tinha um passaporte. Mas não disse nada e ficou andando em silêncio ao lado dele. Obinze se encaixava ali, naquela escola, muito mais do que ela. Ifemelu era popular, sempre era convidada para todas as festas e, nas reuniões de alunos, era anunciada como uma das três primeiras do ano, **mas sentia-se encerrada por um halo translúcido de diferença. Não estaria ali se não tivesse se saído tão bem na prova de admissão, se seu pai não estivesse determinado a mandá-la estudar “numa escola que tanto forma caráter como prepara para uma carreira”** (ADICHIE, 2014, p.75-76, grifo nosso).

O ensino fundamental fora diferente, numa escola cheia de crianças como ela, cujos pais eram funcionários públicos, e que andavam de ônibus e não tinham motorista. Ifemelu se lembrava da expressão de surpresa no rosto de Obinze, uma surpresa que ele logo havia ocultado, quando perguntou: “Qual é o telefone da sua casa?”, e ela respondeu: “Não temos telefone” [...] (ADICHIE, 2014, p.76).

O proprietário do apartamento veio de novo. Ele passou ventando por Ifemelu, entrou, foi para a cozinha e estendeu a mão até o quadro de luz, arrancando o fusível e cortando o pouco de eletricidade que tinham. Depois que foi embora, o pai de Ifemelu disse: “Que ignomínia. Pedir dois anos de aluguel de uma vez. Sempre pagamos um”. “Mas dessa vez não pagamos um ano”, disse a mãe e, em seu tom, havia a mais leve das acusações. “Conversei com Akunne sobre pegar um empréstimo”, disse o pai. Ele não gostava de Akunne, seu quase primo, o homem próspero da aldeia deles a quem todos recorriam quando tinham problemas. Chamava-o de analfabeto lúgubre, de novo-rico ignorante. (ADICHIE, 2014, p.85).

[...] Sua mãe disse que Jesus lhe contara num sonho que Ifemelu ia prosperar nos Estados Unidos, **seu pai colocou um envelope fino em suas mãos, dizendo: “Gostaria de poder te dar mais”, e ela, sentindo uma tristeza, se deu conta de que ele devia ter pedido aquilo emprestado.** Diante do entusiasmo dos outros, Ifemelu de repente começou a se sentir frágil e amedrontada (ADICHIE, 2014, p.11-112, grifo nosso).

Evidentemente a família de Ifemelu foi afetada pelas crises econômicas da Nigéria e existiram maneiras diferentes das famílias serem afetadas como a citação



sobre a família de Ginika mostra. Ao contrário da família de Ginika, Ifemelu e seus pais não tinham condições de enfrentar a crise econômica e política que a Nigéria enfrentava deixando o país.

As universidades também foram atingidas pelas medidas de austeridade dos governos militares e as greves se tornaram uma constante na vida da comunidade universitária na Nigéria, como pai de Ginika relatou no diálogo citado anteriormente e como a mãe de Obinze declarou:

Mais tarde, a mãe de Obinze disse: “Entendo as reivindicações dos estudantes, mas nós não somos o inimigo. Os militares são o inimigo. Eles não pagam nosso salário há meses. Como podemos dar aula se não podemos comer?”. Mais tarde ainda, espalhou-se pelo campus a notícia de que os professores iam fazer greve. (ADICHIE, 2014, p.101).

Em *Americanah*, a juventude de Ifemelu e seu ingresso na universidade estão localizados nesse momento histórico de sucateamento do setor público nigeriano. A universidade é um lugar importante para o desenvolvimento de Ifemelu, diferente da escola onde estudou no ensino médio, ela se sentia pertencente, conviveu com pessoas de outras regiões e com outras experiências, como um incipiente interesse por questões políticas.

Mas devido ao cenário de insegurança e falta de investimentos no ensino superior, a protagonista deixou a Nigéria. A mãe de Obinze, conversando com Ifemelu na véspera da partida da jovem para os Estados Unidos, declara: ““A Nigéria está expulsando seus melhores recursos”, disse a mulher, resignada, dando um abraço nela” (ADICHIE, 2014, p.112).

Sobre o fluxo migratório de nigerianos, é importante ressaltar que o Reino Unido e Estados Unidos estão entre os principais destinos (BÁLSAMO, 2009; ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009). Segundo o Perfil de Migração da Nigéria de 2009, documento desenvolvido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o número de estudantes nigerianos emigrantes mais que dobrou nos anos 2000 (período que Ifemelu esteve nos EUA) e muitos se tornaram emigrantes permanentes (Ifemelu foi à contramão desse dado).

O documento aponta ainda que 10,7% dos trabalhadores nigerianos qualificados estão no Reino Unido ou nos Estados Unidos, sendo que 90% dos médicos nigerianos que estão no exterior vivem no Reino Unido ou EUA (Tia Uju já era médica quando se mudou para os EUA, por exemplo). Inclusive, as questões

migratórias do continente africano e a mão-de-obra qualificada no setor da saúde foram assunto de uma reunião que Obinze participou quando esteve na Inglaterra antes de ser deportado:

[...] “Por falar nisso, acabei de me envolver com uma instituição de caridade fantástica que está tentando fazer com que o Reino Unido pare de contratar tantos profissionais de saúde africanos”, disse Alexa. “Simplesmente não há mais médicos e enfermeiras no continente. É uma completa tragédia! Os médicos africanos deviam ficar na África.” “Por que eles não podem praticar medicina num lugar onde sempre há luz e sempre são pagos?”, perguntou Mark, sem emoção na voz. Obinze sentiu que ele não gostava nem um pouco de Alexa. “Sou de Grimsby [cidade do interior da Inglaterra] e certamente não quero trabalhar num hospital minúsculo de lá.” “Mas não é bem a mesma coisa, é? Estamos falando de algumas das pessoas mais pobres do mundo. Os médicos têm uma responsabilidade como africanos”, disse Alexa. “A vida não é justa, só isso. Se eles têm o privilégio de ter um diploma de medicina, isso vem com a responsabilidade de ajudar seu povo.” “Entendi. Mas nenhum de nós tem essa responsabilidade pelas cidadezinhas pobres do norte da Inglaterra, é isso?”, perguntou Mark. O rosto de Alexa ficou vermelho. (ADICHIE, 2014, p.295).

Schroeder (2018) afirma que a sociedade nigeriana “tem sido construída por diferentes deslocamentos, não unicamente de caráter econômico, e cuja natureza se qualificou, sobretudo, por migrantes escolarizados” (SCHROEDER, 2018, p.41). Podemos afirmar, portanto, que Ifemelu e Obinze, Tia Uju bem como Ginika, Kayode, Nicholas e outros colegas do casal que também emigraram para o Reino Unido ou os EUA representam esse dado.

Nesse sentido, devemos frisar mais uma vez que a experiência que os personagens de *Americanah* vivem na diáspora africana diz de uma realidade de uma classe social específica, ou seja, é uma das dimensões desse fenômeno, não é exclusiva. Como explicamos anteriormente, uma das motivações de Chimamanda Adichie ao pensar em um romance como *Americanah* “era escrever sobre sair de casa, escrever sobre imigração, mas não da maneira que eu acho que é familiar em geral para o continente africano” (ADICHIE, 2016, n.p.).

Chimamanda Adichie explicou que está familiarizada com “um tipo de imigração que é realmente sobre a busca de mais opções, sobre aqueles que não estejam passando fome, sobre aqueles que conhecem bem-estar, é sobre aqueles que têm empregos, mas querem mais” (ADICHIE, 2016, n.p.). Em *Americanah* quem vocaliza essa explicação é Obinze, quando ele reflete sobre a conversa no jantar em que o grupo de colegas discute sobre médicos africanos. Obinze pensa:

Alexa, os outros convidados e talvez até Georgina, todos entendiam o que era fugir de uma guerra, do tipo de pobreza que esmagava a alma das

peças, mas não conseguiam entender a necessidade de escapar da letargia opressiva da falta de escolha. Não conseguiam entender por que pessoas como ele, criadas com todo o necessário para satisfazer suas necessidades básicas, mas chafurdando na insatisfação, condicionadas desde o nascimento a olhar para outro lugar, eternamente convencidas de que a vida real acontecia nesse outro lugar, agora estavam resolvidas a fazer coisas perigosas, ilegais, para poder ir embora, sem estar passando fome, ter sido estupradas nem estar fugindo de aldeias em chamas. Apenas famintas por escolha e certeza. (ADICHIE, 2014, p.299).

Ao nos debruçar sobre o estudo da Nigéria recente observamos que, apesar das fases de desenvolvimento econômico provocadas principalmente pelo comércio petrolífero e de gás natural e do período de relativa estabilidade política, ainda existe no país uma forte concentração de renda nas mãos de uma minoria, enquanto a maior parte da população nigeriana sofre com o precário acesso a bens e serviços de qualidade (50% da população da Nigéria vivem em extrema pobreza).

Os preocupantes índices de mortalidade materno-infantil, má nutrição, o pouco acesso à água, energia elétrica, moradia de qualidade e saneamento básico, infraestrutura precária, a má distribuição de renda, as altas taxas de desemprego e a corrupção são problemas que nigerianos enfrentam em seu cotidiano e em sua História.

Além desses entraves para o desenvolvimento social da Nigéria, também devem ser mencionadas como problemáticas da sociedade nigeriana a existência de conflitos étnico-religiosos acirrados (principalmente entre cristãos e muçulmanos, sendo que no norte do país há predomínio de muçulmanos e no sul, cristãos), as ameaças constantes promovidas pela organização terrorista *Boko Haram* e o avanço de lei discriminatória contra a comunidade LGBTQ+.

Quando Ifemelu retorna para o país, algumas dessas demandas anteriormente destacadas começaram a ser vistas ou reconhecidas por ela (apesar de não vivê-las), logo, conhecer novamente a Nigéria foi algo fundamental para seu processo de retorno, pois quando a protagonista voltou para seu país de origem “não tinha mais certeza do que era novo em Lagos e do que era novo nela mesma” (ADICHIE, 2014,p.418).

Mais uma vez no reencontro consigo mesma e com a Nigéria, a protagonista sente a necessidade de escrever sobre comportamento, questões políticas e sociais a partir da sua leitura sobre o cotidiano. *Americanah* apresenta os pensamentos e posicionamentos de Ifemelu de maneira diversificadas: durante os diálogos com

quem convive, através da narradora que relata o que a protagonista está pensando ou como ela está se sentindo e, além disso, através dos textos que Ifemelu escreve.

Como já tratamos no segundo capítulo desta dissertação, criar uma protagonista conectada a atividade da escrita é um recurso que destaca o modo como a personagem vivencia, se relaciona, interage ou tenta transformar a realidade com a qual convive. A escrita de Ifemelu também deflagra a sua capacidade intelectual, de apreensão crítica da realidade e de agenciamento, fortalecendo seu protagonismo.

Em seu primeiro texto para seu novo blog, Ifemelu escreve sobre como é voltar para casa e as adaptações cotidianas. Ao observar a si mesma e a outros nigerianos que retornam ao país depois de morarem no exterior, Ifemelu desfia uma crítica sobre idealizações e comparações e escreve um texto avaliando sua experiência e ao mesmo tempo falando sobre a Nigéria:

A maioria de nós voltou para ganhar dinheiro na Nigéria, para abrir empresas, tentar contratos e contatos com o governo. Outros voltaram com os sonhos no bolso e uma fome de mudar o país. Mas passamos o tempo todo reclamando da Nigéria e, embora nossas reclamações sejam legítimas, eu me imagino como alguém de fora dizendo: Voltem para o lugar de onde vieram! [...] a Nigéria não é uma nação de pessoas com alergia a comida, não é uma nação de pessoas cheias de manias para quem a comida tem a ver com distinções e separações. É uma nação de pessoas que comem carne, frango, pele e bucho de vaca e peixe seco na mesma sopa, e que chamam isso de sopa de sortidos, por isso parem de frescura e entendam que a vida aqui é assim: sortida. (ADICHIE, 2014, p.453).

Foi durante uma reunião em seu novo emprego na Nigéria, a revista *Zoe*, que Ifemelu começou a visualizar como seria o seu novo *blog* (que ela batizou de *Pequenas Redenções de Lagos*). Ela constatou que o seu interesse em escrever sobre temas diversos como política, saúde ou sobre a relação dos nigerianos com igrejas neopentecostais não seriam incorporadas na proposta da revista. Mas Ifemelu tentou convencer a colega de trabalho sobre a importância das temáticas:

“Devíamos escrever sobre isso, Doris. Devíamos ter uma coluna sobre saúde com informações práticas e úteis. Alguém devia informar o ministro da Saúde de que os nigerianos vão se consultar e o médico dá remédios sem nome para eles. Isso pode matar. Como alguém vai saber que remédio você já tomou ou o que não deve tomar se já estiver tomando outra coisa?”  
 “Ahn-hã, mas esse problema é pequeno: eles fazem isso para você não comprar remédios de outras pessoas”, disse Zemaye. “E quanto aos remédios falsificados? Vá ao mercado e veja o que eles estão vendendo.”  
 “Bom, vamos com calma? Não precisa dar uma de ativista? A gente não faz jornalismo investigativo aqui?”, disse Doris. (ADICHIE, 2014, p.448).

[...] “Devíamos fazer uma matéria sobre igrejas”, disse Ifemelu. “Como a igreja de Esther.” “Isso não se encaixa na linha editorial da Zoe. “Não faz sentido tia Onenu querer publicar três perfis dessas mulheres chatas que não fizeram nada da vida e não têm nada a dizer. Ou de mulheres mais novas sem nenhum talento que decidiram que são estilistas” “Você sabe que elas pagam à tia Onenu, não sabe?”, perguntou Doris. “Elas pagam?” Ifemelu arregalou os olhos. “Não. Não sabia. E você sabia que eu não sabia.” “Bom, elas pagam. A maioria? Você tem de se dar conta de que muitas coisas neste país acontecem desse jeito?”. (ADICHIE, 2014, p.450).

Sobre as igrejas evangélicas na Nigéria é preciso também explicar um pouco da sua relevância no contexto nigeriano no qual Ifemelu vive (antes e depois dos EUA) e no próprio desenvolvimento do país. A questão religiosa é uma problemática muito importante e presente para o povo nigeriano, ao ponto de ter um acordo entre cristãos e muçulmanos sobre a alternância de representantes dessas religiões no cargo de presidente do país<sup>25</sup>. Por considerar esse contexto, concluímos ser importante estabelecer um breve diálogo entre a questão religiosa na Nigéria e a abordagem que Chimamanda Adichie faz das igrejas evangélicas na narrativa de *Americanah*.

Existem três personagens em *Americanah* que encarnam a relação Nigéria-Neopentecostalismo: A mãe de Ifemelu e Esther, a colega de trabalho de Ifemelu na revista *Zoe* e Kosi, a esposa de Obinze. A mãe de Ifemelu é a personagem cuja religiosidade influencia de maneira mais direta a protagonista. Nem sempre a mãe de Ifemelu foi evangélica, antes de uma colega do trabalho pregar para ela, a mãe da protagonista professava o catolicismo.

A ruptura da mãe de Ifemelu com o catolicismo e sua conversão a fé protestante foi marcada por um corte de cabelo, a partir desse episódio, Ifemelu que cresceu a sombra do cabelo da mãe, desejando que o seu fosse igual ao dela, viveu uma grande transformação em sua rotina e no modo como enxergava a própria mãe. Trançando o cabelo no salão de Mariama, Ifemelu lembra:

Um dia, no ano em que Ifemelu comemorou seu décimo aniversário, sua mãe chegou do trabalho com um ar diferente. Suas roupas eram as mesmas [...] “Onde está a tesoura grande?”, perguntou, e, quando Ifemelu a trouxe, ela ergueu-a e, mecha por mecha, cortou o cabelo todo. Ifemelu ficou observando de olhos arregalados, atônita. O cabelo ficou jogado no

<sup>25</sup> Segundo Oliveira (2018), trata-se de um arranjo político-institucional que consiste em um “acordo de rotatividade entre presidentes do norte e do sul. Além de os partidos escolherem alternadamente nomes dessas respectivas regiões dentro dos seus quadros, a posição de vice-presidente, igualmente, sofre alternância. [...] Isso garante que um dos dois cargos mais altos do país seja ocupado por um muçulmano e um cristão, respectivamente. Vale ressaltar que esse arranjo não está expresso de forma escrita em nenhum documento legal da Nigéria.” (OLIVEIRA, 2018, p.60).

chão como grama morta. “Traga uma sacola grande”, disse a mãe. Ifemelu obedeceu, sentindo que estava em transe, sem compreender o que acontecia. Ela observou-a andar pelo apartamento, pegando todos os objetos católicos, os crucifixos pendurados nas paredes, os terços aninhados nas gavetas, os missais exibidos nas prateleiras. A mãe enfiou tudo na sacola de plástico e levou-a até o quintal com passos rápidos, mantendo o olhar distante. Fez uma fogueira ao lado da lata de lixo, no mesmo lugar onde queimava seus absorventes usados, e primeiro jogou o cabelo, embrulhado em jornal velho, e depois, um por um, os objetos de fé. Uma fumaça cinza-escuro subiu formando caracóis. Da varanda, Ifemelu começou a chorar, porque sentiu que algo acontecera e que a mulher diante do fogo, [...], aquela mulher careca e sem expressão, não era sua mãe, não podia ser. [...]. Naquela tarde, Ifemelu viu a essência da mãe se esvaír. (ADICHEI, 2014, p.49-50).

Desse dia em diante a mãe de Ifemelu mergulhou no universo do neopentecostalismo nigeriano, fenômeno que expandiu consideravelmente entre os anos 80 e 90. Segundo Bowane (2014), uma das principais características do neopentecostalismo na Nigéria é a figura carismática do líder e a riqueza e o luxo no qual vivem alguns pastores nigerianos. Em 2011 a revista Forbes considerou Dom David Oyodepo o líder religioso mais rico do mundo com uma fortuna avaliada em US\$ 150 milhões. Além da acumulação de riquezas, os líderes dessas igrejas também estabelecem relações estreitas (e suspeitas) com a agenda política do país.

O número de congregações no país é assombroso. Bowane (2014) relata que uma pesquisa feita pela professora Ruth Marshall-Fratani contabilizou que, em um único bairro de Lagos, existiam 164 igrejas, 126 delas eram pentecostais. O jornal El País<sup>26</sup> considerou a Nigéria, devido ao número de adeptos e presença massiva de igrejas, a sede mundial do neopentecostalismo.

Essa variedade de igrejas evangélicas também é mencionada em *Americanah*, a mãe de Ifemelu passa por três denominações: Igreja dos Santos Renascidos, Fonte de Milagres e Assembleia dos Guias. As suas mudanças de congregação, de uma maneira ou de outra, sempre foram impulsionadas pelo discurso da teologia da prosperidade. Nessa vertente de pregação, saúde e sucesso financeiro significam a plena materialização de bênçãos divinas na vida dos fiéis. Logo, a igreja na qual a mãe de Ifemelu “encontra seu lugar” é a Assembleia dos Guias:

No meio do primeiro culto a que Ifemelu assistiu com a mãe, num salão de convenções de chão de mármore, cercada por pessoas perfumadas e pelo ricocheteio de vozes exaltadas, Ifemelu olhou para a mãe e viu que ela

<sup>26</sup> <[https://elpais.com/elpais/2016/12/04/africa\\_no\\_es\\_un\\_pais/1480839293\\_745034.html](https://elpais.com/elpais/2016/12/04/africa_no_es_un_pais/1480839293_745034.html)>

estava chorando e rindo ao mesmo tempo. Nessa igreja de esperanças profundas, onde as pessoas batiam os pés no chão e aplaudiam, onde Ifemelu imaginava haver um redemoinho de anjos afluentes pairando acima deles, o espírito de sua mãe encontrara seu lugar. A igreja era repleta de novos-ricos; o pequeno carro de sua mãe era o mais velho do estacionamento, com sua pintura fosca e seus inúmeros arranhões. Se ela louvasse com os prósperos, dissera, Deus a abençoaria como os abençoara. (ADICHIE, 2014, p.51-52).

Segundo Bowane (2014), o crente neopentecostal acredita que quanto mais próspera é a pessoa, mais abençoada por Deus ela é e assume como missão converter infiéis e lutar contra o diabo. O vocabulário, assim como as expectativas e metas da mãe de Ifemelu passaram a expressar esse discurso neopentecostal:

[...]. Voltou a usar joias e a beber sua *Guinness* preta; jejuava apenas uma vez por semana e muitas vezes dizia “Meu Deus me disse” e “Minha Bíblia diz”, como se o Deus e a Bíblia das outras pessoas não fossem apenas diferentes, mas equivocados. Respondia a “Bom dia” e “Boa tarde” dizendo alegremente “Deus te abençoe!”. Seu Deus se tornou alegre e não se importava em receber ordens. Toda manhã, ela acordava as pessoas da casa para rezar; eles todos se ajoelhavam no carpete áspero da sala, cantando, batendo palmas, cobrindo o dia que começava com o sangue de Jesus, e as palavras de sua mãe trespassavam o silêncio do amanhecer: “Deus, meu Pai Todo-Poderoso, eu ordeno que encha esse dia de bênçãos e prove para mim que é o Deus! Senhor, estou esperando por minha prosperidade! Não permita que o demônio vença, não permita que meus inimigos triunfem!”. (ADICHIE, 2014, p.52).

Todas as manhãs, a mãe de Ifemelu rezava pelo General. Ela dizia: “Meu Pai, ordeno que abençoe o mentor de Uju. Que os inimigos dele nunca triunfem!”. Ou dizia: “Cobrimos o mentor de Uju com o sangue precioso de Jesus!”. E Ifemelu murmurava algo sem sentido em vez de dizer amém. (ADICHIE, 2014, p.53).

A relação da mãe de Ifemelu com a igreja envolveu toda a família e compreender a construção do protagonismo de Ifemelu deve considerar esse relacionamento porque ele evidencia características marcantes da personalidade de Ifemelu: a contestação e a acuidade para leitura crítica. Sobre a riqueza do pastor Gideon, líder da igreja de sua mãe, Ifemelu pensa:

Mais tarde, quando chegava o momento do culto em que o pastor Gideon se levantava de um salto com seu terno com ombreiras e seus sapatos pontudos e dizia: “Nosso Deus não é um Deus pobre! Amém! É nosso destino prosperar! Amém!”, a mãe de Ifemelu erguia o braço bem alto, na direção do paraíso, e dizia: “Amém, Senhor meu Pai, amém”. Ifemelu não achava que Deus dera aquela casa enorme e todos aqueles carros ao pastor Gideon, mas que, é claro, ele os comprara com o dinheiro das três coletas que eram feitas a cada culto, e não achava que Deus faria por todos o que fizera pelo pastor, porque isso era impossível, mas gostava do fato de a mãe ter passado a comer regularmente. (ADICHIE, 2014, p.52).

Em outro episódio da adolescência, Ifemelu desafiou a autoridade da poderosa Irmã Ibinabo (uma espécie de missionária, diaconisa muito poderosa da igreja) e se rebelou contra “a hostilidade fervorosa e enraizada” que a mulher sentia pelas meninas. Para desafiar a irmã Ibinabo, Ifemelu se recusou a desempenhar uma tarefa:

[...] No domingo seguinte, num culto especial de Ação de Graças, as guirlandas seriam colocadas em torno do pescoço grosso do chefe Omenka e do pescoço menor dos membros de sua família. Ele havia doado duas vans novas para a igreja. “Sente naquele grupo, Ifemelu”, disse irmã Ibinabo. Ifemelu cruzou os braços e, como muitas vezes acontecia quando estava prestes a dizer algo que sabia ser melhor não dizer, as palavras lhe subiram correndo pela garganta. “Por que eu deveria fazer enfeites para um ladrão?” Irmã Ibinabo arregalou os olhos, atônita. Fez-se um silêncio. As outras meninas ficaram observando, expectantes. “O que você disse?”, perguntou irmã Ibinabo baixinho, dando a Ifemelu uma chance de pedir desculpas, de botar as palavras de novo na boca. Mas Ifemelu se sentiu incapaz de parar, com o coração aos pulos, precipitando-se por um caminho acelerado. “O chefe Omenka é um estelionatário e todo mundo sabe disso”, disse ela. “Esta igreja está cheia de estelionatários. Por que a gente tem de fingir que este prédio não foi construído com dinheiro sujo?” “Este trabalho é de Deus”, disse irmã Ibinabo baixinho. “Se não pode fazer o trabalho de Deus, é melhor ir embora. Vá.” Ifemelu saiu às pressas da sala, passando correndo pelo portão na direção do ponto de ônibus, sabendo que em questão de minutos a história chegaria aos ouvidos da mãe, que estava dentro do prédio principal da igreja. (ADICHIE, 2014, p.59-60).

Devido ao modo como Chimamanda Adichie utiliza os cenários sociais da Nigéria na história das personagens da narrativa, concordamos enfaticamente com a definição da professora Daria Tunca sobre *Americanah*: “um romance híbrido em algum lugar entre a história de amor e romance sociopolítico” (TUNCA, 2017, n.p.) e por coadunar com essa definição, acreditamos ser coerente investirmos na contextualização sobre a Nigéria neste tópico de análise.

Creemos ser potencializador ter um mínimo entendimento de quais as dimensões da sociedade nigeriana materializam a complexidade do país e de seus povos, pois dessa maneira é possível estar mais atento e sensível ao modo como Chimamanda Adichie transforma as informações e características de seu próprio país em matéria-prima e alimento da narrativa de seu romance.

Apresentar alguns dos acontecimentos políticos da Nigéria, como o mandato de presidentes militares e civis, além de dialogar com indicadores políticos e sociais, como a indústria do petróleo ou a importância das igrejas evangélicas do país, é uma maneira de ressaltar o quanto a narrativa de *Americanah* incorpora esses



eventos e índices no desenvolvimento das personagens, determinando, inclusive, a biografia da protagonista.

O protagonismo de Ifemelu, o modo como Chimamanda Adichie a torna a personagem central de *Americanah*, é completamente atravessado pelo contexto social, político e histórico da Nigéria. Os episódios importantes da vida da personagem estão atrelados a eventos do país. Dessa maneira, pertencer à Nigéria, voltar para Nigéria, buscar algo que está faltando em si mesma na relação afetiva com sua terra natal é algo que define quem Ifemelu é. Ifemelu existe e é desenvolvida, enquanto protagonista, em relação e diálogo constante com seu país.

Ao mostrar o país de onde vem a protagonista e como ela viveu lá antes e depois de ir para o exterior, Chimamanda Adichie aprofunda qualidades, defeitos e nuances de Ifemelu. Sendo assim, a escritora mostra que a personagem que faz parte da diáspora africana é uma pessoa que fez escolhas em contextos singulares, pessoais, políticos e sociais, baseada em suas experiências, expectativas, desejos e limitações.

Ao criar uma protagonista com os dilemas suscitados pelo contexto político e social do país natal, Chimamanda Adichie rompe com o perigo da história única sobre a personagem negra e fratura as imagens de controle que tentam encerrar a experiência da mulher/personagem literária negra em lugares de subalternidade.

Ifemelu é uma protagonista que mesmo estabelecida nos Estados Unidos, apesar de alcançar sua fatia no sonho americano, decide voltar para a Nigéria, mesmo não conhecendo o que/quem a Nigéria se tornou em seus anos de afastamento. Apesar de encontrar a realidade caótica nigeriana com o seu olhar de “*americanah*”, a protagonista decidiu permanecer em seu país porque “a Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra”. (ADICHIE, 2014, p.13).

3.1.2. “Pais, amigos ou um lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era”: As relações afetivas de Ifemelu.

Ifemelu é uma personagem que não anda só. Pelos caminhos que viaja e que inventa para si ela sempre está acompanhada ou encontra alguém importante em sua jornada, é assim na Nigéria e o padrão se repete nos Estados Unidos. Assim como a relação entre Ifemelu e a Nigéria é um vetor importante de construção do seu protagonismo como personagem literária, o ciclo afetivo dela também é significativo para analisar o seu desenvolvimento como protagonista.

Um dos tópicos questionadores que utilizamos nesta dissertação para pensar a trajetória de protagonista de Ifemelu sinaliza para as relações afetivas da personagem: Existe, na narrativa, ênfase nas relações amorosas, sociais, comunitárias e familiares da personagem? Ou seja, Qual o principal grupo social dessa personagem? Por quais grupos sociais transita? Com quem ela mantém suas relações mais íntimas e pessoais ou suas relações de confronto/desafiadoras?.

A questão sobre os grupos sociais pelos quais Ifemelu transita já foi respondida na contextualização do tópico anterior, sendo assim, iremos nos ater a partir daqui nas relações mais íntimas de Ifemelu, com suas familiares e amigas e Obinze. Mas nesta etapa da análise, destacaremos principalmente a relação de Ifemelu com outras mulheres.

Tia Uju, a mãe de Ifemelu, a mãe de Obinze, Ranyinudo, Ginika, Wambui, Kimberly são mulheres que convivem com Ifemelu em diversas fases de sua vida na Nigéria e nos Estados Unidos. A narrativa romanesca de *Americanah* é povoada majoritariamente por mulheres. Constantemente Ifemelu aparece em cena conversando com mulheres, pensando ou escrevendo sobre elas e as questões de gênero e etnia que atravessam suas existências.

Por causa dessa característica na narrativa quando fundamentamos e apresentamos nosso entendimento sobre personagens protagonistas negras no segundo capítulo elaboramos um diálogo com outras personagens da ficção romanesca produzida por autoras negras.

Como mencionamos anteriormente, quando Ifemelu está na Nigéria, as questões de gênero e classe estão em primeiro plano na sua vida e na narrativa, desse modo os conflitos que movimentam o enredo estão relacionados a essas

problemáticas. A seguir mostraremos algumas passagens nas quais essa ideia se materializa.

No núcleo familiar de Ifemelu as mulheres são a maioria e muito protagonistas desse ciclo de convivência. A mãe de Ifemelu é uma personagem que provoca reflexões importantes. A religiosidade como dimensão central de sua vida e o desejo ardente pela prosperidade financeira rendem diálogos estratégicos na narrativa no que diz respeito ao desenvolvimento do protagonismo de Ifemelu.

O episódio da irmã Ibinabo já apresentado nesta análise é um bom exemplo dessa ideia. Ifemelu se incomoda com o comportamento hostil e agressivo da irmã Ibinabo com outra garota da igreja que usou calças jeans, nesse episódio, “quando irmã Ibinabo falara com Christie, com aquele desprezo venenoso que afirmava ser orientação religiosa, Ifemelu tinha olhado para ela e visto um traço de sua própria mãe” (ADICHIE, 2014, p.60).

Ifemelu questiona um modo de firmar autoridade, em um nível pessoal (com a mãe) como político (questionando o poder da irmã Ibinabo) e ao mesmo tempo essa ação que situar e identificar um conflito humaniza a relação mãe-filha, ou seja, o episódio evidencia uma **relação afetiva humanizada**. Relação afetiva humanizada é uma expressão utilizada por Patricia Hill Collins no capítulo *As relações afetivas das mulheres negras* do livro *Pensamento feminista Negro* (2019). Para a feminista negra, é importante compreender como mulheres negras estabelecem relações afetivas humanizadas e explica:

Todas as relações afetivas obtêm uma energia associada aos sentimentos profundos, mas nem todas as relações amorosas são iguais. Essas relações podem ser ordenadas num contínuo que vai desde as relações afetivas não sexuais até as relações afetivas sexualizadas – em que sentimentos profundos encontram expressão sexual –, passando por aquelas “exclusivamente sexuais”, que refletem as relações do mercado capitalista (COLLINS, 2019, p.257).

Considerando essa fundamentação teórica, argumentamos que Chimamanda Adichie, quando descreve os sentimentos de Ifemelu em relação à própria mãe no conflito com a irmã Ibinabo, representa uma relação afetiva humanizada e assim enriquece esteticamente a dimensão subjetiva da protagonista do romance, como a citação a seguir exemplifica:

[...] Ela [a mãe de Ifemelu] era uma pessoa mais doce e mais simples, mas, assim como irmã Ibinabo, negava que as coisas eram como eram. Uma pessoa que tinha de estender o manto da religião sobre seus desejos mesquinhos. De repente, a última coisa que Ifemelu queria era estar dentro

daquela sala apertada e repleta de sombras. Tudo havia lhe parecido benigno antes, a fé da mãe, empapada de graça, mas, subitamente, não parecia mais. Por um segundo, desejou que ela não fosse sua mãe, e não sentiu culpa e tristeza, mas uma emoção única, uma mistura de culpa e tristeza. (ADICHIE, 2014, p.60).

Os sentimentos profundos e conflitantes de Ifemelu pela mãe nesse momento mostram o quanto a dimensão subjetiva da personagem é criada e fortalecida nas relações com outras personagens. A mãe de Ifemelu, por sua vez, também critica o comportamento da filha e pede ajuda a Tia Uju para lidar com a jovem:

Quando tia Uju chegou, a mãe de Ifemelu lhe contou o que tinha acontecido. “Vá dar uma bronca naquela menina. Você é a única pessoa que ela ouve. Pergunte o que eu lhe fiz para querer me envergonhar desse jeito na igreja. Ela insultou a irmã Ibinabo! É como insultar o pastor! Por que essa menina tem de dar tanto trabalho? Sempre digo que, se era para se comportar assim, melhor se tivesse nascido menino. “Minha irmã, você sabe que o problema de Ifemelu é nem sempre saber quando deve ficar de boca fechada. Não se preocupe, vou conversar com ela”. (ADICHIE, 2014, p.61).

Sobre o confronto com a Irmã Ibinabo é interessante perceber o quanto a mãe de Ifemelu está ofendida com o fato de que insultar a Irmã é “como insultar o pastor”. A narradora expõe que, por mais respeitada que Ibinabo seja, o seu poder pode alcançar o pastor, mas não consegue ultrapassar a figura masculina. A comunidade da igreja até podia acreditar que Ibinabo “tinha mais poder espiritual do que ele [pastor], mas não podia ser pastor porque era mulher.” (ADICHIE, 2014, p.58).

O exercício de poder da irmã Ibinabo está confinado aos bastidores da igreja, não poder ser pastora por que é mulher é uma maneira de criticar o sexismo das instituições e lembra a seguinte reflexão de Chimamanda Adichie em *Para educar crianças feministas*:

[...] Uma vez ele [Ikenga, amigo de Adichie] disse: “Ainda que a percepção geral seja de que meu pai manda em casa, na verdade, nos bastidores, é minha mãe quem manda”. Ikenga achava que estava refutando o sexismo, mas estava mesmo era reforçando meu argumento. Por que “nos bastidores”? Se uma mulher tem poder, por que precisamos dissimular o fato? [...] Estamos tão condicionados a pensar o poder como uma coisa masculina que uma mulher poderosa é uma aberração (ADICHIE, 2017, p.32-33).

O fato da mãe de Ifemelu se preocupar com a ofensa ressaltando a gravidade do insulto a irmã Ibinabo por ela ser tão importante quanto um homem (e não por ser quem é) e terminar sua fala dizendo que já que Ifemelu se comporta assim, de maneira desafiadora, era melhor ser menino, revela muito de como as relações de

gênero são forjadas. Para refletir sobre a maneira de pensar patriarcal da mãe de Ifemelu (e da irmã Ibinabo também), recorremos a bell hooks (2018):

[...] Sabíamos, por experiência própria que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras (HOOKS, 2018, p.35).

Em *Sejam todos feministas*, Chimamanda Adichie também explica que a questão de gênero, “como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça”, é normal estar com raiva, as mulheres devem ter raiva, afinal, “ao longo da história muitas mudanças positivas aconteceram por causa da raiva” (ADICHIE, 2015, p.26). No mesmo livro, a escritora lembra ainda que a socialização de meninos e meninas é uma dimensão desafiadora para a luta feminista, já que meninas são criadas para serem benquistas, adoráveis, silenciar sentimentos reativos e agressivos, enquanto meninos são até premiados por se expressarem assim. Chimamanda Adichie (2015) pontua:

Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser “benquistos”. Se, por um lado perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro, elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões. (ADICHIE, 2015, p.27).

Ifemelu sente raiva da hipocrisia da Igreja, raiva da irmã Ibinabo reproduzindo sexismo disfarçado de preocupação religiosa e raiva por enxergar naquela mulher a própria mãe. Essa raiva faz Ifemelu falar, mesmo sabendo que terá que arcar com as consequências do posicionamento o que lembra as palavras de Audre Lorde: “a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo.” (LORDE, 2019, n.p.). Quando Ifemelu não se cala há uma revelação de sentimentos individuais da personagem, assim como há o fortalecimento do seu lugar de protagonista da narrativa.

Ao mesmo tempo em que apresenta uma situação em que as personagens são afetadas pela noção que o lugar masculino é parâmetro a ser alcançado e como mulheres podem repetir atitudes sexistas, Chimamanda Adichie cria um contexto no qual personagens femininas podem confrontar a produção desse discurso e questionar essa pretensa naturalização de opressões de gênero.

O pai de Ifemelu também se pronuncia sobre a reação da filha pedindo para que a garota se abstenha de sua “propensão natural à provocação”, pois “já é conhecida por insubordinação na escola, o que maculou seu singular currículo acadêmico. Não há necessidade de criar um padrão similar na igreja” (ADICHIE, 2014, p.). Mas apesar da participação do pai, o conflito principal desse episódio e o desenrolar dele reúne mulheres. A única pessoa que Ifemelu escuta é Tia Uju, e é ela que a mãe da protagonista recorre, dessa maneira são as personagens femininas protagonizam o manejo dos conflitos.

Em *Americanah*, Chimamanda Adichie utiliza o desenvolvimento das relações afetivas entre as personagens como uma contra narrativa aos discursos de opressão de gênero. Por mais que sejam mulheres repetindo discursos e atitudes sexistas, o processo de reflexão e questionamento é destacado nos diálogos entre as personagens femininas ou na descrição de seus pensamentos pela narradora.

Insistimos no destaque ao episódio envolvendo a irmã Ibinabo porque é nesse contexto que conhecemos como a amizade entre Ifemelu e Tia Uju nasceu e seu papel na dinâmica familiar da protagonista:

[...] Mas tia Uju era diferente. Inteligente demais para ficar perdida naquela roça, dizia ele. O pai de Ifemelu a chamava de irmã mais nova, embora ela fosse filha do irmão de seu pai, e fora mais protetor e menos distante com ela. Sempre que via Ifemelu e tia Uju enroscadas na cama, conversando, dizia carinhosamente: “Vocês duas, hein?”. Depois que tia Uju fora fazer faculdade em Ibadan, ele dissera para Ifemelu, quase com nostalgia: “Uju tinha uma influência calmante sobre você”. Parecia ver na proximidade das duas uma prova da boa escolha que fizera, como se tivesse sido sua intenção trazer um presente para a família, alguém para amortecer a relação entre a mulher e a filha. (ADICHIE, 2014, p.62).

Tia Uju além de ser “uma influência calmante” para Ifemelu também a orientou em assuntos diversos e foi no cotidiano da convivência familiar que as duas consolidaram uma relação de amizade e cumplicidade, como a citação a seguir explica:

Era tia Uju quem costurava os vestidinhos de Ifemelu e, quando ela foi ficando mais velha, folheavam juntas as revistas de moda, escolhendo roupas juntas. Tia Uju lhe ensinara a amassar um abacate e espalhá-lo no rosto, a dissolver pó Robb em água quente e colocar a cara no vapor, a secar uma espinha com pasta de dente. Tia Uju lhe trazia livros de James Hadley Chase embrulhados em jornal para esconder as mulheres seminuas na capa, alisou seu cabelo com ferro quente quando ela pegou piolho dos vizinhos, conversou com ela quando da sua primeira menstruação suplementando o sermão da mãe, cheio de citações da Bíblia sobre a virtude, mas sem detalhes úteis sobre cólicas e absorventes. Quando Ifemelu conheceu Obinze, disse a tia Uju que ele era o amor de sua vida, e

tia Uju lhe disse que o deixasse beijar e tocar, mas não penetrar. (ADICHIE, 2014, p.62).

Podemos observar que as questões que suscitam discussões de gênero em *Americanah* aparecem de maneira espontânea, através do cotidiano das personagens. Os diálogos entre Ifemelu e Uju são marcadores dessa característica. Por exemplo: Quando Uju comunicou à família que estava grávida do general a notícia da gravidez não é recebida com muito entusiasmo pela família, na mesma ocasião a médica mencionou que já havia feito um aborto antes em outro relacionamento. Mas esse episódio, que tensiona a temática gravidez e aborto na fala de uma personagem feminina, é apresentado a leitora/ao leitor de maneira natural e sensível, sem abordagens eufêmicas que facilmente poderiam se transformar em superficialidade:

[...] A mãe de Ifemelu desatou a chorar, emitindo gritos dramáticos e olhando em volta, como se pudesse ver ali em torno os cacos de sua própria história. “Meu Deus, por que o Senhor me abandonou?” “Não planejei isso, aconteceu”, disse tia Uju. “Fiquei grávida de Olujimi na faculdade. Fiz um aborto, mas não vou fazer outro.” A palavra “aborto”, tão franca, feriu a atmosfera da sala, porque todos sabiam que o que a mãe de Ifemelu não estava dizendo era que havia maneiras de lidar com aquilo. O pai de Ifemelu largou o livro que estava lendo e pegou-o de novo. Ele pigarreou. Consolou a esposa. “Bom, eu não posso perguntar quais são as intenções dele”, disse afinal para tia Uju. “Por isso, pergunto quais são as suas.” “Vou ter o bebê.” O pai de Ifemelu esperou por mais, mas tia Uju não disse nada, e assim ele se recostou, acuado. “Você é adulta. Não foi isso que desejei para você, Obianuju, mas você é adulta.” (ADICHIE, 2014, p.93).

Quando Ifemelu iniciou sua vida sexual no relacionamento com Obinze também foi Tia Uju quem a socorreu no momento em acreditou estar grávida. Imediatamente, Ifemelu telefonou para a tia para falar da situação e mais uma vez o diálogo entre as duas mostrou o quanto o tema sexo era tratado com naturalidade na relação delas sem perder o foco no cuidado:

[...] “Aconteceu”, ela disse a Obinze. “Fiquei grávida.” [...] Obinze franziu o cenho. Não pareceu entender o que Ifemelu estava dizendo. “Mas, Ifem, não pode ser. Foi rápido demais. Além do mais, eu gozei fora.” “Eu disse para você que isso não funciona!”, exclamou ela. Subitamente ele lhe pareceu jovem, um menininho confuso fitando-a, indefeso. Seu pânico cresceu. Num impulso, ela chamou um *okada* que passava, pulou na garupa e disse ao motorista que queria ir para a cidade. “Ifem, o que você está fazendo?”, perguntou Obinze. “Aonde você vai?” “Ligar para tia Uju”, disse ela. [...] Ela falou em código no telefone, inventando-o na hora, por causa das pessoas paradas ali [...] “Tia, acho que o que aconteceu com você logo antes de Dike vir aconteceu comigo”, disse Ifemelu. “Comemos semana passada.” “Só na semana passada? Quantas vezes?” “Uma.” “Ifem, fique calma. Não acho que esteja grávida. Mas precisa fazer um teste. Não

**vá ao centro médico do campus. Vá até a cidade, onde ninguém conhece você.** Mas se acalme antes. Vai dar tudo certo, *inugo?*” (ADICHIE, 2014, p.105, grifo nosso).

Nesse episódio, e a partir das orientações de Tia Uju, a narrativa mostra o quanto a expressão e a vivência da sexualidade feminina podem ser carregadas de culpabilização, como Chimamanda Adichie explica: “Ensinamos as meninas a sentir vergonha. ‘Fecha as pernas, olha o decote’. Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos” (ADICHIE, 2015, p.36).

Tia Uju orienta a sobrinha, tenta preveni-la do julgamento: isso é cuidado, que é também uma possibilidade de desenvolvimento de uma relação afetiva humanizada. Porém, quando Ifemelu é atendida no centro médico da cidade fica evidente a postura moralista-religiosa da atendente, a situação acontece em uma história que se passa na Nigéria, mas poderia ser comum em qualquer outro continente do mundo:

Mais tarde, Ifemelu se sentou numa cadeira bamba da sala de espera do laboratório, gélida e silenciosa, ignorando Obinze. Estava com raiva dele. Era injusto, sabia, mas estava com raiva dele. Quando entrara no banheiro sujo com o potinho que a funcionária do laboratório lhe dera, ele perguntara, já se levantando: “Quer que eu vá com você?”, e ela respondera, irritada: “Vir comigo para quê?”. E tinha sentido vontade de dar um tapa na funcionária. **Uma menina de cara amarelada, magra feito um poste, que fez um muxoxo de desprezo e balançou a cabeça quando Ifemelu disse: “Teste de gravidez”, como se não acreditasse estar diante de mais uma prova de imoralidade.** Agora, estava observando os dois com um sorrisinho superior, cantarolando insolentemente. “Estou com o resultado”, disse a menina depois de algum tempo, segurando o papel aberto com uma expressão de decepção, pois dera negativo. Ifemelu sentiu-se atônita demais para ficar aliviada a princípio e depois teve que urinar de novo. **“As pessoas deviam se respeitar e viver como cristãos para evitar problemas”, disse a menina quando estavam indo embora.** (ADICHIE, 2014, p.105, grifos nossos).

Segundo Chimamanda Adichie, a sociedade impõe que meninas não podem agir como seres sexuais, mesmo em muitas culturas ocidentais que esperam que mulheres sejam *sexy* “não esperam que elas sejam sexuais” (ADICHIE, 2017, p.67). Ou seja, “nós políciamos nossas meninas. Elogiamos a virgindade delas, mas não a dos meninos (e me pergunto como isso pode funcionar, já que a perda da virgindade é um processo que envolve duas pessoas)”. (ADICHIE, 2015, p.35). Nessa perspectiva, devemos destacar como a escritora nigeriana cria personagens em



*Americanah* que, através de suas escolhas e falas, criticam posicionamentos moralistas sobre sexo e caminhos de subjetivação limitadores para mulheres.

Na relação afetiva Ifemelu-Uju, não foi só Tia Uju quem ensinou e cuidou. Nos períodos de bonança e turbulência do relacionamento da tia com o general (assim como no período que moraram nos EUA), Ifemelu também demonstrou sabedoria ao confrontar a tia-amiga sobre como a sua confiança excessiva na proteção do homem a estava tornando vulnerável e dependente. As passagens a seguir corroboram como, em um diálogo entre Ifemelu e Uju, a jovem protagonista demonstra inteligência e cuidado com a tia dez anos mais velha:

Ifemelu estacou. “Você não tem dinheiro?” “Minha conta está quase vazia. Mas Oga vai me dar. Você sabia que não pagaram meu salário nem uma vez desde que comecei a trabalhar? Todo dia tem uma história nova do pessoal do financeiro [...] “Você não tem dinheiro?”, Ifemelu perguntou de novo, devagar, para deixar aquilo claro, certificar-se. “Hum, tia, como você pode não ter dinheiro?” “Oga nunca me dá muito dinheiro. Ele paga todas as contas e prefere que eu peça tudo o que quiser. Alguns homens são assim.” Ifemelu olhou para ela, atônita. Tia Uju, em sua enorme casa rosa com a imensa antena satélite florescendo no telhado, o gerador transbordando de diesel, o congelador repleto de carne, não tinha dinheiro na conta do banco. [...]. (ADICHIE, 2014, p.86).

[...] Tia Uju olhou para Ifemelu. “Não se preocupe comigo.” “Não estou preocupada.” “Está sim, desde que eu te falei da minha conta”. “Se outra pessoa fizesse isso, você ia dizer que ela era burra.” “Eu não aconselharia você a fazer o que estou fazendo.” Tia Uju voltou o seu o rosto para a janela. “Mas ele vai mudar. Vou fazê-lo mudar. Só tenho de ir devagar.” (ADICHIE, 2014, p.88).

Tia Uju é uma médica jovem que se formou na Nigéria em um período de altas taxas de desemprego e o general surge em sua vida para “cuidar” dela. Eles iniciam então um relacionamento amoroso, mesmo o militar sendo casado com uma advogada que largou a carreira profissional para se dedicar aos filhos. Através da influência e da segurança financeira oferecida pelo general, Tia Uju vive uma vida de conforto, no entanto, nada dessa vida é realmente seu, todos os bens estão no nome do general e quando ele morre a família “oficial” buscar tirar tudo de Uju.

A preocupação de Ifemelu sobre a questão prática do padrão de vida da tia, a segurança financeira propriamente, reflete muito o posicionamento que Chimamanda Adichie (2015) defende: “E se meninos e meninas fossem criados de modo a não mais vincular masculinidade ao dinheiro?” (ADICHIE, 2015, p.29). Tia Uju simplesmente naturaliza o comportamento controlador do general ao dizer que ele não a deixa ficar com dinheiro porque “alguns homens são simplesmente assim”.

A dependência financeira de mulheres em relação a homens é algo que aparece na narrativa de *Americanah* tanto na Nigéria quanto nos Estados Unidos. Quando Ifemelu namora Curt (o homem estadunidense branco e rico) ela consegue trabalho e passa a ter uma vida confortável e luxuosa por meio da influência e do dinheiro dele. Esse fato faz com que a protagonista tenha mais camadas.

Anos depois, já estabelecida na Nigéria novamente, Ifemelu escreve em seu novo *blog* sobre as jovens mulheres que são “apadrinhadas” por homens ricos e influentes, usando como exemplo a história de sua amiga Ranyinudo, o que desemboca em uma discussão ferrenha onde a suposta imparcialidade e superioridade de Ifemelu sobre a questão são examinadas. Sobre essas mulheres, Ifemelu escreveu:

Existem muitas jovens em Lagos com Fontes Desconhecidas de Riqueza. Elas vivem uma vida pela qual não podem pagar. [...] Uma delas é minha amiga, uma mulher linda e brilhante que trabalha com publicidade. Ela mora na Ilha de Lagos e está namorando um banqueiro importante. Temo que vá acabar como muitas mulheres de Lagos que definem sua vida pelos homens que jamais poderão realmente ter, tolhidas por sua cultura de dependência, com desespero nos olhos e bolsas de marca nos braços. (ADICHIE, 2014, p.455).

Obviamente, por mais que sua identidade não tenha sido revelada, Ranyinudo sentiu sua privacidade invadida pelo julgamento de uma pessoa querida e próxima. A amiga de Ifemelu então reage ao texto fazendo uma crítica:

“Ranyi, juro, ninguém vai saber que é você. Todos os comentários até agora foram de pessoas dizendo que se identificaram com o texto. Tantas mulheres se perdem em relacionamentos assim. **Na verdade, eu estava pensando em tia Uju e no General. Aquele relacionamento a destruiu. Ela se tornou uma pessoa diferente por causa do General, não podia fazer nada por si mesma e, quando ele morreu, ela se perdeu.**” “**E quem é você para criticar? De que maneira isso é diferente de você e do branco rico dos Estados Unidos? Você teria sua cidadania se não fosse por ele? Como foi que arrumou aquele emprego nos Estados Unidos? Você precisa parar com essa bobagem. Pare de se achar tão superior!**” Ranyinudo desligou na cara dela. Durante um longo tempo, Ifemelu ficou olhando para o telefone mudo, abalada. Então apagou o post e dirigiu até o apartamento de Ranyinudo. “Ranyi, desculpe. Por favor, não fique zangada.” Ranyinudo fitou-a com raiva. “Você tem razão”, disse Ifemelu. “É fácil ser crítica. Mas não era pessoal e não tive a intenção de ser negativa. Por favor, *biko*. Nunca mais vou invadir sua privacidade desse jeito.” (ADICHIE, 2014, p.455, grifos nossos).

Assim como o relacionamento com as amigas, a relação de Ifemelu e Tia Uju não é perfeita, nem sempre foi de cumplicidade e ternura, no decorrer da narrativa também são mostrados os momentos de conflito e divergência entre as duas. Em

outro episódio, Ifemelu chama a atenção da tia por causa da maneira como ela estava reagindo à frustração provocada pelo comportamento do general:

[...] Ifemelu estava observando tudo da porta da cozinha. “Tia, é com o General que você devia estar gritando.” Tia Uju parou, furiosa e com os olhos esbugalhados. “É comigo que você está falando desse jeito? Por acaso tenho a sua idade?” Tia Uju avançou sobre ela. Ifemelu não esperava que tia Uju fosse bater nela, mas quando o tapa golpeou sua face, emitindo um som que pareceu vir de bem longe e fazendo vergões com formato de dedos surgirem ali, não ficou surpresa. As duas ficaram se olhando. Tia Uju abriu a boca como quem ia falar algo e então se virou e foi para cima, com ambas conscientes de que algo entre elas não era mais o mesmo (ADICHIE, 2014, p.91).

Depois, Uju pede desculpa a sobrinha e a protagonista se sentiu mais sábia e mais velha que a tia:

“Ifem, eu não sei o que me deu. *Ndo.*” [...] “Devo ser doída. Ele tem barriga de chope, dentes de vampiro, mulher, filhos e é velho.” Pela primeira vez, Ifemelu se sentiu mais velha que tia Uju, mais sábia e forte que ela, e desejou poder arrancá-la dali, sacudi-la até que visse as coisas com mais clareza e se tornasse alguém que não colocaria suas esperanças no General, cozinhando e se raspando para ele, sempre ansiosa por diminuir seus defeitos. Não era assim que devia ser. (ADICHIE, 2014, p.).

Defendemos que Tia Uju é a relação afetiva de Ifemelu que mais contribui para a análise de seu desenvolvimento como protagonista e que mais amplia as dimensões de conflito da narrativa. A partir da trama de Tia Uju irradiam desdobramentos da narrativa de *Americanah* que determinam a trajetória de Ifemelu, é assim com a chegada do general Oga na vida da tia e é assim também com a gravidez de Uju, como a própria narradora afirma: “Depois, Ifemelu pensaria naquela gravidez como algo simbólico. Marcou o início do fim e fez com que todo o resto parecesse célere, os meses escoando, o tempo precipitando-se para frente” (ADICHIE, 2014, p.93).

Além disso, é importante ressaltar que foi Uju quem primeiro teve a ideia de Ifemelu ir estudar nos EUA. Em uma conversa ao telefone (mais uma vez o caráter espontâneo da ideia), Ifemelu conta a tia Uju que as universidades nigerianas estão mais uma vez em greve e é nesse diálogo que Uju sugere que Ifemelu tente admissão para universidades estadunidenses. A ideia que provoca o principal divisor de águas da narrativa (a ida de Ifemelu para os EUA) surge de um diálogo entre Ifemelu e outra mulher.

Obinze é apresentado como um personagem que adora os EUA e sonha em construir a vida nesse país, é um aficionado pela literatura do país e ávido

consumidor de suas produções televisivas e cinematográficas. No entanto, quem faz Ifemelu pensar em si mesma deixando a Nigéria para estudar no exterior, algo que só os seus colegas abastados podiam fazer, é outra mulher. E não é qualquer mulher: é Tia Uju que na narrativa aparece, com frequência, como uma espécie de guardiã dos novos caminhos que poderão se abrir na vida de Ifemelu.

Tia Uju está com Ifemelu na Nigéria, em sua infância e começo de juventude e também faz parte da vida da protagonista nos Estados Unidos quando as questões sobre ser uma pessoa negra são apresentada às duas como uma problemática cotidiana. Os diálogos entre as duas combinam os dois campos de preocupação que a análise aqui desenvolvida propõe: Questões de gênero e classe na Nigéria e Questões étnico-raciais nos Estados Unidos.

Na Nigéria, as duas brigaram por causa do general, e nos EUA, a diferença entre elas se acentuou por causa das questões pessoais de cada uma e também devido ao próprio processo de adaptação na sociedade estadunidense. Nos EUA, Ifemelu conheceu uma Uju mais impaciente, frustrada e preocupada com o desenvolvimento presente e as possibilidades de futuro do filho (Dike).

Assim que Ifemelu chega aos Estados Unidos precisa ressignificar o lugar da tia em sua vida e entender quais os desafios que Tia Uju enfrentava em sua própria vida. Tia Uju estava sobrecarregada com os estudos (precisava obter qualificação para ser médica nos EUA) e com os trabalhos, não tinha um relacionamento amoroso que a protegesse e a incentivasse e isso influenciou no modo como as duas se relacionaram nos EUA. Um dos episódios que marca essa mudança é apresentado na citação a seguir:

[...] “Então vou ser uma clínica-geral nesta tal de América”, disse, quase num sussurro. Abriu uma lata de Coca e não bebeu. Mais tarde, disse: “Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado”. “Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?”, perguntou Ifemelu. **“Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido.”** Lá estava ela de novo, aquela estranha ingenuidade com a qual tia Uju se cobrira, como se fosse um cobertor. Às vezes, quando estavam conversando, ocorria a Ifemelu que tia Uju deliberadamente deixara parte de si para trás, uma parte essencial, num lugar distante e esquecido. **Obinze dizia que era a gratidão exagerada que vinha com a insegurança do imigrante.** (ADICHIE, 2014, p.130, grifos nossos).

Os estremecimentos na relação de Tia Uju e Ifemelu continuaram depois do período de adaptação das duas no novo país e elas passaram, em alguns momentos, a divergir sobre a educação e o comportamento de Dike. Agora na relação das duas, era Ifemelu quem apaziguava os ânimos exaltados na relação mãe-filho.

Muitas das tensões entre Uju, Dike e Ifemelu eram impulsionadas pelas questões étnico-raciais que estruturam os EUA e com as quais Uju e nem Ifemelu cresceram em seu país de origem. A citação a seguir mostra uma situação em que Ifemelu tenta compreender o exercício da maternidade de Tia Uju e as problemáticas étnico-raciais nos Estados Unidos:

[...] “Sei que essa camisa é careta, Dike, mas use para lhe agradar, tá? Só para ir à igreja. Só hoje.” Ela sabia que camisa era, uma listrada e sisuda que Bartholomew comprara para Dike. Era o tipo de camisa que Bartholomew [então marido de Tia Uju] comprava; fez Ifemelu se lembrar dos amigos dele que ela conhecera num fim de semana, um casal nigeriano que morava em Maryland com dois filhos. As crianças sentaram ao lado deles no sofá, hirtas e abotoadas, **presas na jaula sem ar das aspirações dos pais imigrantes. Ifemelu não queria que Dike fosse como eles, mas entendia as ansiedades de tia Uju, que estava tentando avançar sobre um território desconhecido.** (ADICHIE, 2014, p.235).

A discussão sobre maternidades, feminismo negro e diáspora africana em *Americanah* também renderiam muitos debates, apesar da protagonista do romance não sinalizar o desejo efetivo de viver a maternidade, essa é uma dimensão que não está fora do romance, pelo contrário, é abordada com riqueza através de outras personagens. Nesse sentido, uma personagem feminina fundamental para o fortalecimento do protagonismo de Ifemelu como personagem é a mãe de Obinze.

A mãe de Obinze era professora universitária de literatura de língua inglesa, viúva e Obinze era seu único filho. Desde o momento que Ifemelu a conheceu percebeu as diferenças entre as relações que eles têm com os pais. Na casa de Ifemelu ninguém, além de Tia Uju, sabia do namoro dos dois, já na casa de Obinze, a mãe dele convida a garota para almoçar. Sobre a relação entre mãe e filho e sobre a personalidade da mãe de Obinze, Ifemelu observou:

[...] “Vamos para a cozinha”, disse a mãe dele. Ela esticou o braço, tirou um fiapo do cabelo de Obinze e deu um tapinha leve em sua cabeça. A relação fluida e brincalhona deles deixava Ifemelu constrangida. Era livre de amarras, livre do medo das consequências: não tinha a forma comum de um relacionamento com pai ou mãe. Eles cozinharam juntos, a mãe de Obinze mexendo a sopa e ele fazendo garri, enquanto Ifemelu ficava ali bebendo uma Coca. [...] Ela era agradável e direta, até calorosa, mas passava uma privacidade, uma relutância em se mostrar completamente

para o mundo, um traço de Obinze. Ensinara ao filho a habilidade de, mesmo no meio da multidão, estar confortável dentro de si mesmo. (ADICHIE, 2014, p.79).

O modo como Ifemelu se sentiu ao conhecer a mãe do namorado é importante para entender o efeito dessa relação sobre ela: “Havia algo naquela mulher que fazia Ifemelu querer dizer coisas inteligentes” (ADICHIE, 2014, p.79). Em outro momento, quando sabe da morte da mãe de Obinze, Ifemelu escreve: “Sabe quantas vezes quis que ela fosse minha mãe? Ela era o único adulto — com exceção de tia Uju — que me tratava como se eu fosse uma pessoa com uma opinião que importava. Você teve tanta sorte de ser criado por ela.” (ADICHIE, 2014, p.) Até os pais de Ifemelu quando conhecem a mãe de Obinze a admiraram:

Antes de os pais de Ifemelu voltarem para Lagos, seu pai disse, com a reverência intimidada que sentia diante de quem havia estudado muito: “Ela tem um bacharelado de primeira classe em Londres”. E sua mãe disse: “É um menino muito respeitoso, esse Obinze. Foi bem-educado. E a aldeia deles não é longe da nossa”. (ADICHIE, 2014, p.107).

Na primeira conversa entre “nora e sogra”, a mãe de Obinze pergunta quais os romances favoritos de Ifemelu. Esse é um assunto muito comum entre alguns personagens da narrativa, Ifemelu e Obinze, por exemplo, sempre trocaram referências (ou críticas) quando namoraram na adolescência e quando voltam a se ver depois de muitos anos o reencontro acontece em uma livraria. As conversas com a mãe de Obinze eram marcadas por assuntos como literatura e cinema.

Mas em uma tarde de domingo, quando a mãe de Obinze voltou da farmácia e percebeu que os adolescentes estavam vendo a mesma cena do filme de quando ela saiu, o assunto mudou e a mulher resolveu conversar com Ifemelu e orientá-la sobre as responsabilidades que envolviam uma vida sexual:

“Ifemelunamma, por favor, venha aqui”, disse a mãe dele, virando-se para ir lá para dentro. Obinze se levantou, mas Ifemelu o deteve. “Não, ela disse para eu ir.” A mãe dele pediu-lhe que entrasse no quarto e sentasse na cama. “Se acontecer alguma coisa entre você e Obinze, vocês dois serão responsáveis. Mas a natureza é injusta com as mulheres. Um ato é cometido por duas pessoas, mas, se há consequências, apenas uma sofre. Está me entendendo?” “Estou.” [...] “Você já fez alguma coisa séria com Obinze?” “Não.” “Eu já fui jovem. Sei como é amar quando se é jovem. Quero te dar um conselho. Sei que, no fim das contas, você vai fazer o que quiser. Mas meu conselho é que espere. Você pode amar sem fazer amor. É uma maneira linda de mostrar o que a gente sente, mas traz responsabilidade, muita responsabilidade, e não há pressa. Aconselho você a esperar pelo menos até estar na faculdade, até que seja mais senhora de si mesma. Entendeu?” “Sim”, disse Ifemelu. Ela não sabia o que “ser mais senhora de si mesma” significava. [...] No entanto, sentiu uma ausência de

vergonha. Talvez fosse o tom dela, sua tranquilidade, sua normalidade. (ADICHIE, 2014, p.81).

Mais uma vez alguma personagem da narrativa se mostra preocupada com Ifemelu e as consequências de uma vida sexual ativa para a vida de uma mulher. Ifemelu não se sente desconfortável com a conversa por causa do modo como a mãe de Obinze aborda o assunto e conversa com ela. Não houve demonização do sexo.

Importante destacar ainda que a mãe de Obinze direciona a orientação que oferece a Ifemelu priorizando o bem estar e a segurança da garota, como as seguintes frases mostram: “Um ato é cometido por duas pessoas, mas, se há consequências, apenas uma sofre.” e “Aconselho você a esperar pelo menos até estar na faculdade, até que seja mais senhora de si mesma. Entendeu?”. A mãe de Obinze fala de sexo destacando a responsabilidade e não recorrendo ao proibicionismo.

Quando Ifemelu pensou estar grávida, na verdade, o quadro clínico era apendicite. Quem cuidou da garota antes dos pais de Ifemelu chegarem em Nsukka, e depois que eles voltaram para Lagos, foi a mãe de Obinze e segunda ela, Ifemelu era como uma filha. Depois de uns dias da recuperação cirúrgica de Ifemelu, a mãe de Obinze, demonstrando carinho e preocupação materna, conversou com o jovem casal:

“Obinze e Ifemelu, as pessoas cometem erros, mas alguns deles podem ser evitados.” [...] “Vocês precisam usar camisinha sempre. Se quiserem ser irresponsáveis, esperem até não serem mais responsabilidade minha.” O tom dela estava mais duro, passara a ser de repreensão. “Se escolherem ter uma vida sexual ativa, então devem se proteger. Obinze, você deve usar sua mesada para comprar camisinhas. Ifemelu, você também. Não quero saber se tem vergonha. Tem de entrar na farmácia e comprar. Nunca, nunca deixe o menino ficar a cargo de sua proteção. Se ele não quiser usar, é porque não gosta o suficiente de você, e você não devia estar ali. Obinze, você pode não ser a pessoa que corre o risco de ficar grávida, mas, se isso acontecer, vai mudar sua vida toda e nunca mais vai poder voltar atrás. E, por favor, façam isso apenas um com o outro. As doenças estão em todo lugar. A aids é real.” Eles ficaram em silêncio. “Vocês me ouviram?”, perguntou a mãe de Obinze. “Sim, tia”, disse Ifemelu. “Obinze?” “Ouvi, mamãe”, disse Obinze, acrescentando, irritado: “Eu não sou criança!”. Então se levantou e saiu, altivo, da sala. (ADICHIE, 2014, p.107-108).

Uma das sugestões que Chimamanda Adichie apresenta em *Para educar crianças feministas* abarca justamente os conteúdos dos diálogos da mãe de Obinze e os jovens:

Converse com ela sobre sexo, e desde cedo. Provavelmente será um pouco constrangedor, mas é necessário. [...] Não finja que o sexo é uma mera ação reprodutiva controlada. Ou uma ação “apenas no casamento”, pois isso é mentira. [...] Diga-lhe que o sexo pode ser uma coisa linda e que, além das evidentes consequências físicas (por ser mulher!), também pode ter consequências emocionais. Diga-lhe que o corpo dela pertence a ela e somente a ela, e que nunca deve sentir a necessidade de dizer “sim” a algo que não quer ou a algo que se sente pressionada a fazer. Ensine-lhe que dizer “não” quando sentir que é o certo é motivo de orgulho. Diga-lhe que você acredita ser melhor que ela espere até ser adulta para poder fazer sexo. Mas prepare-se, pois pode ser que ela não espere até os dezoito anos. E, se não esperar, você precisa ter a segurança de que ela se sinta à vontade para lhe contar isso. (ADICHIE, 2017, p.64)

E por que destacar a temática sexualidade em *Americanah* a partir da relação entre as personagens do romance? Porque é necessário tanto para os processos de construção estética, e política, abordar personagens negras, como Ifemelu, que descontroem as representações fixas de determinados grupos sociais.

Pensando a partir do contexto principalmente de leitores e leitoras dos países que passaram pela experiência da escravidão, a narrativa de *Americanah* rompe com imagens de controle sobre mulheres negras ao abordar experiências de maternidades plurais e expressão de sexualidade (ainda que trate majoritariamente da heterossexualidade), por exemplo, através de Ifemelu, Tia Uju, mãe de Ifemelu e da mãe de Obinze. E ressaltamos a questão da maternidade e da sexualidade porque são conteúdos centrais das imagens de controle.

Como mencionado no primeiro capítulo, Patricia Hill Collins (2019) identifica, cinco principais imagens de controle pelas quais mulheres negras são especificamente representadas e retratadas: a *mammy*, a matriarca, a mãe dependente do Estado, a rainha da assistência social e a *jezebel*. Para construir seu argumento, a feminista negra se baseia em estudos sobre literatura que investigam como mulheres negras têm sido retratadas por outros e por elas mesmas.

Conceição Evaristo (como citamos anteriormente) também analisa que na literatura brasileira canônica a mulher negra raramente aparece como musa, heroína romântica ou mãe, é geralmente representada como mão de obra, e seu corpo como objeto de prazer para o macho ou associado à lascívia e pecado, a ideia de mulher sedutora, promíscua, jezebel.

Portanto, para oferecer um contraponto a essas imagens de controle nós destacamos como esses assuntos podem ser abordados em uma ficção romanesca sem sucumbir à superficialidade dos estereótipos e das imagens de controle. Dessa



maneira, na narrativa de *Americanah*, o lugar das personagens femininas negras no desenvolvimento de relações afetivas humanizadas nos interessa como afirmação de um processo de criação estético e também como ferramenta de sensibilização para condição política, social e intelectual de mulheres negras.

Ifemelu é uma personagem que se relaciona sexualmente, fala sobre sexualidade e expressa seus desejos no que diz respeito a essa dimensão da vida humana. Ela é uma protagonista que mostra ser possível criar personagens negras sexualmente ativas que não sejam representadas de maneira a reforçar imagens de controle. A temática sexualidade aparece em outros momentos importantes da narrativa e no relacionamento de Ifemelu com outras personagens.

O apelido carinhoso que Ifemelu atribui a Obinze, por exemplo, está relacionado aos momentos em que eles faziam amor. Para Ifemelu, Obinze é Teto (no original *Ceiling*). Sobre o significado do epíteto romântico:

[...] Começou a chamar aquilo que eles faziam juntos de *teto*, aquele emaranhado cálido na cama dele quando sua mãe não estava em casa, os dois só com a roupa de baixo, tocando, beijando e sugando, com os quadris se movendo numa simulação. *Estou com saudade do teto*, escreveu ela uma vez na contracapa de seu caderno de geografia e, durante muito tempo, Obinze não conseguia olhar para aquele caderno sem sentir um frisson crescente, uma sensação de excitação secreta. Na universidade, quando eles finalmente pararam de simular, ela passou a chamar o próprio Obinze de Teto, de um jeito brincalhão e sugestivo (ADICHIE, 2014, p.27).

Esse apelido pensado para ser uma senha, um código amoroso entre os dois também é uma maneira de dizer que a noção de romance que vivifica a relação de Obinze e Ifemelu está longe de corresponder a um ideal de perfeição em que o lugar de Ifemelu é em um altar de pureza, castidade, sem desejo ou sem erros, asséptico. O relacionamento do casal protagonista do romance tem história, desafios, acertos, erros e desencontros e por causa disso se torna mais complexo e humanizado.

Afirmamos que o protagonismo de Ifemelu também deve ser pensado a partir de sua relação amorosa com Obinze porque este relacionamento também revela características e posicionamentos importantes de Ifemelu, além de fazer parte de uma fase da vida dela na Nigéria. Obinze e Ifemelu estiveram juntos em momentos importantes da adolescência e juventude da protagonista, e juntos eles fizeram descobertas significativas sobre o mundo.

Chimamanda Adichie (2015) afirma que, em seu processo de socialização, meninas são ensinadas a se preocuparem com o que meninos pensam sobre elas e

o mesmo não é ensinado aos meninos, ou seja, acaba sendo imposto a meninas mediarem sua experiência no mundo de maneira que estejam sempre atentas ao olhar masculino. Em processos de socialização assim, como bem identifica a psicóloga e pesquisadora Valeska Zanello (2016), “os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar os homens. A relação monogâmica heterossexual implica quase sempre esta dissimetria de investimentos e dedicação” (ZANELLO, 2016, p.111).

Em *Americanah*, a relação de Obinze e Ifemelu, no entanto, vai de encontro a essa subjugação de lugares, pois desde o começo o envolvimento dos dois é marcado por amizade, companheirismo e troca de experiências, ambos gostam de várias outras coisas (os livros, os filmes, outras pessoas).

Ifemelu não deseja somente que Obinze a escolha, não torna Obinze o parâmetro exclusivo do seu desejo ou da sua maneira de enxergar a si mesma no mundo. Os diálogos e o cotidiano dos dois juntos são marcados por conversas, discussões acaloradas e até competitividade que são preenchidos por conteúdos que ambos gostam ou aos quais se dedicam. A citação a seguir exemplifica essa ideia:

Obinze entrou no clube de debate por causa de Ifemelu e, quando ela acabava de falar, era quem aplaudia mais forte e por mais tempo, até os amigos dela dizerem: “Chega, Obinze, por favor!”. Ela entrou no clube de esportes por causa dele e ficava vendo-o jogar futebol do lado de fora do campo, segurando sua garrafa de água. Mas era tênis de mesa que ele amava, [...] e ela se admirava com sua habilidade.

Quando Ifemelu e Obinze se conhecem em uma festa ele demonstra interesse pelo que Ifemelu gosta, os dois conversam bastante sobre os provérbios de sua etnia (ambos são igbo como mencionamos anteriormente), falam sobre livros e é por causa de um livro que ele diz a Ifemelu que se interessou por ela:

[...] “Vi você na escola há um tempo. Até perguntei ao Kay a seu respeito”, disse Obinze. “Está falando sério?” “Você estava segurando um romance do James Hadley Chase perto do laboratório. Eu pensei: ‘Muito bem, ainda há esperança. Ela gosta de ler.’” “Acho que já li todos dele.” “Eu também. Qual é seu preferido?” “*A srta. Shumway usa a varinha.*” “O meu é *Quer continuar vivo?*; passei uma noite em claro para terminar.” “É, eu gosto desse também.” “E os outros livros? Quais clássicos você gosta?” “Clássicos, *kwa?* Eu só gosto de romances policiais. Sidney Sheldon, Robert Ludlum, Jeffrey Archer.” “Mas você também precisa ler livros de verdade.” Ela olhou para ele achando sua seriedade engraçada. “Menino elitista! Criado na universidade! Foi sua mãe professora quem te ensinou isso?” “Não, falando sério.” Ele parou de falar por um instante. “Vou te emprestar alguns para você experimentar. Adoro os americanos.” “Você precisa ler livros de verdade”, imitou Ifemelu. (ADICHIE, 2014, p.68-69).

Na mesma conversa, Obinze diz o que gostou em Ifemelu e como ele a enxerga e assim apresenta características da protagonista que admira. A descrição que Obinze faz de Ifemelu na próxima citação mostra um garoto que valoriza qualidades que não reduzem ou limitam uma garota à beleza, “piedade” e “pureza”:

[...] Obinze riu e Ifemelu, sem interesse em continuar a falar de poesia, perguntou: “Então, o que foi que Kayode disse sobre mim?” [...] “Ele disse: **‘Ifemelu é linda, mas dá trabalho demais. Sabe discutir. Sabe falar. Nunca concorda com ninguém.** Mas Ginika é um doce de menina”. Obinze fez uma pausa e acrescentou: “Ele não sabia que era exatamente isso que eu queria escutar. Não estou interessado em meninas boazinhas demais”. “Hum! Você está me insultando?”, perguntou ela, cutucando-o com raiva fingida. **Gostava dessa imagem de si mesma como sendo alguém que dava trabalho, que era diferente, e às vezes encarava aquilo como uma carapaça que a mantinha segura.** (ADICHIE, 2014, p.69, grifos nossos).

No processo de autodefinição de Ifemelu o encontro com Obinze é fundamental. Os elogios e o modo como o namorado faz a protagonista se sentir não a tornam dependente dele e sim fortalecem a imagem que ela tem de si mesma, ou seja, o olhar masculino de Obinze não é um determinante da vida de Ifemelu, mas é um fator que traz sentimentos de segurança e afeição por si própria.

Em sociedade, nas discussões sobre gênero, literatura e afetividade, é muito comum falarmos de como relacionamentos podem diminuir, adoecer e/ou violentar mulheres. Por isso destacamos aqui o relacionamento de Obinze e Ifemelu na adolescência, pois precisamos investir mais em estudos sobre representações e descrições de relações que fortalecem mulheres e enriquecem suas existências.

Argumentamos que quando uma narrativa apresenta uma personagem negra protagonista definida por outra personagem como “linda”, como “alguém que dá trabalho, sabe discutir e se posicionar” há um enfrentamento, uma fissura na imagem de controle sobre a mulher negra, pois como explica Patricia Hill Collins, as imagens de controle aplicadas às mulheres negras muitas vezes “são, na realidade, representações distorcidas de nosso comportamento que ameaçam os arranjos de poder existentes” (COLLINS, 2019, p.206).

Obinze é um garoto que não obedece a um *script* normativo de masculinidade, ou nas palavras de Chimamanda Adichie (2015), numa *definição de masculinidade muito estreita*, principalmente o Obinze adolescente que era muito espontâneo e contestador. Ele não se envergonhava de dizer a Ifemelu que a ama

ou que a admira e não importa em fazer isso na frente de outros colegas.

Sobre essa relação de Obinze e a vivência de sua masculinidade destacamos as passagens a seguir:

[...] Por causa de Ifemelu, os amigos dele o chamavam de “invólucro de mulher”. **Certa vez, quando os meninos estavam combinando de se encontrar depois da escola para jogar futebol, um deles perguntou: “Ifemelu deu permissão para você ir?”. E Obinze respondeu, sem pestanejar: “Deu, mas ela disse que só posso ficar uma hora”.** Ela gostava do fato de ele ostentar o namoro como se fosse uma camisa de cor vívida. Às vezes, temia estar feliz demais. (ADICHIE, 2014, p.69, grifos nossos).

[...] A mala da menina estava no chão, aberta, com as roupas espalhadas. Kosi estava postada ao lado, segurando com as pontas dos dedos um pacote de camisinhas. “Para que isso? Hein? Você veio para minha casa para ser uma prostituta?” A menina olhou para baixo primeiro, em silêncio, e depois encarou Kosi e disse baixinho: “No meu último emprego, o marido da senhora estava sempre me forçando”. Os olhos de Kosi se arregalaram. Ela deu um passo à frente como se fosse atacar a menina de alguma maneira e então parou. “Por favor, pegue sua mala e saia daqui agora mesmo”, disse. A menina fez um movimento de surpresa e depois pegou a mala e virou-se na direção da porta. Assim que ela foi embora, Kosi disse: “Você acredita nessa bobagem, querido? Ela trouxe camisinhas e ainda teve a coragem de abrir a boca para dizer isso. Você acredita?”. “O último patrão a estuprava, por isso ela decidiu se proteger dessa vez”, disse Obinze. Kosi olhou-o, atônita. “Você está com pena dela. Não conhece essas empregadas. Como pode sentir pena dela?” *Como você pode não sentir?*, ele quis perguntar. Mas o medo hesitante em seus olhos o silenciou. A insegurança de Kosi, tão grande e tão comum, o silenciou. (ADICHIE, 2014, p.42).

Nas duas citações são apresentados contextos nos quais Obinze mostra uma sensibilidade não muito comum no comportamento masculino, não só na Nigéria. Apesar de corresponderem a períodos diferentes da vida de Obinze, as duas passagens mostram de que maneiras a personagem vivencia a masculinidade. A própria crítica que Obinze faz a Ifemelu quando a reencontra na Nigéria mostram um homem que entende a pressão imposta por um padrão estético euro-estadunidense: “Ah, não, Ifem, você não está gorda. Está sendo muito americana em relação a isso. O que os americanos consideram gordo pode simplesmente ser normal” (ADICHIE, 2014, p.463).

Ressaltamos o posicionamento de Obinze em relação ao comportamento e à estética de mulheres porque como Chimamanda Adichie (2015) afirma, “quando se trata de aparência, o paradigma é masculino”. Chimamanda Adichie (2015) explica que o paradigma masculino envolve criar garotos para serem *homens duros*, sendo esse um ideal de masculinidade muito perseguido na Nigéria, por exemplo. Segundo

a autora, aos meninos é ensinado que “não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, *homens duros*” (ADICHIE, 2015, p.29).

bell hooks (2019) no texto *Reconstruindo a masculinidade negra* também relata, a partir de sua experiência como uma garota criada no sul dos Estados Unidos em uma família batista patriarcal, que nesse contexto “**ser um garoto significava aprender a ser duro**, a mascarar seus sentimentos, a defender seu território e lutar; ser uma garota significava aprender a obedecer, ficar quieta” (HOOKS, 2018, paginação irregular, grifo nosso). Duas escritoras negras de idades, nacionalidades e experiências diferentes identificam a mesma lógica de comportamento masculino.

Portanto, quando Obinze se comporta, se posiciona ou pensa de uma maneira diferente dos *homens duros* nigerianos (e estadunidenses) é uma estratégia que a escritora forja para que uma personagem masculina vocalize concepções a respeito de gênero e feminismo. Logo, o campo de preocupação com essas ideias não fica restrito aos diálogos das personagens femininas, a possibilidade de compreensão desse tipo de temática circula nos grupos através de personagens masculinas e femininas.

Em *Americanah*, nem todos os diálogos e posicionamentos contestadores, “progressistas”, sábios e conscientes são de autoria de Ifemelu, a força dessas ideias circula entre as personagens, ou seja, é uma maneira de escrever e criar personagens que afirma um modo de ser coletivo.

Ifemelu e Obinze se complementam, não são retratados para que Obinze “salve” Ifemelu ou para simbolizarem uma parte faltante do outro. Em *Americanah*, o relacionamento amoroso de Ifemelu e Obinze não é um prêmio que deve ser almejado e desejado pela protagonista. Chimamanda Adichie (2015), afirma que é comum esperar que mulheres façam escolhas levando em conta que um casamento é a coisa mais importante do mundo, Ifemelu, no entanto, não se comporta assim em nenhum dos relacionamentos que vive no decorrer da narrativa. Inclusive, Ester, a mulher evangélica que trabalha na Zoe, afirma que Ifemelu tem “o espírito de repelir marido”.

Enquanto suas amigas nigerianas estão cada vez mais preocupadas em casar, Ifemelu mesmo querendo viver um romance com Obinze (que ainda estava

casado quando eles se reencontraram), não almeja o casamento como um final feliz para ela, por mais que ame Obinze. Essa é uma maneira possível de conceber relacionamento amoroso e o lugar das mulheres dentro deles, não é uma maneira prescritiva de viver a afetividade, personagens femininas podem querer casar e continuar sendo protagonista de suas histórias, o que destacamos no caso de Ifemelu é que ela não se reduz ao desejo único de estar em um relacionamento com um homem, ela tem outras preocupações: a família (com Dike, principalmente) e sua carreira, por exemplo.

Ifemelu continuou se sentindo bem e gostando de si mesma quando estava com Obinze, no entanto, quando eles retomaram o envolvimento na Nigéria depois de longos anos de afastamento, o seu namorado de adolescência está casado o que apresenta outra camada de complexidade para o lugar de protagonista feminina e para o lugar de par romântico perfeito. Sobre Ifemelu estar com Obinze na fase adulta, a narradora relata:

[...] Ifemelu ficava maravilhada com a maneira intensa e atenciosa que ele tinha de ouvi-la. Lembrava-se de tudo o que ela dizia. Ela nunca tivera aquilo antes, ser ouvida, ser realmente escutada, então ele se tornou precioso por mais um motivo; a cada vez que se despedia no fim de um telefonema, Ifemelu sentia um pânico crescente. Era mesmo absurdo. O amor de adolescência deles tinha sido menos melodramático. Ou talvez fosse porque as circunstâncias eram diferentes e avultando-se sobre eles agora havia o casamento sobre o qual Obinze nunca falava. (ADICHIE, 2014,p.484).

Em entrevistas, Chimamanda Adichie declarou que *Americanah* é um romance sobre raça, cabelo e amor, um livro no qual gostaria de escrever “uma indesculpável história de amor à moda antiga”. Como lembra Larissa Macfarquhar (2019), Chimamanda Adichie, e Ifemelu também, cresceu “consumindo pilhas de romances de amor baratos e queria reter deles o componente viciante do puro prazer que proporcionavam” (MACFARQUHAR, 2019, p.49). Em *Americanah*, o seu livro “Que se dane!”<sup>27</sup>, Chimamanda Adichie pretendeu abordar uma história de amor avassaladora em suas imperfeições.

Sendo assim, muitos leitores e leitoras têm que lidar com suas projeções sobre o que pensam ser uma personagem principal em um romance e ressignificar

<sup>27</sup> Segundo Daniel Oburo, Chimamanda Adichie descreveu *Americanah* como o seu “fuck you book”. Disponível em < <https://www.konbini.com/ng/music/chimamanda-ngozi-adichie-thought-americanah-would-be-a-terrible-book> > . Acesso em 31 de dezembro de 2019. Ver também em <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/chimamanda-ngozi-adichie-americanah-is-my-f-you-novel\\_n\\_5b55a1cce4b086f60991a990?ri18n=true](https://www.huffpostbrasil.com/entry/chimamanda-ngozi-adichie-americanah-is-my-f-you-novel_n_5b55a1cce4b086f60991a990?ri18n=true)>

suas concepções a respeito do que seja uma protagonista humanizada que vive uma história de amor indesculpável, que não se enquadra em certos padrões românticos de perfeição. Protagonistas “indesculpáveis” sempre existiram na literatura, Ana Karenina e Madame Bovary, por exemplo, ainda hoje rendem muito debate, afirmamos que Ifemelu pode entrar nesse quadro de referências de criação.

Obinze e Ifemelu são personagens descritíveis, com biografia, com relações afetivas importantes e essa noção é concretizada, dentre outras maneiras, com a exposição da vivência diaspórica dos dois. Obinze, como estrangeiro africano na Inglaterra, conhece um tipo de sofrimento que Ifemelu não vivencia nos EUA. Ifemelu é aceita pela embaixada estadunidense, Obinze não, a jovem mulher é quem parte (e depois desaparece da vida de Obinze), é o jovem rapaz quem fica. A protagonista volta para a Nigéria bem sucedida financeiramente e profissionalmente, inclusive, ela retorna por vontade própria. Obinze, pelo contrário, vive, durante um período, de maneira clandestina na Inglaterra, é preso e deportado, volta para o seu país humilhado.

Através de Obinze, Chimamanda Adichie mostra que o processo diaspórico que Ifemelu vivencia tem outras dimensões, outras maneiras de acontecer que deixam marcas indeléveis de modos diferentes. Na experiência diaspórica, Obinze e Ifemelu são tópicos diferentes de um mesmo conflito, não se excluem, não se hierarquizam, acontecem em relação.

Então, argumentamos que quando Chimamanda Adichie cria um par romântico para Ifemelu como Obinze, ou seja, um rapaz/homem que tenta percorrer outros caminhos de subjetivação para viver sua masculinidade, a escritora não cria somente um personagem masculino, ela desenvolve um personagem/par romântico que existe em referência à protagonista feminina e que fortalece o seu lugar de protagonista. Além disso, um casal negro que se gosta e divide parte de um processo de crescimento é uma imagem importante para forjar e compor o imaginário de leitores e leitoras.

As relações de Ifemelu com Tia Uju, a mãe de Obinze, Ranyinudo, com a própria mãe e até com Obinze questionam as concepções moralistas e controladoras que atravessam os processos de socialização das mulheres, e é admirável perceber como as compreensões feministas de Chimamanda Adichie estão presentes na ficção de *Americanah* como fontes enriquecimento e

fortalecimento na construção de suas personagens e no desenvolvimento de seus diálogos e tramas.

Os processos de criação de relações afetivas humanizadas em *Americanah* não poderiam deixar de englobar os erros e conflitos da protagonista. Como Ifemelu é uma personagem que convive e encontra várias pessoas durante toda a narrativa, as diferenças e a diversidade são constantemente acentuadas. No caso das personagens femininas é interessante ver que elas não precisam ser perfeitas, Ifemelu não é perfeita, Tia Uju e Ranyinudo também não são. Por isso relembramos que é preciso entender que “as mulheres negras têm umbigos diferentes também e que seus cordões foram cortados em contextos diferentes. Desta forma, o posicionamento que vão assumir em suas relações na esfera social é múltiplo” (SILVA, 2000, n.p).

Essas personagens materializam, portanto, a seguinte reflexão de Chimamanda Adichie (2017):

Ao lhe ensinar sobre opressão, tenha o cuidado de não converter os oprimidos em santos. A santidade não é pré-requisito da dignidade. Pessoas que são más e desonestas continuam seres humanos e continuam a merecer dignidade. Os direitos de propriedade das nigerianas do campo, por exemplo, constituem uma questão feminista importante, e as mulheres não precisam ser boas e angelicais para ter reconhecidos seus direitos de propriedade. Nos discursos sobre gênero, às vezes, há o pressuposto de que as mulheres seriam moralmente “melhores” do que os homens. Não são. Mulheres são tão humanas quanto os homens. (ADICHIE, 2017, p.75).

Em *Americanah*, leitora/leitor conhece nuances, qualidades e defeitos de Ifemelu principalmente através de seu comportamento e em diálogos com as personagens com quem ela convive e como essas personagens se manifestam sobre ela. As informações sobre Ifemelu e sua personalidade não é algo que a narradora detém exclusivamente. Logo, para entender o processo de construção do protagonismo de Ifemelu é preciso considerar e sempre atentar para os diálogos entre personagens, pois se trata de uma protagonista cujos relacionamentos sociais constantemente oferecem dinamicidade para a narrativa.

Todo o investimento que Chimamanda Adichie empreende no aprofundamento das relações pessoais da protagonista do seu romance demonstra a riqueza estética dessa personagem. Tão complexo quanto criar uma personagem-protagonista estimulante, desafiadora em sua dimensão subjetiva é desenhar uma rede de relações sociais, comunitárias e familiares que sustentem e movimentem o



desenvolvimento dessa protagonista. *Americanah* comprova que Chimamanda Adichie, além de talentosa contadora de histórias, é uma excelente criadora de personagens e uma exímia criadora de dinâmicas familiares e comunitárias.

Em seus primeiros meses nos Estados Unidos, em um dia de verão no Brooklyn, Ifemelu constata o quanto “havia uma desolação em sua vida, uma aridez em brasa, sem pais, amigos ou um lar, **os marcos familiares que faziam com que fosse quem era**” (ADICHIE, 2014, p., grifo nosso). A protagonista chegou aos Estados Unidos sem deixar para trás as dimensões familiares que a tornavam Ifemelu, mas durante sua estada nos EUA ela descobriu (e também teve que criar) novas referências para dizer quem era.

### **3.2 “...Não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos”: Ifemelu, a protagonista que maneja e expõe conflitos**

No decorrer desta dissertação já afirmamos que *Americanah* é um romance que aposta constantemente na exposição de conflitos em diversas dimensões. A biografia das personagens, a dinâmica da narrativa, a descoberta como pessoa negra em um país estrangeiro e os posicionamentos da protagonista são exemplos do que denominamos de “manejo de conflito”. Um dos grandes conflitos que apontamos como crucial no desenvolvimento da personagem como protagonista é o encontro com a questão étnico-racial nos Estados Unidos. No primeiro tópico do segundo capítulo desta dissertação também abordamos esse conflito.

Em *Americanah*, principalmente quando Ifemelu está vivendo nos Estados Unidos os cruzamentos de opressões ficam mais evidentes tanto no desenvolvimento da protagonista como no percurso de outras personagens. Logo, neste eixo de análise, **Ifemelu nos Estados Unidos**, afirmamos que o desenvolvimento do protagonismo de Ifemelu, apesar de mais individualizado, continua relacionado à convivência com mulheres e os namorados, além de uma dimensão nova que esse eixo traz e que resume a descoberta de Ifemelu de sua negritude nos Estados Unidos: o trabalho como escritora de um *blog*.

### 3.2.1. “O mundo estava envolto em gaze”: As relações afetivas e as descobertas de Ifemelu nos Estados Unidos

Na Nigéria, a cor de pele não se tratava de uma questão problemática, ou seja, uma questão que colocasse Ifemelu em conflito com a sociedade na qual cresceu. Mas ao chegar aos EUA, a cor da pele de Ifemelu passou a marcar uma posição de sujeito que lhe foi imposta e no decorrer da narrativa de *Americanah* a protagonista tentou subverter os estereótipos raciais ao afirmar o pertencimento identitário como negra.

No eixo de análise anterior abordamos os conflitos e desafios da Nigéria porque nos ajuda a compreender, como leitores (as) e pesquisadores (as), o posicionamento de Ifemelu, quando a protagonista afirma como só precisou entender o processo de vir a ser uma pessoa negra ao chegar aos Estados Unidos, pois na Nigéria o peso das dimensões de identificação é diferente.

Nesse sentido, as palavras de Chimamanda também lançam luz sobre essas dimensões identitárias na Nigéria tendo como foco sua experiência e a experiência de Ifemelu:

Eu não pensava sobre mim mesma como negra quando estava na Nigéria, não precisava. Então, nos identificamos com base na etnia, na religião, mas não na raça, porque não precisamos, e acho que seria diferente se eu fosse da África do Sul, talvez até do Quênia, mas da Nigéria não. (ADICHIE, 2013, n.p.).<sup>28</sup>

[...] Ela [Ifemelu] vem para os Estados Unidos e uma das coisas que ela descobre é identidade, ela descobre que é negra. Ela não se considerava negra na Nigéria porque não tinha necessidade (entrevistadora: Porque a maioria das pessoas na Nigéria é negra), sim, então a identidade na Nigéria, que também é algo problemático, é sobre religião, é etnia, mas não raça. (ADICHIE, 2016, n.p.).<sup>29</sup>

Quando retorna para a Nigéria, em conversa com o ex-namorado Curt, Ifemelu explica para o rapaz que em seu país natal escrever e discutir sobre a questão racial não repercutiria como nos Estados Unidos:

“Era você que mandava aquelas somas enormes que eu recebia pelo blog?”, perguntou ela. “Não”, disse Curt, e Ifemelu não teve certeza se

<sup>28</sup> Tradução nossa: “I didn’t think of myself as black when I was in Nigeria, I didn’t need to. So we identify on the basis of ethnicity, on religion, but not race because we didn’t need to and I think it would be different if I were from South Africa maybe even Kenya, but Nigeria no”.

<sup>29</sup> Tradução nossa: “[...] She comes to US and one of the things she discovers is identity, she discovers she is black, she hasn’t thought of herself as black in Nigeria, because she didn’t have any need to (interviewer: Because the majority in Nigeria is black), yes, so identity in Nigeria, which is also quite fraught is a sort of religion, its ethnicity but not race, but in the US she discovers she is black.

acreditava ou não. “Ainda está escrevendo um blog?” “Estou.” “Sobre questões raciais?” “Não, só sobre a vida. **Falar sobre questões raciais não funciona bem aqui. Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra.**” (ADICHIE, 2014, p.511, grifos nossos).

Até a ida de Ifemelu para os Estados Unidos (e no retorno também) existe uma história vasta composta por questões de classe, gênero, familiares, crises, eventos e contextos políticos, ou seja, existe uma série de dimensões que atravessam a vida da personagem que são abordadas através da localização de Ifemelu na Nigéria. No entanto, a questão racial com o impacto que Ifemelu conheceu nos Estados Unidos não chega ao país africano no qual a protagonista nasceu e conviveu.

No período em que vive nos EUA, Ifemelu conhece uma noção de raça como “um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados minoritários*” (ALMEIDA, 2018, p.24, itálico do autor), ou seja, Ifemelu descobre a estrutura racista da sociedade estadunidense.

Nesta análise entendemos racismo do mesmo modo que o professor Silvio Almeida (2018): como processo histórico, político que se expressa como desigualdade política, econômica e jurídica, sendo também um processo de constituição de subjetividades e que, portanto cria condições sociais para que grupos racialmente identificados sejam discriminados e explorados sistematicamente. Em resumo, racismo é uma:

Forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. (ALMEIDA, 2018, p.25).

No primeiro capítulo apresentamos, tendo como base a produção intelectual das feministas negras Patricia Hill Collins, Angela Davis e bell hooks, como foram forjadas, construídas e ressignificadas as experiências das mulheres negras nos Estado Unidos, principalmente. Nesse contexto histórico, mulheres negras tiveram que crescer tendo que lidar com as opressões produzidas pelo encontro entre racismo e sexismo.

Como explicamos anteriormente, Angela Davis (2016, p.127) afirma que, no começo do século XX, “um casamento ideológico sólido uniu racismo e sexismo” de uma maneira significativa nos EUA. Segundo a feminista, a união entre a

supremacia branca e a supremacia masculina aconteceu desde a época do povoamento das Américas e o que ocorreu mais adiante na História dos Estados Unidos foi uma atualização desse relacionamento que marcou, e a impacta até hoje, a existência das pessoas negras.

Logo, Ifemelu, Tia Uju, Wambui, as garotas do salão de beleza são mulheres negras que enfrentam, como relata Patricia Hill Collins ao tratar sobre a situação de mulheres afrodescendentes, “questões específicas relacionadas à combinação peculiar do legado das culturas africanas com uma história de opressões raciais promovidas pela escravidão, colonialismo e pelo imperialismo e um racismo global crescente” (COLLINS, 2019, p.375).

Quando Ifemelu chega aos Estados Unidos e reencontra Tia Uju depois de muitos anos, a tia, com quem sempre teve uma relação amigável, estava mais distante, não havia o carinho e o humor que sempre marcou a relação das duas em Lagos. A impaciência de Uju diante das dúvidas e posicionamentos de Ifemelu ao se deparar com os Estados Unidos cotidiano, real e não sob o verniz cintilante e atraente das produções de cinema e televisão, tornou a chegada da protagonista um pouco mais confusa e solitária.

Em um episódio em que é retratada a impaciência de Tia Uju com Ifemelu fica evidente de que maneiras podem acontecer o encontro entre a questão étnico-racial e migratória nos Estados Unidos:

“Você não pode trabalhar com visto de estudante, e esses empregos temporários que a universidade arruma são uma porcaria, não pagam nada, mas você tem que conseguir cobrir o aluguel e o resto da mensalidade de alguma forma. Eu, por exemplo, tenho três empregos e mesmo assim não é fácil. Falei com uma amiga minha, não sei se você se lembra da Ngozi Okonkwo. Ela é cidadã americana agora e vai passar um tempo na Nigéria para abrir um negócio. **Implorei e ela concordou em deixar você trabalhar com o cartão dela da Seguridade Social.**” **“Como? Vou usar o nome dela?”**, perguntou Ifemelu. **“É claro que você vai usar o nome dela”**, disse tia Uju com as sobrancelhas erguidas, como se mal tivesse conseguido se controlar para não perguntar se Ifemelu era idiota. [...] Ficou magoada com a bronca. Era como se a velha intimidade entre elas tivesse desaparecido de repente. (ADICHIE, 2014, p.).

[...] E passou diversos minutos olhando mais uma vez para o cartão da Seguridade Social e a carteira de motorista que pertenciam a Ngozi Okonkwo. [...]. “Eu não pareço nada com ela”, dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão. **“Os brancos acham que nós todos somos parecidos.”** **“Ahn-hã, tia!”** **“Não estou brincando.** A prima de Amara veio para cá no ano passado e ainda não tem um visto, por isso começou a trabalhar com a identidade de Amara. Você se lembra dela? A prima é magra e tem a pele clara. Elas não se parecem nem um pouco. Ninguém notou. Trabalha como cuidadora domiciliar na Virgínia. **Só não se esqueça**

**do seu novo nome.** Tenho uma amiga que esqueceu e uma colega ficou chamando, chamando, e ela não respondeu. Então desconfiaram e denunciaram para a Imigração.” (ADICHIE, 2014, p.).

Como lidar com uma situação em que você terá que ter um novo nome para poder trabalhar em um país? Os Estados Unidos são conhecidos no mundo por terem uma política nada amigável com os imigrantes e os arranjos que as pessoas nessa condição precisam desenvolver nem sempre são seguros e confiáveis. Ifemelu, até então, não conhecia nada desse código cultural, as informações que sabia sobre os EUA e Reino Unido, por exemplo, chegaram até ela por Obinze ou vendo os amigos nigerianos mais abastados viajando para o exterior. A sua experiência e de Tia Uju apresentaram, pela primeira vez, essas problemáticas de perto.

Tia Uju afirma que todos os brancos acham pessoas negras parecidas e alerta que Ifemelu não pode esquecer o novo nome, essas duas orientações não deixam de trazer para cena o passado de escravidão quando negros africanos escravizados eram considerados uma massa homogênea de “peças” e eram batizados pelos padres cristãos com novos nomes para poderem fazer parte de uma cultura “civilizada”. Anos depois, Ifemelu lembraria que nos EUA “os nigerianos usavam todo tipo de nome. Até Ifemelu já tinha sido outra pessoa” (ADICHIE, 2014, p.15).

Apesar de Ifemelu chegar aos EUA como estudante precisou “ser outra pessoa” para poder trabalhar, já que o tipo visto dela não permitia que trabalhasse. Sendo assim, ela teve que se submeter a uma situação de insegurança para buscar melhores meios de sustento e para conseguir mais dinheiro para arcar com o padrão de vida. Usar o cartão da seguridade social de outra pessoa foi uma das estratégias adotadas.

Ifemelu tentou de muitas maneiras trabalhar desde cedo nos EUA. No período em que estava procurando emprego, ela “escreveu e reescreveu seu currículo, inventou que já trabalhara de garçomete em Lagos, colocou Ginika como uma empregadora de cujos filhos já tinha cuidado, deu o nome da senhoria de Wambui como referência” (ADICHIE, 2014, p.159). Na faculdade, um colega tanzaniano sugeriu a Ifemelu que “apagasse os três anos de universidade na Nigéria: os

empregadores americanos não gostavam de contratar pessoas com educação boa demais para fazer os trabalhos mais simples” (ADICHIE, 2014, p.153).

Dessa maneira, no processo de descoberta e adaptação de Ifemelu nos EUA, a questão financeira e laboral ocupa lugar de destaque no desenvolvimento dela como personagem, sendo um fio condutor estratégico para pensar sobre o seu protagonismo, refletir sobre as relações afetivas que estabelece e as pessoas com quem conviveu no período que esteve morando no país.

Uma das primeiras questões que Ifemelu precisou resolver quando chegou aos Estados Unidos se referia ao provimento do seu sustento. A bolsa de estudos que conseguiu não era integral e ainda existiam as despesas cotidianas. Tia Uju demonstrou grande preocupação em como Ifemelu viveria no país com as limitações do visto de estudante, tanto que recorreu à estratégia do cartão de seguridade social de outra pessoa.

Tia Uju explicou que tinha três empregos e ainda assim não foi fácil para ela lidar com o orçamento para sustentar a casa, a família e os seus estudos. É importante ressaltar que Uju chegou aos EUA já como médica, com alguma experiência profissional, mas precisou de três ocupações para se sustentar porque demorou a ser considerada qualificada para assumir sua profissão nos Estados Unidos.

Uju trabalhou como assistente de pesquisa, em uma loja de shopping e em um *Burger King*, aliando essa rotina de trabalho exaustivo com os estudos para qualificação de médica. Tentava economizar cada centavo, como Ifemelu observou assim que veio morar com ela nos EUA: “no supermercado, tia Uju nunca comprava o que precisava; comprava o que estava em promoção e se obrigava a precisar daquilo” (ADICHIE, 2014, p.119). Quando Ifemelu foi morar na Filadélfia mais próxima ao Campus que ia estudar, “tia Uju ligava vezes demais para perguntar se ela tinha conseguido emprego” (ADICHIE, 2014, p.155).

O sustento adequado, como defende Angela Davis (2017), é um pré-requisito fundamental para o empoderamento. Ainda mais para as mulheres negras na sociedade estadunidense, pois para esse grupo social ter acesso a trabalho e a condições de trabalho dignas é uma questão crucial. Mulheres negras há séculos lutam contra modos de pensar e fazer economia completamente estruturados em concepções racistas e sexistas. Segundo Angela Davis (2016):

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalham mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório.

Angela Davis explica o quanto é comum, na vida da mulher negra, outras dimensões serem encobertas por causa da rotina de trabalho compulsório. Essa compreensão lembra o que Tia Uju passou nos EUA para alcançar seus objetivos profissionais e financeiros e sustentar o filho e oferece perspectiva para entender o porquê do afastamento amoroso no tratamento a Ifemelu, a rotina de trabalho e as privações consumiram muito da “personalidade nigeriana” de Uju.

Esse comportamento e a cobrança podem ser entendidos como formas de cuidado que a vida nos EUA forjou no modo de ser de Tia Uju, também por isso ela continua sendo uma personagem fundamental para entender o processo de construção do protagonismo de Ifemelu. Assim como Obinze, Uju funciona como um par em vivências de Ifemelu que apresenta outras dimensões e complexidades da experiência diaspórica.

No entanto, logo a condição financeira de Ifemelu se tornou uma preocupação constante como era na vida de Tia Uju. Por mais que Ginika estivesse levando Ifemelu a entrevistas e indicando o nome dela para pessoas foi difícil encontrar uma ocupação, Wambui também ajudava Ifemelu e avisou para todos os colegas que ela estava procurando emprego e, apesar da indicação da colega ugandesa, Dorothy, Ifemelu não conseguiu emprego em um restaurante.

Chimamanda Adichie descreve, de maneira processual, o percurso de preocupação de Ifemelu com a questão financeira, como citações a seguir exemplificam:

Ifemelu fez entrevistas para vagas de garçonete, hostess, bartender e caixa e ficou esperando ofertas de emprego que nunca chegaram, sentindo que a culpa era sua. Tinha de ser ela que estava fazendo algo de errado; mas não sabia o que poderia ser. **O outono chegara, chuvoso e com céus cinzentos. O dinheiro vazava de sua parca conta no banco. [...] as passagens de ônibus e trem se acumulavam e as compras de supermercado causavam buracos em seu extrato**, apesar de ficar atenta diante do caixa, observando a tela até dizer “Por favor, pare. Não vou levar o resto” quando a conta somava trinta dólares. A cada dia parecia surgir uma nova carta para ela na mesa da cozinha e, dentro do envelope, havia uma mensalidade a ser paga e palavras escritas em maiúsculas: SUA MATRÍCULA SERÁ SUSPensa SE O PAGAMENTO NÃO FOR RECEBIDO ATÉ A DATA NO FIM DESTA NOTIFICAÇÃO. **Era a agressividade das maiúsculas, mais do que as palavras em si, que a**

**amedrontava. Ifemelu se preocupava com as possíveis consequências, uma preocupação vaga, mas constante.** Não se imaginava sendo presa por não pagar a mensalidade, mas o que de fato acontecia quando você não pagava a mensalidade nos Estados Unidos? (ADICHIE, 2014, p.144, grifos nossos).

**Todos os dias, ela acordava preocupada com dinheiro. Se comprasse todos os livros de que precisava para as aulas, não teria o suficiente para pagar o aluguel,** por isso pegava-os emprestados durante as aulas e fazia anotações febris que às vezes, ao ler depois, a deixavam confusa. [...]. Ifemelu nunca passava mais de um dia com os livros e às vezes se recusava a levá-los para casa. **Feria seu orgulho ter de depender da boa vontade alheia.** Às vezes, depois das aulas, ela se sentava num banco e ficava olhando os alunos passarem pela grande escultura cinzenta que havia no meio do pátio; todos pareciam ter a vida que queriam, podiam ter um emprego se quisessem (ADICHIE, 2014, p.148, grifos nossos).

Toda vez que Ifemelu ia a uma entrevista de emprego ou ligava para algum lugar para falar de uma vaga, dizia a si mesma que aquele, finalmente, seria seu dia: dessa vez o emprego de garçom, hostess ou babá seria seu, mas, no mesmo instante em que se desejava sorte, sentia uma sombra cada vez maior num canto de sua mente. “O que eu estou fazendo de errado?”, perguntou a Ginika, que lhe disse para ser paciente, não perder as esperanças. [...] Mas não surgia nem um emprego. **Seria seu sotaque estrangeiro? Sua falta de experiência?** Mas seus amigos africanos todos tinham empregos, e universitários viviam conseguindo trabalhar sem experiência. [...] **Somava e subtraía sem parar, determinando do que ia e do que não ia precisar, fazendo arroz e feijão toda semana e esquentando porções pequenas no micro-ondas para comer no almoço e no jantar.** (ADICHIE, 2014, p.159, grifo nosso).

Era o fim do outono, as árvores pareciam ter criado chifres, folhas secas às vezes entravam no apartamento e o aluguel tinha vencido. Os cheques de suas colegas de apartamento estavam sobre a mesa da cozinha, um sobre o outro, todos cor-de-rosa com flores nas bordas. [...] Ao lado deles estava um bilhete na letra infantil de Jackie: *Ifemelu, o aluguel já está quase uma semana atrasado.* Se ela fizesse o cheque, não ia sobrar nada em sua conta. [...]. A secretária eletrônica estava piscando, mas Ifemelu não queria ouvir o recado porque seria apenas outra variação do último deixado por tia Uju. “Alguém ligou para você? Já tentou no McDonald’s e no Burger King aí perto? Eles nem sempre põem anúncios no jornal, mas pode ser que estejam precisando de gente. **Não posso te mandar nada até o mês que vem. Minha conta também está vazia, vou te dizer, ser médica-residente é trabalho escravo.**” (ADICHIE, 2014, p.165-166).

Segundo Patricia Hill Collins, a exploração do trabalho de mulheres negras é uma dimensão estrutural da opressão que essas mulheres sofrem nos Estados Unidos, o que significa que para as mulheres negras “sobreviver é desgastante”. Ifemelu procura emprego em um país em que as mulheres negras podem até ter deixado de trabalhar sobremaneira como domésticas em residências, no entanto, “sua sobrerrepresentação como cuidadoras, auxiliares de creches, funcionárias de lavanderias e de lojas de *fast-food* sugere que ter afro-americanas em empregos mal remunerados está longe de ser algo do passado” (COLLINS, 2019, p.101).



Mesmo recebendo esse suporte social dos colegas e amigas, a possibilidade de arranjar um emprego ficou distante de Ifemelu tempo o suficiente para que o desgaste provocado pela insegurança econômica desencadeasse um processo de sofrimento (e adoecimento). Nas citações anteriores é importante perceber que, apesar de ter alguma ajuda e orientação para tentar resolver e pensar sobre seus problemas, Ifemelu começou a sofrer e se angustiar de maneira solitária.

Em meio a essas preocupações, privações e estado de constante ansiedade, ocorreu uma discussão no apartamento em que Ifemelu morava. O cachorro de Elena, uma das moças que moravam com Ifemelu, comeu o bacon que ela estava fazendo e quando Ifemelu disse que o animal deveria ser melhor educado, Elena respondeu: “Não vai fazer vodu para matar meu cachorro”. Ifemelu avançou para bater na moça, mas recuou. A flagrante atitude racista de Elena tornou o cenário mais insuportável. Uma situação de crise financeira é inflamada por causa de uma discriminação racista.

Elena logo após ter proferido a ofensa disse, “dando um sorrisinho superior”, que estava brincando. O racismo, como bem esclarece Adilson Moreira no livro *Racismo Recreativo* (2019), apresenta uma natureza dinâmica e múltipla, não se manifesta somente em atos discriminatórios evidentes, intencionais e arbitrários e suas várias manifestações objetivam promover e legitimar um sistema de privilégios raciais sustentados na circulação contínua de estereótipos que inferiorizam minorias raciais. Segundo Moreira (2019), o racismo recreativo, por exemplo, pode se manifestar através de microinsultos, ou seja, “formas de comunicação que demonstram de maneira expressa ou encoberta uma ausência de sensibilidade à experiência, à tradição ou à identidade cultural de uma pessoa ou grupo de pessoas” (MOREIRA, 2019, p.53).

Elena utiliza o argumento da “brincadeirinha”, tenta invocar o humor como uma maneira de aliviar a tensão, mas revela muito mais uma intenção de contornar a situação (ser chamada atenção pelo comportamento do cachorro) afirmando certo lugar de superioridade menosprezando Ifemelu por ser negra e nigeriana. O comentário da colega de apartamento de Ifemelu se baseou em um estereótipo negativo sobre pessoas negras que dissemina uma imagem negativa de indivíduos pertencentes a esse grupo (Ifemelu seria perigosa por “fazer vodu”).

Por mais que naquele momento Ifemelu não se sintia pessoalmente e racialmente ofendida, a frase de Elena pode ser considerada racista, pois “independentemente do dano causado a indivíduos específicos propaga ódio em relação a segmentos sociais” (MOREIRA, 2019, p.80). Elena expressa racismo através de um humor depreciativo que “provoca um efeito cômico porque evoca estereótipos raciais que circulam dentro de nossa cultura” (MOREIRA, 2019, p.81).

No episódio da briga do apartamento, Ifemelu justificou a vontade de bater em Elena não por causa da ofensa de cunho racista, mas atribuiu o impulso ao fato de estar “em guerra com o mundo”, por acordar “todos os dias se sentindo machucada” (ADICHIE, 2014, p.167). A reação à frase de Elena pode ter sido racionalizada e interpretada por Ifemelu de uma maneira a não destacar a ofensa racista, o que não teria passado em branco para a Ifemelu de anos mais tarde com mais entendimento sobre a dinâmica étnico-racial estadunidense. Mas na construção da tensão narrativa a frase de Elena e a reação de Ifemelu funcionam como um disparador da ruptura que veio a acontecer no episódio posterior ao desentendimento no apartamento.

Com o aumento e a persistência das dívidas, depois de receber mais uma resposta negativa para uma possível ocupação, logo após a briga com Elena e de mais uma cobrança sobre o aluguel, Ifemelu resolveu considerar a seção de “acompanhantes” dos classificados. Ela lembrou que Ginika já tinha alertado: “Esqueça esse negócio de acompanhante. Eles dizem que não é prostituição, mas é [...] Conheço uma menina que fez isso no primeiro ano de faculdade” (ADICHIE, 2014, p.166). No entanto, Ifemelu decidiu aceitar a proposta de um professor de tênis e prestar o serviço de “acompanhante”. Sobre esse episódio, a narradora relata:

Ifemelu tirou os sapatos e deitou na cama dele. Não queria estar ali, não queria o dedo dele se movendo entre suas pernas, não queria ouvir os suspiros e gemidos dele em seus ouvidos, mas sentiu seu corpo despertando numa excitação nauseante. Depois, ficou imóvel, enrodilhada e dormente. O homem não a forçara. Ela tinha vindo por conta própria. Tinha deitado naquela cama e, quando ele colocou sua mão entre as pernas dele, enroscou-se e moveu os dedos. Agora, mesmo depois de ter lavado as mãos, que seguravam a nota nova e fininha de cem dólares que o homem lhe dera, seus dedos ainda pareciam grudentos; não pertenciam mais a ela (ADICHIE, 2014, p.168-169).

Nos primeiros meses de Ifemelu nos EUA, ela se sentiu perdida, uma pessoa inadequada para lidar com as preocupações, apesar de Obinze nos telefonemas e cartas dizer que ela estava se adaptando bem. A condição financeira, no entanto, perturbou bastante o estado emocional de Ifemelu e essa vulnerabilidade combinada com a série de fatores mencionada anteriormente tornaram Ifemelu mais propensa a tomar atitudes como prestar o “serviço de acompanhante” para o professor de tênis. Depois do episódio, Ifemelu não conseguiu reagir, se afastou do seu ciclo de convivência e durante dias “sentia uma vontade avassaladora de chorar e as lágrimas vinham, os soluços machucando sua garganta. Ela tinha tirado o som do telefone. Não ia mais às aulas. Seus dias ficaram imóveis de silêncio e neve” (ADICHIE, 2014, p.171).

Não há como pensar o sofrimento de uma pessoa sem considerar o contexto no qual ela vive e quais atividades e acontecimentos mais significativos em sua vida. Como Angela Davis explica, “muitas vezes os inimigos de nosso bem-estar físico e emocional são sociais e políticos” (DAVIS, 2016, p.54). A feminista também lembra que “uma quantidade imensurável de mulheres não consegue encontrar empregos decentes. Como o racismo, o sexismo é uma das grandes justificativas para as elevadas taxas de desemprego entre mulheres” (DAVIS, 2016, p.240).

Logo, o modo como Chimamanda Adichie construiu e apresentou o processo de sofrimento de Ifemelu relacionado à sua insegurança econômica enriquecem a dimensão subjetiva da personagem e contribui para reflexões que questionem: como a personagem negra sofre e como esse sofrimento é construído na narrativa, de maneira a reforçar imagens de controle ou acrescentando complexidade à construção estética da personagem? Por quem ou por quais motivos essas personagens sofrem?

Mostrar como uma protagonista negra sofre pode ser considerada uma maneira de valorizar uma construção humanizadora da personagem e assim, questionar a ideia de mulheres negras fortes e agressivas que constantemente coloca esse grupo social como capaz de aguentar todo tipo de dor. Por mais que a intenção seja elogiar, muitas vezes a associação entre mulheres negras e força submete essas mulheres a tratamentos, abordagens e concepções desumanizadoras.

Grada Kilomba em sua discussão sobre mulheres negras, sofrimento e imagens idealizadas, apresenta, a partir do posicionamento de uma mulher negra que entrevistou, a seguinte explicação:

As imagens idealizadas emergem como uma inversão das imagens racistas primárias: “Não há nada gratificante em ser mais um estereótipo”, declara Katheleen, descrevendo esse processo duplamente alienante. **Não desejo ser super-humana mais do que desejo não ser subumana”. Katheleen quer se ser refletida em sua complexidade como boa e má forte e fraca, amarga e doce – isto é, como um *sujeito*** (KILOMBA, 2019, p.195, grifo nosso).

Ao longo de três capítulos, Chimamanda Adichie explorou o dilema financeiro de Ifemelu construindo uma tensão que levou a protagonista do romance a tomar uma atitude desesperada que fez com que ela entrasse em profundo sofrimento. Sem dúvida, situar a protagonista do romance, mulher negra, em um episódio de prostituição é um movimento arriscado por causa da imagem de controle da mulher sexualizada, pois “todas as mulheres negras são afetadas pela imagem de controle generalizada de que as afro-americanas são promíscuas” (COLLINS, 2019, p.246).

Em contrapartida, Chimamanda Adichie coloca a personagem em um contexto que forja outro tipo de complexidade, abrindo espaço para discutir o que significa para leitores e leitoras, e no contexto da narrativa, Ifemelu estabelecer uma espécie de contato sexual por dinheiro, já que “a prostituição representa a fusão da exploração para fins econômicos – a mercadorização da sexualidade de mulheres negras – com o tratamento degradante dado a animais de estimação” (COLLINS, 2019, p.248).

É recorrente na representação de mulheres negras que abordem sexualidade, o conteúdo de violência explícita ser evidenciado. Mesmo nos romances que utilizamos no segundo capítulo para apresentar nossa concepção de protagonista negra, a violência sexual está presente, inclusive contra as protagonistas. Maria Vitória (*A mulher de Aleduma*) e Kehinde (*Um defeito de cor*), por exemplo, sofreram com a violência sexual, foram estupradas por homens brancos e engravidaram. Já em *Kindred*, Dana cuida de Alice que foi estuprada por Rufus (homem branco também) diversas vezes, Alice e Rufus são antepassados de Dana. Essas narrativas mostram o quanto a experiência da sexualidade de mulheres na diáspora africana está marcada por esse tipo de violência.

Apesar de Ifemelu não ter sofrido um estupro, por mais que repetisse para si mesma que “o homem não a forçara. Ela tinha vindo por conta própria”, o fato dela não ter, naquele momento, outra escolha, outra saída para os problemas financeiros revela que esse contexto não deixa de ser violento, de provocar dor e asco. Sendo assim, nos questionamos quais os efeitos dessa experiência de violência “não explícita”, a qual Ifemelu foi submetida em um momento de desespero e vulnerabilidade, no entendimento sobre a personagem e sobre o modo como a autora decide apresentá-la?

A situação financeira e o episódio do serviço como “acompanhante” marcam, portanto, uma das rupturas mais significativas na narrativa de *Americanah*. Ifemelu não soube como dizer para Obinze (nem para Tia Uju e Ginika) o que aconteceu, ela mesma não conseguiu encarar o impacto que a experiência causou nela, pois não tinha repertório suficiente para lidar com uma situação que tornou angustiante o modo como Ifemelu enxergava a si mesma. Sendo assim, ela se afastou do namorado, durante meses não o respondeu e não tentou contato.

Ao não contar para Obinze o que aconteceu e como se sentia, Ifemelu tentou afastar da consciência o conteúdo da experiência com o professor de tênis. Esta tentativa de esquecimento e culpabilização se materializou em uma ruptura com Obinze e o aprofundamento do sofrimento psíquico. Quando rompeu com o namorado, Ifemelu deixa para trás a Nigéria dos dias de inocência e esse é um divisor importante de sua jornada como protagonista do romance.

No entanto, apesar de sofrer de maneira solitária, a saída de Ifemelu desse processo de adoecimento é apresentada através da presença de Ginika, sua amizade na vida de Ifemelu fortalece a protagonista. Mais uma vez, uma personagem feminina ocupa um lugar fundamental no modo como Ifemelu e os acontecimentos se desenvolvem na narrativa. Ginika também foi quem ligou para Ifemelu para avisar que Kimberly gostaria de contratá-la e, além disso, levou a amiga para conversar com a futura empregadora. Ginika também disse a Ifemelu que ela estava em depressão e analisou a situação:

“Ifem, muita gente passa por isso, e eu sei que não tem sido fácil pra você se adaptar a um país novo sem ter um emprego. Não falamos de coisas como depressão na Nigéria, mas isso existe. Você devia consultar alguém no centro médico. Pode fazer terapia.” Ifemelu manteve o rosto virado para a janela. Sentiu, mais uma vez, aquela vontade avassaladora de chorar e respirou fundo, torcendo para que passasse. [...] Jamais seria capaz de formar as frases para contar sua história. “Ginika”, disse. “Obrigada.” Sua

voz estava rouca. As lágrimas tinham chegado, e ela não conseguia controlá-las. Ginika parou num posto de gasolina, deu-lhe um lenço e esperou que seus soluços parassem antes de dar a partida no carro e dirigir até a casa de Kimberly. (ADICHIE, 2014, p.173).

O fato de ser uma nigeriana nos EUA tentando trabalhar e estudar apresentou uma série de situações que fortaleceram a capacidade e sensibilidade de Ifemelu diante de questões como o mercado de trabalho estadunidense e processo de adoecimento de negros não americanos, de tal sorte que anos depois em seu *blog*, ela escreveu textos, sobre essas temáticas, intitulados: *Ofertas de emprego nos Estados Unidos – a principal maneira nacional de decidir “quem é racista”* e *“Sobre negros não americanos sofrendo de doenças cujo nome se recusam a saber”*.

Como explicamos no tópico anterior, a família de Ifemelu não era rica, quando ela foi embora da Nigéria os pais já viviam há muito tempo em sérias dificuldades econômicas, então por que destacar a questão financeira de Ifemelu (e Uju) no começo de sua vida nos EUA? Se Ifemelu chega aos EUA em condições mais favoráveis que muitas pessoas negras estadunidenses, por que falar sobre suas dificuldades financeiras?

Até Ifemelu ser contratada como babá por Kimberly a questão racial apareceu, na narrativa, de maneira pouco direta e evidente no que diz respeito aos entendimentos e relações de Ifemelu. Quando Ifemelu começa a trabalhar na casa de Kimberly o atravessamento da dimensão étnico-racial começa a ser exposto de maneira mais significativa em seu cotidiano.

Mas é importante frisar que nos diálogos com tia Uju, antes do trabalho com Kimberly, a questão racial já aparecia: como a afirmação sobre os brancos acharem todos os negros iguais e a preocupação de Uju em desfazer as tranças. Além disso, Ginika, uma mulher negra de pele mais clara, explicou para Ifemelu que nos Estados Unidos ela ia “ouvir umas merdas dos brancos” que Ginika não ouvia (ADICHIE, 2014, p.135). Por isso abordamos a questão financeira, pois nos Estados Unidos e por causa dos conflitos de ordem étnico-racial, a questão financeira da vida de Ifemelu adquire um novo patamar de complexidade.

Em um dia, ao receber um homem para fazer um conserto na casa de Kimberly, Ifemelu entrou em contato com mais um episódio que, ainda que de maneira sutil, mostrou uma faceta da discriminação racial nos Estados Unidos:

[...] **Ele se empertigou quando a viu. Seu rosto mostrou uma breve**

**surpresa e depois congelou numa expressão de hostilidade.** “Você chamou para limpar o carpete?”, perguntou [...] Ifemelu encarou o homem com uma provocação nos olhos, prologando um momento carregado de presunções: ele achava que ela era dona da casa, e não era o que tinha esperado encontrar naquela casa de pedra imponente com pilares brancos. “Sim”, disse Ifemelu, sentindo um cansaço súbito. “A sra. Turner me disse que vocês viriam.” Foi como um passe de mágica, o desaparecimento instantâneo da hostilidade dele. O rosto do homem relaxou num sorriso. Ela também era uma empregada. O universo mais uma vez era como devia ser. (ADICHIE, 2014, p.181).

Na sociedade estadunidense, apesar dos avanços na luta antirracista, a segregação racial “continua profundamente arraigada nas condições de moradia, educação e emprego” e dessa maneira, as mulheres negras nos EUA são afetadas pelo racismo em “situações cotidianas, nos locais de trabalho e de moradia, em lojas e escolas e interações sociais diárias” (COLLINS, 219, p.64).

Percebemos que o episódio do limpador de carpete revela outra maneira do racismo, no qual um país como os EUA está sustentado, pode se manifestar. O incômodo do homem “pesado com o rosto vermelho” ao cogitar a possibilidade de uma mulher negra estar em uma casa de alto padrão econômico materializa o que as citações de Patricia Hill Collins apontam.

Uma mulher negra não pertenceria àquela vizinhança, aquela propriedade não poderia ser sua e por considerar que a “lei natural” das relações sociais não estava vigente naquele provável encontro, o homem passou de surpresa para assumir uma expressão de hostilidade. No entanto, quando Ifemelu menciona a *Sra. Turner* “o rosto do homem relaxou num sorriso. Ela também era uma empregada. O universo mais uma vez era como devia ser” (ADICHIE, 2014, p.181).

A imagem de controle que evoca a mulher negra serviçal é tão forte no imaginário que a hostilidade é uma reação possível de um homem diante de uma mulher que possa não estar confinada nesse lugar, assim como um sorriso de alívio também é uma reação possível diante da constatação que a mulher negra realmente existe na situação como serviçal. bell hooks (1995) apresenta uma explicação que justifica essa concepção. Segundo a intelectual negra, o sexismo e o racismo combinados “perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros” (hooks, 1995, p.468).

Além do apego a uma imagem de controle sobre a mulher negra, o episódio narrado também traz para o centro da cena a intersecção entre classe e raça. Por que Ifemelu não foi bem tratada quando o prestador de serviço acreditou que ela poderia ser a patroa, a dona daquela casa? Ela ser considerada uma pessoa abastada, não poderia, automaticamente fazer com que o homem lhe tratasse cordialmente? A explicação de Silvio Almeida sobre conflito social de classe ajuda a responder essas questões:

O conflito social de classe não é o único conflito existente na sociedade capitalista. Há outros conflitos que ainda que se articulem com as relações de classe, não se originam delas e, tampouco *desapareceriam com ela*: são conflitos raciais, sexuais, religiosos, culturais, regionais que podem remontar a períodos anteriores ao capitalismo, *mas nele tomam uma forma especificamente capitalista* (ALMEIDA, 2018, p.75, itálicos do autor).

Em seu *blog*, anos mais tarde, Ifemelu escreveu um texto sobre o limpador de carpetes e sobre como o conflito de classe não era o único conflito presente no episódio:

[...] Ela jamais esqueceria aquele homem, os pedaços de pele presos aos lábios ressecados, e iniciaria o post intitulado “Às vezes, nos Estados Unidos, raça é classe” com a história de sua mudança drástica de atitude, terminando com a frase: *Para ele, não importava quanto dinheiro eu tinha. De acordo com sua maneira de ver as coisas, eu não me encaixava no papel de proprietária daquela mansão por causa da minha aparência. No discurso público dos Estados Unidos, muitas vezes “negros”, como um todo, são colocados na mesma categoria que “brancos pobres”. Não “negros pobres” e “brancos pobres”. Mas “negros” e “brancos pobres”. É uma coisa muito curiosa mesmo.* (ADICHIE, 2014, p.181, itálicos da autora).

O texto de Ifemelu está em consonância com a afirmação de Silvio Almeida: “historicamente o racismo foi e ainda é um fator de divisão não apenas entre as classes, mas também no interior das classes” (ALMEIDA, 2018, p.146). O autor explica ainda que “sobre o dilema ‘luta de classes/luta de raças’, Florestan Fernandes afirma que ‘uma não esgota a outra e, tampouco, uma não se esgota na outra’” (ALMEIDA, 2018, p.147). Em *Americanah*, esse conflito raça/classe realmente não se esgota e é exposto por Ifemelu em outros momentos, como será mencionado no contexto de criação do seu *blog*.

Chimamanda Adichie cria também situações em que Ifemelu maneja o conflito de raça e classe não só no lugar de “vítima” de algum tipo de discriminação, mas como uma voz dissonante de discursos vigentes e ideias do senso comum, como alguém que questiona um suposto universalismo da experiência de pessoas mais



abastadas e/ou brancas. A discussão entre Ifemelu e Laura, irmã de Kimberly, é um exemplo desse recurso:

[...] “Acho que vou trocar e pedir que ele [um médico nigeriano] seja o pediatra de Athena. Foi maravilhoso, tão educado e bem-falante. [...] “Na pós-graduação conheci uma africana que era igual a esse médico, acho que era de Uganda. Ela era maravilhosa e não se dava nem um pouco com a afro-americana da nossa aula. Não tinha todas aquelas questões.” **“Talvez na época em que o pai da afro-americana não podia votar por ser negro o pai da ugandense fosse candidatado ao Parlamento ou estudasse em Oxford”**, disse Ifemelu. Laura olhou para ela com uma expressão de confusão fingida. “Desculpe, será que não entendi alguma coisa?” “Só acho que é uma comparação simplista. Você precisa entender história um pouco melhor”, disse Ifemelu. Laura ficou de boca aberta. Ela cambaleou, mas se recompôs. “Bem, vou pegar minha filha e ir procurar alguns livros de história na biblioteca, se é que vou saber como é a cara deles!”, disse Laura, saindo da cozinha com passos firmes. (ADICHIE, 2014, p.184, grifo nosso).

A relação entre Ifemelu e Kimberly é muito amistosa por mais que seja uma relação entre patroa e babá, no entanto Laura constantemente tenta situar melhor a hierarquia que as separa de Ifemelu e geralmente a forma encontrada é ressaltando sobre o quanto está informada e atenta à educação da filha e dos sobrinhos, além de avaliar se a qualificação dos outros é suficiente para lidar com sua família.

No episódio sobre a comparação simplista entre duas experiências de pessoas negras, Ifemelu atinge a imagem que Laura tem dela mesma, ou seja, não só questiona o raciocínio limitado de Laura, uma mulher branca estadunidense e rica, mas rompe com a possibilidade de silenciamento que a classe e a raça poderiam colocá-la enquanto empregada da família.

O impacto simbólico da cena reside no fato de Laura demonstrar empatia com uma ugandesa ressaltando o incômodo provocado pelas questões da colega afro-americana e Ifemelu, a nigeriana, provocar uma reflexão sobre a realidade das pessoas negras do país lembrando o passado segregacionista e cruel dos Estados Unidos e comparando a grande potência mundial a outro país da África.

Anos depois, Ifemelu apresenta a mesma ideia que trouxe na discussão com Laura no texto *Entendendo a América para o Negro Não Americano: Reflexões sobre o Amigo Branco Especial*. A protagonista escreve:

**[...] Na época em que meu pai estava no colégio em meu país de negros não americanos, muitos negros americanos não podiam votar ou estudar em escolas boas. O motivo? A cor de sua pele.** A cor da pele era o único problema. [...] Peça para seu amigo branco comentar que a situação do Negro Americano é mais ou menos como se alguém ficasse preso injustamente durante muitos anos, mas aí de repente fosse solto, mas sem receber o valor da passagem de ônibus para voltar para casa.

(ADICHIE, 2014, p. 390-391, grifo nosso).

A interação entre Ifemelu e Laura no diálogo é complexa porque parece que Laura elogia a ugandesa, no entanto, seu posicionamento demonstra muito mais uma necessidade de se mostrar superior porque prefere uma mulher africana que se aproxima do que ela julga ser uma pessoa negra ideal. Ifemelu retira de Laura a possibilidade de nomear esse ideal, ou seja, Ifemelu não permite que Laura usufrua desse “benefício simbólico” da branquitude (BENTO, 2009). Por mais que Ifemelu tenha pedido desculpas depois, muito mais preocupada com Kimberly, ela não silenciou diante da colocação de Laura.

Nos Estados Unidos, as relações sociais de Ifemelu adquirem uma nova dimensão de complexidade por causa dos encontros entre classe, raça, sexualidade, nacionalidade e no que diz respeito ao envolvimento amoroso, o período em que a personagem viveu no país mostrou como as relações amorosas também são atravessadas pela questão étnico-racial. Os namoros de Ifemelu com Curt e Blaine trazem para a narrativa esses atravessamentos. Nesta análise, focaremos na relação Ifemelu e Curt devido ao lugar central que ocupa na criação do *blog* (que será detalhada no próximo tópico do capítulo).

O interesse por Blaine começou como uma paixãoite, depois de uma conversa em um trem e durante muito tempo ele foi para Ifemelu o ideal de “perfeito namorado americano que jamais teria” (ADICHIE, 2014, p.209). No entanto, até namorar o jovem, Ifemelu teve outras paixãoites e namorou Curt. Ifemelu conheceu Curt assim que superou seu interesse, não correspondido, por Abe. Ele era um rapaz branco que achava que os flertes de Ifemelu era uma forma de ser legal, Abe “não desgostava dela, a achava inteligente e engraçada, até bonita, mas não a via como mulher. [...] Abe a apresentaria a um amigo negro se tivesse um” (ADICHIE, 2014, p.209).

Quando Curt e Ifemelu se conheceram a experiência foi outra para a jovem, pois “ele olhava maravilhado para ela, com a cabeça um pouco abaixada e Ifemelu sentiu algo desabrochando dentro de si” (ADICHIE, 2014, p.209). O modo como Curt tratava Ifemelu e o sentimento prazeroso que ser desejada despertava nela fizeram com que ela desse uma chance ao relacionamento, assim “ela começou a gostar de Curt porque ele gostava dela” (ADICHIE, 2014, p.209).

As descrições sobre Curt na narrativa ressaltam o caráter aventureiro e desbravador da personagem. O rapaz branco, herdeiro de uma família proprietária de uma rede de hotéis decidiu não seguir os negócios da família e estruturou seu próprio negócio. Fisicamente Curt apresenta “cabelos e a pele claros, sardas cor de ferrugem em suas costas, leve penugem dourada no peito” (ADICHIE, 2014, p.212-213).

Mas o namoro dos dois não passou incólume às impressões e expressões de outras pessoas e a reação de Don, marido de Kimberly, ao saber do envolvimento, é um exemplo sutil (mais uma vez a sutileza dos detalhes) dessas impressões sobre o relacionamento de Ifemelu e Curt. O modo como Don reagiu fez com que Ifemelu se lembrasse de Abe e pensasse: “Don a achava bonita e interessante e achava Curt bonito e interessante, mas não lhe ocorreu pensar nos dois, juntos, emaranhados nos fios delicados de um romance” (ADICHIE, 2014, p.212).

O encontro com a mãe de Curt também apresenta o que pode significar o relacionamento de Ifemelu e Curt naquele grupo familiar:

[...] Curt falava enquanto a mãe ouvia, enlevada. Ela idolatrava o filho [...]. Ele era seu aventureiro, aquele que lhe trazia espécies exóticas — já namorara uma japonesa e uma venezuelana —, mas que um dia se casaria com uma moça adequada. Ela toleraria qualquer uma de quem ele gostasse, mas não sentia obrigação de ter afeição por elas. (ADICHIE, 2014, p.215).

Bruna Pereira (2019) relata em sua tese de doutorado, intitulada *Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras*, que muitas vezes, no relacionamento inter-racial heterossexual, os problemas com os quais mulheres negras precisam lidar estão atrelados à família do parceiro, principalmente se a relação evolui para casamento e filhos. Segundo Pereira, o casamento e a gravidez aproximam a mulher da família branca de maneira significativa porque “laços matrimoniais e consanguíneos são tomados como vinculantes e duráveis, e, como tal, capazes de afetar a honra da rede familiar e de impactar legalmente a distribuição patrimonial” (PEREIRA, 2019, p.70).

No caso da mãe de Curt, por mais que ela não se oponha aos namoros do filho, a afeição dela não pode ser investida nas “mulheres exóticas” com as quais ele se relaciona, pois ela, como mulher prática que é, acredita que essas mulheres são distrações até que Curt escolha a mulher adequada para casar. Sendo assim, o envolvimento temporário de Curt com uma mulher negra nigeriana ou com “uma

asiática” ou “latina” não compromete “o seu status social ou a transmissão de valores e propriedade” (PEREIRA, 2019, p.70).

O exotismo não é um componente mencionado somente na participação da mãe de Curt, mas aparece também nos posicionamentos dele. Dois episódios, citados a seguir, demonstram a maneira sutil (e até fetichista) como Curt posicionava Ifemelu em relação a ele mesmo. Na primeira vez que Ifemelu e Curt transam ele declarou que nunca tinha transado com uma mulher negra:

Curt nunca tinha transado com uma negra; ele disse isso para ela após sua primeira vez, em sua cobertura em Baltimore, jogando a cabeça num gesto em que caçoava de si mesmo, como se isso fosse algo que devesse ter feito havia muito tempo, mas que sempre deixara para depois. “Um brinde a esse marco, então”, disse Ifemelu, fingindo que erguia um copo. (ADICHIE, 2014, p.212)

Em outro momento de intimidade do casal, Curt solicitou que Ifemelu fingisse ser outra pessoa, Foxy Brown<sup>30</sup>, personagem de um filme do gênero *blaxploitation*<sup>31</sup>. Ifemelu considerou o apelo cativante porque demonstrava que Curt podia se entregar a brincadeiras românticas e prosseguiu com o pedido dele “para agradá-lo, feliz com seu prazer, embora ficasse intrigada por isso ser tão excitante para ele” (ADICHIE, 2014, p.213).

É possível pensar a partir desses posicionamentos que Curt se relaciona com Ifemelu muito mais para satisfazer e fortalecer a imagem que ele constrói de si mesmo como homem interessante, desconstruído. Ele não quer somente se envolver e gostar de Ifemelu, ele quer tornar esse relacionamento um meio de tornar a si mesmo mais interessante, com mais histórias para contar a respeito dele.

A chegada desse homem divertido que a enxergava como alguém maravilhosa fez com que Ifemelu encontrasse uma leveza que não tinha tido no país até então, “com Curt Ifemelu se tornou, em sua mente, um mulher livre de pesos e preocupações” (ADICHIE, 2014, p.213). No entanto, a leveza que os privilégios proporcionavam a Curt não era suficiente para as demandas do seu ego e o

---

<sup>30</sup> Personagem interpretada pela atriz Pam Grier no filme de mesmo nome. As sinopses do filme encontradas se referem à personagem como “bela e sensual”.

<sup>31</sup> Junção de *Black* e *Exploitation*. Produções cinematográficas que ganharam força durante anos 70, eram estreladas e produzidas majoritariamente por pessoas negras e voltadas para o público negro. Os filmes *blaxploitation* apresentavam personagens negras como protagonistas e heróis e as personagens brancas eram retratadas como corruptas ou incapazes. No entanto, existem contradições no modo de enxergar a representação da mulher negra nesses filmes. Para alguns, os filmes *blaxploitation*, muitas vezes, não foram muito além da sensualidade exacerbada, imitação do comportamento masculino (SILVA, 2017) e dependência dos parceiros.

relacionamento com Ifemelu parecia ser usado para diminuir a ansiedade da aprovação e nesse aspecto, o desempenho sexual também era uma questão para Curt, como a citação a seguir ilustra:

[...]. Na cama, ele era ansioso. “Você gosta disso? Acha bom o que eu faço?”, perguntava sempre. E Ifemelu dizia que sim, o que era verdade, mas sentia que ele nem sempre acreditava, ou só acreditava durante algum tempo e depois tinha de ouvir a afirmação de novo. Havia algo em Curt que era mais iluminado que o ego, mas mais sombrio que a insegurança, algo que precisava estar sempre sendo polido, lustrado, encerado. (ADICHIE, 2014, p.226).

Nesse sentido, os episódios destacados dialogam com a seguinte reflexão de bell hooks (2019) sobre “tendências contemporâneas de desejo e contatos sexuais inter-raciais iniciados por homens brancos”:

Eles tratam os corpos do Outro não branco como instrumentos, como terrenos inexplorados, como fronteiras simbólicas que serão solo fértil para sua reconstituição da norma masculina, para se afirmarem como sujeitos desejantes transgressores. Eles decidem usar o Outro como testemunha participante dessa transformação. [...] Eles veem sua disposição em nomear abertamente seu desejo pelo Outro como uma afirmação de pluralidade cultural (que influencia na preferência sexual e na escolha). (HOOKS, 2019, paginação irregular).

Ifemelu conhece Curt após um período de turbulência em sua vida e depois da paixão não correspondida, por Abe, então muito do entendimento de Ifemelu sobre o que realmente significam esses posicionamentos de Curt não está amadurecido, mas o relacionamento com Curt é parte fundamental do processo de reconhecimento de Ifemelu como mulher negra nos EUA.

A segurança afetiva e financeira que Curt proporcionou a Ifemelu permitiu que ela tivesse acesso a experiências, lugares e pessoas que, por exemplo, Tia Uju não tinha tido morando há mais tempo nos Estados Unidos. Sobre Curt, Tia Uju fala: “Olha a maneira como ele se comporta, como se tudo o que você toca cheirasse a perfume. Ele gosta muito de você” (ADICHIE, 2014, p.235).

No entanto, para a narrativa, o relacionamento inter-racial entre a protagonista e essa personagem masculina mostra que conflitos étnico-raciais podem se materializar, mais uma vez, não somente de um modo explícito. O racismo adquiriu uma capacidade, bastante adaptativa, de se esconder em uma linguagem de entrelinhas e não é difícil entender que o comportamento de Curt em relação à Ifemelu e seu mundo revela “uma fascinação contemporânea com o visual étnico, o

Outro exótico que promete corresponder a estereótipos sexuais e raciais, satisfazer desejos” (HOOKS, 2019, paginação irregular).

Depois dos primeiros tempos de paixão, a própria Ifemelu se incomodava com o jeito de Curt, o quanto ele amava atenção, Ifemelu não apreciava mais o modo como seu namorado era “encantador”, pois “ocorreu a Ifemelu que ela não gostava daquele encanto. Não do tipo que Curt tinha, com sua necessidade de brilhar, de desempenhar um papel” (ADICHIE, 2014, p.235). O conflito que Ifemelu apresenta nesse relacionamento é não se conformar com o conforto afetivo e financeiro que ele possibilita.

Chimamanda Adichie não deixa que a supremacia branca se acomode em lugar privilegiado como sempre ao criar uma protagonista negra que não idolatra um homem branco, que pensa e questiona o comportamento desse homem. Chimamanda Adichie também fratura o discurso da supremacia branca quando cria um diálogo em que Curt diz para Ifemelu que quer ser amado por ela: ““Eu não quero ser fofo. Quero ser a porra do amor da sua vida”” (ADICHIE, 2104, p.).

A riqueza da composição estética de Curt está na ironia. Curt, como personagem da narrativa, é situado como um padrão insuficiente. O lugar de desejo no qual ele poderia ser colocado automaticamente por causa do seu padrão de beleza, da sua condição financeira e da maneira apaixonado como trata Ifemelu não se consolida, o homem branco não é o centro e nem o parâmetro. Curt teria todos os ingredientes para ser um “príncipe encantado”, mas *Americanah* não é um conto de fadas e o perfil de protagonista de conto de fadas não é suficiente para Ifemelu.

Ifemelu reconheceu a importância de Curt em sua vida no período que esteve nos Estados Unidos, no entanto, o sentimento de carinho e gratidão pelos bons momentos que passaram juntos não se transformou em instrumentos de subalternização. A questão financeira na relação de Ifemelu e Curt que pode ser considerada um argumento para questionar a autonomia de Ifemelu em relação a Curt, serve também para, mais uma vez, abalar idealizações, além de ampliar a complexidade das dinâmicas familiares, afetivas e sociais da protagonista.

Por mais que Ifemelu tenha desfrutado de algum grau de vantagem no cruzamento de opressões, por ter namorado um homem rico e branco, por ser uma universitária que veio de um país no qual a questão racial não é problemática como nos EUA, e que essas vantagens possam lembrar os privilégios de uma classe

média, economicamente, politicamente e ideologicamente, “em consequência da persistente discriminação racial, mulheres e homens negros não desfrutam da mesma segurança econômica que os brancos de classe média” (COLLINS, 2019, p.130).

Quando estava com Curt, usufruindo do alcance do privilégio de classe do namorado, o encontro de Ifemelu com as concepções racistas da sociedade estadunidense foi aliviado, nunca eliminado. A relação com o trabalho e a vida profissional de Ifemelu, mais uma vez, foi uma prova de que maneiras o racismo pode se manifestar no cotidiano da mulher negra através de exigências para ingresso no mercado de trabalho.

Novamente Ifemelu teve dificuldades de conseguir emprego, pois, ninguém “fazia uma oferta mais definitiva quando se davam conta de que Ifemelu não era cidadã americana e de que, se a contratassem, teriam de enveredar pelo túnel escuro que era a papelada da Imigração” (ADICHIE, 2014, p.219). Quando Ifemelu teve uma oportunidade de começar a trabalhar foi aconselhada por uma orientadora profissional a alisar o cabelo:

[...] Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: **“Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego”**. Tia Uju havia dito algo parecido no passado e, na época, Ifemelu rira. Agora, sabia que não devia rir. (ADICHIE, 2014, p.220, grifo nosso).

Inicialmente Ifemelu acreditou que relaxar o cabelo para conseguir o efeito liso seria “uma nova aventura” e tentou fazer o procedimento em casa, no entanto, na primeira tentativa não obteve o resultado almejado e precisou ir a um salão, mas mesmo assim, a experiência não foi menos dolorosa, como a passagem a seguir descreve:

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência no começo, mas quando a cabeleireira estava tirando o relaxante enquanto ela mantinha a cabeça apoiada em uma pia de plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro cabeludo e se refletiram em partes diferentes do corpo, ricocheteando de volta para a cabeça. “Arde um pouco”, disse a cabeleireira. **“Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!”** (ADICHIE, 2014, p.221).

Ifemelu precisava de um emprego e, considerando os momentos dolorosos que passou antes por causa da dificuldade de se sustentar nos EUA, submeter o cabelo a um processo doloroso e restritivo como o alisamento pareceu uma medida

estratégica. No entanto, a frase da cabeleireira conecta imediatamente o cabelo alisado, que balança, a beleza branca. Esse tipo de posicionamento é muito comum em diversos meios: na mídia, na literatura, no mercado de trabalho. Como afirma bell hooks, “ainda que atraentemente diferentes, mulheres negras devem se parecer com as brancas para serem consideradas realmente bonitas” (HOOKS, 2019, paginação irregular).

Quando Ifemelu passou na entrevista e conseguiu o emprego, ela se questionou se teria sido aceita se tivesse aparecido com seu cabelo natural, com o “crespo que Deus lhe dera, seu afro” (ADICHIE, 2014, p.222). Tanto para conseguir, quanto para manter o emprego, a protagonista continuou refém dos produtos de alisamento e de todos os mecanismos que conformassem o cabelo no formato alisado durante mais tempo.

Algum tempo depois o cabelo de Ifemelu começou a cair, foi ficando mais ralo, obviamente a química não estava lhe fazendo bem desde o primeiro dia. Wambui explicou a Ifemelu:

“Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. Não foi correr com o Curt hoje porque não quer suar e ficar com o cabelo crespo. Naquela foto em que me mandou, estava com ele coberto no barco. Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se o deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair. Posso ajudá-la a cortá-lo agora mesmo. Não precisa pensar muito.” (ADICHIE, 2014, p.226).

Wambui não só incentiva Ifemelu a se livrar da prisão do relaxamento, como a ajuda a cortar o cabelo. Ifemelu, no entanto, detesta o corte, sofre bastante e falta ao trabalho. Quando relaxou o cabelo, Ifemelu sentiu luto e sensação de perda e com a tentativa de reversão do processo de relaxamento através do corte de cabelo, ela se sentiu muito feia. Mais uma vez Wambui apoia Ifemelu e apresenta a amiga o mundo dos *blogs* e sites sobre cabelo crespo, principalmente o *FelizComEnroladoCrespo.com*.

Novamente, a valorização das amizades entre mulheres aparece em *Americanah* através da relação entre Wambui e Ifemelu. Graças à amiga queniana, Ifemelu descobre um mundo em que outras mulheres trocavam receitas capilares, dicas de cosméticos, ao mesmo em tempo que fortaleciam um sentimento de comunidade. Dessa maneira, essas mulheres “esculpam para si mesmas um mundo



virtual onde seu cabelo enrolado, crespo, pixaim e lanudo era normal. E Ifemelu caiu nesse mundo transbordando gratidão”. (ADICHIE, 2014, p.231).

Curt e Dike apoiaram a transformação, mas Tia Uju elogiou Curt por ele continuar com Ifemelu mesmo com aquele cabelo que ela considerava reprovável. Porém, foram os depoimentos das colegas do site que ajudaram Ifemelu a superar a vontade de usar apliques, perucas e prosseguir exibindo seu cabelo renascendo e superar também uma frase que um homem negro murmurou a ela quando a viu com Curt: “Já se perguntou por que ele gosta de você assim, com essa cara de selva?” (ADICHIE, 2014, p.231).

As palavras do homem negro abalaram Ifemelu e trouxeram dúvidas, é importante lembrar que Ifemelu vem de uma realidade nigeriana na qual homens negros a consideravam bonita. O homem que insultou Ifemelu utilizou um discurso que faz parte de, para utilizar uma expressão de Patricia Hill Collins (2019), “roteiros eurocêntricos da masculinidade negra”. Segundo a intelectual, mulheres negras não conseguem viver “de acordo com os padrões de beleza vigentes – padrões usados por homens brancos, mulheres brancas, homens negros e, mais dolorosamente, pelas próprias mulheres afro-americanas” (COLLINS, 2019, p.167).

Em seu *blog*, Ifemelu escreveu sobre sua experiência em sites de relacionamento e esse preterimento baseado na aparência:

[...] Os homens brancos escolhem mulheres brancas e os mais corajosos escolhem asiáticas e hispânicas. Os homens hispânicos escolhem brancas e hispânicas. Os homens negros são os únicos que provavelmente vão escolher “todas”, mas alguns nem escolhem as mulheres negras. Escolhem brancas, asiáticas e hispânicas. Não fez com que eu me sentisse muito amada (ADICHIE, 2014, p.331).

Como bem lembra Grada Kilomba, a associação entre primitivo e o cabelo crespo já acontecia na época da escravidão, desde então o cabelo africano foi considerado “cabelo ruim” e transformado em “símbolo de ‘primitividade’, desordem, inferioridade e não-civilização” (KILOMBA, 2019, p.127). Esse discurso se perpetua até os dias atuais. Como uma mulher entrevistada por Grada Kilomba afirma, mulheres negras alisam o cabelo para fugir de ofensas e insultos como esse que Ifemelu ouviu.

As conversas, trocas, interações, ou seja, o diálogo que Ifemelu estabelece com a comunidade do site *Feliz Com Enrolado Crespo* e com as mulheres negras que a compõem, materializa a seguinte reflexão de bell hooks: “o diálogo implica

uma conversa entre dois sujeitos, não um discurso de sujeito e objeto. É um discurso humanizador que confronta e resiste à dominação” (HOOKS, 1989, p.131).

Considerando o quanto o racismo e o sexismo silenciam mulheres e dificultam a criação de narrativas nas quais mulheres negras conversam entre si sobre diversos assuntos, em *Americanah*, a relação de Ifemelu e as colegas de internet apresenta outra dimensão do desenvolvimento do protagonismo de Ifemelu ao trançar cabelos e histórias de vida. Assim como as protagonistas apresentadas no segundo capítulo, a autonomia e protagonismo de Ifemelu são construídos conectados ao apoio, e contexto, social que ela teve no decorrer da narrativa.

No processo de redescoberta de si mesma e de sua beleza as relações sociais, comunitárias e familiares de Ifemelu nos Estados Unidos também desempenharam um papel importante na trajetória da personagem. Ifemelu viveu momentos de solidão, muitas vezes viu o mundo “envolto em uma gaze, podia ver a silhueta das coisas, mas nunca com clareza o suficiente, nunca o suficiente” (ADICHIE, 2014, p.). No entanto, a interação entre a protagonista e outras personagens ajudou Ifemelu a enxergar além das silhuetas das coisas, além de continuarem sendo uma dimensão significativa para entender o desenvolvimento das relações afetivas humanizadas de Ifemelu e seu lugar de protagonista de ficção romanesca.

Em *Americanah*, a discussão sobre o padrão estético e a valorização da beleza negra é fundamental. Como mencionamos anteriormente, em entrevistas e textos de divulgação sobre o romance é comum que seja dito que o livro é sobre “amor, raça e cabelo” e um dos intuitos de Chimamanda Adichie ao escrever *Americanah* era **“começar a rejeitar a ideia de que há uma maneira única de definir a beleza”** (ADICHIE, 2013, n.p, grifo nosso).

O desenvolvimento da narrativa ganha força em um salão de beleza enquanto o cabelo da protagonista é trançado, a abordagem do processo de alisamento e transição que Ifemelu vive e os textos de Ifemelu sobre cabelo e padrões de beleza nos EUA indicam que Chimamanda Adichie contempla o tema “beleza” não só como assunto, fonte de inspiração, mas como estética, ou seja, como dinâmica criativa.

Essa é uma preocupação não só da escritora nigeriana, pois “a atenção que musicistas, escritoras, e artistas dedicam há muito tempo a esse tema revela que as afro-americanas têm sentimentos conflitantes sobre cor da pele, tipo de cabelo e

padrões de beleza” (COLLINS, 2019, p.168). Maya Angelou, Toni Morrison, Cristiane Sobral e Stephanie Borges são, por exemplo, escritoras que traduzem esses conflitos em seus textos literários.

Debater, falar e escrever sobre padrões de beleza e expressão estética são dimensões significativas na abordagem de questões étnico-raciais, pois como Patricia Hill Collins explica, “os padrões dominantes de beleza – em particular a cor da pele, as características faciais e a textura do cabelo – são um exemplo específico de como as imagens de controle depreciam as afro-americanas” (COLLINS, 2019, p.166).

Ifemelu em seu *blog* abordou, com frequência, sobre como esses padrões dominantes de beleza afetam as pessoas negras. Em seu texto intitulado *Um agradecimento público a Michelle Obama e o cabelo como metáfora da raça*, Ifemelu desabafa:

[...] Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, tranças, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo — já estou em contato com muitas outras substâncias cancerígenas no meu cotidiano. (Aliás, será que a gente pode banir as perucas afro no Halloween? O afro não é uma fantasia, pelo amor de Deus.) Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? (Nunca se sabe como a textura do cabelo de alguém vai ser. Não é incomum para uma mulher negra ter três texturas diferentes no cabelo.) Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos. (ADIHCIE, 2019, p.322).

Em um belo dia de primavera, a protagonista se apaixonou pelo seu cabelo e, na narrativa, esse é um dos momentos em que Ifemelu aparece mais bonita, pois está feliz e em paz consigo mesma:

Num dia comum do início da primavera — não havia nenhuma luz especial, nada de significativo aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece —, **ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo** (ADICHIE, 2014, p.232, grifo nosso).

Ifemelu ao assumir seu cabelo natural nos Estados Unidos maneja um conflito que não seria tão impactante na Nigéria. Em seu país de origem a pressão estética também existe, mas na sociedade estadunidense, assumir o cabelo crespo natural, se orgulhar dele, ser apaixonada por esse cabelo questiona e abala a supremacia

branca que sustenta a estrutura étnico-racial do país. Dessa maneira, a protagonista enfrenta esse conflito “mostrando sinais de independência e descolonização em relação às normas *brancas* [...]. Existe, portanto, uma relação entre consciência racial e descolonização do corpo negro” (KILOMBA, 2019, p.127-128).

A relação de Ifemelu com o cabelo e com padrões estéticos é significativa para o desenvolvimento da personagem como protagonista e também para a sequência de acontecimentos que desenvolvem a narrativa (como mostraremos no próximo tópico). Quando Chimamanda Adichie desafia o leitor a imaginar uma Ifemelu LINDA com seu cabelo “crespo natural que Deus lhe deu”, a escritora nigeriana forja uma ampliação do imaginário dessas leitoras e leitores e assim fortalece a empreitada de “afastar a ideia de que há uma única maneira de definir beleza”.

### 3.2.2. “...Ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias”: Escrevivências de uma protagonista negra a caminho

Uma das dimensões da vida de Ifemelu (de quem ela é/está sendo) que destacamos neste trabalho é a Ifemelu blogueira, escritora, a contadora de histórias. E por que abordar Ifemelu como escritora? Ao chegar aos EUA, Ifemelu foi confrontada com uma série de informações e vivências que mexeram com a maneira como ela se pensava e se definia até então e o exercício da sua escrita desempenha um papel fundamental no modo como ela se reorganiza e elabora a sua relação com o contexto social e político em que está inserida.

A criação do *blog* de Ifemelu e o contexto em que isso acontece implicaram novas possibilidades para a protagonista, que não foram só boas ou só ruins. Nessa empreitada, a personagem construiu novos caminhos e novos lugares a partir do encontro entre as histórias que povoaram seu *blog* e suas “*Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos*”. O primeiro nome do *blog* está marcado, assim como Ifemelu, por dimensões importantes da sua vida que a ajudaram a reconhecer a si mesma e o lugar de onde ia partir para se tornar quem ela queria ser.

Argumentamos que os *posts* de Ifemelu e *Americanah* são textos subvertedores de hegemonias por deslocarem a lógica consolidada de produção de

conhecimento e de narrativas, questionando assim, a hierarquização dos saberes. Nesses textos, o homem branco (ou a nação mais poderosa) não está falando sobre alguém, produzindo narrativas sobre alguém, faz-se o contrário, é uma mulher negra que tornou “o modelo” como objeto sobre o qual vai falar na sua própria narrativa. Por que ressaltamos isso? Porque mulheres negras enfrentam e tentam superar questionamentos como: Pode a mulher negra falar/escrever? Pode a mulher negra falar/escrever sobre isso? Pode a mulher negra falar/escrever desse modo?

Sendo assim, o conceito de escrevivência permite que esses questionamentos sejam problematizados. Para Conceição Evaristo (2005), “a escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p.204).

Nesse sentido, sobre o conceito de escrevivência, Fialho (2018) elucida:

O conceito de escrevivência indica os fundamentos da produção literária de Conceição Evaristo e se alia aos preceitos de sua atuação como escritora: manifestação da necessidade pessoal e coletiva, concretização das histórias ouvidas, forma de lidar com o mundo e modifica-lo, manifestação de uma consciência social, política, de gênero e étnica. Em suma, um ato de insubordinação que revê a história, o contexto e a intencionalidade e funcionalidade do texto literário. (FIALHO, 2018, p.197).

Esses fundamentos que baseiam a produção literária de Evaristo podem ser encontrados em *Americanah* e na própria ideia de Ifemelu sobre o seu *blog*, como o título deste tópico e a passagem a seguir ilustra: “Os blogs eram algo novo, não familiar para Ifemelu. Mas dizer a Wambui o que tinha acontecido não fora satisfatório o suficiente; **ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias**” (ADICHIE, 2014, p.320, grifo nosso).

A manifestação da necessidade pessoal e coletiva marca o processo de criação do *blog* e continua com o passar dos anos. Mesmo depois de voltar para Lagos, a vontade e a necessidade de se aprofundar em histórias de Ifemelu continua e ela começa um novo *blog*: “As pequenas redenções de Lagos” (*The small redemptions of Lagos*).

Ifemelu não queria falar somente para alimentar e encontrar respostas sobre si mesma. O nascimento do seu *blog* nos EUA aconteceu em um diálogo e seu intuito continuou sendo propor e sustentar diálogos que acrescentassem, trouxessem conhecimento e troca de vivências. A criação do *blog* de Ifemelu e seu contexto dialogam, portanto, com a seguinte afirmação de Patricia Hill Collins: “as

mulheres são muito mais propensas a recorrer ao conhecimento baseado na conexão” (COLLINS, 2019, p. 422).

Sendo assim, argumentamos que os escritos, *posts*, de Ifemelu (e o romance *Americanah*), são textos femininos negros que “para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p.206). E considerando, portanto, o lugar da escrita constantemente ressaltado na discussão e na fundamentação teórica desse trabalho dissertativo, o conceito de escrevivência foi estratégico para a reflexão sobre o desenvolvimento de Ifemelu como protagonista.

O capítulo 31, primeiro da quarta parte do livro, reúne e explica um acontecimento-chave para o desenvolvimento da trama: a criação do *blog* de Ifemelu. Começaremos apresentando essa parte para contextualizar o surgimento da ideia do *blog* e destacando como a autora desenvolve o percurso narrativo que culmina nessa criação. Esse capítulo começa com um diálogo entre Ifemelu e a amiga Ginika falando sobre o término do relacionamento com Curt. Aqui como nas outras partes do livro, a temporalidade não se estrutura de maneira linear, o tempo em *Americanah* continua constantemente entrelaçado pelo tempo psicológico de Ifemelu e Obinze.

O diálogo inicial entre Ifemelu e Ginika serve como disparador para que a narradora elucide como foi o término do namoro de Curt e Ifemelu. A conversa entre o casal no momento de descoberta do episódio que deflagrou o fim da relação, as tentativas de contato por parte de Ifemelu e os sentimentos de culpa, alívio e solidão que povoaram os dias de Ifemelu no período de crise e término são descritos no começo desse capítulo.

Logo em seguida, o leitor/leitora é transportado para anos depois, o cenário é um jantar em Manhattan depois que Barack Obama se tornou candidato oficial pelo Partido Democrata. O clima é festivo, otimista e em uma conversa amistosa durante a festa uma personagem (uma poeta haitiana estilosa) afirma que “tinha namorado um homem branco durante três anos na Califórnia e que raça nunca fora um problema para eles” (ADICHIE, 2014, p.314) ao que prontamente Ifemelu responde que isso é mentira.

Esse relato constrói um dos momentos mais reveladores do processo de amadurecimento e de reconhecimento de si por Ifemelu. O argumento de Ifemelu evidencia o problema racial e a relação entre pessoas negras e brancas nos Estados Unidos. Esse momento de tensão nos apresenta uma Ifemelu disposta a se afirmar, não se trata de simplesmente discordar da outra pessoa, esse é um momento de construção e fortalecimento de identidade.

A emergência e a afirmação do processo identitário de Ifemelu nesse momento do texto, em um cenário de comemoração e esperança com a possibilidade de Barack Obama presidente, cria um impacto necessário para que a narrativa desenvolva a cronologia que nos apresentará o momento em que nasce a ideia de Ifemelu criar um *blog*.

Insistimos na análise dessa passagem porque o posicionamento e os argumentos de Ifemelu representam de maneira complexa a subversão e o incômodo que a afirmação de identidade da pessoa negra ainda provoca, mais ainda quando a pessoa negra aponta que a sua experiência de convívio não se trata de algo simples e pacífico em uma sociedade onde o domínio simbólico, econômico, político das pessoas brancas é tão evidente.

Diante dos participantes dessa comemoração, Ifemelu anuncia uma perspectiva diferente e assim “desafina o coro dos contentes”. Ifemelu responde da seguinte maneira à afirmação da personagem:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. **Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos.** Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. **Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais.** E não queremos que diga: ‘Olhe como evoluímos, há apenas quarenta anos seria ilegal sermos um casal’, porque sabe o que a gente está pensando quando ele diz isso? Por que foi ilegal um dia, porra? Mas não dizemos nada disso. Deixamos que se acumule dentro da nossa cabeça, e quando vamos a jantares de gente liberal e legal como este, dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade. **Estou falando porque já vivi isso** (ADICHIE, 2014, p.315, grifos nossos).

Nesse sentido, há mais um confronto que o posicionamento de Ifemelu impõe a todos. Como, nos EUA, terra do modelo de democracia prestes a eleger seu primeiro presidente negro, alguém poderia dizer que a questão da “raça” seria um problema? Como uma imigrante acolhida pela terra das oportunidades, desfrutando do privilégio de estar em uma reunião em Manhattan poderia argumentar que a questão da cor da pele é um problema mesmo em um relacionamento amoroso?

O processo de identificação afrodescendente de Ifemelu deflagra e problematiza que “as identidades têm a ver nem tanto com as questões ‘quem somos nós’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos’” (HALL, 2014, p.109). Portanto, descobrir o que significa ser lida como uma pessoa negra nos EUA marca sobremaneira a experiência de Ifemelu como mulher, nigeriana, imigrante.

Quando Ifemelu afirma que existe um receio em compartilhar com o namorado branco sobre “as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais”, a protagonista expõe que a forma de sentir e de interpretar da pessoa negra constantemente está atrelada ao crivo de outra pessoa que geralmente é o padrão de comportamento, no caso de Ifemelu quem personificava esse lugar de padrão era o namorado branco a quem se referia.

Ifemelu chama atenção para o fato de a pessoa negra viver mediando sua relação com o mundo a partir do julgamento de outro, existir simplesmente se transforma em uma missão cansativa e complicada que demanda um esforço e alerta contínuo. O receio de ser interpretada como uma pessoa que exagera ou se ofende facilmente é uma preocupação de Ifemelu, enquanto mulher negra namorando um rapaz branco porque há um problema sim com a questão da etnia, no modo como a pessoa negra é representada na sociedade que são resquícios e atualizações do sequestro dos negros da África, da escravidão, do capitalismo e da série de discriminações às quais os escravizados e seus descendentes foram/são submetidos.



Depois do episódio da comemoração em Manhattan novamente os leitores são transportados para outro momento da cronologia de *Americanah*, quando ela namorava Curt. O relacionamento de Curt e Ifemelu serve como plano de fundo para que a narrativa explore outra perspectiva da questão da etnia e gênero, construindo assim, mais uma parte do processo que levará ao *blog*. Nesse recorte, destacaremos a questão étnico-racial e de gênero a partir de um relato sobre padrões de beleza que surge em uma conversa de Curt e Ifemelu.

Para Ifemelu, ela e Curt discutiam sobre as questões étnico-raciais, “mas falavam sobre isso daquela forma escorregadia que não admitia nada e que não aprofundava nada que terminava com a palavra ‘maluquice’, como um objeto curioso que deveria ser examinado e depois deixado de lado” (ADICHIE, 2014, p.316). Apesar de Curt compreender que ser branco e negro significam duas posições muito distintas na sociedade norte-americana, Ifemelu não conseguia entender como Curt podia perceber e se importar com algumas coisas e não enxergar outras. Ifemelu identificava esse incômodo, convivia com ele, mas muitas vezes optava pelo silêncio.

Então a narradora apresenta algumas situações que exemplificam o questionamento de Ifemelu, como o episódio em que o garçom a ignora, o tratamento excessivamente piedoso de uma tia de Curt com Ifemelu e o comentário da mãe de Curt sobre a cor como se não representasse quaisquer problemas nas relações étnico-raciais dos EUA. Nessas ocasiões, Curt se opôs à mãe, nas outras atenuou e achou que não ocorreu nada demais.

Mas optamos por ressaltar outras três situações onde o padrão de beleza ocupa lugar de destaque e dispara uma reflexão importante sobre questões étnico-raciais e gênero. A narrativa nos conduz para o dia em que Ifemelu foi fazer as sobrancelhas em um salão de beleza localizado em um bairro onde Curt cresceu e a funcionária não a atendeu porque lá “não trabalhavam com cabelo crespo”, Curt armou um escândalo e Ifemelu foi atendida.

Logo em seguida, Curt e Ifemelu estão em um casamento e Curt faz questão de apresentar Ifemelu às jovens que o cumprimentam: “Quando Curt dizia: ‘essa é minha namorada, Ifemelu’, elas a olhavam com surpresa que algumas disfarçavam e outras não, e em sua expressão surgia a pergunta: ‘Por que ela?’” (ADICHIE, 2014, p.317). Ainda no casamento, Ifemelu reconhecia o “olhar de uma imensa perda da

tribo [...] E não ajudava o fato de que, embora Ifemelu fosse uma negra bonita, não era o tipo de mulher negra que elas, com algum esforço, conseguiriam imaginar com ele: não tinha a pele clara, não era mulata” (ADICHIE, 2014, p.317).

Por fim, o episódio que marca o desenvolvimento desse tópico e encaminha para o desfecho final do capítulo acontece quando Curt fala sobre a revista *Essence* (revista norte americana que tem como público principal mulheres negras) de Ifemelu dizendo que a publicação é “racialmente tendenciosa”. Ifemelu então o convida a fazer uma pequena incursão na livraria do bairro para que ela mostrasse a ele as revistas recheadas de moda, dicas de beleza, maquiagem e tipo de cabelo para mulheres brancas.

A explicação que se segue é didática, precisa, contextualizada e ainda muito presente em 2020, pois apesar dos avanços, ainda existe uma lacuna enorme no que se refere à quantidade e qualidade de produtos cosméticos, tratamentos estéticos e informações compatíveis sobre a realidade das mulheres negras.

Depois dessa explanação em que Ifemelu escolhe falar sobre a sua experiência e tenta mostrar para o seu namorado um mundo por sua lente, a partir do seu campo de preocupação, Curt responde: “Tudo bem, amor. Tudo bem. Eu não sabia que ia virar essa história toda” (ADICHIE, 2014, p.320). Angela Davis chama a atenção para o fato de que “as mulheres negras ainda são compelidas a expor a invisibilidade à qual nós temos sido relegadas” (DAVIS, 2017, p.29), e é isso que Ifemelu tenta fazer nesse trecho.

A protagonista expõe a sua perspectiva enquanto mulher e pessoa negra sobre o assunto e o namorado minimiza a importância do seu posicionamento afirmando simplesmente: “não sabia que ia virar essa história toda”. “Essa história toda” existe há muito tempo. Como um homem instruído que reconhece as diferenças de tratamento para pessoas brancas e negras nos EUA responde de maneira tão superficial ao relato da namorada sobre a falta de representatividade de mulheres negras em publicações de beleza? Grada Kilomba (2019) explica:

“Não escutar” é uma estratégia que protege o *sujeito branco* de reconhecer o mundo subjetivo de pessoas *negras*, [...]. Historicamente, isso tem sido usado como marca da opressão, pois significa negar a subjetividade de pessoas *negras*, bem como seus relatos pessoais de racismo (KILOMBA, 2019, p.122).

Há aqui o cruzamento de dimensões importantes da experiência de ser mulher: gênero e “raça”. E mais do que focar no fato de que uma questão importante para Ifemelu tenha sido ignorada por seu namorado, esse diálogo no livro nos abre a possibilidade para abordar as questões de gênero e étnico-raciais analisando o comportamento quase automático desse homem. Como a própria Chimamanda afirma em seu livro *Sejamos todos feministas*: “A verdade é que quando se trata de aparência nosso paradigma é masculino” (ADICHIE, 2015, p.50).

A fala de Curt pode ser relevada: “Mas por que tornar isso algo grande? Ele não fez por mal, são só revistas”, nesse ponto reside uma subversão potente que *Americanah* nos mostra para se pensar justamente a questão de gênero: esse episódio nos ajuda a visualizar o quanto o poder de dar a importância ou não para alguma temática ainda se concentra no homem branco de classe abastada.

No padrão de hierarquia de gênero no qual se sustenta nossa sociedade é mais fácil julgar como ‘frívolo, bobagem, coisa pouca’ um tópico que reflete uma desigualdade a que está submetida certo grupo de mulheres, ainda mais quando se trata de “beleza”, “aparência”, do que tentar compreender ou concordar com seu ponto de vista ou reconhecer aí um tipo saber até então ignorado.

Dessa maneira, o comportamento de Curt se revela como uma representação das tentativas de invisibilidade que muitas mulheres, aqui destacando as mulheres negras, são obrigadas a lidar no cotidiano. Focalizamos o comportamento de Curt, um homem branco privilegiado, para ressaltar que a própria perspectiva de gênero, que tentamos elucidar aqui, é também comum a Chimamanda Adichie. Seu projeto literário demanda implicação e responsabilização sobre a discussão das masculinidades que sustentamos em nossa sociedade, assim como diz respeito ao questionamento de hierarquias que relegam mulheres ao silenciamento ou descrédito.

Por isso, nesta análise, destacamos o episódio da revista *Essence* porque ele traz (e assim é situado) um desfecho dramático crucial para a narrativa de *Americanah* nesse capítulo. Como citado anteriormente, o entendimento do personagem Curt sobre as opressões que atravessavam a vida de Ifemelu variavam, e ela mesma se questiona como isso é possível.

E aqui, Ifemelu se empenha em questionar essa anestesia de Curt e junto com esses questionamentos chegam os pensamentos sobre estar “cansada até da

proteção de Curt, cansada de precisar dela” (ADICHIE, 2014, p.317). A partir desses sentimentos e concepções, Ifemelu começa um novo processo de amadurecimento do seu protagonismo como mulher negra e, considerando o desenvolvimento da trama, aqui começa também outro processo de amadurecimento do protagonismo de Ifemelu: como personagem de uma ficção.

Na noite da ida à livraria, Ifemelu escreveu um e-mail para sua amiga Wambui “sobre a livraria, as revistas, as coisas que não dizia a Curt, o não dito e o não terminado. Era um e-mail longo, que inquiria, questionava e revirava. Wambui respondeu dizendo: ‘Tudo isso é tão cru e verdadeiro. Mais pessoas deveriam ler. Você deveria fazer um *blog*’” (ADICHIE, 2014, p.320).

A ideia do *blog* poderia ter sido escrita de maneira que Ifemelu sozinha tivesse a ideia? Sim, poderia, pois Adichie criou uma personagem autônoma, articulada, inteligente, implicada e sensível o suficiente para ter a ideia sozinha ou até mesmo com Curt na época em que passou pela transição capilar. No entanto, a ideia surge onde há um diálogo horizontal, onde a dimensão da relação com o outro não é subalternizada, materializando assim o princípio “erguer-nos enquanto subimos” tão bem proposto e trabalhado por Angela Davis (2017).

Quando Wambui incentiva a criação do blog de Ifemelu também materializa no romance a seguinte explicação de Patricia Hill Collins:

No que diz respeito às relações entre mulheres negras, as afro-americanas podem ter mais facilidade que outras pessoas para reconhecer essa conexão [irmandade de mulheres negras] como fonte primária de saber, simplesmente porque temos mais oportunidade de fazê-lo e precisamos contar mais com ela do que outras pessoas (COLLINS, 2019, p.416).

Sendo assim, ressaltamos aqui um aspecto importante do enredo que nos ajuda a refletir sobre o desenvolvimento de Ifemelu e sobre a dinâmica da narrativa. A cena que inicia o capítulo é uma conversa entre Ginika e Ifemelu sobre o término do relacionamento com Curt e a cena que encaminha o capítulo para seu desfecho e resolução é a noite da troca de e-mails entre Ifemelu e Wambui.

Em *Americanah*, como já afirmamos, as relações de amizade de Ifemelu com mulheres desempenham uma função importante no que diz respeito ao ritmo da narrativa e a ampliação de novas possibilidades. No capítulo aqui destacado, as conversas entre as personagens femininas continuam sendo disparadores para o

desenvolvimento da narrativa romanesca e de processos de reflexão de Ifemelu sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor.

Portanto, o lugar das mulheres no desenvolvimento da narrativa de *Americanah* dialoga com a seguinte reflexão apresentada por Patricia Hill Collins:

Estudiosas feministas argumentam que homens e mulheres são socializados para buscar tipos diferentes de autonomia – no caso deles autonomia baseada na separação; no caso delas, autonomia baseada na conexão – e que essa variação nos tipos de autonomia corresponde às diferenças entre os entendimentos de homens e mulheres a respeito de ideias e experiências (COLLINS, 2019, p.419).

Reconhecemos que essa valorização das relações de amizade de Ifemelu também como uma afirmação de uma perspectiva feminista no romance, ressaltando que pensamos feminismo a partir da proposta do feminismo negro: mulheres negras experimentam as opressões de maneira diferentes e, portanto, suas vivências demandam abordagens mais condizentes com suas condições sociais, econômicas, políticas.

Wambui não só escuta Ifemelu como afirma a importância da sua história e das suas leituras sobre o mundo que a cerca, acenando, dessa forma, para a amiga a possibilidade de afirmação e fortalecimento de um processo importante: o processo de autodefinição de Ifemelu, ou seja, “o poder de cada um dar nome a sua própria realidade” (COLLINS, 2019, p.459). Ifemelu pôde dar nome a sua própria realidade, sobre o processo de se descobrir negra sem que isso parecesse menos importante ou “maluquice”.

Sobre se descobrir como pessoa negra nos Estados Unidos, Ifemelu também tratou dessa problemática no texto “Para outros Negros Não Americanos: Nos Estados Unidos você é negro, *baby*” de seu *blog*:

**Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro.** Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? [...] Ao descrever as mulheres negras que você admira, sempre use a palavra forte, porque, nos Estados Unidos, é isso que as mulheres negras devem ser. Se você for mulher, por favor, não fale o que pensa como está acostumada a fazer em seu país. Porque, nos Estados Unidos, mulheres negras de personalidade forte dão medo. E, se você for homem, seja supertranquilo, nunca se irrite demais, ou alguém vai achar que está prestes a sacar uma arma[...] Os negros não devem ter raiva do racismo. Se tiverem, ninguém vai sentir pena deles (ADICHIE, 2014, p. 239-240, grifos nossos).

Ifemelu quando escrevia em seu *blog*, constantemente interpelava ou falava sobre as experiências de pessoas negras vindas de outros países destacando assim

os vários percursos diaspóricos que estão presentes nos Estados Unidos e que servem para ampliar concepções a respeito de ser uma pessoa negra nesse contexto. No texto acima mencionado, ela se dirige aos “negros não-americanos” para falar de uma série de comportamentos que adquirem conotações diferentes quando se é uma pessoa negra nos EUA. Ao mesmo tempo nesse exercício de escrita, Ifemelu escancara as posturas racistas que afetam cotidianamente o modo como homens e mulheres negros se relacionam.

Os textos de Ifemelu intitulados *Entendendo a América para o Negro Não Americano: o tribalismo americano*, *Para outros Negros Não Americanos: Nos Estados Unidos você é negro, baby* e *Entendendo a América para o Negro Não Americano: Explicações sobre o que algumas frases realmente querem dizer* também são exemplos de como a protagonista constantemente tenta estabelecer diálogos com as pessoas negras da diáspora africana e ao mesmo tempo mostrar sua leitura sobre como as questões raciais se manifestam no seio de relações cotidianas nos EUA.

Outra característica importante a ser destacada sobre os textos de Ifemelu se refere ao modo como ela os utiliza para comunicar às pessoas brancas sobre a condição social da população negra e sobre racismo. Nesses textos, a blogueira subverte a noção de prescrição de comportamento para instruir, para “educar” pessoas brancas sobre a condição da pessoa negra na sociedade estadunidense. O trecho a seguir do texto *Dicas amigáveis para o Não Negro Americano: como reagir a um Negro Americano falando sobre negritude*, exemplifica essa ideia:

**Querido Americano Não Negro, caso um Americano Negro estiver te falando sobre a experiência de ser negro, por favor, não se anime e dê exemplos de sua própria vida.** [...] Finalmente, não use aquele tom de Vamos Ser Justos e diga: “Mas os negros são racistas também”. Porque é claro que todos nós temos preconceitos, mas o racismo tem a ver com o poder de um grupo de pessoas e, nos Estados Unidos, são os brancos que têm esse poder (ADICHIE, 2014, p.353, grifos nossos).

É importante observar nos textos de Ifemelu, o uso de vocativos (“Querido americano não negro”, “Querido negro não americano”), o tom coloquial para falar de assuntos complexos, como questões étnico-raciais e de gênero e uso da ironia como características que demarcam certa oralidade e que remetem até à própria Chimamanda Adichie em suas entrevistas e palestras. Nesse contexto, é importante lembrar que para os textos da tradição afrodescendente o relato de experiência, a memória e a oralidade são dimensões fundamentais.

Nos tópicos anteriores destacamos por que o diálogo entre personagens negras é tão importante e neste tópico não poderíamos deixar de mencionar mais uma vez o lugar estratégico que esse recurso ocupa porque também é fundamental no desenvolvimento da narrativa e na construção das personagens, pois como situa Patricia Hill Collins: “essa valorização da conexão e do uso de diálogo como critérios de adequação metodológica tem raízes africanas [...]. O uso do diálogo, [...], tem raízes profundas nas tradições orais de matriz africana e na cultura afro-americana”. (COLLINS, 2019, p.417).

Nos *posts* do *blog*, Ifemelu também conta histórias e a partir delas discute as suas observações sobre a negritude nos EUA, em alguns desses *posts* a protagonista troca informações, atribui ou deixa de atribuir características a pessoas que participaram da história que ela relata, essas pequenas ficcionalizações ajudam a evidenciar Ifemelu como contadora de histórias e ao mesmo tempo, com uma linguagem acessível chama atenção de pessoas, comunica de maneira mais horizontal e conclama para o diálogo.

“Chamar para o diálogo” é uma característica que Patricia Hill Collins identifica nas relações entre pessoas negras, segundo a feminista negra:

O uso generalizado da forma discursiva “chamamento e resposta” entre afro-americanos ilustra a importância dada ao diálogo. Formada por interações verbais e não verbais espontâneas entre falante e ouvinte, em que todas as declarações do falante, ou os “chamamentos”, são pontuadas por manifestações ou “respostas” do ouvinte, esse modo de discurso negro permeia toda a cultura afro-americana. O requisito fundamental dessa rede interativa é a participação ativa de todos os indivíduos. (COLLINS, 2019, p.418).

Ifemelu também cria o lugar de observadora e debatedora do modo de vida estadunidense. Em seus textos não são os EUA que estão construindo narrativas sobre o outro, mas é esse outro que está produzindo narrativas sobre os EUA. Sendo assim, os *posts* de Ifemelu (e o próprio romance *Americanah*) são textos subversivos porque deslocam a lógica consolidada de produção de conhecimento e de narrativas, questionando assim, a hierarquização dos saberes.

Argumentamos, portanto, que o *blog* de Ifemelu é, utilizando uma expressão de bell hooks (2019), um *espaço de agência para pessoas negras*. Segunda a intelectual:

**Existem espaços de agência para pessoas negras, onde podemos ao mesmo tempo interrogar o olhar do Outro e também olhar de volta, um para o outro, dando nome ao que vemos. O “olhar” tem sido e**

**permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado.** Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. (HOOKS, 2019, paginação irregular, grifo nosso).

Destacamos “o olhar escrito” de Ifemelu em *Americanah* como um espaço de agência para pessoas negras porque a própria Ifemelu destaca que o que pretende com o seu *blog* é observar. Em uma conversa, Blaine, o namorado estadunidense negro, cobra Ifemelu em relação à qualidade dos seus textos, o modo como ela passa informações, quais dados utiliza para escrever e ressalta que o *blog* não deve ser pensado como entretenimento, mas como fonte de informação:

[...] **De início, entusiasmada com o interesse de Blaine**, reverenciando sua inteligência, Ifemelu deixava-o ler os posts antes de publicá-los. Ela não pedia sugestões dele, mas devagar começou a fazer mudanças, a acrescentar e remover coisas por causa do que dizia. **Depois, começou a se ressentir disso.** Seus posts estavam acadêmicos demais, parecidos demais com Blaine. Ifemelu escrevera um texto sobre os centros das cidades — “Por que as partes mais sujas e mal-ajambradas das cidades americanas estão repletas de negros americanos?” — e Blaine lhe disse para incluir detalhes sobre políticas governamentais e remoções. Ela fez isso, mas, depois de reler, apagou o post. **“Eu não quero explicar, só quero observar”, disse.** (ADICHIE, 2014, p.336, grifos nossos).

Se os questionamentos suscitados pelo relacionamento com Curt impulsionaram o início da atividade escrita de Ifemelu, o namoro com Blaine provoca reavaliações de Ifemelu sobre como ela se expressa em seus textos e como ela percebe a influência do namorado professor militante de Yale em seu *blog*. O modo como Blaine coloca algumas sugestões tem um tom arrogante e não é de se estranhar que Ifemelu se ressinta do namorado. Blaine subestima o poder do “observar” da namorada.

Por mais que Ifemelu quisesse “só observar”, ela continuava ansiando por ouvir histórias de outras pessoas, mas de um lugar que não precisava necessariamente ser o mesmo de Blaine e nem utilizando as mesmas ferramentas. Implicação, militância, leitura crítica sobre a realidade não se desenvolvem da mesma maneira e no mesmo ritmo para todas as pessoas. O que Blaine parece desconhecer sobre o olhar opositor de uma mulher é que:

ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: ‘Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade’. Mesmo nas piores circunstâncias de dominação, a habilidade de manipular o olhar de alguém diante das estruturas de poder que o contêm abre a possibilidade de agência. (HOOKS, 2019, paginação irregular).



No relacionamento com Blaine, Ifemelu maneja um conflito de outra ordem: como estar à altura do envolvimento e da militância do namorado negro dos Estados Unidos? Se com Curt o olhar e os posicionamentos de Ifemelu questionavam o quase inabalável lugar da supremacia branca estadunidense, com Blaine o olhar e os posicionamentos de Ifemelu buscavam afirmar sua agência diante das expectativas, cobranças e afetos de um homem negro. Lembrando que entendemos *agência* como “a disposição de um indivíduo ou grupo social para se autodefinir e se autodeterminação” (COLLINS, 2019, p.459).

Novamente um relacionamento amoroso de Ifemelu mostra e fundamenta a complexidade da protagonista. Nesse sentido, identificamos que o episódio sobre as observações de Blaine em relação ao *blog* de Ifemelu expõe de maneira significativa os conflitos e diferenças presentes no relacionamento entre eles.

Ainda no episódio sobre o texto para o *blog*, Blaine criticou Ifemelu dizendo que ela poderia manter seu estilo, mas deveria ser mais profunda e quando Ifemelu retrucou dizendo que já era profunda o suficiente, Blaine disse que ela estava sendo preguiçosa. Sobre o desconforto de Ifemelu no relacionamento com Blaine, a narradora explica:

[...] Ele usava a palavra “preguiçoso” com frequência, para alunos que não entregavam os trabalhos no prazo, para celebridades negras que não eram politicamente ativas, para ideias que não casavam com as suas. Às vezes, Ifemelu sentia que era aprendiz de Blaine; quando passeavam em museus, ele se demorava diante de quadros abstratos, que a entediavam, e ela acabava se afastando na direção das esculturas ousadas ou dos quadros naturalistas e sentindo, por seu sorriso forçado, sua decepção com o fato de que ainda não aprendera o suficiente com ele. [...]. Ela escreveu no blog sobre dois romances que amou, de Ann Petry e Gayl Jones, e Blaine disse: “Elas não ultrapassam as fronteiras”. Disse isso com doçura, como se não quisesse aborrecê-la, mas como se acreditasse que precisava ser dito. As opiniões dele eram firmes, tão ponderadas e completamente formadas em sua própria mente que Blaine às vezes parecia surpreso que Ifemelu não tivesse chegado sozinha às mesmas conclusões. Ifemelu se sentia um pouco distante das coisas nas quais ele acreditava e das coisas que sabia e era ansiosa por alcançá-lo, fascinada por sua convicção de que entendia o que era o certo. (ADICHIE, 2014, p.338).

Blaine e Ifemelu são dois personagens, esteticamente ricos no que refere à valorização de suas subjetividades. Os conflitos que movimentam a relação dos dois são de ordem intelectual e cultural e assim questionam o universalismo da experiência das pessoas e relacionamentos negros e assim também fraturam as imagens de controle sobre a mulher negra e sobre o homem negro também.

Além de bonita, Ifemelu é uma personagem inteligente, mas que também

apresenta inseguranças. Ela sofre com seus problemas e é desafiada e acolhida por seus relacionamentos. Há momentos em que ela se mostra admirável e sensível e em outros suas atitudes e posicionamentos podem ser questionados.

A construção do protagonismo de Ifemelu incorpora o significado de seu nome: “feita lindamente”. Defendemos que a beleza dessa personagem reside no modo com suas relações são apresentadas na narrativa e como a abordagem de seus processos de agência, autodefinição e autodeterminação ampliam as possibilidades de criação estética de personagens protagonistas negras de romance.

O início da narrativa de *Americanah* apresenta ao leitor a Ifemelu bem-sucedida e já vivendo financeiramente à custa do seu trabalho como escritora de seu *blog*, mas que está se organizando para voltar à Nigéria. Nas primeiras páginas, a apresentação da personagem acontece juntamente com a apresentação de sua ocupação. Conhecemos então a contadora de histórias, que caminha pelo mundo procurando histórias em potencial, querendo ouvir as vozes que povoam os EUA e que vivificam as contradições desse país:

Em outros tempos, ela teria dito “Eu sei”, aquela expressão particularmente americana que demonstrava concordância em vez de conhecimento, e então teria iniciado uma conversa com o homem, para ver se ele dizia algo que pudesse usar em seu blog. As pessoas sempre ficavam lisonjeadas quando Ifemelu perguntava sobre a vida delas e, se ela não dissesse nada depois que começassem a responder, isso só fazia com que falassem mais. Eram condicionadas a preencher silêncios (ADICHIE, 2014, p.10).

O começo da narrativa já representa um processo de transição, de movimento e a análise aqui proposta tomou a cena narrativa do início (Ifemelu em uma estação de trem) como uma representação da ideia de uma *protagonista/mulher a caminho*, na diáspora, em processo de tornar-se. Uma mulher buscando o caminho de volta para a terra natal, o caminho para novas histórias, para refletir outras possibilidades de ser. Nem Ifemelu, nem os Estados Unidos e nem a Nigéria são mais os mesmos depois das experiências que ela viveu como mulher negra em diáspora.

É assim que Chimamanda Adichie cria e constrói uma personagem audaz, inteligente, contestadora, independente, complexa e, principalmente, não idealizável. Ifemelu não cabe em reducionismos maniqueístas, pois não encarna a concepção clássica da protagonista “mocinha” doce, apaziguadora incapaz de alguma atitude reprovável, inalcançável em um pedestal de perfeição absoluta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para terminar esse trabalho dissertativo, peço licença para escrever a finalização em primeira pessoa do singular, peço licença para “escrever” a minha trajetória até aqui. Gostaria de demarcar os lugares de onde eu parti para que hoje estivesse escrevendo esse trabalho, de onde zarpei e como foi o caminho que percorri até me mostrar como pesquisadora aqui nessas páginas, e mais especificamente, gostaria de terminar esse texto acadêmico relatando como eu encontrei o livro *Americanah*, e a escritora Chimamanda Ngozi Adichie. Essa dissertação e a minha incursão no Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Piauí estão costuradas à história de como esse livro se tornou um divisor de águas em minha vida.

Há sempre uma história sobre a leitura de um livro favorito. Por mais ocasional ou determinada por terceiros que possa parecer a descoberta de um livro que transforma nossa vida, a história sobre esse encontro é fundamental para ajudar a contar quem somos, de onde viemos e quais nossos desejos e expectativas em diversos momentos de nossas vidas. Acredito que ao lê um livro estamos escrevendo a história de leitura desse livro, estamos escrevendo nossa história, pois os livros, e arrisco dizer, os escritores que realmente nos importam e que atravessam nossa existência são como mapas para as vidas que vivemos ao longo dos nossos anos.

Eu li *Americanah* pela primeira vez em 2014. Não posso mais precisar como cheguei ao livro, mas eu lembro que 2014 foi um ano em que duvidei muito das decisões que tinha tomado até então em minha vida profissional, além disso, 2013 e 2014 foram anos que li pouco por causa da falta de tempo, concentração e principalmente dinheiro. 2014 foi um ano em que as poucas leituras que tentei começar não conseguia terminar, as narrativas não me capturavam e eu tão pouco conseguia me esforçar para ir até o fim.

Então, eu li *Americanah* e além de um mundo novo de discussões e perspectivas que se abriu na minha rotina eu reencontrei uma parte de mim que eu já sentia falta: a leitora. Eu adorei o romance imediatamente, gostei principalmente das personagens e do modo como Chimamanda Adichie contou a história, até hoje eu admiro a abordagem da temática racial no romance, mas o que me encanta e

intriga realmente é o modo como Chimamanda Adichie criou personagens e a interação entre eles e esse encantamento eu também vivi com os outros romances (e nos contos) da autora que li.

Em 2017 quando decidi que iria tentar o mestrado em Letras no Programa da UESPI eu não tive dúvida na escolha de qual livro ia ser meu objeto de estudo e foi assim que mais uma vez *Americanah* me proporcionou o reencontro com outra parte de mim que eu não sabia que estava sentindo tanta falta: a pesquisadora. Meu intuito ao tentar ingressar no mestrado era evidente para mim: Eu queria aprender coisas novas, mas eu queria também começar a mudar minha trajetória profissional, sair da Psicologia e ir embora para Letras.

O caminho que escolhi foi começar essa busca por um novo lugar pelo mestrado, foi uma decisão prática, eu ainda quero fazer uma graduação em Letras, mas em 2017, eu precisava de uma pós-graduação. Hoje, em 2020, eu sei que aprendi e continuo aprendendo coisas novas e sou extremamente grata a *Americanah*, à literatura de autoria negra feminina, ao feminismo negro e ao Mestrado em Letras da UESPI por isso.

Nos últimos anos eu estive *a caminho*. Muitas das ideias que deram origem ao modo como organizei essa dissertação nasceram dentro de um ônibus na BR 343, indo e vindo entre Teresina, Parnaíba e Piri-piri. Durante esses anos como mestranda eu sempre tinha a impressão de estar em movimento, como diria Manoel de Barros, “do lugar onde estou já fui embora”.

Muitas vezes me sentir assim fez com que eu me cobrasse demais, eu senti como se estivesse em falta com meu processo de aprendizagem ou com meu orientador, no entanto, andar de um lado para outro, questionando minha relação com os lugares aos quais eu pertencço me proporcionou sensibilidade para desenvolver minha própria leitura e análise crítica sobre Ifemelu, a protagonista que vi pela primeira vez em uma estação de trem em um lugar que não tinha cheiro de nada.

Há quatro anos estou começando novos ciclos e encerrando outros. Talvez por causa disso, as personagens viajantes, transeuntes, as colecionadoras de travessias, as protagonistas *a caminho* tenham me impactado tanto em minhas leituras e na minha vida, inclusive se tornando objeto de estudo em minha pesquisa de mestrado. Essas personagens trazem a marca da mudança e das rupturas e

conversam muito com o que eu sinto e penso em vários momentos das minhas travessias.

Nesses anos estudar literatura criada por escritores e escritoras negras, aprender sobre diáspora africana e feminismo negro possibilitou que eu entrasse em contato com novas perspectivas sobre concepções de coletividade. Particularmente, em minhas pesquisas e estudos sobre essas temáticas uma colocação recorrente de mulheres negras me sensibilizou de maneira bem intensa: “eu não quero ser a única”.

A atriz Taís Araújo afirmou em entrevistas que não tem interesse e nem pode ser a única e primeira atriz negra a ocupar os espaços da comunicação social e publicitária. Ana Carolina Hora, cientista da computação formada pela PUC-RJ, foi convidada, em 2019, para participar de uma conferência organizada pela empresa de tecnologia *Apple* e também declarou: “É um problema eu ser a única negra”.

Conceição Evaristo frequentemente afirma em seus escritos, entrevistas, palestras e diálogos: “Não quero ser exceção”. A escritora mineira sempre reforça o quanto a sua trajetória como mulher e escritora negra foi fortalecida pela presença e histórias de outras pessoas negras que caminharam ao seu lado, o próprio conceito cunhado e desenvolvido por ela, *escrevivência*, remete a essa noção de que a autora não quer ser a única escritora negra a ser homenageada, lida, reconhecida, ela não quer estar no centro da cena sozinha. Pelos lugares que transita, Conceição Evaristo quer ver e dialogar com outras pessoas negras.

Essas três mulheres negras são só algumas das pessoas negras que já ouvi ou li falando sobre a necessidade de não ser o “único” nos diversos espaços de interação social, política e profissional.

Em um mundo cada vez mais dominado pela lógica neoliberal de produção de subjetividade extremamente individualizada realmente me afetou o contato com essa concepção. Com o sentimento que as afirmações dessas e outras pessoas negras provocaram em mim, aliado às minhas leituras no período do mestrado sobre feminismo negro e literatura negro-brasileira, eu consegui articular a minha própria leitura crítica sobre os atravessamentos de minha pesquisa de mestrado e de que maneiras eu enxergava a construção do protagonismo de Ifemelu no texto literário.

Então, quando ouvi uma entrevista do professor de História e escritor Luiz Antônio Simas em que ele falava sobre diáspora africana eu consegui ter mais

fôlego para estudar e escrever essa dissertação articulando com a compreensão de coletividade que meus estudos e a leitura de *Americanah* me suscitaram. Luiz Antônio Simas concedeu uma entrevista para Stephanie Borges, poeta e tradutora de bell hooks e Audre Lorde, e para o antropólogo Orlando Calheiros no *podcast Benzima*. Durante o diálogo com os apresentadores, Simas explicou:

A diáspora tem um mistério que é o seguinte: qualquer diáspora é um fenômeno de desagregação, de quebra de identidade, de ruptura de laço de sociabilidade. A diáspora estraçalha, sequestrou da história aquilo tudo. Agora, se toda diáspora é uma experiência de aniquilação, de morte, de desagregação, de quebra de laços de identidade, toda cultura de diáspora é um empreendimento de reconstrução disso tudo. Então, não existe cultura de diáspora, qualquer diáspora, que não seja comunitária. Você pode reparar que as culturas de diáspora são empreendimentos de reconstrução da ideia de coletividade.” (SIMAS, 2019, n.p.)

Paul Gilroy já falou sobre essa noção de empreendimento comunitário, mas quando ouvi as palavras de Luiz Antônio Simas eu consegui direcionar meu raciocínio de maneira mais prática tanto para continuar escrevendo minha dissertação e analisar *Americanah* quanto para falar sobre minha pesquisa nos espaços para os quais fui convidada, principalmente no ano passado.

Por causa dessas duas ideias: “Eu não quero ser a exceção” e “A diáspora africana é um empreendimento de reconstrução da ideia de coletividade”, eu escolhi analisar o protagonismo de Ifemelu, e fundamentar essa abordagem, em diálogo com outras protagonistas de romances escritos por escritoras negras e enfatizando como essas concepções que me inspiraram aparecem no romance e impulsionam sua narrativa.

Em *Americanah*, Chimamanda Adichie aborda o que significa se descobrir mulher negra em um país das Américas. Ifemelu entrou em confronto com essa experiência nos Estados Unidos, em um contexto diaspórico, e a descoberta de como é ser vista e julgada por ser negra marca o modo como ela enxerga a si mesma e como ela vai escrever seus textos no seu *blog*. Tornar-se negra nos EUA marca a biografia da protagonista, não estagna sua experiência e sim traz movimento para sua existência. E apesar desse processo ser particular e singular, a presença dos grupos aos quais Ifemelu pertence e a relação da protagonista com outras personagens são um grande destaque na maneira como Chimamanda Adichie cria a narrativa de *Americanah*.

Uju, Ginika, Ranyinudo, Wambui, Shan, Kimberly, Laura, Nneoma, Iniabo, Aisha, Halima, Mariama, Kosi, Esther, Doris, Zemaye e as mães de Obinze e Ifemelu: *Americanah* é um romance povoado e movimentado, principalmente, por mulheres, existe uma coletividade feminina pulsante na narrativa que fortalece a construção da protagonista de ficção. Concordo com Chimamanda Adichie quando ela afirma que *Americanah* é um romance sobre raça, amor e cabelo, mas eu acrescentaria que é um romance também sobre amizades e apoio.

Muito do que construí nessa dissertação foi um empreendimento individual árduo e muitas vezes solitário. Em 2018 e 2019 não participei das festas de fim de ano com a minha família porque sempre tentei priorizar o tempo de escrita. Mesmo o mestrado sendo um investimento meu, meu núcleo familiar e de amigos me apoiou bastante e eu tive possibilidade de me dedicar prioritariamente à dissertação. Marido, amigos e familiares me ouviram e até debateram comigo sobre esse texto, então ele também traz a marca das minhas vivências coletivas.

No grupo de *whatsapp* com meus dois melhores amigos, em 2018, eu escrevi: Stuart Hall lembra que a história do mundo é a história do deslocamento, da mudança e as migrações têm sido mais regra que exceção na história da humanidade. A Ifemelu é uma personagem que muda de país e de relação consigo mesma. Ela acaba construindo uma existência no caminho entre onde vem, onde está e para onde quer ir, por isso tem “*mulher a caminho*” na minha proposta de pesquisa.

*Mulher a caminho* é também um modo de definir a mim mesma. Estou a caminho de uma nova fase da minha vida, gerando uma vida e esperando uma mulher que está para chegar.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda. Chimamanda Ngozi Adichie. Entrevista concedida a Adriana Ferreira Silva. **Marie Claire Brasil**, nº 337, p.72-79, abril, 2019.

ADICHIE, Chimamanda. Conferência **Faces of Africa 2018** at John Hopkins. Canal JHSPH Student Life, publicado em 13 de abril de 2018. Disponível em vídeo em <[https://www.youtube.com/watch?v=-Wvlfk\\_qAgM&t=769s](https://www.youtube.com/watch?v=-Wvlfk_qAgM&t=769s)> Acesso em 6 de maio de 2019.

ADICHIE, Chimamanda. **Chimamanda Adichie: Refugees, Race and Americanah**. Entrevista concedida a Mary Louise Kelly. Canal FORA.tv, publicado em 29 de setembro de 2016. Disponível em vídeo em <<https://www.youtube.com/watch?v=CKodkVJR8DE&t=107s>> Acesso em 6 de maio de 2019.

ADICHIE, Chimamanda. Chimamanda Ngozi Adichie: “Nossa época nos obriga a tomar partido”. Entrevista concedida a Claudia Salazar Jiménez. **Jornal El País**, publicado em 11 de outubro de 2017. Tradução não encontrada. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356\\_458023.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html) > Acesso em 6 de maio de 2019.

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda. **Chimamanda Ngozi Adichie**. Entrevista concedida a Jessika Gedin. Programa Babel da emissora STV (Suécia), publicado em 6 de novembro de 2013. Disponível em vídeo em <<https://www.youtube.com/watch?v=KliB5hSCfZc>> Acesso em 6 de maio de 2019.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Canal TED Talks. Publicado em 9 de setembro de 2009. Legendas de Erika Rodrigues. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t=933s>> Acesso em 6 de maio de 2019.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. Vozes diaspóricas e suas reverberações na literatura afro-brasileira. In DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Editora Idea. 2018. Cap.02, p.31-50.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.



ANGELOU, Maya. Ainda assim me levanto. Tradução Francesca Angiolillo. Publicação da TAG – Experiências Literárias. Setembro de 2018. Bauru: Astral Cultural, 2018.

ARAÚJO, Eliza de Souza. **Traçando histórias, tecendo trajetórias: A consciência diaspórica em *Americanah*, de Chimamanda Adichie.** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. 105p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ARRUDA, Aline. **A utopia de Aline França.** 2006. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/AlineFrancaArtigoAline.pdf>> Acesso em 23 de maio de 2019.

BÁLSAMO, Pilar Uriarte. **Perigoso é não correr perigo: Experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 334p. Tese, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2009, p.25-57.

BOWANE, Adryen Gyato. **Igreja Universal do Reino de Deus na África Subsaariana: Implantação, Expansão e Transnacionalização.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014. 232p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

BRAH, Avtar. **Cartografías de la Diáspora: identidades en cuestión.** Tradução Sergio Ojeda. Maggie Schmitt y Traficantes de Sueños. 2011.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)> Acesso em 5 de fevereiro de 2018

BUENO, Winnie. **A lacradora: como imagens de controle interferem na presença de mulheres negras na esfera pública.** 2019. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2019/04/15/a-lacradora-como-imagens-de-controle-interferem-na-presenca-de-mulheres-negras-na-esfera-publica/>> Acesso em 17 de maio de 2019.

BENZIMA 05: **Benzina entrevista Luiz Antônio Simas (parte 1 e 2).** Entrevistadores: Orlando Calheiros e Stephanie Borges. Entrevista: Luiz Antônio Simas: 11 de julho de 2019. Disponível em

<[https://open.spotify.com/episode/3lsecFvSWDzNdnpsJpKNj5?si=gEbYoadUQkGYI3l9Eq\\_QGQ](https://open.spotify.com/episode/3lsecFvSWDzNdnpsJpKNj5?si=gEbYoadUQkGYI3l9Eq_QGQ)>. Acesso em: 12 de julho de 2019..

BUTLER, Octavia. **Kindred**: Laços de Sangue. Tradução Carolina Caires. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

CADE, Toni. **The Black woman**: an anthology. [Edição Kindle]. Nova York: Washington Square Press. 2005. Paginação irregular.

CAMPOS, Luiz Augusto; JÚNIOR, João Feres. “Globo, a gente se vê por aqui?”: Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985 – 2014). **Revista PLURAL**, v.23.1, p.36-52. 2016. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/download/118380/115938> > Acesso em 21 de maio de 2019.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectivas, 2014.

CAVALCANTE, Edilma. **Um percurso de leitura de ‘Americanah’**: a experiência que empodera?. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. 86p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf> > Acesso em 17 de maio de 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

CÔRTEZ, Cristiane. Para saber de onde veio, olha para trás: dez anos após lançado, Um defeito de cor se firma como paradigma literário. **Suplemento Pernambuco**, Recife. Nº132, p.10-13, fevereiro de 2017.

CÔRTEZ, Cristiane. *Um defeito de cor*. entre e o duplo da diáspora. 2007. Disponível < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/anamariacritica01.pdf>> Acesso em 23 de maio de 2019.

COSTA, Igor Albuquerque Damião Correa da. **A vulnerabilidade da economia da Nigéria**: Petróleo, crescimento econômico e subdesenvolvimento humano. Universidade de Brasília, 2013. 68p. Monografia, Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth (orgs). **Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Cap., p.309-337.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIOP, Anta. **A origem africana da civilização: mito ou realidade**. Tradução para o português a partir da tradução inglesa de Mercer Cook. Westport: Lawrence Hill & Co, 1974.

DUARTE, Eduardo de Assis. Carta Capital: Oliveira, Tory. **A literatura afrodescendente** por Eduardo de Assis Duarte. 31 de julho de 2013. Disponível em Acesso <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/heranca-maldita/>> em 23 de maio de 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de Literatura Afro-brasileira. In DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth (orgs). **Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Cap. p.375-403.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. 2009. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/artigos/artigos-teorico-conceituais>> Acesso em 3 de novembro de 2018.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.

ELTIS, David. **Um breve resumo do tráfico transatlântico de escravos**. 2007. Disponível em <<https://www.slavevoyages.org/voyage/essays>> Acesso em 2 de abril de 2019.

EMECHETA, Buchi. **Cidadã de segunda classe**. Tradução Heloisa Jahn. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (org). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo no Encontro de Associados da TAG Experiências Literárias na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)**. Paraty, Rio de Janeiro, em 28 de julho. 2018a.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista com Conceição Evaristo**. Publicação da TAG – Experiências Literárias. Bauru: Astral Cultural, 2018b.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

FERREIRA, Roquinaldo. África durante o comércio negreiro. In SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio. (orgs). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Cap.01, p.51-56.

FIALHO, Elisangela Aparecida Lopes. Um projeto estético, narrativo e autoral: Escrivências. In DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs). **Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Editora Idea. 2018. Cap.03, p.51-60.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. 131p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FRANÇA, Aline. **A mulher de Aleduma**. Salvador: Ianama, 1985. Ilustrações de Douglaz Ge.

FREITAS, João Felipe Assis de. **Half Yellow Sun: a experiência dos cronotopos no contexto da Guerra de Biafra**. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2014. 159p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. Posfácio. In EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra: Os sentidos e as ramificações. In DUARTE, Eduardo Assis; FONSECA, Maria Nazareth (orgs). **Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.245-277.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GONZAGA, Marina Ferreira Soares Lemos. **Nollywood: O cinema nigeriano como instrumento de construção de identidade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. 66p. Monografia, Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **Dá Diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Livi Sovik; Tradução Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2007.

HAMENOO, MICHAEL. A África na ordem mundial. In. NASCIMENTO, Elise Larkim (org). **A matriz africana no mundo: Sankofa Volume 1**. São Paulo: Selo Negro, 2008. Cap. 04, p.109-132.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In KI-ZERBO, Joseph (editado por). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 08, p.167-212.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges.[Edição Kindle]. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Não sou eu uma mulher?**: Mulheres negras e feminismo. Tradução livre Plataforma Gueto. 2014.

HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** – Union de escritores y artistas de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005 Disponível em <<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/#axzz3ZBBwtlph>> Acesso em 17 de maio de 2019.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Tradução de Marcos Santarrita. **Revista Estudos Feministas**. v.3, n.2, p. 464-478. 1995. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>> Acesso em 2 de janeiro de 2020.

HOOKS, bell. **Talking back**: Thinking Feminist, thinking Black. Tradução do trecho utilizado: Jamille Pinheiro Dias. Boston: South End, 1989. Disponível em <[https://books.google.com.br/books?id=MpN0ikR6-f4C&pg=PP1&lpg=PP1&dq=talking+back:+thinking+feminist+bell+hooks+scielo&source=bl&ots=OPy97-u1Z4&sig=ACfU3U3\\_I76HmC9TlmtKZg2vGX0b3g-JuQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjVula-urXnAhVUIbkGHQXHAqUQ6AEwBnoEAsQAQ#v=onepage&q=dialogue&f=false](https://books.google.com.br/books?id=MpN0ikR6-f4C&pg=PP1&lpg=PP1&dq=talking+back:+thinking+feminist+bell+hooks+scielo&source=bl&ots=OPy97-u1Z4&sig=ACfU3U3_I76HmC9TlmtKZg2vGX0b3g-JuQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjVula-urXnAhVUIbkGHQXHAqUQ6AEwBnoEAsQAQ#v=onepage&q=dialogue&f=false)> Acesso em 1º de fevereiro de 2020.

IANNI, Octávio. Literatura e Consciência. In DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth (orgs). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: Antologia Crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Cap.03. p.184-197.

INIKORI, J.E. A África na história do mundo: o tráfico de escravos a partir da África e a emergência de uma ordem econômica no Atlântico. In OGOT, Bethwell Allan (editado por). **História geral da África, V: Século VI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010. Cap.04, p.91-134.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo no cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In KI-ZERBO, Joseph (editado por). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

KLEIN, Hebert S. Demografia da escravidão. In SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio. (orgs). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Cap. 20, p.185-194.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e em ação**. Tradução Stephanie Borges. Disponível em < <https://theintercept.com/2019/11/27/audre-lorde-ensaio-irma-outsider/> > Acesso em 2 de janeiro de 2020.

LYRA, Rodrigo Barbosa. **Relações Bilaterais e Indústria Petrolífera: as Relações Brasil-Nigéria (1995-2010) e a Atuação Internacional da Petrobrás**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. 121p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MACFARQUHAR, Larissa. A hora e a vez de Chimamanda. **Revista Piauí**, São Paulo. Nº149, p.44-53, fevereiro de 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona. 2013.

MIRANDA, Fernanda: Do presente atravessado por outros tempos: sobre Afrofuturismo e seu lugar na teia de narrativas de autoria negra e feminina. **Suplemento Pernambuco**, Recife. Nº142, p.4-7, dezembro de 2017.

MORAIS, Juliana Borges Oliveira de. Espaços e sujeitos contemporâneos: Trânsitos e percursos. In DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Editora Idea. 2018. Cap. 04, p.61-70.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Milayne Christina Barros; SOUZA, Elio Ferreira. **Identidades afrodescendentes e de gênero em Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie: Diálogos e reflexões a partir da criação do blog de Ifemelu**. In. IV Colóquio Internacional de Literatura e Gênero. 2018, Teresina. Comunicação Oral.

NASCIMENTO, Elisa Larkim. As civilizações africanas no mundo. In. NASCIMENTO, Elise Larkim (org). **A matriz africana no mundo: Sankofa Volume 1**. São Paulo: Selo Negro, 2008. Cap. 03, p. 73-108.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. A construção das mulheres ou a renovação do patriarcado. **Labrys** (Edição em Português. Online), v. 23, p. s/p-s/p, 2013. Disponível em <[www.tanianavarrowswain.com.br](http://www.tanianavarrowswain.com.br)> Acesso em 11 de agosto de 2017.

NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: Trajetória Intelectual e seu projeto literário. **Revista África**. vol3, n5, p. 199-223. 2016. Disponível <<https://revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/2577>> em Acesso em 11 de agosto de 2017.

OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: Arranjos institucionais para a construção de uma nigerianidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. 79p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell; FILLIPI, Eduardo Ernesto. A economia política internacional e o petróleo na Nigéria. **Tensões Mundiais**. v.9, n.17, p. 109-128. 2013. Disponível em <<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/508/406>> Acesso em 22 de dezembro de 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Migration in Nigeria: A Country Profile 2009**. Disponível em <[https://publications.iom.int/system/files/pdf/nigeria\\_profile\\_2009.pdf](https://publications.iom.int/system/files/pdf/nigeria_profile_2009.pdf)> Acesso em 30 de dezembro de 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, **CODESRIA**, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes. Disponível em <<https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>> Acesso em 30 de junho de 2018.

PEREIRA, Bruna Jaquetto. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. 307p. Tese, Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

RAMOS, Neila Roberta Carvalho. **Uma história sobre as muitas histórias de Chimamanda Ngozi Adichie**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017. 113p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RIBEIRO, Djamila **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. Poéticas da Diferença: A Representação de Si na Lírica Afro-feminina. **Número temático: Literatura, cultura e memória negra**. A Cor das Letras — UEFS, n. 12, 2011. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/154-livia-maria-natalia-de-souza-santos-poeticas-da-diferenca>> Acesso em 29 de novembro de 2018.

SANTOS, José Antônio. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, José Rivair (org). **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SCHROEDER, Licia. **Fora do Rol: Imigrantes Nigerianos entre o Estatuto do Estrangeiro e a Nova lei de migração**. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. 113p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, Camila de Matos. **Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves: Uma escrita de resistência**. Entrelaçamentos entre metaficção historiográfica, memória e religiosidade. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018. 123p. Dissertação, Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SILVA, Andrea Antonieta Cotrim. **O sensível (não) partilhado: A violência poética e política da (ir) representação do negro em Hollywood**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. 276p. Tese, Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Eliane Borges da. **Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista**. 2000. Disponível em <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod\\_dados=887](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=887)> Acesso em 17 de maio de 2019.

SILVA, Hellyana Rocha e. Intersecções entre Gênero e Trabalho na Literatura de Chinua Achebe e Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Porto das Letras**, v.02, número especial, 2016. Disponível em <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/2250>> Acesso em 20 de maio de 2019.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.



SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia Negra**: Solano Trindade e Langston Hughes. Curitiba: Appris Editora, 2017.

SOUZA, Rafael Morais. **Na Teia de Ananse**: um griot no teatro e sua trama de narrativas de matriz africana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. 129p. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro e Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

TELEGA-SOARES, Natália. “**..E ouviram-se as vozes de mulheres africanas**” **O feminismo africano e a escrita de Chiamamanda Adichie**. Lisboa, 2014, 81p. Dissertação. (Mestrado Dissertação em Estudos sobre as Mulheres). Universidade Nova de Lisboa, 2014.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In KI-ZERBO, Joseph (editado por). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 07, p.139-166.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Nigéria**. Brasília: Thesaurus Editora, 2011. Disponível em < <http://funag.gov.br/biblioteca/download/794-Livro-na-Rua-Nigeria.pdf>> Acesso em 24 de dezembro de 2019.

XAVIER, Aline; ZANELLO, Valeska. Loucas? Más? Desconstruindo o mito da maternidade. In CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Aborto e (Não) Desejo de Maternidade(s)**: questões para a Psicologia. ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge. (orgs). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. Cap.11, p.123-142.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.